IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos
Nº 514 | Ano XVII | 30/10/2017

Lutero e a Reforma

500 anos depois. Um debate

Walter Altmann
Martin Dreher
Elaine Neuenfeldt
Kirsi Stjerna
Vítor Westhelle
Marco Vannini
Teófanes Egido López
Philip Endean
Andreas Urs Sommer
Helmut Heit
Massimo Firpo
Franco Ferrarotti
Franco Cardini
Adriano Prosperi
Fulvio Ferrario

Leia também

Vinicius Fornari ■
Maurício Casotti ■
João Roncati ■
■ Bruno Lima Rocha
■ Perfil: Luciana Curra

Lutero e a Reforma – 500 anos depois. Um debate

Há 500 anos **Martinho Lutero** afixou suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. O ato inaugura a chamada Reforma Protestante. Mais do que uma insurgência teológica, a Reforma Luterana acabou gerando consequências políticas, econômicas e sociais, a ponto de ser compreendida como um dos marcos históricos da transição da Idade Média para a Modernidade. Este é o tema principal em debate na revista **IHU On-Line** desta semana.

Walter Altmann, professor de Teologia e ex-presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas e do Conselho Mundial de Igrejas, reflete acerca dos desafios, 500 anos depois da Reforma.

Martin Dreher, pastor luterano, professor e historiador brasileiro, apresenta o movimento da Reforma e o analisa para além das perspectivas teológicas.

Elaine Neuenfeldt, teóloga e secretária-executiva da Secretaria de Mulheres na Igreja e na Sociedade, da Federação Luterana Mundial – FLM, e **Kirsi Stjerna**, professora de história luterana e teologia na Graduate Theological Union, na Califórnia, destacam a participação feminina no movimento reformista e suas consequências para o cristianismo hoje.

Vítor Westhelle, professor de Teologia Sistemática na Escola Luterana de Teologia em Chicago, e **Marco Vannini**, italiano, renomado especialista nos estudos sobre mística medieval, de perspectivas diferentes, analisam a relação de Lutero com a mística.

Teófanes Egido López, da Universidade de Valladolid, na Espanha, destaca as mudanças que a Reforma imprimiu no cristianismo.

O britânico **Philip Endean**, jesuíta, professor de espiritualidade nas Faculdades Jesuítas de Paris, Centre Sèvres, relaciona a espiritualidade luterana e a experiência de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus.

Andreas Urs Sommer, professor catedrático de filosofia na Universidade Albert Ludwig em Freiburg, Alemanha, e **Helmut Heit**, vice-diretor da Academia de Cultura Europeia na Universidade Tongji, em Shanghai, China, analisam o pensamento de Lutero sob a perspectiva de Nietzsche.

Massimo Firpo, historiador italiano, destaca que Lutero ainda é um teólogo medieval, mas que seu desejo de reformar a cristandade acaba contribuindo para a eclosão da Modernidade.

Para o sociólogo italiano **Franco Ferrarotti**, Lutero é "metamoderno".

Franco Cardini, historiador e professor italiano, destaca dois elementos da Reforma que contribuem para a transição à Modernidade: a fragmentação do cristianismo e a associação com o poder temporal que se constituía.

Adriano Prosperi, historiador e jornalista italiano, analisa o que considera a perspectiva antropológica mais importante: a mudança de concepções na relação entre os vivos e os mortos.

O teólogo valdense **Fulvio Ferrario** compreende que a Reforma inaugura outras possibilidades de ser cristão e viver a igreja do Cristo.

A assim chamada Revolução 4.0 também é destaque nesta edição. Podem ser lidas as entrevistas com **Vinicius Fornari**, economista, com **Maurício Casotti**, que trabalha na área de marketing com foco na internet das coisas, e com **João Roncati**, diretor da People+Strategy Consultoria Empresarial.

Bruno Lima Rocha, cientista político, questiona a legitimidade das agências de risco, e o perfil é de **Luciana Curra**, a guardiã dos livros mais antigos da Biblioteca da Unisinos.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana.

Foto da Capa: estátua em bronze de Martinho Lutero na frente da igreja de Dresden | Pixabay/Creative Commons

Sumário

4 ■ **Temas em destaque**
6 ■ **Agenda**
8 ■ **Tema de Capa | Walter Altmann:** 500 anos depois, uma nova reforma visando o diálogo inter-religioso
14 ■ **Tema de Capa | Martin Dreher:** A Reforma e as reformas
24 ■ **Tema de Capa | João Vitor Santos:** Lutero, do medieval ao moderno
32 ■ **Tema de Capa | Elaine Neuenfeldt:** Liberdade: chave para a teologia luterana
38 ■ **Tema de Capa | Kirsi Stjerna:** O teólogo da liberdade que pensa o papel da mulher
42 ■ **Tema de Capa | Vítor Westhelle:** O místico que traz o monastério para o cotidiano popular
48 ■ **Tema de Capa | Teófanes Egido López:** O luteranismo e a moderna religiosidade secular
55 ■ **Tema de Capa | Philip Endean:** Lutero e Inácio de Loyola. A espiritualidade que vali além da polarização entre reforma e contrarreforma
59 ■ **Tema de Capa | Marco Vannini:** A inversão da mística medieval
64 ■ **Tema de Capa | Andreas Urs Sommer:** Lutero como discípulo de Paulo e o cristianismo como religião do ressentimento
67 ■ **Tema de Capa | Helmut Heit:** Reforma como farsa depois da tragédia da fundação da igreja por Paulo, segundo Nietzsche
71 ■ **Tema de Capa | Massimo Firpo:** Moderna é a pluralidade de confissões que surgiram do protesto de Lutero
76 ■ **Tema de Capa | Franco Ferrarotti:** Lutero, o metamoderno
78 ■ **Tema de Capa | Franco Cardini:** O encontro entre Reforma e o surgimento da Modernidade
81 ■ **Tema de Capa | Adriano Prosperi:** A grande virada na relação entre os vivos e os mortos
84 ■ **Tema de Capa | Fulvio Ferrario:** A Reforma inaugura novas formas de ser cristão e viver a igreja
88 ■ **Vinicius Fornari:** Brasil tem a obrigação de pôr em prática o conceito de indústria 4.0
91 ■ **João Roncati:** É fundamental que governos e grandes corporações construam cenários para a Revolução 4.0
94 ■ **Maurício Casotti:** É preciso pragmatismo para o Brasil não ser um celeiro de mão-de-obra barata
98 ■ **Perfil:** Luciana Curra
100 ■ **Crítica internacional | Bruno Lima Rocha:** As análises de "risco" e a falsa aleatoriedade
103 ■ **Publicações | Francisco de Aquino Júnior:** Teologalidade das resistências e lutas populares
104 ■ **Publicações | Colby Dickinson:** A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão
105 ■ **Publicações | Armando de Melo Lisboa:** Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum
107 ■ **Outras edições**

IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)
ISSN 1981-8793 (on-line)

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação
Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU
Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas
João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Lara Ely – MTB 13.378/RS
(laraely@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi – MTB 7.466/RS
(vnecchi@unisinos.br)

Revisão
Carla Bigliardi

Projeto Gráfico
Ricardo Machado

Editoração
Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do sítio
Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen e William Gonçalves.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS
UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000
Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider
(jacintos@unisinos.br)

Entrevistas completas em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

“Somos uma sociedade amedrontada”. O medo e a violência, dois problemas dos novos tempos

“Vivemos à procura de salvadores da pátria e nunca colocamos em prática um projeto de interdição moral e política da violência letal no Brasil.”

Renato Sérgio de Lima é doutor e mestre em Sociologia e graduado em Ciências Sociais pela USP. Professor do Departamento de Gestão Pública da Fundação Getúlio Vargas – FGV-EAESP.

A tragédia do Brasil hoje: só Lula e o neopentecostalismo falam à grande massa dos pobres

“Lula e as alternativas à sua direita certamente disputarão o apoio de correntes do neopentecostalismo, e com algo terão de retribuir se tiverem êxito. A onda reacionária entre nós é político-religiosa.”

Adriano Pilatti é graduado em Direito pela UFRJ, mestre em Ciências Jurídicas pela PUC-Rio e doutor em Ciência Política pelo Iuperj.

A reversão da crise requer uma exigência democrática

“As classes dominantes brasileiras perderam o resto de vergonha que ainda tinham.”

Ruy Fausto é graduado em Filosofia e em Direito pela Universidade de São Paulo – USP e doutor em Filosofia pela Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne.

Não há ‘outro mundo para se construir’, mas outras relações e modos de vida a se construir

Só as lutas, o movimento, a experimentação é que vão nos restituir a potência e nos fazer escapar desse lugar de espectadores ou de comentadores da conjuntura.

Alana Moraes é graduada em Antropologia e mestra em Sociologia e Antropologia pela pela UFRJ, onde atualmente cursa doutorado em Antropologia Social. É feminista e integrante do coletivo Urucum pesquisa-luta.

Não tem espaço para reforma dentro da ordem

“Será que o desenvolvimento das forças produtivas deve ser uma pauta e um norte para esquerda?”

Fabio Luis Barbosa dos Santos é doutor em História Econômica pela USP, professor do curso de Relações Internacionais da Unifesp e pesquisador colaborador do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da USP.

Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Nove milhões de mortes por ano: a poluição mata 15 vezes mais do que as guerras

A poluição tornou-se a mais séria ameaça à saúde. Em 2015 causou 9 milhões de mortes, um sexto do total. Três vezes maior que o efeito combinado de aids, malária e tuberculose, e 15 vezes mais do que todos os conflitos armados e outras formas de violência.

Reportagem de Antonio Cianciullo, publicada por Repubblica em 20-10-2017. Disponível em https://goo.gl/5KpRza.

Custo de denúncias contra Temer alcança R$ 32,1 bi

A negociação política para barrar duas denúncias criminais contra o presidente Michel Temer tem um custo que pode chegar a R$ 32,1 bilhões. Essa é a soma de diversas concessões e medidas do governo negociadas com parlamentares da Câmara entre junho e outubro.

Reportagem de Felipe Frazão, publicada por O Estado de S. Paulo em 25-10-2017, disponível em https://goo.gl/GLDM1z.

Brasil tem 13 milhões de analfabetos e não consegue redução há três anos, diz Unesco

O Brasil ainda tem 13 milhões de analfabetos e não consegue reduzir esse número há três anos, segundo relatório da Unesco. A conclusão é que faltam incentivos para a educação profissionalizante e para o aluno terminar o ensino médio.

Reportagem publicada por G1 em 24-10-2017, disponível em https://goo.gl/YUNzVS.

Relatório final de CPI identifica que empresas privadas devem R$ 450 bilhões à Previdência

O senador Hélio José (Pros-DF) apresentou seu relatório final na CPI da Previdência, no qual defende que a Previdência Social não é deficitária.

A reportagem é publicada por Agência Senado, 23-10-2017, disponível em https://goo.gl/TAQhK4.

Emissão de gases estufa do Brasil tem maior crescimento em 13 anos

As emissões brasileiras de gases do efeito estufa aumentaram 8,9% de 2015 a 2016. É o segundo ano consecutivo de crescimento – o maior desde 2004 –, e, mais uma vez, desmatamento e agropecuária pesaram na conta.

A reportagem é de Philippe Watanabe, publicada por Folha de S. Paulo em 26-10-2017, disponível em https://goo.gl/yF2xLw.

STF suspende novas regras do trabalho escravo por ferir princípios da Constituição

A ministra Rosa Weber, do STF, concedeu uma liminar, pedida pelo partido Rede Sustentabilidade, que suspende a portaria do governo Temer que altera — e reduz — a fiscalização ao trabalho escravo.

Reportagem de Felipe Betim publicado por El País em 24-10-2017, disponível em https://goo.gl/Atzx65.

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

VII Seminário Observatórios: pesquisas, instituições e sociedade nas tramas da crise

30 e 31/out

Programação
https://goo.gl/WnsYG1

Local
Unisinos Campus POA
Torre Educacional

A evolução da internet das coisas e da inteligência artificial e seus impactos na sociedade

31/out

Horário
19h30min às 22h

Conferencista
Esp. Maurício Francisco Casotti – Gerente de Negócios e Soluções no CPqD

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Unisinos Campus São Leopoldo

O poder constituinte: ensaio sobre as alternativas da modernidade. Comentário sobre a obra de Antonio Negri

6/nov

Horário
19h30min às 22h

Apresentação
Prof. Dr. André Luiz Olivier da Silva – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Unisinos Campus
São Leopoldo

Oficina: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

7/nov

Horário
14h às 16h30min

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Unisinos Campus São Leopoldo

Homo Deus. Uma breve história do amanhã. Comentário sobre a obra de Yuval Noah Harari

9/nov

Horário
17h30min às 19h

Apresentação
Prof. MS Gilberto Faggion e Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Lançamento do livro Los Mercados Laborales: Pobreza y Desigualdad desde un enfoque de Derechos Humanos

13/nov

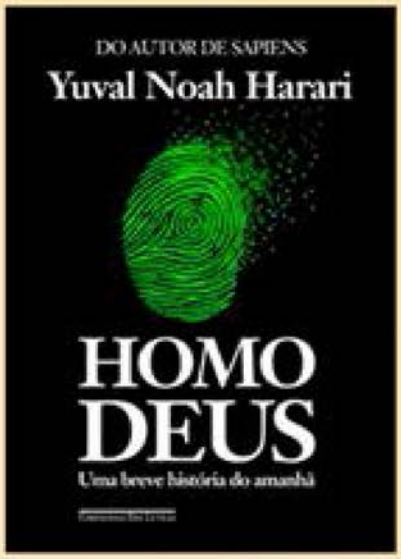
Horário
19h30min às 22h

Conferencistas
Prof. Dr. Aloisio Ruscheinsky – Unisinos, MS Rômulo José Escouto – Unisinos e Alberto Altamirano – UFRGS

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

JESUÍTAS BRASIL

A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras



09 de novembro (quinta-feira)

19h30min às 22h

Homo Deus. Uma breve história do amanhã. De Yuval Noah

Apresentação:

Prof. MS Gilberto Faggion e

Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz – UNISINOS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU UNISINOS | Campus São Leopoldo

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

ihu.unisinos.br

500 anos depois, uma nova reforma visando ao diálogo inter-religioso

Walter Altmann analisa os significados da Reforma Luterana e destaca como seus valores se atualizam em movimentos que buscam desenvolver o ecumenismo

João Vitor Santos

Martinho Lutero tem na crítica às indulgências o ponto mais lembrado quando se fala nas razões que o levaram a se insurgir contra a Igreja. Nessa questão das indulgências – apenas um dos tantos pontos propostos por ele –, é importante compreender o que está por trás dessa crítica. Segundo o teólogo Walter Altmann, Lutero queria destacar a noção de gratuidade da salvação, acessível a todos. "Essa noção de gratuidade segue relevante nos dias de hoje, em que temos numerosas formas 'modernas' de mercantilização da fé", acrescenta. Segundo Altmann, essa gratuidade tem conexão direta com a noção de liberdade, já que a partir da cisão emergem outras tantas formas de se viver o cristianismo. "Num mundo globalizado e de comunicação global, característico para a atualidade, há uma movimentação religiosa com uma intensidade jamais vista", pontua, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Em meio a tantas formas de professar a fé, o teólogo destaca outro valor que se torna importante em nosso tempo: o diálogo inter-religioso. Isso porque, no passado, a Reforma gerou muito mais do que disputas teológicas, chegando a guerras. Hoje, destaca que é importante fazer essa reforma da Reforma e compreender a necessidade de alimentar o espírito ecumênico. É uma espécie de aproximação, não só com católicos, mas com diversos credos. "Hoje, ao rechaçarmos qualquer tentação ou intento de enfrentar os muçulmanos em nome da fé cristã, devemos construir de todos os modos possíveis avenidas de respeito e diálogo", exemplifica. E sobre a aproximação entre católicos e luteranos, pontua: "não se trata de uma meta já plenamente alcançada, mas de uma trajetória em curso. Pode-se dizer que o conflito foi deixado para trás. Há um reconhecimento comum de que pessoas católicas e luteranas são irmãs em Cristo, a separação é sentida com dor e o diálogo tem avançado em muitas questões".

Walter Altmann é pastor emérito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, com doutorado em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha, professor de Teologia na Faculdades EST, de São Leopoldo/RS, presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas – CLAI, de 1995 a 2001, pastor-Presidente da IECLB de 2002 a 2010 e moderador do Conselho Mundial de Igrejas – CMI, de 2006 a 2013. Entre suas publicações, destacamos *Lutero e libertação. Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana* (São Leopoldo: Editora Sinodal, 2016) e que foi recentemente publicada também em inglês, com o título *Luther and Liberation: A Latin American Perspective* (Minneapolis, EUA: Fortress Press, 2016).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como compreender a Reforma Luterana para além da perspectiva teológica?

Walter Altmann – Embora a preocupação central de Lutero tenha sido uma questão teológica ("como posso obter um Deus misericordioso?"), é inegável que a Reforma teve implicações profundas na igreja e na

"Lutero rompeu com a concepção de uma tutela da ordem eclesiástica sobre a ordem secular"

sociedade do mundo ocidental. Aliás, foi a conjunção de vários fatores que tornou a Reforma um evento histórico epocal. De uma forma um tanto simplificada, mas ainda assim acurada, pode-se dizer que Lutero rompeu com a concepção de uma tutela da ordem eclesiástica sobre a ordem secular.

Embora na concepção de Lutero todos os setores da vida humana estejam submetidos à vontade de Deus e devam servir para atender as necessidades das pessoas, ao fazer a distinção de que o ofício precípuo da Igreja é de ordem espiritual tão somente, forças políticas, econômicas, sociais e culturais puderam desabrochar e desenvolver-se sem as amarras às quais estavam submetidas. A ordem social já não seria mais regrada por um direito divino imutável, mas por um direito humano, reformável de acordo com realidades contextuais.

IHU On-Line – Qual o contexto histórico que a faz emergir? E quais suas consequências nos campos social, econômico, científico/tecnológico e político?

Walter Altmann – No início do século XVI, já estavam em curso vários processos de mudança na Europa. Na cultura, o Renascimento trazia para o centro de suas obras (na pintura, por exemplo) o próprio ser humano. Para Lutero, a fé pessoal haveria de ser algo de suma importância. Também havia um movimento cultural de "volta às fontes" da Antiguidade. Lutero haveria de fundamentar a doutrina na Bíblia que ele magistralmente traduziu à língua alemã. Gutenberg[1] havia descoberto a imprensa que foi determinante para a extraordinária difusão não apenas da Bíblia, mas também dos numerosos escritos de Lutero.

Como Lutero considerava que todas as pessoas devem ter acesso à Bíblia e que o estudo seria importante também para os ofícios seculares, ele foi pioneiro em advogar em favor de um sistema de educação universal, e isso numa época em que a esmagadora maioria da população era analfabeta. Numa época em que emergiam unidades políticas territoriais autônomas, potencialmente independentes, ele ancorou a dignidade do ofício político no conceito de sacerdócio geral das pessoas batizadas e ele o definiu como manutenção da paz, estabelecimento da justiça e proteção às pessoas mais fracas.

Na economia, inspirou iniciativas de caixas comunitárias, com o fim de garantir a todas as pessoas o atendimento de suas necessidades básicas, como sustento, saúde, educação. Também combateu práticas comerciais e financeiras que, no advento do capitalismo mercantil, exploravam os mais pobres, aprofundando suas necessidades. Num tempo em que tropas turcas avançavam sobre a Europa, chegando às portas de Viena, Lutero defendeu o direito e o dever da população de se defender e dos mandantes proteger seus súditos, mas rechaçou totalmente o conceito de qualquer "guerra santa". Tudo isso apontava para algo profundamente renovador.

IHU On-Line – De que forma podemos compreender o que leva Lutero a questionar a Igreja da época? E como as inquietações de Lutero se atualizam em nosso tempo?

Walter Altmann – O âmago da Reforma foi o que se convencionou chamar de a "redescoberta do Evangelho", isto é, a noção de que a salvação é concedida gratuitamente por Deus, em Cristo, especificamente no Cristo crucificado, o que deve ser recebido em fé. Mas o estopim da Reforma foram suas 95 Teses que, segundo a tradição, teriam sido afixadas à porta da Igreja do Castelo, na cidade de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517. Nelas, a partir da noção de gratuidade da salvação, Lutero combateu o comércio de indulgências. Suas teses se difundiram qual rastilho de pólvora pela Europa inteira.

Precisamente essa noção de gratuidade da salvação segue relevante nos dias de hoje, em que temos numerosas formas "modernas" de mercantilização da fé. Significativa e acertadamente a Federação Luterana Mundial - FLM, em sua assembleia geral realizada num país do Sul, na Namíbia, em maio passado, em pleno ano comemorativo da Reforma, tomou como tema a gratuidade da salvação, afirmando nos subtemas

1 **Johannes Gutenberg** (1398-1468): inventor e gráfico alemão que introduziu a forma moderna de impressão de livros - a prensa móvel- que possibilitou a divulgação e cópia muito mais rápida de livros e jornais. Sua invenção do tipo mecânico móvel para impressão começou a Revolução da Imprensa e é amplamente considerado o evento mais importante do período moderno. Teve um papel fundamental no desenvolvimento da Renascença, Reforma e na Revolução Científica e lançou as bases materiais para a moderna economia baseada no conhecimento e a disseminação da aprendizagem em massa. (Nota da **IHU On-Line**)

que "a salvação não está à venda", "os seres humanos não estão à venda", "a criação não está à venda". Não são artigos comercializáveis. Salvação seres humanos, criação – uma abrangência ampla para atualização do âmago teológico da Reforma.

IHU On-Line – Quais as particularidades da Reforma Protestante que ocorreram nos países hoje conhecidos como Alemanha, Suíça e França e, mais tarde, Reino Unido, Escandinávia e outros locais da Europa? E como compreender as divisões da Reforma Protestante pós-Lutero e o papel que assumem outros líderes?

Walter Altmann – De fato, a Reforma, surgida em território alemão, se expandiu com relativa rapidez para outras regiões e, para tanto, contou com outras lideranças que se inspiraram em Lutero. Contribuíram, para tanto, peculiaridades de cada uma das regiões, e as respectivas lideranças também colocaram ênfases teológicas próprias, aqui e ali divergentes de Lutero. Nasceu uma diversificação eclesiológica que se intensificou a partir do século passado. Um ponto comum certamente era o desejo de maior autonomia civil e política das diferentes sociedades, bem como uma compreensão eclesiológica menos centrada numa hierarquia, e mais na comunidade local (ou, em desenvolvimento posterior, numa organização territorial).

Assim, o protestantismo foi se difundindo não tanto como um organismo estruturado, mas como um movimento que foi se estabelecendo com maior ou menor vigor em novos lugares e regiões. Na Escandinávia o luteranismo tornou-se a religião de quase unanimidade da população e sua organização social guarda muitas ênfases próprias da Reforma, como a atenção para com as necessidades de toda a população, superando eficazmente a pobreza e as desigualdades. Ao longo dos séculos, a Reforma tornou-se um movimento de alcance mundial, presente em todas as regiões do globo e crescentemente no Sul, em particular na África.

IHU On-Line – Em que medida podemos afirmar que a Igreja Católica também "é reformada" depois de todas as questões trazidas por Lutero?

Walter Altmann – O conflito religioso que se produziu entre Lutero e a Igreja Católica, embora não fosse sua intenção romper com ela (ao contrário, Lutero foi excomungado da Igreja Católica em janeiro de 1521 pelo Papa Leão X[2]), se agudizou ainda mais em tempos posteriores, tanto nas questões doutrinárias quanto nos desdobramentos políticos, levando inclusive à extraordinariamente sangrenta Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)[3], até que, exauridos em sangue, católicos e protestantes estabelecessem um acordo de convivência territorial, com territórios católicos e territórios protestantes. (O pluralismo religioso, em que diferentes confissões religiosas convivam no mesmo espaço geográfico, só viria muito tempo depois, com o advento pleno da Modernidade.)

Mas o dissenso católico-protestante, aparentemente absoluto e irreconciliável, haveria de perdurar até o século XX. O advento do movimento ecumênico no seio do protestantismo, com raízes no século XIX, mas estabelecido a partir da Conferência de Missão de Edimburgo, em 1910, e a adesão oficial da Igreja Católica ao movimento ecumênico, com o Vaticano II (1962-1965)[4] transformaram radicalmente as relações entre os diferentes integrantes da família cristã, abrindo crescentes espaços para o respeito e o entendimento mútuo, bem como a cooperação, não por último em áreas sociais.

O Vaticano II implantou uma série de reformas e fez uma série de afirmações teológicas básicas que eram caras ao protestantismo desde seus primórdios, entre outras: a missa na língua vernácula, e não mais em latim; a ênfase na Bíblia, proporcionando o acesso dos fiéis a ela; a compreensão da eclesialidade plena da igreja local, a valorização do sacerdócio comum dos fiéis; a compreensão da Tradição como um desdobramento da Escritura, e não como um adendo a ela.

IHU On-Line – O que a resistência à Reforma, a chamada Contrarreforma Católica, revela acerca da Igreja Católica da época? Quais as consequências sociais, econômicas e políticas dessas disputas?

Walter Altmann – A chamada Contrarreforma foi um intento de responder propositivamente (e não simplesmente de modo repressivo) ao desafio lançado pela Reforma. Suprimiu abusos na prática da Igreja Católica de então, reavivou a seriedade da teologia e da piedade, acendeu a paixão pela missão, e assim colocou barreiras à expansão da Reforma. Nas áreas que permaneceram solidamente vinculadas à Igreja Católica, ela também acabou contribuindo, não intencionalmente, para retardar o desenvolvimento social, político e econômico em direção ao capitalismo, sem, contudo, poder impedi-lo, por ser um processo regido por forças históricas próprias irreprimíveis. As colônias, da América hispânica e portuguesa, por exemplo, ficaram

2 **Papa Leão X** (1475-1521): Papa católico durante a Reforma Protestante. Nascido *Giovanni di Lorenzo de' Medici*, foi o último não sacerdote ser eleito Papa (Nota da **IHU On-line**).

3 **Guerra dos Trinta Anos** (1618-1648): é a denominação genérica de uma série de guerras que diversas nações europeias travaram entre si a partir de 1618, especialmente na Alemanha. Entre as causas estão: rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em https://goo.gl/GVTuEO, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em https://goo.gl/5IsnsM, e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em https://goo.gl/8MDxOM. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line** 466, de 1-6-2015, disponível em https://goo.gl/LiJPrZ. (Nota da **IHU On-Line**)

por séculos hermeticamente fechadas à Reforma, que haveria de aportar de forma permanente em países da América Latina apenas após os processos de independência nacional.

IHU On-Line – Como a Reforma Protestante chegou ao então chamado "novo mundo"?

Walter Altmann – À parte de algumas presenças esporádicas de indivíduos (por exemplo, o viajante alemão luterano Hans Staden[5] no século XVI, que deixou relato de suas peripécias, tendo inclusive se tornado cativo de tribo indígena, da qual conseguiu fugir) e dos intentos após algum tempo fracassados de colonização de parte de calvinistas franceses na Baía da Guanabara e de holandeses no Nordeste brasileiro, a presença de adeptos da Reforma na América Latina se deu a partir do século XIX, seja ligada a presenças diplomáticas e comerciais (de ingleses, por exemplo), seja da vinda de imigrantes (alemães, no Brasil a partir de 1824), como soldados do Império ou agricultores e artesãos, necessários para o desenvolvimento de um país independente, seja ainda, mais tarde, de missões protestantes vindas dos Estados Unidos, das quais se esperava uma contribuição em áreas carentes, como a educação. Foram, a princípio, legalmente "tolerados" enquanto adeptos da Reforma. O reconhecimento legal pleno se deu, no caso brasileiro, apenas com a Proclamação da República em 1889.

IHU On-Line – Como se configura o cenário religioso hoje e o que isso representa para as igrejas?

Walter Altmann – Muito diferente de tempos passados, o cenário religioso hoje é de um crescente pluralismo. Primeiramente, tem havido, no caso brasileiro e, em larga medida até mesmo em nível mundial, particularmente no chamado Sul Global, um impressionante crescimento do pentecostalismo e também do chamado neopentecostalismo. Na origem, o pentecostalismo emergiu do interior de igrejas protestantes, mas hoje se configura como uma família confessional própria.

Também há no mundo católicos carismáticos, praticamente em igual número ao de pentecostais não católicos. Há diferenças entre eles, por exemplo no respeito à hierarquia e na manutenção fiel da celebração eucarística por parte dos carismáticos católicos, enquanto os pentecostais assumem grande liberdade no tocante a essas questões. Mas há muito analogias e semelhanças nas formas de culto e espiritualidade, bem como no enfatizar a centralidade das manifestações do Espírito Santo.

Num mundo globalizado e de comunicação global, característico para a atualidade, há uma movimentação religiosa (de uma religião à outra, de uma região do globo a outra) com uma intensidade jamais vista e que vai muito além da cristandade, abrangendo uma multiplicidade de religiões. Um subproduto altamente problemático desse fenômeno é a competição, pacífica ou muitas vezes agressiva, entre diferentes expressões religiosas, levando até mesmo a ideologizações religiosas de conflitos armados mundo afora. A resposta a esse fenômeno de parte das religiões em geral, embora aqui me refira em particular às igrejas cristãs, só pode ser um claro compromisso ecumênico de respeito, de compreensão, ainda que por vezes crítica (e ao mesmo tempo autocrítica), do "outro", o estabelecimento de vias de diálogo e cooperação, por exemplo no estabelecimento da paz onde há conflitos e na defesa da dignidade humana e cuidado da criação como um todo. Portanto, é algo que ultrapassa a relação entre igrejas cristãs, mas abrange o relacionamento entre religiões diversas.

IHU On-Line – Como compreender o islã no contexto da Reforma? Em alguma medida, a Reforma promove mudanças na relação entre cristãos e muçulmanos?

Walter Altmann – No tempo da Reforma, a Europa cristã estava ameaçada em sua integridade política e cultural pelo avanço das forças bélicas do Império Otomano (os chamados "turcos"), que chegaram às portas de Viena, Áustria. Do ponto de vista religioso, eram muçulmanos. Lutero convocou à defesa do território, das localidades e da população, mas o entendeu não como um empreendimento religioso, e sim como um dever da cidadania e do ofício das autoridades seculares. Rechaçou completamente o conceito de uma guerra santa. A fé não se impõe. A eventuais prisioneiros cristãos recomendou que, inseridos numa ordem islâmica, obedecessem a ordens civis, mas se dispusessem inclusive ao martírio se viessem a ser coagidos a assumir a fé islâmica.

Hoje, ao rechaçarmos qualquer tentação ou intento de enfrentar os muçulmanos em nome da fé cristã, devemos construir de todos os modos possíveis avenidas de respeito e diálogo. Na Europa, por exemplo, as igrejas da Reforma têm se manifestado claramente contra a exclusão de refugiados à base de sua confissão religiosa, mas ao contrário, têm apoiado políticas de acolhimento e atenção a eles. Radicalismos religiosos devem ser superados em todas as religiões.

IHU On-Line – Passados 500 anos, como avalia a relação en-

5 **Hans Staden** (1525-1579): aventureiro mercenário alemão. Por duas vezes passou pela América Portuguesa no início do século XVI, onde teve oportunidade de participar de combates na Capitania de Pernambuco e na Capitania de São Vicente, contra corsários franceses e seus aliados indígenas. Em sua segunda viagem, Staden partiu de Castela rumo ao Novo Mundo. Depois de violentos enfrentamentos com indígenas e passar por fortes tempestades, seu navio naufragou próximo a São Vicente. Ele e seus companheiros sobreviveram e Staden foi contratado como artilheiro pelos colonos portugueses para o Forte de São Filipe da Bertioga. Enquanto caçava sozinho, Staden foi feito prisioneiro por uma tribo Tupinambá que o conduziu a Ubatuba. Desde o início ficou claro que a intenção dos seus captores era devorá-lo. Pouco tempo depois, os tupiniquins aliados dos portugueses atacaram a aldeia onde ele era mantido prisioneiro. Mesmo cativo, e não tendo escolha, lutou ao lado dos tupinambás. Seu desejo era tentar fugir para unir-se aos atacantes. Mas, estes, vendo que a luta era inútil, logo desistiram. Pediu ajuda a um navio português e a outro francês. Ambos recusaram-se a ajudá-lo por não desejarem entrar em conflito com os índios. Foi, enfim, resgatado pelo navio corsário francês Catherine de Vetteville, comandado por Guillaume Moner, depois de mais de nove meses aprisionado. De volta à Europa, redigiu um relato sobre as peripécias em suas viagens e aventuras no Novo Mundo, uma das primeiras descrições para o grande público acerca dos costumes dos indígenas sul-americanos. O livro foi publicado em Marburgo, Alemanha, por Andres Colben em 1557. Chama-se comumente "Duas viagens ao Brasil". (Nota da **IHU On-Line**)

tre luteranos e católicos? Quais os desafios para o diálogo inter-religioso do nosso tempo?

Walter Altmann – O mais recente documento elaborado pela Comissão Internacional Católico-Luterana, instituída pelo Vaticano e pela Federação Luterana Mundial - FLM, de 2013, tem o significativo título "Do conflito à comunhão"[6]. Não se trata de uma meta já plenamente alcançada, mas de uma trajetória em curso. Pode-se dizer que o conflito foi deixado para trás. Há um reconhecimento comum de que pessoas católicas e luteranas são irmãs em Cristo, a separação é sentida com dor e o diálogo tem avançado em muitas questões. Ainda há obstáculos, sobretudo de entendimento eclesiológico, mas já não na compreensão da salvação.

Diferenças aí são entendidas como ênfases complementares. A Declaração Conjunta Católico-Luterana acerca da Doutrina da Justificação[7], de 1999, foi entrementes subscrita também pelo Concílio Metodista Mundial[8] e pela Comunhão Mundial das Igrejas Reformadas (calvinistas)[9], e em princípio também acolhida favoravelmente pela Comunhão Anglicana[10]. Os obstáculos remanescentes estão aí para serem superados. Mas, à parte de resistências internas, tanto no protestantismo quanto no catolicismo, impera um espírito de relações fraternas. Tanto que tem havido mundo afora comemorações conjuntas de católicos e luteranos acerca dos 500 anos da Reforma, não por último pelo próprio Papa Francisco e o Presidente da Federação Luterana Mundial, Bispo luterano Munib Younan[11], de Jerusalém, em Lund, na Suécia, em 31 de outubro de 2016. Não é de se excluir que no dia 31 de outubro deste ano, na data dos 500 anos, haja novos gestos simbólicos que reforcem ainda mais a caminhada rumo à comunhão almejada.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Walter Altmann – Nas comemorações dos 500 anos o reformador Martim Lutero foi extensamente evocado. Mas não é a ele que se comemora. Lutero teve seus lados obscuros e condenáveis, como posicionamentos que tomou não apenas em relação ao papa, mas também aos chamados anabatistas, ala radical da Reforma, aos judeus e também manifestações acerca de Maomé. Ele próprio estava muito consciente de suas limitações e pediu explícita e contundentemente que ninguém se chamasse de luterano, mas simplesmente de cristão. ("Quem sou eu, pobre e fedorento saco de vermes, a que se chamem por meu indigno nome?" "Não fui crucificado por ninguém."). Por contingência histórica surgiram igrejas "luteranas" e hoje cerca de 75 milhões de pessoas cristãs no mundo se entendem como "luteranas".

Sabem-se, contudo, muito mais como "evangélicas", no sentido de se sentirem agraciadas pelas boas novas da liberdade em Cristo e comprometidas com o chamado a servir em amor a seu próximo. Em belo escrito acerca do Cântico de Maria (o Magnificat), de 1521, Lutero exaltou com a Virgem Maria o Deus que "derribou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes" (Lucas 1:52). Isso vale a pena comemorar, no sentido de evocar sua memória e no sentido de se comprometer como uma tarefa recebida.■

6 Acesse a íntegra do documento em http://bit.ly/2ls2dIF. (Nota da **IHU On-Line**)
7 Acesse a íntegra do documento em http://bit.ly/2eqL75H. (Nota da **IHU On-Line**)
8 O sítio do IHU, na seção Notícias do Dia, publicou uma série de texto sobre esse encontro. Entre eles, *Igrejas reformadas endossam o acordo católico-luterano sobre disputa crucial da Reforma*, disponível em http://bit.ly/2zYPro6. Leia mais em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)
9 O sítio do IHU, na seção Notícias do Dia, publicou uma série de textos sobre o tema. Entre eles *Igrejas Reformadas também assinarão a Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação*, disponível em http://bit.ly/2ziAlwD. Acesse mais em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)
10 O sítio do IHU, na seção Notícias do Dia, publicou uma série de texto sobre essa aproximação, entre eles *Como os esforços ecumênicos católico-luteranos deram fruto nos últimos 50 anos*, disponível em http://bit.ly/2yf4Tz6. Acesse mais em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)
11 **Munib Younan** (1950): é um bispo luterano da Igreja Evangélica Luterana da Jordânia e da Terra Santa desde 1998 e presidente da Federação Luterana Mundial. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

- **O desafio de compreender Lutero e a reforma 500 anos depois.** Reportagem sobre conferência realizada por Walter Altmann, publicada nas Notícias do Dia de 24-8-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2yaVMxN.

- Assista a íntegra da conferência com Walter Altmann, no canal do **IHU** no You Tube, disponível em http://bit.ly/2zQzcZp.

- **500 anos da Reforma manifesta o desejo de um futuro de diversidade reconciliada.** Entrevista especial com Walter Altmann, publicada nas Notícias do Dia de 21-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2i7RZrY.

- **A abertura ecumênica no pontificado de Francisco.** Desafios e perspectivas. Entrevista especial com Walter Altmann, , publicada nas Notícias do Dia de 6-12-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2yNPbKJ.

- **Protestantismo: é tempo de refletir.** Entrevista especial com Cláudio Kupka, Martin Dreher e Walter Altmann, publicada nas Notícias do Dia de 31-10-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2y90CNA.

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS
www
ihu.unisinos.br
fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos
instagram.com/_ihu
youtube.com/ihucomunica
twitter.com/_ihu

A Reforma e as reformas

Martin Dreher

“Devemos ver a Reforma do século XVI como resposta verdadeiramente revolucionária ao fracasso das reformas dos séculos XIV e XV”, escreve Martin Dreher, em artigo preparado para essa edição da **IHU On-Line**. E conclui: “Reforma é um movimento muito mais amplo do que Lutero ou Calvino. Reforma é todo um movimento que tentou dar respostas a questões que eram formuladas ao cristianismo já antes do século XVI. Assim, quando falamos de Reforma, deveríamos iniciar com Isabel de Castela e Cisneros, dizer de Lutero, de Zwínglio, dos Anabatistas, dos Espiritualistas, de Thomas Müntzer, de Calvino e de seu colega de estudos na Sorbonne, Inácio de Loyola, de Trento, de Cromwell e dos Puritanos”.

Martin Norberto Dreher é pastor luterano, professor e historiador brasileiro. Cursou teologia na Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB, é doutor em história da igreja pela Ludwig-Maximilians Universtät, de Munique, na Alemanha. Foi professor de Teologia e pastor em diversas paróquias da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Entre seus livros publicados, destacamos *De Luder a Lutero* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 2014), *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças* (São Leopoldo, RS: Oikos, 2014) e *História do povo de Jesus. Uma leitura latino-americana* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 2013).

Eis o artigo.

1. Constelação política

No início do século XVI, havia se formado na Europa ocidental uma série de grandes Estados nacionais. França, Ilhas Britânicas, Portugal e Espanha fazem parte desses estados nacionais. Ninguém duvidava da fidelidade da Espanha ou da França ao catolicismo. A Espanha provara ser uma salvadora da cristandade ao expulsar os árabes da Península Ibérica de forma definitiva em 1492. Ali não havia espaço para a penetração de outro pensamento. Na França, o conciliarismo medieval havia garantido tantos direitos, que não se fazia mais necessária uma reforma.

Distinta era a situação na Europa Central. Nem a Alemanha tampouco a Itália havia conquistado uma unidade política. Ali existia uma infinidade de centros regionais de poder, todos subordinados ao poder imperial. Enquanto os poderes regionais buscavam assegurar sua participação no poder imperial, o imperador lutava para aumentar seu poder, levando os estamentos a reclamarem constantemente da “servidão” a que estariam sendo submetidos. Foi nessa região, especialmente na Alemanha, que explodiu o movimento reformatório. As tentativas imperiais de pôr um fim às discussões religiosas nessa parte da Europa não surtiram efeito. Elas aconteceram em 1530, em 1547 e em 1555, em Augsburgo. A segunda tentativa foi precedida de uma vitória militar do imperador sobre os protestantes, mas também não surtiu efeito. Na última, decidiu-se que a questão religiosa seria resolvida de território em território.

"*Reforma* engloba tudo o que carecia de reforma, mas também situações e erros que a impediam"

Na Itália, a divisão territorial era ainda mais complicada. Ali nem dinastias existiam e as formas de governo alternavam-se constantemente. Havia democracias que logo eram eliminadas por tiranos, estes por sua vez derrubados para dar lugar a novas democracias. Nela encontrava-se também o papado. De um lado, esse representava o poder hegemônico sobre a cristandade ocidental; de outro, era governante do Estado Pontifício, que abrangia o centro da Itália. O papado era, assim, um dos centros de poder na Itália e, como tal, estava profundamente envolvido nas questões da política local. Essa dupla função do papado teve consequências catastróficas para a igreja universal.

A parte sul do Leste europeu encontrava-se sob o domínio turco. Desde os tempos das cruzadas, os turcos haviam se expandido, conquistando território após território nos Bálcãs. Em 1529, Suleimão II[1] chegou às portas da cidade de Viena. O perigo turco foi o principal problema político da Europa do século XVI. Carlos V[2] e seu irmão Fernando[3] assumiram a luta contra os turcos, mas necessitaram do suporte financeiro dos estamentos alemães. Para estes estava claro que se os turcos colocassem em xeque o poderio da Casa de Habsburgo[4], eles seriam os próximos a sentir as consequências. Por isso, assumiram o ônus da guerra. A cada auxílio, porém, negociaram vantagens.

A Reforma da Igreja e os acontecimentos políticos estão intimamente relacionados. O trágico é que, nas guerras entre Carlos V e Francisco I, estiveram envolvidos dois governantes decididamente católicos. Suas tropas, tanto os soldados quanto os oficiais, eram, em grande parte, mercenários, lansquenetes alemães adeptos do pensamento de Lutero, ou suíços, igualmente "evangélicos". Em 1527, lansquenetes invadiram Roma e perpetraram o Sacco di Roma, cantando hinos de Lutero e causando terrível destruição. A situação de guerra fez com que Carlos V necessitasse constantemente de aliados. Ora, esses aliados eram, em boa parte, protestantes. Nas diversas Dietas, os estamentos alemães sempre exigiram que a questão religiosa fosse discutida antes de se tratar de empréstimos para a guerra contra os turcos. Dependendo das concessões religiosas, faziam-se concessões financeiras. Quando, por outro lado, os protestantes se uniram, formando a Liga de Esmalcalda[5], todos os adversários da Casa de Habsburgo quiseram ser seus aliados. Assim, Francisco I ofereceu seu apoio, ao mesmo tempo em que

1 **Solimão II** (1642 – 1691): foi sultão do Império Otomano de 1687 a 1691. Irmão mais novo de Mehmed IV (1648–87), Solimão II passou a maior parte de sua vida nas kafes, um tipo de prisão luxuosa para príncipes de sangue, existente no Palácio de Topkapı (para impedir que alguém organizasse uma rebelião). (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Carlos V e I** (1500 - 1558): foi o Sacro Imperador Romano-Germânico como Carlos V a partir de 1519 e Rei da Espanha como Carlos I de 1516 até sua abdicação em favor de seu irmão mais novo Fernando I no império e seu filho Filipe II na Espanha. Carlos era o herdeiro de três das principais dinastias europeias: a Casa de Habsburgo da Monarquia de Habsburgo, a Casa de Valois-Borgonha dos Países Baixos Borgonheses e a Casa de Trastâmara das coroas de Aragão e Castela. Ele governou vastos domínios na Europa central, oriental e do sul, além das colônias espanholas nas Américas. Como o primeiro monarca a governar Castela, Leão e Aragão simultaneamente, ele se tornou o primeiro Rei da Espanha. Carlos tornou-se imperador em 1519. A partir de então seu império cobria mais de quatro milhões de quilômetros quadrados pela Europa, Oriente e Américas. Grande parte de seu reinado foi dedicado às guerras italianas contra a França, sendo militarmente bem sucedidas apesar dos enormes gastos, levando a criação do primeiro exército profissional europeu: o Terço. Além de suas realizações militares, Carlos é mais conhecido por seu papel contra a Reforma Protestante. Vários príncipes germânicos abandonaram a Igreja Católica e formaram a Liga de Esmalcalda para poder desafiarem a autoridade de Carlos com força militar. Não desejando que guerras religiosas chegassem em seus domínios, ele forçou a convocação do Concílio de Trento que iniciou a Contrarreforma. A Companhia de Jesus foi estabelecida por Inácio de Loyola durante seu reinado para combater o protestantismo de forma pacífica e intelectual. No Novo Mundo a Espanha conquistou os astecas do México e os incas do Peru, estendendo seu controle por grande parte da América Central e do Sul. Carlos abdicou em 1556 de todos os seus títulos. A Monaquia de Habsburgo passou para seu irmão Fernando, enquanto o Império Espanhol ficou com seu filho Filipe. Os dois impérios permaneceriam aliados até o século XVIII. Carlos tinha apenas 54 anos na época de sua abdicação, porém estava fisicamente exausto depois de governar energicamente por 34 anos e procurou paz de um monastério, onde morreu dois anos depois. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Fernando I & V** (1793 –1875) foi o Imperador da Áustria e Rei de Lombardo-Vêneto como Fernando I e também Rei da Hungria, Croácia e Boêmia como Fernando V de 1835 até sua abdicação em 1848 devido às Revoluções de 1848. Era o filho homem mais velho do imperador Francisco I e sua segunda esposa Maria Teresa da Sicília. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Casa de Habsburgo**: também conhecida por Casa da Áustria ou Casa d'Áustria, é uma família nobre europeia que foi uma das mais importantes e influentes da história da Europa do século XIII ao século XX. A ela pertenceu Maria Leopoldina de Áustria, esposa do Imperador Dom Pedro I (Pedro IV em Portugal) do Brasil e mãe do último Imperador brasileiro Dom Pedro II. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Liga de Esmalcalda**: ou de Schmalkalden, era uma aliança defensiva de príncipes protestantes do Sacro Império Romano criada em 27 de fevereiro de 1531. Recebeu o nome da cidade de Schmalkalden, na Turíngia (atual Alemanha), onde foi proclamada. (Nota da **IHU On-Line**)

perseguia abertamente os protestantes na França. Diferente não foi a posição de Henrique VIII[6]. A Reforma deve sua expansão em grande parte às guerras que foram travadas na Europa. Hereges podem ser aliados preciosos.

A situação política na Itália era ainda mais complicada. Para preservar sua independência política, o papado tinha que decidir entre Carlos V e Francisco I, dois bons católicos. Sob o aspecto militar, o poderio papal era insignificante; seu apoio poderia ser dispensado pelos dois governantes. No entanto, sua decisão podia ter fins propagandísticos importantes: caso o papa se colocasse contra o imperador, seria exatamente contra aquele que poderia vencer os hereges.

2. Cultura

Parcialmente, a Reforma coincide com o Renascimento e com o Humanismo. Muitos reformadores eram humanistas, como Melanchthon[7], Zwingli[8] e Calvino[9]. É necessário cuidado quando se busca distinguir Renascimento, Humanismo e Reforma, para não cair no erro tantas vezes feito, quando se aponta para a discussão entre Lutero e Erasmo[10] em torno do livre e do servo arbítrio. As pessoas que afirmam que Lutero rompeu definitivamente com o Humanismo, em 1525, com seu escrito *De servo arbitrio*, com o qual respondeu ao escrito de Erasmo, de 1524, *De libero arbitrio diatribe*, esquecem que Lutero recorreu em sua tese principal a ninguém mais do que humanistas italianos como Lourenço Valla[11]. A teologia apresentada por Erasmo não era católica e também não pôde ser aceita por teólogos protestantes.

O nome Renascimento quer expressar que naqueles dias a Antiguidade renascia. Formalmente são redescobertos escritos da literatura latina, vindos de Bizâncio para a Itália, após a queda de Constantinopla. Na Itália, o Renascimento auxiliou na formação de um espírito nacional e levou à busca da latinidade clássica. Na Alemanha foi além. Ali não só se estudaram os autores clássicos dos gregos e romanos, mas também a língua hebraica. Ao lado do latim e grego, o hebraico encontrou o caminho da Universidade. Também aqui o Humanismo auxiliou na formação de um espírito nacional. Os brados de Lutero em seu escrito *À nobreza cristã de nação alemã*, de 1520, foram vivamente aplaudidos por humanistas alemães.

Renascimento não é apenas um retorno à Antiguidade, enquanto estudo das línguas antigas e da literatura clássica, mas novo sentimento de vida. É simplista querer afirmar que o ser medieval tenha estado completamente orientado no transcendente, enquanto o ser humano do Renascimento tenha estado orientado no imanente. Certo é que a pessoa do Renascimento tinha uma posição distinta em relação às realidades do imanente, acentuando a individualidade. História e técnica cresceram em importância.

Sob o ponto de vista religioso, o Humanismo é multifacetado. Podemos notar isso no lema humanista *ad fontes*. O lema pode referir-se tanto à Antiguidade anterior ao cristianismo quanto à Anti-

6 **Henrique VIII Tudor** (1491-1547): rei da Inglaterra de 21 de abril de 1509 até sua morte. Em seu reinado destaca-se a ruptura com a Igreja Católica Romana e seu estabelecimento como líder da Igreja Anglicana, a dissolução dos monastérios, e a união da Inglaterra com Gales. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Philipp Melanchthon** (1497-1560): foi um reformador, astrólogo e astrônomo alemão. Colaborador de Lutero, redigiu a "Confissão de Augsburgo" (1530) e converteu-se no principal líder do luteranismo após a morte de Lutero. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Ulrico Zuínglio** (1484-1531): em alemão Huldreych, Huldreich ou Ulrich Zwingli, foi um teólogo suíço e principal líder da Reforma Protestante na Suíça. Zuínglio foi o líder da reforma suíça e fundador das igrejas reformadas suíças. Independentemente de Martinho Lutero, que era doctor biblicus, Zuínglio chegou a conclusões semelhantes pelo estudo das escrituras do ponto de vista de um erudito humanista. Zuínglio não deixou uma igreja organizada, mas as suas doutrinas influenciaram as confissões calvinistas. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africânderes), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da **IHU On-Line** intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista*, disponível em http://bit.ly/1oBIrpn. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmo cursou o seminário com os monges agostinianos e realizou os votos monásticos aos 25 anos, vivendo como tal, sendo um grande crítico da vida monástica e das características que julgava negativas na Igreja Católica. Optou por uma vida de acadêmico independente - independente de país, independente de laços acadêmicos, de lealdade religiosa - e de tudo que pudesse interferir com a sua liberdade intelectual e a sua expressão literária (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Lorenzo Valla** (1407—1457): foi um escritor, humanista, retórico e educador italiano. Célebre por sua aplicação dos novos padrões humanistas de crítica a documentos usados pelo Papado em apoio de seu poder temporal. Em 1440 publicou o seu panfleto contra a Doação de Constantino, que provou efetivamente que o famoso documento, pelo qual a autoridade imperial romana teria sido transmitida ao Papado, era espúrio. (Nota da **IHU On-Line**)

guidade cristã. Paulo[12] pode ser tão importante quanto Platão[13], e um pode ser usado para interpretar o outro. A Patrística estava tão presente quanto o estudo de Platão. Quando nos dias da Reforma se fala da Palavra de Deus como norma, a expressão pode significar tanto a Bíblia quanto o ensinamento dos Pais da Igreja. Humanista era Erasmo, humanista era Melanchthon, humanistas eram os adversários da Reforma protestante. Também os anabatistas receberam em boa medida influências do Humanismo. Praticamente todas as tendências da Reforma têm traços humanistas.

3. Objetivo da Reforma

Enquanto renovação da Igreja e da mensagem desta, a Reforma não pode ser explicada simplesmente a partir dos acontecimentos políticos, sociais e culturais dos séculos XV e XVI. A mensagem evangélica, à qual Lutero e outros deram expressão em seus dias, não foi sua criação. Ela recebeu forma na cela monástica, na cátedra universitária, nas discussões e nos debates, mas não é ideologia produzida nas discussões com a Igreja medieval, com as massas populares e com a burguesia. A mensagem da Reforma não pode ser deduzida do processo histórico. Com isso não estou negando que o processo histórico tenha sido importante no auxílio à redescoberta da mensagem evangélica. A Reforma beneficiou-se do processo histórico, mas também sofreu as consequências.

Não pretendo minimizar a coragem de Lutero e seu destemor ao enfrentar a Igreja constituída hierarquicamente. No entanto, é bom ver que o movimento por ele desencadeado só pôde vingar nos anos que antecederam e sucederam à morte de Maximiliano I. A Reforma beneficiou-se das guerras de Carlos V e de Francisco I, das conquistas políticas dos senhores territoriais, do fato de o papado preferir aliar-se a Francisco I e os turcos estarem fazendo constantes avanços. O Humanismo auxiliou a Reforma. Seus avanços exigiam uma reforma do sistema universitário. A Reforma só se beneficiou do fato porque na Alemanha essa reforma universitária foi feita, atendendo aos reclamos dos adeptos da "nova fé". Mas o Humanismo também se beneficiou da Reforma: o estudo das línguas antigas recebeu total apoio e passou a ser fundamental para a formação da nova geração de clérigos.

Na 62ª de suas 95 teses de 31 de outubro de 1517, Lutero afirma que "o verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus". Quem quiser argumentar com essa tese e dizer que a Reforma colocou o Evangelho novamente em seu devido lugar só o pode fazer caso entender a Reforma não como um acontecimento encerrado a ser festejado, mas como algo que tem que acontecer sempre. Em razão dos acontecimentos políticos e de seus aspectos culturais, é possível fazer a afirmação de que a Reforma conseguiu seu espaço e seus objetivos. Mas é fato que o Evangelho e a Igreja que pretendia ser reformada sofreram grande desgaste. A Igreja fragmentou-se em Igrejas Territoriais, que em seu interior muitas vezes souberam manifestar pouco da liberdade evangélica. Não merecem o título de *ecclesia reformata*. Se, porém, entendermos o propósito da Reforma do século XVI no sentido da *ecclesia semper reformanda*, então podemos chegar à conclusão de que ela é um acontecimento importante na História.

4. Antecedentes da reforma religiosa no século XVI

A Reforma não pode ser explicada a partir de um único acontecimento ou a da ação de uma

12 **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em http://bit.ly/ihuon175, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em https://goo.gl/bKZcM0. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU Em Formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em http://bit.ly/ihuem32, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em http://bit.ly/ihuteo55. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em http://bit.ly/pteX8f. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em http://bit.ly/2j0YCw8 . (Nota da **IHU On-Line**)

única pessoa ou data: a Reforma não iniciou com a divulgação das 95 teses de Lutero, em 31 de outubro de 1517. Antes de Lutero haviam se criado situações, ideias, sentimentos que provocaram e possibilitaram o conflito com a Igreja de então. Podemos até dizer que tais sentimentos estavam a exigir o que acabou acontecendo no século XVI. As origens da Reforma devem ser procuradas no processo emancipatório do final da Idade Média, que levou à Idade Moderna. Ela é período entre a Idade Média e a Idade Moderna.

A tensão existente entre Sacerdócio e Império caracteriza a unidade da Igreja no sistema de cristandade medieval. A sentença tem que permanecer nessa contradição, pois a Idade Média é período de sutil equilíbrio entre Sacerdócio e Império. No final, o próprio papado contribuiu para pôr fim a ele. Para assegurar a independência da Igreja, buscou enfraquecer o poder do Império. Os papas chegaram até a assumir o comando político do mundo ocidental. Quanto mais ampliava seu poder no âmbito temporal, tanto mais oposição encontrava em um mundo no qual sobressaíam as diferenças nacionais e que lutava por autonomia. A consequência foi que se inverteu a ponta e passou-se a exigir a autonomia do Estado em relação ao poder religioso.

Após o cisma (1378-1417; 1449) e o Concílio de Basileia[14], os papas buscaram reconhecimento junto a príncipes, imperadores e reis, concedendo ao Estado grandes poderes sobre a Igreja. Surgiram as Igrejas Territoriais, Igrejas dependentes do poder secular, que tanto podia ser representado pelo rei, príncipe como pelos conselhos municipais. Sem isso não podemos entender a geografia religiosa da Europa de fins do século XV e do século XVI.

Na Idade Média, não raro a hierarquia eclesiástica e a nobreza souberam agir em conjunto, melhorando as condições de piedade e de vivência da fé. Naqueles territórios, porém, nos quais o senhor territorial era ao mesmo tempo bispo, o secular e o espiritual estavam de tal maneira interligados, que era impossível determinar onde começava um e onde terminava o outro. Além disso, faltava uma boa teologia para distinguir e para enfrentar os problemas. Havia muitos bispos que não tinham qualquer interesse em questões espirituais e buscavam solidificar suas posições por meios políticos. Por seu turno, muitos príncipes seculares buscavam fortalecer seu poder, assumindo o controle da Igreja. Ao conceder os direitos do padroado aos reis de Portugal e de Espanha, depois aos demais reis europeus, os papas acabaram por estabelecer que os reis determinassem a vida religiosa e o preenchimento de cargos eclesiásticos.

O governante passou a controlar os dízimos. Decretos episcopais só tinham validade após a autorização real. A pregação de indulgências só era permitida caso o príncipe tivesse parte nos lucros auferidos. As intervenções de príncipes e cidades, que vão possibilitar a introdução da reforma luterana e calvinista, a criação da Igreja Anglicana ou a introdução das decisões de Trento[15] não são novidades surgidas no século XVI. São anteriores. Nas cidades, burguesia muito consciente de seu poder lutou contra os direitos do clero, especialmente contra suas imunidades fiscais e jurídicas. Por outro lado, à medida que buscava diminuir o poder do clero e introduzir um governo civil, a cidade não desistia de controlar a atividade eclesial. As cidades criaram paróquias, mas se reservaram o direito de nomeação dos pregadores. Também os conventos e suas propriedades passaram a ser administrados pela cidade.

Na Idade Média, a Igreja assumiu a função de cristianizar os povos germânicos, de transmitir-lhes e preservar-lhes a cultura do mundo antigo. Assim, a Igreja foi responsável pela formação literária, pelo direito, pela tradição política e pela técnica. Com todas essas funções é lógico que o clero tinha que ser o detentor do saber, indo muito além de suas prerrogativas teológicas. Criara-se um clericalismo, que tinha que ser substituído. Era necessário que o cristão alcançasse a maioridade e pudesse viver a liberdade cristã. Era necessário que como pessoa adulta se ocupasse com as questões de fé e com as heranças culturais. Caso a Igreja não abdicasse do controle do saber por iniciativa própria, cedo ou tarde viria o dia em que novas forças haveriam de lutar por seu espaço

14 **Concílio de Basileia**: foi um concílio ecumênico de bispos e outros membros do clero da Igreja Católica Romana. Ele começou em 25 de Julho de 1431 em Basileia e foi transferido para Ferrara em 1438 por ordem do Papa Eugênio IV, movimento que fez com que ele também ficasse conhecido como Concílio de Ferrara (ou, na sua forma portuguesa, de Ferrária). O encontro foi novamente transferido para Florença em 1439 por conta do perigo de peste em Ferrara e por que a cidade de Florença concordou, com promessa de pagamento futuro, em financiar o concílio. A localização inicial em Basileia refletia o desejo das partes que buscavam a reforma de se encontrar fora dos territórios em poder do Papa, do Sacro Império Romano-Germânico ou dos reis de Aragão e da França, cujas influências sobre o concílio procuravam evitar. Ambrogio Traversari esteve no concílio de Basileia como legado do Papa Eugênio. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Concílio de Trento:** realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

O conceito que mais caracteriza a Modernidade é "Liberdade". Tudo o que concebemos sob o termo "Reforma" é atraente para o ser humano dos séculos XV e XVI por causa do conceito "Liberdade". Não é por acaso que a senha "Liberdade cristã" foi lema da Reforma, mas também motivo que levou para muitos se afastarem dela.

Devemos ver a Reforma de século XVI como resposta verdadeiramente revolucionária ao fracasso das reformas dos séculos XIV e XV. Houve nela tentativas de fazer voltar a roda da história, buscando fazer a Igreja retornar às situações primitivas da Igreja Antiga, como podemos constatar em Thomas Müntzer e nos Anabatistas. Por outro lado, houve nela a busca sincera por acomodação a novas situações e abertura para as necessidades do momento.

Vemos, pois, que *Reforma* engloba tudo o que carecia de reforma, mas também situações e erros que a impediam. Os erros e as deformações na Igreja no final do século XV eram bastante similares aos de meados do século XIV. Mas os seres humanos não os suportavam com a mesma paciência. Eram mais atentos, mais críticos e mais exigentes, verificavam o descompasso entre o ideal e a realidade, entre ensinamentos e vida da Igreja. Ao não observar as maiores necessidades religiosas das pessoas, ao não verificar a emancipação dos crentes em questões de fé e ao não substituir as estruturas entrementes arcaicas da Idade Média, a Igreja criou as condições e os pressupostos para o clamor por uma Reforma.

As origens da Reforma e suas *raízes mais restritas* devem ser procuradas no papado renascentista, nos descalabros existentes no clero e nos abusos em relação ao povo, nas incertezas dogmáticas e na vida religiosa. Sem dúvida, *os papas* do Renascimento deram importante contribuição para o advento da Reforma. Aí sobressai a figura de Alexandre VI[16] (1492-1503). Seu pontificado é uma das mais ignominiosas páginas da história da Igreja. Jovem, Rodrigo Borgia foi feito cardeal por seu tio Calixto III[17] (1455-1458), recebendo ainda uma série de prebendas. Pio II[18] teve que advertir o jovem cardeal por causa de sua vida desregrada. Conhecido é seu adultério com Vanozza de Cataenis[19]. Com ela teve quatro filhos. Teve outros filhos. Eleito papa, continuou a vida desregrada. Como foi possível que o colégio de cardeais o elegesse? Por meio de suborno. De outros papas da Idade Média se pode dizer que foram eleitos por pressões ou imposições de reis e imperadores, a eleição de Alexandre VI se deu por simples suborno.

Como papa, Alexandre VI não alterou o comportamento. Tratou de cumular seus filhos com benefícios. Logo nomeou o filho Césare, na época com 16 anos, arcebispo de Valência; um ano mais tarde fê-lo cardeal. Seis anos mais tarde, Césare desistiu do cardinalato para casar-se com uma princesa francesa e para receber parte do território dos Estados Pontifícios. São incontáveis os assassinatos por envenenamento ordenados por ele. Comprovada está sua responsabilidade no assassinato do segundo marido de sua irmã Lucrécia, bem como no assassinato do cardeal Giovanni Michiel[20], morto para que Césare pudesse apropriar-se de seus bens. É possível que Césare também seja responsável pelo assassinato de seu irmão João.

Alexandre VI faleceu em 18 de agosto de 1503, muito possivelmente em consequência da ingestão de veneno que seu filho e ele haviam destinado a outro cardeal. Após um intermezzo de 26 dias, cardeal Giuliano della Rovere[21] foi eleito papa. Seria Júlio III (1503-1513). Enquanto cardeal, foi ferrenho adversário de Alexandre VI. Sua eleição foi comprada a peso de ouro. Ordenou a demolição da basílica de São Pedro e iniciou a construção da atual. Seus contemporâneos

16 **Papa Alexandre VI**: nascido Rodrigo de Borja, italianizado a Roderico Borgia (1431 – 1503) foi o 214.º papa da Igreja Católica, de 11 de Agosto de 1492 até a data da sua morte. Adotou o nome de Rodrigo Borgia ao chegar à Itália. Natural de Valência, após estudar em Roma, acompanhou seu primo Luis Juan de Milà y Borja à Universidade de Bolonha, onde se graduou em Leis. O nome de sua família foi elevado à cátedra do Vaticano com a eleição do seu tio materno, Afonso Bórgia, como Papa Calisto III, por quem foi feito cardeal. Foi sucessivamente elevado a cargos de mais qualidade: bispo, cardeal e vice-chanceler da Igreja. Tornou-se um grande diplomata após servir à Cúria Romana durante cinco pontificados; adquiriu experiência administrativa, influência e riqueza, mas não grande poder. Teve várias amantes: em particular Vanozza Catarei e Giulia Farnese, mulher de seu primo Orsino Orsini Migliorati. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Calixto III** (1378 - 1458) foi o papa número 209 da Igreja Católica, de 1455 a 1458 . Seu nome de nascimento foi Alfons de Borja (Alfonso de Borja, em espanhol). (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Pio II** (1405 —1464): nascido Enea Silvio Piccolomini, foi papa e líder mundial da Igreja Católica de 19 de agosto de 1458 até sua morte, seis anos depois. Nascido em Corsignano, na Itália, no território sienês de uma família nobre, porém em decadência, também foi um intelectual autor de diversas obras, como a história de sua vida, intitulada Comentários, a única autobiografia já feita por um papa e editou a primeira bula condenado a escravidão. Eleito Papa, providenciou a reurbanização de sua cidade natal, Corsignano, que passou doravante a chamar-se Pienza, tirando o seu nome de Pio. Teve um sobrinho que também foi papa, Pio III, assim como um dos descendentes de seu irmão (Bento XIII). (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Vannozza dei Cattanei** (1442 - 1518): foi uma das muitas amantes de Rodrigo Bórgia. Ela deu à luz a linhagem dos Bórgia italianos quando Rodrigo era cardeal, futuramente o Papa Alexandre VI (em violação aos votos de celibato que o Papa tomou), e entre eles, cujo relacionamento durou um longo tempo. Seus pais eram Jacopo dei Cattanei e Mencia Pinctoris. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Giovanni Michiel** (1447- 1503) foi um cardeal e bispo católico romano italiano . (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Papa Júlio II** (1443 - 1513) nascido Giuliano della Rovere O.F.M, foi Papa de 1 de novembro de 1503 ate à data da sua morte. Era frade franciscano. (Nota da **IHU On-Line**)

designaram-no de "Il Terribile", o terrível, pois era mais rei e comandante de tropas do que líder espiritual da Igreja. Para ele, a salvação da Igreja estava na política e na guerra, uma eclesiologia altamente questionável.

Aos 38 anos, o cardeal Giovanni de Medicis[22] tornou-se papa, assumindo o nome de Leão X (1513-1521). Era inteligente, letrado e defensor do humanismo. No dia de sua entronização foi feita uma procissão semelhante à de Corpus Christi para apresentar o papa e sua corte. Sobre uma grande faixa podia ser lida a frase: "Outrora governou Vênus, depois Marte; agora Palas Atenas detém o cetro". Com Vênus fazia-se referência a Alexandre VI, com Marte a Júlio III, com Palas Atenas saudava-se Leão X como mecenas e benfeitor de humanistas e artistas.

Leão X não pode ser acusado de desmandos e de aberrações como Alexandre VI, mas de leviandade e de esbanjamento de recursos. Ao suceder a Leão X, Adriano VI disse: "O vício tornou-se tão natural, que os que por ele foram manchados não sentem mais o fedor do pecado". Leão X não teve estatura teológica ao afirmar: "Curtamos o papado, já que Deus no-lo concedeu!"

A situação do clero não era melhor que a do papado. Não falo do concubinato dos sacerdotes. Havia regiões em que era tão comum, que os fiéis não mais se chocavam com ele. O problema residia em outro lugar: para a maior parte do clero, a Igreja era vista como sendo de sua propriedade. Era propriedade da qual se auferiam dividendos e prazeres. Quando se criava uma paróquia ou um bispado, o determinante não era a preocupação com o culto e com a cura d'almas, mas o desejo de realizar uma boa obra e obter, com isso, para si e para sua família parte nos tesouros da graça. Os candidatos não passavam por grande processo de seleção. Bispos e sacerdotes não se compreendiam como responsáveis por um ministério, para cujo desempenho recebiam o sustento necessário. Pelo contrário, sentiam-se proprietários de uma prebenda no sentido do direito feudal germânico. A prebenda era um direito do qual se podia usufruir e em relação à qual se tinha alguns compromissos. Tais compromissos, porém, poderiam ser transferidos a um representante, um vigário. Para tanto, buscou-se justificação teológica em João 10.12: as ovelhas não pertenciam ao vigário, mas ele era alugado para a função.

Assim, foi possível que algumas pessoas reunissem em suas mãos diversos bispados ou paróquias. Em 1556, por exemplo, o cardeal Alexandre Farnese[23], um neto de Paulo III[24], detinha o controle de 10 bispados, 26 conventos e 133 outros benefícios: canonicatos, paróquias e capelanias. Na Alemanha, as sés episcopais foram reservadas para filhos da nobreza, que na maioria das vezes não se interessavam pela vida sacerdotal ou pela cura d'almas.

Se não havia preocupação com o espírito religioso ou com a cura d'almas, havia grande preocupação em relação ao dinheiro. A Cúria buscava por todos os meios cobrir os seus gastos. Criou para tanto um sistema de taxas, impostos, doações e penitências. A falta de dinheiro era constante em razão dos gastos com a corte, com construções ou com despesas militares, resultantes das constantes guerras. A questão prepara a explosão da Reforma, com a qual nos deparamos na discussão em torno das indulgências.

Todas as descrições acima feitas provocaram ódio em relação à Roma. Durante cem anos apresentaram-se queixas contra a situação criada. Elas foram assumidas por Lutero e outros reformadores. Em troca, mesmo pessoas que não concordavam com sua doutrina estavam dispostas a apoiá-los.

5. Incertezas teológicas

Mais importante do que apontar para os erros do papado, do clero e de leigos é perguntar pelo ensino da Igreja. Havia uma imagem muito colorida da piedade popular, havia muita imitação da vida dos santos, havia procissões, peregrinações, missas votivas. Qual era, seriedade que havia por trás desses atos? Qual era a teologia que havia por trás da ação?

O período anterior à Reforma foi de grande incerteza teológica. As principais controvérsias te-

22 **João de Cosmo I de Médici** (1543-1562): em italiano: Giovanni di Cosimo I de' Medici, conhecido também como João de Médici, o Jovem, foi um cardeal italiano da Casa de Médici. (Nota da **IHU On-Line**)
23 **Alexandre Farnésio**(1520-1589): em italiano Alessandro Farnese foi um cardeal e diplomata italiano, Decano do Colégio dos Cardeais e Vice-Chanceler Apostólico. (Nota da **IHU On-Line**)
24 **Papa Paulo III** (1468-1549): 220º Papa Católico, assumiu o papado entre 1534 até sua morte. Lançador das bases da Contrarreforma, aprovou a criação da Companhia de Jesus de Inácio de Loyola em 1540. Convocou o Concílio de Trento em 1545. Conhecido também pela promulgação da bula *Veritas Ipsa*, a favor da liberdade dos índios das Américas. (Nota da **IHU On-Line**)

ológicas pendentes são geralmente resumidas às temáticas da justificação por graça e fé. A rigor, porém, esta temática é decorrente de indefinições em outras áreas da Teologia. Lembro aqui a questão relativa à visão de Deus, da imagem que se tem de Deus. Essa visão, por seu turno, está intimamente relacionada com a questão da cristologia, pois dizer quem é Deus está intimamente ligado com a pergunta: Quem é Jesus Cristo? A isso novamente está relacionada a doutrina da penitência, que culminou no final da Idade Média na discussão em torno da venda de indulgências, estopim para a eclosão do movimento reformatório luterano.

As indefinições na questão da penitência mostram que, apesar das formulações de Agostinho[25] relativas à graça, era justamente na temática da graça que continuavam a existir indefinições. Ora, esses aspectos levaram, por seu turno, a visões distorcidas em relação aos meios da graça e prepararam discussões em torno dos sacramentos, mormente em relação à Eucaristia e ao Batismo.

Contudo, as diferenças e questões indefinidas concentraram-se na temática da eclesiologia. Por isso ouso afirmar que até hoje a principal diferença entre a Igreja Católica Apostólica Romana e as Igrejas herdeiras da Reforma do século XVI está na eclesiologia.

Desde o final do século XIII havia fortes discussões eclesiológicas no seio da Igreja ocidental. Por um lado, havia os que defendiam uma eclesiologia papalista. Aqui partia-se do dado histórico da monarquia papal, desenvolvida desde as lutas em torno das investiduras: o papa, investido da plenitude do poder, significa e é a Igreja.

Essa teoria papal, desenvolvida nos dias dos papas Bonifácio VIII[26] (1294-1303) e João XXII[27] (1316-1334) foi revigorada após a derrota do conciliarismo no Concílio de Basileia (1431ss), principalmente na Summa de ecclesia do cardeal Juan de Torquemada O.P[28]., escrita em 1453. No centro da eclesiologia de Torquemada está a concepção de que o único detentor do poder eclesiástico é o Papa, na sua condição de sucessor de Pedro. É ele quem concede autoridade aos bispos e ao concílio. A autoridade do concílio depende do Papa, pois é este quem o convoca, quem o dirige e confirma seus decretos. Torquemada era tão papalista que via nos concílios um perigo para a unidade da Igreja. Sua ideia foi tão dominante, que quase impossibilitou a realização do Concílio de Trento no século XVI.

Aparentemente, Lutero se desenvolveu numa Igreja em que dominou a teoria papal. Isso fica ainda mais claro, se observarmos que no escrito "À nobreza cristã de nação alemã" (1520) Lutero afirmou que, ao que tudo indica, ao invés do artigo "creio na santa Igreja cristã" se tenha que confessar "creio no Papa em Roma". De fato, a teoria papal era o cavalo de Troia, responsável por todos os abusos cometidos na Igreja dos séculos XV e XVI.

O segundo tipo de eclesiologia do final da Idade Média é o conciliarismo. Os papalistas haviam desenvolvido sua eclesiologia a partir da cúpula da Igreja, chegando a identificar a mesma com essa cúpula. Os conciliaristas, que se baseavam em Marsílio de Pádua[29] (1290-1342) e em Guilherme de Ockham[30] (1285-1349), partiam da base, da congregação dos fiéis, apostando na

25 **Agostinho de Hipona** (354-430)**:** conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Escrevendo na era patrística, ele é amplamente considerado como sendo o mais importante dos padres da Igreja no Ocidente. Suas obras-primas são *A cidade de Deus* e *Confissões*. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Papa Bonifácio VIII** (1235-1303): foi papa de 1294 até sua morte. Nasceu com o nome Benedetto Gaetani. Atualmente, Bonifácio VIII é provavelmente lembrado por seus conflitos com Dante Alighieri, que o retratou no inferno em sua Divina Comédia, e a publicação da bula Unam Sanctam na disputa contra o rei Filipe IV de França. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Papa João XXII** (1249-1334)**:** nascido Jacques d'Euse foi papa da Igreja Católica de 1316 até sua morte. Inaugurou o período dos papas de Avinhão. Filho de um sapateiro em Cahors, estudou medicina em Montpellier e direito em Paris. O período de dois anos de sede vacante entre a morte de Clemente V em 1314 e a eleição de João XXII em 1316 deveu-se às desavenças extremas entre os cardeais, os quais estavam divididos em duas facções. Depois de dois anos, Filipe V de França finalmente articulou a realização de um conclave com vinte e três cardeais em Lyon e, através de um engodo, prendeu os cardeais em uma igreja até que a eleição estivesse concluída. Os cardeais então elegeram-no como Papa, sendo coroado em Lyon. Este Papa decidiu que a residência papal seria em Avinhão e não em Roma. João XXII envolveu-se em movimentos políticos e religiosos de muitos países europeus, com o objetivo de promover os interesses da Igreja, tornando-se um Papa muito controverso em seu tempo. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Juan de Torquemada**, O.P. (1388 - 1468): ou Johannes de Turrecremata, foi um cardeal espanhol. Torquemada participou no Concílio de Basileia (1431-1449) como representante da sua Ordem e do Rei de Castela. Foi um dos mais brilhantes apoiantes da Cúria Romana, pelo que foi recompensado com o posto de Mestre do Santo Palácio e posteriormente foi nomeado Cardeal, em 1439. Torquemada participou ainda no Concílio de Florença. Foi nomeado pelo Papa Eugênio IV como encarregado de várias missões na Alemanha e França, antes de se estabelecer na cúria romana. Apoiou a política das Cruzadas, defendida pelo Papa, bem como a da reforma das casas religiosas e do primado do Papa. Participou na eleição de 4 Papas, tendo dado o voto decisivo na eleição de papa Nicolau V (1447-1455). Morreu em Roma e está sepultado na Igreja de Santa Maria sopra Minerva. (Nota da **IHU On-Line**)

29 **Marsílio de Pádua** (1275-80-1342-43) foi um filósofo, pensador político, médico e teólogo italiano. Nasceu em Pádua de uma família de juízes e notários. Seu pai, Bonmatteo de Maianardini, foi notário da Universidade de Pádua. O ano do seu nascimento é incerto. Embora algumas fontes indiquem o ano 1275, não há certeza a respeito. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **Guilherme de Ockham** (1285-1347): foi um frade franciscano, filósofo, lógico e teólogo escolástico inglês, considerado como o representante mais eminente da escola nominalista, principal corrente oriunda do pensamento de Roscelino de Compiègne (1050-1120). (Nota da **IHU On-Line**)

tese aristotélica de que o poder pertence ao povo. Para eles, também o poder existente na Igreja emana do povo; não há hierarquia de direito divino. O poder eclesiástico é meramente espiritual, limitando-se à pregação da palavra de Deus e à administração dos sacramentos. Como o poder eclesiástico emana da congregação dos fiéis, o concílio geral, enquanto representante da congregação dos fiéis, é a instância máxima que decide em questões de fé.

Através do estudo de Ockham, essas ideias continuaram presentes. Mas interessante é que não foram assumidas justamente por aqueles teólogos que, após o grande cisma, viam no concílio geral o único meio para restabelecer a unidade da Igreja. O que permaneceu foi a concepção de que o concílio geral é a representação da Igreja universal e instância máxima em questões de fé e da unidade da Igreja e exige obediência de todos os membros da Igreja, inclusive do papa. Havia vozes que exigiam a convocação periódica de concílios, por exemplo de 10 em 10 anos, como proteção contra eventuais excessos do centralismo da cúria romana. O concílio seria um parlamento eclesiástico, um órgão controlador.

No início do século XVI, o conciliarismo estava muito presente nas universidades de Paris, Pávia, Pádua e Bolonha. Mesmo tendo sido condenado pelo Concílio de Basileia ele deveu a continuação de sua existência à discussão em torno da necessidade de reforma da Igreja. Mas as principais autoridades eclesiásticas nada fizeram em prol dessa reforma. Leigos então começaram a trabalhar por ela. Fernando, rei de Aragão, apresentou ao 5º Concílio de Latrão uma relação de reformas a serem introduzidas na Igreja. Era comum a opinião de que somente um concílio geral possibilitaria a reforma da Igreja. Essa ideia estava ligada ao conceito que o ser humano medieval tinha de Igreja. A Igreja estava para ele contida no conceito da Cristandade. A Cristandade é um todo político e social, um corpo dividido em estamentos, dirigido por um braço espiritual e outro secular, com duas cabeças: o papa e o imperador. Por isso, os grandes concílios da Idade Média não foram apenas reuniões da Igreja, mas da Cristandade, nas quais estavam presentes os estamentos, clero e laicato. Eles não se ocuparam apenas com questões eclesiais, mas com assuntos que diziam respeito à Cristandade, cruzadas e questões de paz civil. Em todo o século XV, sempre quando se falou em reforma da Igreja, falou-se também em reforma do Império. A grande aspiração era reformar a Cristandade. O primeiro concílio a transformar as questões tratadas em temáticas realmente eclesiásticas, dando início ao desmonte do regime de Cristandade, foi o Concílio de Trento.

É importante não ver apenas o conceito eclesiológico, mas também a imagem que se tinha da Igreja. No todo, pode-se dizer que a descrição que se fazia da Igreja insere-se em uma teoria de decadência e degeneração. Visto de um modo simplista, afirmava-se, em geral, que ao longo de sua história a Igreja afastou-se sempre mais da situação ideal da Igreja Primitiva. Somente o retorno à Igreja Primitiva poderia eliminar o mal que tomou conta da Igreja em virtude do abuso feito com o poder papal. Essa leitura encontramos em Erasmo e em muitos reformadores católicos, mas também em Lutero, em Zwínglio, em Müntzer[31] e em muitos outros.

Finalmente, havia uma eclesiologia espiritualista. Joaquim de Fiore[32] (1130-1202) predissera que, após a era do Filho, viria a era do Espírito. Os franciscanos espirituais assumiram sua doutrina, no século XIII, e a desenvolveram. Essa eclesiologia vai explodir novamente no pensamento de Thomas Müntzer.

Os três tipos eclesiológicos aqui apresentados não reproduzem todo o universo dessas concepções. Eles não abarcam, por exemplo, a eclesiologia de Wiclif[33] ou de Hus[34].

31 **Thomas Müntzer** (1490-1525): foi um dos primeiros teólogos alemães da era da Reforma, ele se tornou um líder rebelde durante a Guerra dos Camponeses. Müntzer virou-se contra Lutero, com vários escritos contra ele, e apoiou os anabatistas. Na Batalha de Frankenhausen, Müntzer e seus seguidores foram derrotados. Ele foi capturado, torturado e decapitado. (Nota da **IHU On-Line**)
32 **Joaquim de Fiore** (1132-1202): também conhecido por Gioacchino da Fiore, Joaquim de Fiori, Joaquim, abade de Fiore ou Joaquim de Flora, foi um abade cisterciense e filósofo místico, defensor do milenarismo e do advento da idade do Espírito Santo. O seu pensamento deu origem a diversos movimentos filosóficos, com destaque para os joaquimitas e florenses. (Nota da **IHU On-Line**)
33 **John Wycliffe** (1328-1384): foi professor da Universidade de Oxford, teólogo e reformador religioso inglês, considerado precursor das reformas religiosas que sacudiram a Europa nos séculos XV e XVI. Trabalhou na primeira tradução da Bíblia para o idioma inglês, que ficou conhecida como a Bíblia de Wycliffe. (Nota da **IHU On-Line**)
34 **Jan Hus ou John Huss** (1369-1415) foi um pensador e reformador religioso[1]. Ele iniciou um movimento religioso baseado nas ideias de John Wycliffe. Os seus seguidores ficam conhecidos como os Hussitas. A Igreja Católica não perdoou tais rebeliões e ele foi excomungado em 1410. Condenado pelo Concílio de Constança, foi queimado vivo e morreu cantando um cântico ["cântico de Davi" Jesus filho de Davi tem misericórdia de mim] Um precursor do movimento protestante, a sua extensa obra escrita concedeu-lhe um importante papel na história literária checa. Também é responsável pela introdução do uso de acentos na língua checa por modo a fazer corresponder cada som a um símbolo único. Hoje em dia a sua estátua pode ser encontrada na praça central de Praga, a Praça da Cidade Velha, em checo Staroměstské náměstí. (Nota da da **IHU On-Line**)

Resumindo: no início do século XVI predominou o tipo papalista de eclesiologia. Deve-se, porém, constatar que os pensamentos da eclesiologia conciliarista ainda não haviam desaparecido de todo. Caso contrário, a bula papal *Exsurge domine*, dirigida contra Lutero, teria trazido consigo consequências bastante diversas daquelas que ofereceu a Lutero e ao movimento reformatório. Isso nos prova, pois, que não havia uma eclesiologia uniforme na época de Lutero. A primeira tentativa da parte da Igreja Católica Apostólica Romana de formular uma eclesiologia uniforme surgiu apenas por ocasião do Concílio Vaticano I[35] (1869-1870). Este, porém, apenas conseguiu definir o primado e a infalibilidade papal. Uma eclesiologia uniforme para a Igreja Romana só foi conseguida por ocasião do Concílio Vaticano II[36], na "Constituição Dogmática sobre a Igreja".

Reforma é um movimento muito mais amplo do que Lutero ou Calvino. Reforma é todo um movimento que tentou dar respostas a questões que eram formuladas ao cristianismo já antes do século XVI. Assim, quando falamos de Reforma, deveríamos iniciar com Isabel de Castela[37] e Cisneros[38], dizer de Lutero, de Zwínglio, dos Anabatistas, dos Espiritualistas, de Thomas Müntzer, de Calvino e de seu colega de estudos na Sorbonne, Inácio de Loyola, de Trento, de Cromwell e dos Puritanos.■

35 **Concílio Vaticano I**: de 8 de dezembro de 1869 a 18 de Dezembro de 1870. E foi proclamado por Pio IX (1846 a 1878). As principais decisões do Concílio foram conceber uma Constituição dogmática intitulada "Dei Filius", sobre a Fé católica e a Constituição Dogmática "Pastor Aeternus", sobre o primado e infalibilidade do Papa quando se pronuncia "ex-cathedra", em assuntos de fé e de moral. E tratou-se de questões doutrinárias que eram necessárias para dar novo alento e informar melhor sobre assuntos essenciais de Fé. Para além de proclamar como dogma a Infalibilidade Papal, principalmente para combater o Galicanismo, o Concílio, ao defender os fundamentos da fé católica, condenou os erros do Racionalismo, do Materialismo e do Ateísmo. (Nota da **IHU On-Line**)

36 **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista **IHU On-Line** publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em https://goo.gl/GVTuEO, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em https://goo.gl/5IsnsM, e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo,* disponível em https://goo.gl/8MDxOM. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line** 466, de 1-6-2015, disponível em https://goo.gl/LiJPrZ. (Nota da **IHU On-Line**)

37 **Isabel I** (1451-1504): apelidada de "a Católica", foi a Rainha de Castela e Leão de 1474 até sua morte, além de Rainha Consorte de Aragão a partir de 1479 e Imperatriz titular do Império Bizantino de 1502 até sua morte. Era filha do rei João II e sua esposa Isabel de Portugal. (Nota da **IHU On-Line**)

38 **Francisco Jiménez de Cisneros** O.F.M. (1436-1517): cujo nome era Gonzalo, mais conhecido como Cardeal Cisneros. Foi um cardeal, arcebispo de Toledo pertencente à Ordem Franciscana, terceiro Inquisidor Geral de Castela e regente da mesma até a morte de Fernando, o Católico. Quando da morte de Filipe I de Espanha, presidiu também o Conselho Real que assumiu funções de Regência sem consentimento da rainha Joana, até a chegada de Fernando, o Católico. Foi o fundador da Universidade de Alcalá. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

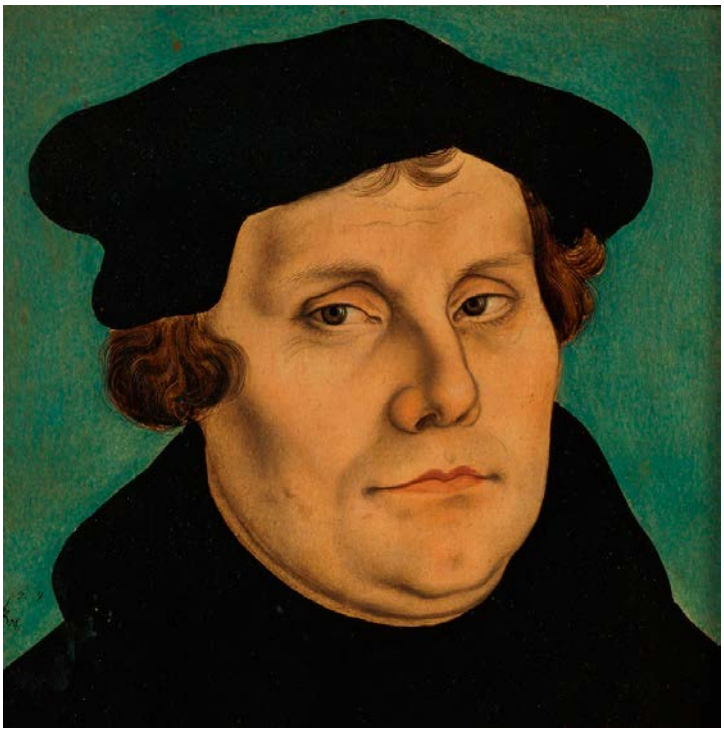
- **Protestantismo: é tempo de refletir.** Entrevista especial com Cláudio Kupka, Martin Dreher e Walter Altmann, publicada nas Notícias do Dia de 31-10-2011, disponível em http://bit.ly/2g1N9f1.

- **Lutero. Reformador da Teologia.** Entrevista com Martin Dreher, publicada na revista IHU On-Line número 280, de 3-11-2011, disponível em http://bit.ly/2zgEON1.

- **A morte foi privatizada.** Entrevista com Martin Dreher, publicada na revista IHU On-Line número 279, de 27-10-2008, disponível em http://bit.ly/2i3YuzG.

- **"O mundo secularizado carece, desesperadamente, dos sinais da fé".** Entrevista com Martin Dreher, publicada na revista IHU On-Line número 209, de 18-12-2006, disponível em http://bit.ly/2xzIbxP.

- **Há entre os pomeranos uma ética de trabalho muito acentuada.".** Entrevista com Martin Dreher, publicada na revista IHU On-Line número 271, de 1-9-2008, disponível em http://bit.ly/2zeJvH7.



Lutero em 1529 por Lucas Cranach | Reprodução: Wikipedia

Lutero, do medieval ao moderno

João Vitor Santos

As comemorações dos 500 anos da Reforma Luterana têm sido uma oportunidade de revisitar esse fato histórico, que vai além da perspectiva religiosa. Mais do que inaugurar uma outra versão do cristianismo, Martinho Lutero marca a transição de uma época. Para compreender as transformações advindas da Reforma, é preciso olhar para a figura desse monge que foi forjado no ambiente da Idade Média, mas que está entre os que inauguraram uma nova forma de pensar, fazendo com que muitos o considerem um dos desbravadores da Modernidade.

Ao longo da presente edição, a revista **IHU On-Line** debate essa transição de época que tem sua materialidade na experiência de Lutero e que, talvez, possa inspirar a pensar acerca das mudanças de nosso tempo. Mas, antes de trazer as reflexões com professores e pesquisadores nacionais e internacionais, é preciso lembrar a trajetória de Lutero.

Nascido em 10 de novembro de 1483 na cidade Eisleben, no território alemão, tem a infância marcada pela educação familiar severa. Albert Greiner, um dos biógrafos de Lutero, reproduz uma passagem em que ele manifesta o tratamento que, juntamente com seus irmãos, recebia dos pais. "Meus pais foram muito severos comigo e me tornei tímido. Minha mãe me açoitou um dia por causa de uma desgraçada noz, a ponto de sangrar. Meus pais só queriam meu bem, mas não sabiam discernir os espíritos e eram desmedidos nos castigos"[1]. A dificuldade de discernimento é uma característica da época medieval, em que, embora fosse um tempo de

1 p.16, *Lutero*, de Albert Greiner. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1983. (Nota da **IHU On-Line**)

> "Completamente aterrorizado durante o temporal no meio de um bosque, ele promete que, se saísse vivo diante daquela provação, se entregaria à vida monástica."

poder da Igreja Católica, as pessoas ainda eram contaminadas por superstições e culturas populares folclóricas. Margarida Lutero, sua mãe, por exemplo, embora católica, era cercada pela atmosfera das ervas, duendes e maus espíritos. Atribuía até mesmo a morte de um dos filhos aos "encantos diabólicos" de uma vizinha, o que lhe causava muitos tormentos.

O pai, Hans Lutero, trabalhava em minas de cobre, o que levou a família para a cidade de Mansfeld. Embora desse ao filho uma educação simples, desejava que fosse funcionário público e melhorasse as condições de vida da família. É outro traço da Idade Média, onde classes que não pertenciam à nobreza aspiravam à ascensão social por meio de trabalho na burocracia estatal. É por isso que Martinho é enviado para escolas de Mansfeld e Eisenach. Aos 14 anos, ingressa na escola latina de Magdeburgo. É só nesse momento que recebe, além de uma educação mais densa, os ensinamentos cristãos mais profundos, embora ainda muito contaminado pelas crendices da época. Era um período em que o desejo da salvação atormentava os cristãos, por isso ele passa à ideia fixa de fugir do pecado, que leva ao inferno, e buscar a penitência, o caminho de salvação.

Em 1501, aos 16 anos, Lutero ingressa na Universidade de Erfurt. Ali, entre os períodos de estudos, aprende a tocar alaúde. Aliás, pela sua dedicação, acaba recebendo o apelido de "O Filósofo". Nesse período, aprofunda-se na filosofia nominalista, perspectiva que põe em xeque a harmonia entre ciência e fé defendida pela escolástica[2]. Esse momento é importante e pode justificar algumas de suas posições mais adiante, pois a filosofia nominalista vai se basear unicamente na vontade de Deus. Assim, em 1502 o jovem conclui o bacharelado e, já em 1505, termina o mestrado. Ainda atendendo aos desejos da família, ingressa na escola de Direito da Universidade de Erfurt.

A tempestade e a transformação

No mesmo ano em que inicia os estudos de Direito, 1505, uma tempestade muda tudo. Lutero, como homem medieval, era atormentado pela ideia da salvação e, principalmente, pelas questões da morte. Muito impressionado com a morte abrupta de um amigo, ele volta para casa, quando é surpreendido por uma tempestade. Em

2 **Escolástica**: linha dentro da filosofia medieval, de acentos notadamente cristãos, surgida da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade, por assim dizer, responsável pela unidade de toda a Europa, que comungava da mesma fé. Esta linha vai do começo do século IX até ao fim do século XVI, ou seja, até ao fim da Idade Média. Este pensamento cristão deve o seu nome às artes ensinadas na altura pelos escolásticos nas escolas medievais. Estas artes podiam ser divididas em Trivium (gramática, retórica e dialética) e Quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música). A escolástica resulta essencialmente do aprofundar da dialética. Confira a edição 342 da revista **IHU On-Line**, de 6-9-2010, intitulada *Escolástica. Uma filosofia em diálogo com a modernidade*, disponível em http://bit.ly/11mcjbi. (Nota da **IHU On-Line**)

meio a descargas elétricas, tem sua verdadeira experiência de morte. É isso que o faz mudar os rumos de sua vida. Completamente aterrorizado durante o temporal no meio de um bosque, ele promete que, se saísse vivo diante daquela provação, se entregaria à vida monástica.

O período da Idade Média é também um tempo de grande poder monacal. Os monastérios crescem e enriquecem, enquanto os monges peregrinam em prol da evangelização, defendendo a pobreza e a vida simples. Todo esse protagonismo que adquirem os monastérios vai levar a inúmeros desvios, pois além de riqueza e poder, passam a ser vistos como ponto de grande influência tanto no poder espiritual quanto temporal. Corrupções e heresias são praticamente inevitáveis, pois nem todos que buscavam o monastério iam por vocação. Havia quem buscasse uma forma de ascensão social. Isso vai levar a Igreja Católica a uma verdadeira convulsão e a inúmeras tentativas de reformas ao longo do século XI. Muitas dessas reformas não se efetivam, mas são significativas porque vão, de certo modo, preparando para o ápice da cisão entre os cristãos, o protestantismo do século XVI.

De volta à casa da família, Lutero comunica sua decisão a amigos e parentes, vende seus livros e se despoja de tudo mais que possui para, em meados de 1505, ingressar na ordem dos Agostinianos, em Frankfurt. No monastério, entrega-se à vida religiosa com rigor e a práticas da época, como meditação, oração, confissões e até mesmo autoflagelações e peregrinações. Pela exímia dedicação, é ordenado sacerdote em 1507 e, também pela dedicação, logo seus superiores determinam seu início na carreira acadêmica. Em 1508, já é professor de teologia na Universidade de Wittenberg, tendo os textos bíblicos como seu objeto de estudos. Em 19 de outubro de 1512, Lutero conclui o doutorado em Teologia e, em 21 de outubro do mesmo ano, é "recebido no Senado da Faculdade Teológica" com o título de "Doutor em Bíblia". Logo em 1515, como vigário, é responsável por 11 monastérios.

As contestações

Durante o período em que esteve à frente de monastérios, estudou grego e hebraico, o que o fez mergulhar ainda mais nas pesquisas sobre as Escrituras. Mais tarde, toda essa preparação vai se revelar importante, quando decide propor sua tradução para a bíblia. Além dos trabalhos acadêmicos, Lutero ainda atuava como pregador e confessor na Igreja de Santa Maria, na cidade, e na Igreja do Castelo de Wittenberg. Em 1510, é chamado a Roma. É a partir dessa ida e das experiências na atuação nas igrejas que o jovem sacerdote se dá conta de alguns problemas. O mais marcante deles é o oferecimento de indulgências aos fiéis.

As indulgências se solidificam no mesmo período em que há o empoderamento e enriquecimento dos monastérios. Como as pessoas se viam atormentadas pela necessidade de salvação, a Igreja oferecia a oportunidade de que se realizassem ações para assim se apagarem os pecados cometidos. Tais ações seriam desde doações financeiras até concessões de terras à Igreja. Na prática da confissão, Lutero viu que as pessoas passaram a valorizar muito mais as indulgências do que a própria penitência advinda do sacramento confessional. A Igreja, mesmo ciente do que ocorria, se omitia, porque era conveniente receber as indulgências.

É esse contexto que leva Lutero a proferir os sermões contra as indulgências em 1516 e 1517, ano em que é atribuída a ele a fixação das 95 teses, que traz ainda outras contestações à Igreja da época, na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. Seria uma intenção de, dentro do método da escolástica, promover um debate acerca de seus questionamentos. Recentemente, em palestra promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, o teólogo e pesquisador da Escola Superior de Teologia - EST Walter Altmann[3] destacou que esse ato, hoje, é questionado por historiadores, pois Lutero já teria tornado públicos os seus argumentos numa correspondência a seu superior. "Sim, é um ato importante, mas qual o significado de publicar essas teses numa sociedade onde a maioria não sabia ler?", questiona o teólogo durante a confe-

3 Walter Altmann é Teólogo pela Escola Superior em Teologia, doutor em teologia sistemática pela Universidade de Hamburgo, Alemanha. Atualmente é professor pesquisador da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo. No campo da Teologia, atua com os temas de ecumenismo, teologia e teologia latino-americana, teologia da libertação e ética. Foi pastor-presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB, entre 2002 e 2010, moderador do Conselho Mundial de Igrejas, entre 2006 e 2013. Possui inúmeras publicações, entre as quais destacamos o seu recente livro, *Lutero e Libertação* (São Leopoldo: Sinodal, 2016), que também foi traduzido para o inglês e lançado nos Estados Unidos. Leia mais sobre a referida conferência promovida pelo IHU em http://bit.ly/2yaVMxN. (Nota da **IHU On-Line**)

rência realizada em agosto.

De qualquer forma, o que fica claro é que Lutero condenava a avareza e o paganismo na Igreja como um abuso e pedia um debate teológico sobre o significado das indulgências. No período, a imprensa já existia e a tradição de divulgação de ideais impressos se propagava. As Teses acabaram logo traduzidas para o alemão e amplamente copiadas e impressas. Em poucas semanas, já haviam sido espalhadas por toda a Alemanha e, em dois meses, por toda a Europa. Este foi o primeiro episódio da História em que a imprensa teve papel fundamental, pois facilitou a distribuição simples e ampla do documento.

A reação da Igreja

Lutero não chega a dirigir suas críticas à pessoa do papa e, num primeiro momento, Leão X[4] dá pouco crédito às contestações do monge. Entretanto, em 1518, determina que um professor de teologia dominicano investigue o assunto, o qual acaba denunciando Lutero por oposição ao pontífice. Suas teses são contestadas, sua postura é condenada como herética e a autoridade papal é referendada. O monge contesta todos os argumentos e acusações, iniciando assim uma discussão que culminaria em excomunhão.

Em meio a todo esse debate, Lutero brada na convenção dos Agostinianos em Heidelberg sua tese sobre a escravidão do homem ao pecado e a graça divina. Para ele, era preciso voltar ao Evangelho e perceber que Cristo morreu para que todos fossem libertos do pecado, tendo a graça divina ao alcance de todos, sendo essa uma concessão de Deus e vinculada aos sacrifícios ou indulgências. Isso o leva a questionar diretamente a autoridade do papa. São as chamadas doutrinas de "Tesouraria da Igreja" e "Tesouraria dos Merecimentos", que serviam para reforçar a doutrina e venda das indulgências, baseadas na bula papal "Unigenitus", de 1343, do Papa Clemente VI[5].

Lutero acaba qualificado como herético e é chamado a Roma. Por motivos políticos, não responde ao chamado, nega o papado e pede a realização de um concílio. Ainda com a intenção de manter relações com o protetor de Lutero, Frederico, o Sábio[6], o papa engendra uma tentativa final de solução pacífica para o conflito. Uma conferência com o representante papal Karl von Miltitz[7] em Altenburg, em janeiro de 1519, leva Lutero a decidir guardar silêncio, tal qual seus opositores. Também teve de escrever uma carta ao papa e compôs um tratado demonstrando suas opiniões sobre a Igreja Católica. A carta nunca chegou a ser enviada, pois não continha nenhuma retratação; e, no tratado que compôs mais tarde, negou qualquer efeito das indulgências no Purgatório.

A cisão

Sem a menor possibilidade de cessar o conflito, os escritos luteranos chegam à França, Inglaterra e Itália, em 1519. Uma legião de estudantes seguia para Wittenberg para escutar Lutero. Ele desenvolveu doutrinas próprias, entre as quais, a de ter ampliado o significado da Eucaristia. Por volta de 1520, Lutero mantinha con-

4 **Papa Leão X** (1475-1521): Papa católico durante a Reforma Protestante. Nascido *Giovanni di Lorenzo de' Medici*, foi o último não sacerdote a ser eleito Papa. (Nota da **IHU On-line**)

5 **Papa Clemente VI** (1291-1352): nascido Pierre Roger, O.S.B, foi Papa (o quarto do Papado de Avinhão) e teve o seu pontificado de 7 de maio de 1342 até a data da sua morte. Era Monge Beneditino. Tal como seus antecessores, eram dedicados às causas francesas. Em 1347 canonizou Santo Ivo (1253-1293), patrono dos advogados, procuradores, juízes, juristas, notários, órfãos e abandonados. A 20 de outubro de 1349 proibiu os flagelantes, uma seita da zona do Reno que emergiu na altura da Peste Negra. Sobreviveu a esta epidemia, primeiro seguindo os conselhos dos seus médicos de se rodear de piras, e depois retirando-se para o campo, perto de Avinhão. Escreveu a bula 'Unigenitus' (27 de janeiro de 1343), para justificar o poder papal e a concessão de indulgências. Este documento foi usado na defesa das indulgências muitos anos depois, quando Martinho Lutero afixou as suas 95 teses em Wittenberg, em 1517. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Frederico III** (1463-1525): também conhecido como Frederico, o Sábio, foi o Príncipe-eleitor da Saxónia entre 1486 e 1525. Em 1502 ele fundou a Universidade de Wittenberg, onde Martinho Lutero e Melanchthon ensinaram. Ele foi também o candidato do papa Leão X para santo imperador romano em 1519, mas ajudou a eleger Carlos V. Frederico conseguiu a isenção da Saxónia do Édito de Worms e assegurou que Lutero fosse ouvido perante a Dieta de Worms em 1521. Ele protegeu Lutero do imperador e do papa ao ordenar que o abrigassem no castelo de Wartburg após a Dieta de Worms. Frederico teve, no entanto, pouco contato pessoal com Lutero, tendo permanecido católico romano. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Karl von Miltitz** (1490-1529): era um núncio papal e um cânone da catedral de Mainz. Em 15 de outubro de 1518, Miltitz foi nomeado núncio para entregar a rosa ao eleitor. Ele se encontrou com Lutero em Altenburg em 5-6 de janeiro de 1519 e negociou uma tentativa de acordo para a controvérsia: Lutero permaneceria em silêncio sobre a questão da indulgência, escreveria uma carta conciliadora ao Papa e escreveria e publicaria um tratado de apoio à autoridade papal. O silêncio de Lutero dependia do silêncio de seus oponentes; Johann Tetzel e Albert de Mainz seriam disciplinados, e Lutero foi autorizado por Miltitz a deixar claro que não iria retrair sua posição. As reuniões posteriores de Miltitz com Lutero em Liebenwerda (outubro de 1519) e em Lichtenburg, perto de Wittenberg (outubro de 1520), foram infrutíferas. Com suas declarações no Debate de Leipzig em 1519 e os três tratados para a nobreza cristã da Nação alemã, sobre o cativeiro babilônico da Igreja e sobre a liberdade de um cristão, todos publicados em 1520, Lutero destruiu toda esperança de reconciliação. Miltitz investigou a conduta de Tetzel e o acusou de perpetrar numerosas fraudes e desvalorizações. Miltitz foi mais tarde desacreditado até o ponto de suas reivindicações não possuírem peso histórico. (Nota da **IHU On-Line**)

tato com humanistas, entre eles, Melanchthon[8], Reuchlin[9] e Erasmo de Roterdã[10], que queriam mantê-lo sob sua proteção, convidando-o para seus castelos na eventualidade de não ser seguro para ele permanecer na Saxônia, em virtude da proscrição papal.

Enquanto isso, a cisão ia se fazendo praticamente inevitável. Em 15 de junho de 1520, o papa adverte Lutero, com a bula "Exsurge Domine", documento apostólico que o ameaçava com a excomunhão se em 70 dias não repudiasse sua doutrina. No mês de outubro do mesmo ano, Lutero envia seu escrito "A Liberdade de um Cristão" ao papa, em que, além de voltar a negar o pontífice, diz que não era preciso se curvar às leis para compreender a palavra de Deus. A cisão efetivamente se dá quando, em 12 de dezembro, Lutero queima a bula, que já tinha expirado há 120 dias, e o decreto papal de Wittenberg. O papa Leão X responde com a excomunhão de Lutero em 3 de janeiro de 1521, na bula "Decet Romanum Pontificem".

Dieta de Worms, exílio e a Reforma

O Imperador Carlos V[11] inaugura a Dieta real em 22 de janeiro de 1521, chamando Lutero a renunciar ou confirmar seus ditos. Em 16 de abril, Lutero se apresenta e diz que só volta atrás mediante provas, com base nas Escrituras, de que seus argumentos são infundados. Assim, o imperador, em 25 de maio de 1521, declara Martinho Lutero fugitivo e herege, proscrevendo suas obras. Vale ressaltar a imensa associação entre poder espiritual e temporal no período medieval. Assim, insurgindo-se contra a autoridade do papa e da Igreja, Lutero também se insurge contra os códigos civis.

Em viagem de volta da Dieta de Worms, Lutero é sequestrado e levado ao Castelo de Wartburg, em Eisenach, onde permanece por cerca de um ano. Deixa crescer a barba e toma as vestes de um cavaleiro, assumindo o pseudônimo de Jörg. Durante esse período de retiro forçado, Lutero trabalha na sua célebre tradução da Bíblia para o alemão. Também produz outros escritos, prepara a primeira parte de seu Guia para Párocos e "Von der Beichte" (Sobre a Confissão), em que nega a obrigatoriedade da confissão, e admite como saudável a confissão privada voluntária. Em 6 de março de 1522, volta em segredo a Wittenberg, onde trabalha na sua cuidadosa Reforma.

Em abril de 1523, Lutero ajuda 12 freiras a escaparem do cativeiro no Convento de Nimbschen. Entre elas está Catarina von Bora, com quem Lutero se casa dois anos depois. Com ela tem seis filhos. O casamento de Lutero com a ex-freira incentivou a união de outros religiosos que haviam adotado a Reforma. Foi um rompimento definitivo com a Igreja Romana.

O ex-monge agostiniano Martinho Lutero teve morte natural, embora, entre seus

8 **Philipp Melanchthon** (1497-1560): foi um reformador, astrólogo e astrônomo alemão. Colaborador de Lutero, redigiu a "Confissão de Augsburgo" (1530) e converteu-se no principal líder do luteranismo após a morte de Lutero. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Johann Reuchlin** (1455-1522): foi um humanista alemão e professor de grego e hebraico, sendo uma das maiores referências do ensino desses idiomas em sua época. Foi lido e estudado posteriormente por historiadores como Ludwig Geiger. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmo cursou o seminário com os monges agostinianos e realizou os votos monásticos aos 25 anos, vivendo como tal, sendo um grande crítico da vida monástica e das características que julgava negativas na Igreja Católica. Optou por uma vida de acadêmico independente - independente de país, independente de laços acadêmicos, de lealdade religiosa - e de tudo que pudesse interferir com a sua liberdade intelectual e a sua expressão literária. Nesse ano em que se comemora os 500 anos da Reforma, o IHU vem publicando uma série de textos sobre Erasmo e Lutero. Entre eles *Lutero e Erasmo, a gênese de um diálogo fracassado*, disponível em http://bit.ly/2y4y9Yw. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Carlos V e I** (1500-1558): foi o Sacro Imperador Romano-Germânico como Carlos V a partir de 1519 e Rei da Espanha como Carlos I de 1516 até sua abdicação em favor de seu irmão mais novo Fernando I no império e seu filho Filipe II na Espanha. Carlos era o herdeiro de três das principais dinastias europeias: a Casa de Habsburgo da Monarquia de Habsburgo, a Casa de Valois-Borgonha dos Países Baixos Borgonheses e a Casa de Trastâmara das coroas de Aragão e Castela. Ele governou vastos domínios na Europa central, oriental e do sul, além das colônias espanholas nas Américas. Como o primeiro monarca a governar Castela, Leão e Aragão simultaneamente, ele se tornou o primeiro Rei da Espanha. Carlos tornou-se imperador em 1519. A partir de então seu império cobria mais de quatro milhões de quilômetros quadrados pela Europa, Oriente e Américas. Grande parte de seu reinado foi dedicado às guerras italianas contra a França, sendo militarmente bem-sucedidas apesar dos enormes gastos, levando à criação do primeiro exército profissional europeu: o Terço. Além de suas realizações militares, Carlos é mais conhecido por seu papel contra a Reforma Protestante. Vários príncipes germânicos abandonaram a Igreja Católica e formaram a Liga de Esmalcalda para poder desafiarem a autoridade de Carlos com força militar. Não desejando que guerras religiosas chegassem em seus domínios, ele forçou a convocação do Concílio de Trento que iniciou a Contrarreforma. A Companhia de Jesus foi estabelecida por Inácio de Loyola durante seu reinado para combater o protestantismo de forma pacífica e intelectual. No Novo Mundo a Espanha conquistou os astecas do México e os incas do Peru, estendendo seu controle por grande parte da América Central e do Sul. Carlos abdicou em 1556 de todos os seus títulos. A Monarquia de Habsburgo passou para seu irmão Fernando, enquanto o Império Espanhol ficou com seu filho Filipe. Os dois impérios permaneceriam aliados até o século XVIII. Carlos tinha apenas 54 anos na época de sua abdicação, porém estava fisicamente exausto depois de governar energicamente por 34 anos e procurou paz de um monastério, onde morreu dois anos depois. (Nota da **IHU On-Line**)

biógrafos, não haja um consenso acerca da causa da sua morte, em Eisleben, no ano de 1546.

As contradições de Lutero

O pensamento de Lutero representa um rompimento de uma lógica do medievo, inaugurando assim o que hoje se considera um pensamento moderno. "Aquele 31 de outubro de 1517 marcou a fratura decisiva entre as épocas que definimos Idade Média e Idade Moderna, e que poderíamos mais concretamente definir, respectivamente, como a idade dos vivos a serviço dos mortos e a idade dos vivos que começam a se libertar do peso dos mortos", define Franco Cardini, professor do Istituto Italiano di Scienze Umane - SUM, ao analisar o pensamento luterano, em artigo reproduzido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU[12]. "É difícil definir com tanta síntese lúcida o que é a Modernidade: que começa a partir do momento em que o homem ocidental (que ainda é um homem cristão) descobre a sua absoluta liberdade individual; mas, como cristão, é forçado a associá-la imediatamente, profundissimamente, à sua escravidão em relação à Onipotência divina", completa.

Walter Altmann, na conferência que realizou em agosto no IHU, destaca que a Reforma é algo a comemorar, e não a celebrar. "A Federação Luterana Mundial, inclusive, decidiu explicitamente usar a palavra comemoração, e não celebração e muito menos jubileu. Essas palavras até têm sido usadas, mas elas nos tornam ufanistas demais", explica. Isso porque há outras perspectivas do pensamento de Lutero que revelam suas contradições. Entre elas, os conflitos com outros protestantes e o rompimento com muitos deles, entre eles Erasmo.

O episódio da Reforma também é associado a conflitos sangrentos, como a Guerra dos Camponeses (1524-1525)[13]. Revoltas de camponeses já tinham existido em pequena escala em Flandres (1321-1323), na França (1358), na Inglaterra (1381-1388), durante as guerras hussitas do século XV, e muitas outras até o século XVIII. Mas muitos camponeses julgaram que os ataques verbais de Lutero à Igreja e sua hierarquia significavam que os reformadores iriam igualmente apoiar um ataque armado à hierarquia social. Supunham isso por causa dos fortes laços entre a nobreza hereditária e os líderes da Igreja que Lutero condenava.

Entretanto, não foi o que houve. Walter Altmann lembra que Lutero tinha uma visão apocalíptica e, por vezes, dramática. Preocupado com o caos que poderia se instaurar com a revolta camponesa, acaba se associando aos príncipes que, de forma sangrenta, suprimem os revoltosos. "Ele se punha como interlocutor dos camponeses, mas, com medo do que pudesse ocorrer, acaba se associando aos príncipes", explica Altmann. Em 1522, Thomas Münzer[14], até então um de seus seguidores, comanda massas camponesas contra a nobreza imperial. Lutero, que defendia a existência de "senhores e servos" como vontade divina, classifica Müntzer como um dos "profetas do assassínio".

Dentro do movimento reformista, Lutero também questionou outro de seus seguidores, o teólogo João Calvino[15]. Enquanto

12 Confira o artigo *Lutero, o "desbravador" da Modernidade*, de Franco Cardini, reproduzido nas Notícias do dia de 20-8-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2zb7I18. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Guerra dos Camponeses:** foi uma revolta popular generalizada nos países da língua alemã na Europa Central, entre 1524-1525. Falhou por causa da intensa oposição da aristocracia, que abateu até 100 mil dos 300 mil camponeses e agricultores mal armados e mal conduzidos. Os sobreviventes foram multados e obtiveram poucos ou nenhum de seus objetivos. A guerra consistia, como o movimento precedente Bundschuh e as Guerras Hussitas, em uma série de revoltas econômicas e religiosas em que os camponeses e agricultores, muitas vezes apoiados por membros do clero protestante, assumiram a liderança. A Guerra dos Camponeses Alemães foi a maior e mais generalizada revolta popular da Europa antes da Revolução Francesa de 1789. A luta chegou ao auge na primavera e no verão de 1525. A guerra começou com revoltas separadas, começando na parte sudoeste do que é hoje a Alemanha e a vizinha Alsácia, e se espalhou em insurreições subsequentes às regiões central e oriental da Alemanha e atual Áustria. Após o levante na Alemanha ser suprimido, ele brilhou brevemente em vários cantões suíços. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Thomas Muentzer** (ou Müntzer, Münzer) (1489-1525): sacerdote do início da Reforma Protestante. Foi ordenado padre em 1513, tendo sido feito padre de São Miguel em Braunschweig, em maio de 1514. Juntou-se à Reforma de Martinho Lutero, tendo-se tornado pastor em Zwickau, em 1520, por recomendação de Lutero. Lutero, no entanto, não foi tão longe como Muentzer, que cortou relações em 1521 por divergências quanto ao batismo de crianças, entre outros assuntos, tendo fundado a sua própria seita religiosa. Por esta razão, Muentzer é considerado um dos fundadores do Movimento Anabatista. No entanto, é questionável se ele próprio alguma vez foi "rebatizado". Foi expulso de Zwickau pelas autoridades em 1521. Em 1522, envolveu-se numa disputa com Lutero. Em 1523, casou-se com uma antiga freira e tornou-se o pastor de Allstadt, onde pregou até 1524., ano em que se tornou um dos líderes das revoltas que ficaram conhecidas como a Guerra dos Camponeses. Em 1515, ele liderou um grupo de cerca de 8000 camponeses na Batalha de Frankenhausen, convencido que Deus iria intervir do seu lado. Muentzer foi capturado e aprisionado. Sob tortura ele abjurou o protestantismo para não ser queimado, sendo decapitado em 27 de maio de 1525. O livro mencionado pelo entrevistado é *Thomas Münzer: teólogo da revolução*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1963. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de

Lutero queria reformar a Igreja Católica, Calvino acreditava que a Igreja estava tão degenerada que não havia como reformá-la, sendo inevitável uma nova Igreja. Altmann diz que não se pode perder de vista o caráter humano de Martinho Lutero. "Era um pecador como qualquer outro, com suas falhas", reitera. Revolucionário no seu tempo, o monge também era questionador e tinha personalidade forte. Características que o colocavam em divergências com os próprios reformistas. É o caso, por exemplo, dos conflitos que acabou tendo com Münzer, Calvino, os anabatistas, além de judeus e muçulmanos. Conflitos que não se dão apenas no aspecto da religião, mas também no espaço político. ■

Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africânderes), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da **IHU On-Line** intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista,* disponível em http://bit.ly/1oBIrpn. (Nota da **IHU On-Line**)

Referências

ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação.* São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994.

DREHER, Martin. *De Luder a Lutero: uma biografia.* São Leopoldo, RS: Sinodal, 2014.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente.* São Paulo: Brasiliense, 2001.

GREINER, Albert. *Lutero: ensaio biográfico.* São Leopoldo, RS: Sinodal, 1983.

LAU, Franz. *Lutero.* São Leopoldo, RS: Sinodal, 1982.

LUTHER, Martin (tradução Leonidas Boutin e Heinz Soboll). *Da Liberdade Cristã.* São Leopoldo, RS: Sinodal, 1959.

Leia mais

Ao longo deste ano, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU vem publicando, na seção Notícias do Dia de seu sítio, uma série de textos acerca de Lutero e dos 500 anos da Reforma. Confira alguns destaques.

Para mais notícias, acesse ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias.

- **O desafio de compreender Lutero e a reforma 500 anos depois**, disponível em http://bit.ly/2yaVMxN.

- **Lutero e Erasmo, a gênese de um diálogo fracassado**, disponível em http://bit.ly/2y4y9Yw.

- **Quando Lutero era católico**, disponível em http://bit.ly/2y7I118.

- **"Não é possível compreender a Europa de hoje sem a Reforma do século XVI e a figura de Lutero"**, disponível em http://bit.ly/2za3F4X.

- **Lutero. A Reforma e os paradoxos do mundo moderno**, disponível em http://bit.ly/2yzimS8.

- **Lutero, o "desbravador" da Modernidade**, disponível em http://bit.ly/2zb7I18.

- **Erasmo: nem com Roma, nem com Lutero. Artigo de Massimo Firpo**, disponível em http://bit.ly/2fWFXRG.

- **Federação Luterana Mundial e os 500 anos da Reforma: perscrutando o futuro de Deus**, disponível em http://bit.ly/2g5hvB9.

- **Papa e luteranos: esperança comum e superação dos conflitos**, disponível em http://bit.ly/2yTJ4Rs.

- **Lutero e Inácio de Loyola mudaram o cristianismo do século XVI**, disponível em http://bit.ly/2g5SnKx.

- **Foi Martinho Lutero o "tuitador" cristão original?**, disponível em http://bit.ly/2xrDoC5.

- **Herdeira da Reforma Protestante, Igreja Luterana na Alemanha ordena mulheres e abre caminho para casamento gay**, disponível em http://bit.ly/2gnTouv.

- **Um selo vaticano para reabilitar Lutero**, disponível em http://bit.ly/2gpvxdX.

- **2017: Do Conflito à Comunhão?**, disponível em http://bit.ly/2yAw6fl.

- **O Lutero católico. Artigo de Carlo Molari**, disponível em http://bit.ly/2fWZZuZ.

- **A comemoração dos 500 anos da Reforma: um aniversário em comunhão. Artigo de Kurt Koch**, disponível em http://bit.ly/2kxza5Q.

- **Francisco. 500 anos de Lutero: devemos olhar o passado sem rancores**, disponível em http://bit.ly/2xrxCR3.

- **Os dominicanos e Lutero**, disponível em http://bit.ly/2xryBRf.

- **A Santa Sé reconhece Lutero como "uma testemunha do Evangelho"**, disponível em http://bit.ly/2xtkxqe.

- **Reforma, ecumenismo, futuro da igreja**, disponível em http://bit.ly/2xtp8nF.

Liberdade: chave para a teologia luterana

Elaine Neuenfeldt destaca a "ênfase na liberdade e graça acolhedora de Deus" num protestantismo que deve aceitar todos, independentemente de gênero, classe social ou etnia

Márcia Junges | Edição: João Vitor Santos

O conceito de liberdade é evocado por muitos como básico para se compreender a teologia concebida a partir de Martinho Lutero. "Mas esta liberdade é da pessoa cristã, e não liberdade de indivíduos. Os reformadores não defendiam o que nós conhecemos hoje como liberdade de consciência, no sentido de liberdades de sujeitos individuais", explica a teóloga feminista Elaine Neuenfeldt. "Os reformadores estavam preocupados com a liberdade dada pela fé cristã", completa. E é dessa mesma liberdade que se dá outra chave para compreender o papel ocupado pelas mulheres, pois, como destaca a professora, não há uma doutrina concebida de forma diferente para cada gênero. "A graça, que é presente de Deus a partir da fé, é concedida a pessoas, independentemente de seu gênero", reforça.

Entretanto, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Eliane reconhece que ainda há muito o que fazer, pois experiência de reformadoras femininas ainda está "escondida entre as sombras da história, precisando esforço e criatividade para descobrir onde estão as mulheres, quais papéis desempenharam, quais contribuições para o movimento". Assim, vê as comemorações como mais uma oportunidade para movimentos de inclusão. "Recordar as mulheres do passado, implica, necessariamente, num movimento de deslocamento do lugar atribuído às mulheres no presente. Conhecer criticamente a nossa história é fundamental para que a nossa percepção e análise da realidade, tanto social, política, econômica, e eclesial sejam igualmente permeadas por perguntas pelos sujeitos invisibilizados, mas que tiveram papel fundamental ".

Elaine Neuenfeldt possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia – EST, e mestrado e doutorado em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação – IEPG. É pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, secretária -executiva da Secretaria de Mulheres na Igreja e na Sociedade, da Federação Luterana Mundial – FLM. Entre suas publicações, destacamos *The LWF Gender Justice Policy,* disponível em http://bit.ly/2yITdn1, *The Participation of Women in the Ordained Ministry and Leadership in LWF Member Churches. A baseline assessment in LWF member churches* (disponível em http://bit.ly/2gDjoVP) e *Gender Justice: challenging gender roles and fighting GBV* (In: Religion and development. Dialogue on gender rights and sensitive issues. NORAD & UNFPA, Oslo, 2016).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como compreender o espaço da mulher no cristianismo?

Elaine Neuenfeldt – Na verdade, esta é uma pergunta bem ampla – o espaço das mulheres no cristianismo é diverso e plural, assim como o cristianismo é diverso e plural. Há uma pluralidade de manifestações do cristianismo, e o lugar que as mulheres ocupam nestas manifestações obedece ao contexto e realidades nas quais estas se expressam. Há formas de entender o cristianismo que restringem a posição das mulheres

“Uma hermenêutica crítica e libertadora de textos bíblicos é fundamental”

à subordinação, especificamente ao homem, usando aqui especialmente a interpretação do texto sagrado – a Bíblia como fundamento desta subordinação. O texto da criação é a fonte primeira deste entendimento, pois se ancora no texto onde o homem é criado primeiro e a mulher depois, como gerador de uma hierarquia, onde o homem é criado à imagem de Deus e a mulher, à imagem do homem. Esta, em traços bem gerais, é uma possibilidade.

Outra possibilidade é entender o cristianismo como expressão orientadora de igualdade e justiça entre os seres humanos. Uma hermenêutica crítica e libertadora de textos bíblicos é fundamental para este entendimento. O texto sagrado, nesta perspectiva, apresenta uma narrativa de igualdade, onde o relato da criação traz o princípio básico da *imago dei* – ou seja, o ser humano é criado à imagem e semelhança do divino – homem e mulher são criados em igualdade e semelhança a Deus.

Em Jesus Cristo, sua prática e vivência é outro critério para falar do lugar da mulher no cristianismo. Os relatos nos evangelhos trazem narrativas de ações protagonizadas por mulheres na história da salvação. A relação de Jesus com as mulheres que participam da caminhada na Palestina daquele tempo é de diálogo e respeito. Jesus quebra com modelos de exclusão e discriminatórios, que relegavam mulheres a pessoas de segunda categoria. As mulheres são recebidas por Jesus, caminham com ele, dialogam, atuam como sujeitos e interagem com seus ensinamentos.

Um dos momentos máximos desta valorização das mulheres e de ruptura com o modelo patriarcal, que na minha opinião há nos evangelhos, é a história da ressurreição. Jesus aparece para uma mulher, Maria Madalena[1], e com isso ela se torna a anunciadora da ressurreição. Esta é uma história que, de acordo com as pesquisas de interpretação bíblica, coloca mulheres nos círculos de discipulado de Jesus. Esta possibilidade é corroborada com as diversas menções do papel das mulheres nos textos posteriores do Novo Testamento: mulheres aparecem nos Atos dos Apóstolos e nas cartas paulinas em posições ativas de participação e liderança das primeiras comunidades. Basta lembrar de Romanos 16, por exemplo, onde uma extensiva lista de mulheres é citada em diferentes ministérios e funções, de serviço e liderança nas comunidades.

IHU On-Line – Quais são as proposições luteranas mais importantes para a questão da liberdade do sujeito e, mais especificamente, da mulher?

Elaine Neuenfeldt – Liberdade é o termo chave da Reforma. Mas esta liberdade é da pessoa cristã, e não liberdade de indivíduos. Os reformadores não defendiam o que nós conhecemos hoje como liberdade de consciência, no sentido de liberdades de sujeitos individuais. Eles só reconheciam a consciência enquanto liberta pela Palavra de Deus, que era autoridade máxima.

Os reformadores estavam preocupados com a liberdade dada pela fé cristã – esta liberdade é o que faz a pessoa se relacionar com Deus, como filhos e filhas de Deus. Para Lutero, não havia liberdade isolada da fé. O aspecto da liberdade pessoal, tão importante para nós hoje em dia não era o que regia a conversa na época da reforma. Liberdade cristã significa a liberdade do pecado, uma vida de acordo com a vontade de Deus.

E aqui reside o diferencial para as mulheres – não há doutrina específica para homens e outra para mulheres. A graça, que é presente de Deus a partir da fé, é concedida a pessoas, independentemente de seu gênero. Claro que Lutero ainda tem rasgos em sua teologia que seguem as estruturas sociais, patriarcais da época. Não vamos encontrar, por exemplo, referência a um ministério ordenado de mulheres. Estas práticas e desenvolvimentos teológicos são posteriores, como muitas outras na teologia luterana. Entenderíamos, então, que a teologia luterana contextualizada nos tempos atuais nos ajuda a articular a fé, com ênfase na liberdade e graça acolhedora de Deus, que é ofertada a todas as pessoas, independentemente de seu status social, de sua identidade sexual e de gênero.

1 **Maria Madalena**: é descrita no Novo Testamento como uma das discípulas mais dedicadas de Jesus Cristo. É considerada santa pelas diversas denominações cristãs e sua festa é celebrada no dia 22 de julho. Segundo relatos evangélicos, é ela quem encontra o sepulcro vazio e se depara com o Cristo ressurreto, de quem recebe a missão de anunciar a sua ressurreição. O nome de Maria Madalena a descreve como sendo natural de Magdala, cidade localizada na costa ocidental do Mar da Galileia. A **IHU On-Line** número 489, de 18-7-2016, intitulada *Maria de Magdala. Apóstola dos Apóstolos* se dedica analisar a história de Madalena e seu papel para o cristianismo. Acesse a edição em http://bit.ly/2yCiXlP. (Nota da **IHU On-Line**)

"Os relatos nos evangelhos trazem narrativas de ações protagonizadas por mulheres na história da salvação"

IHU On-Line – Qual é o papel das mulheres na Reforma Luterana?

Elaine Neuenfeldt – Quero começar trazendo uma imagem: aqui em Genebra, na Universidade de Genebra, fundada por Calvino[2], há um muro em homenagem aos reformadores – todas as figuras representadas neste muro são homens. Há espaço para Zwingli[3] e Lutero. Bem ao lado, muitas vezes coberto por galhos, encontra-se o nome de uma mulher: Marie Dentière[4].

Esta referência a esta mulher reformadora é paradigmática para tratar das experiências das mulheres com a Reforma: escondida entre as sombras da história, precisando esforço e criatividade para descobrir onde estão as mulheres, quais papéis desempenharam, quais contribuições para o movimento da reforma. Marie Dentière é exemplo de uma das reformadoras que fomos descobrindo neste processo de comemorar 500 anos. Ela atuou junto com Calvino, em Genebra. Dedicou-se aos estudos da sagrada escritura, e traduziu parte de textos bíblicos. Também escreveu sobre as mulheres testemunhas da ressurreição: "se Deus deu então a graça a algumas boas mulheres, revelando-lhes, pelas Santas Escrituras, algo santo e bom, não ousariam elas escrever, falar e declará-lo uma à outra? Ah! Seria uma audácia pretender impedi-las de fazê-lo. Quanto a nós, seria muita tolice esconder o talento que Deus nos deu".

Mulheres participaram ativamente da reforma. Umas, por serem filhas da nobreza, apoiavam o movimento economicamente. Outras, por terem tido a chance de estudar e estar reclusas na vida monástica, ao abandonar e integrar-se à reforma, eram formadas em teologia e, por isso, participaram das elaborações teóricas, teológicas do movimento. Assim temos nomes como Argula von Grumbach[5], Katharina Zell[6], Elisabeth von Rochlitz[7], Olimpia Morata[8] (na Itália)[9].

Muito pouco se conhecia destas mulheres. Foram necessários 500 anos para que descobríssemos a presença destas mulheres. Espero que não sejam necessários outros 500 para integrar o estudo de suas biografias e especialmente de sua teologia, nos currículos dos cursos de teologia, ou de história eclesiástica ou do pensamento religioso.

Visibilização distorcida

Outras vezes há ainda uma visibilização distorcida, como as que ficaram atrás das cortinas, nas cozinhas, como benfeitoras, ou como apoiadoras. Esta é uma visão que ainda é determinada pelas construções de gênero que temos hoje em dia. Ou seja, lê-se a história com as lentes carregadas, embaçadas pelos estereótipos de gênero que temos hoje em dia.

Recordar as mulheres do passado, implica, necessariamente, num movimento de deslocamento do lugar

2 **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africânderes), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da **IHU On-Line** intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista*, disponível em http://bit.ly/1oBIrpn. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Ulrico Zuínglio** (1484-1531): em alemão Huldreych, Huldreich ou Ulrich Zwingli, foi um teólogo suíço e principal líder da Reforma Protestante na Suíça. Zuínglio foi o líder da reforma suíça e fundador das igrejas reformadas suíças. Independentemente de Martinho Lutero, que era doctor biblicus, Zuínglio chegou a conclusões semelhantes pelo estudo das escrituras do ponto de vista de um erudito humanista. Zuínglio não deixou uma igreja organizada, mas as suas doutrinas influenciaram as confissões calvinistas. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Marie Dentière** (1495-1561): reformadora protestante e teóloga genovense. Ela desempenhou um papel ativo na religião e na política de Genebra, no fechamento dos conventos de Genebra e na pregação com reformadores como João Calvino e William Farel. Além dos escritos sobre a Reforma, os escritos de Dentière parecem ser uma defesa e propagação da perspectiva feminina no mundo em rápida mutação. Seu segundo marido, Antoine Froment, também atuou na reforma. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Argula von Grumbach** (1492-1554): era uma nobre bávara que, a partir do início da década de 1520, se envolveu nos debates da Reforma Protestante na Alemanha. Ela se tornou a primeira escritora protestante, publicando cartas e poemas promovendo e defendendo Martinho Lutero, bem como seu colega de trabalho Philipp Melanchthon e outros grupos protestantes. Ela é mais conhecida por desafiar diretamente a faculdade da Universidade de Ingolstadt quando escreveu uma carta a eles falando contra a prisão de um aluno luterano. Como uma das poucas mulheres na época abertamente falando em seus pontos de vista, seus escritos provocaram controvérsia e muitas vezes se tornaram best-sellers, com dezenas de milhares de cópias de suas letras e poemas circulando dentro de alguns anos de sua publicação. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Katharina Schütz Zell** (1497-1562): teóloga e pregadora protestante, era filha de Elisabeth Gerster e Jakob Schütz, mestre carpinteiro que fazia parte do Conselho da cidade. Katharina aprendeu a ler e a escrever quando ainda não havia escolas públicas organizadas, mas em casas-escola, onde professores ministravam aulas para meninas e meninos. Começou muito jovem a ler a Bíblia e tinha muitas perguntas que envolviam a vida religiosa, embora a prática da leitura da Bíblia não era apoiada pela hierarquia eclesiástica da época. Ela não viveu no convento, algo que era comum na vida de muitas mulheres. O primeiro grande ato de rebelião contra a sociedade do seu tempo foi casar-se com um homem do clero, o sacerdote Matthäus Zell. Com o casamento, Matthäus Zell foi excomungado da Igreja Católica. Katharina defendeu a diversidade do movimento da Reforma, opondo-se a radicalismos e exclusivismos. É considerada a primeira pregadora do movimento da Reforma Protestante, teóloga, mãe na fé, defensora dos princípios protestantes. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Elisabeth de Hesse** (1502-1557): foi uma princesa hessiana e sucessora hereditária da Saxônia. Após a morte de seu marido, o príncipe hereditário John of Saxony, ela administrou Wittum, os escritórios saxões Rochlitz e Kriebstein, bem como outras posses, independentemente, o que lhe valeu o apelido de "Elisabeth von Rochlitz ". Em seu território, Elisabeth permitiu a doutrina luterana a partir de 1537, quando sua cunhada no resto da Saxônia ainda se agarrava estritamente ao catolicismo. No mesmo ano, seu irmão enviou-lhe o pregador protestante Johann Schiitz. Philip também apoiou a admissão de Elizabeth no Schmalkaldische Bund, a aliança dos príncipes protestantes. Como a única mulher nesta aliança, é considerada como "as mulheres mais eficazes da Era da Reforma". (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Olimpia Fulvia Morata** (1526-1555): foi estudiosa italiana, filha mais velha de um estudioso humanista, que, depois de ser forçado a fugir de sua cidade ao norte da Itália, palestrou sobre os ensinamentos de Calvino e Lutero. Olímpia floresceu em seus estudos, especialmente em latim e grego, exibindo erudição impecável. Ela escreveu diálogos em latim, poemas em grego e cartas tanto para estudiosos (em latim) quanto para mulheres menos escolarizadas (em italiano). Em seu "Diálogo entre Teófila e Filótima", ela encorajou aqueles que temiam que seus enormes pecados iriam obstruir seu caminho para Deus. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Para saber mais acesse os links http://bit.ly/2x-ZrUpQ, http://bit.ly/2yHcpjd e http://bit.ly/2gx9L-nV e o *recente livro lançado pela editora Sinodal, São Leopoldo: As mulheres na Reforma*, escrito pelas pastoras e doutoras Heloísa Gralow Dalferth e Claudete Beise Ulrich. (Nota da entrevistada)

atribuído às mulheres no presente. Conhecer criticamente a nossa história é fundamental para que a nossa percepção e análise da realidade, tanto social, política, econômica, e eclesial sejam igualmente permeadas por perguntas pelos sujeitos invisibilizados, encobertos, mas que tiveram papel fundamental no desenvolver dos fatos. Trazer à luz estes fatos e os sujeitos é fazer jus a uma grande parte da humanidade que muitas vezes não se sente refletida nos livros oficiais de história, na forma seletiva de narrar a história. Este é um movimento de inclusão e de justiça, que traz consequências positivas no papel que mulheres podem ter hoje em dia tanto na sociedade quanto na igreja.

IHU On-Line – Qual é a importância das mulheres no luteranismo hoje? Quais são os limites e desafios ainda enfrentados na ocupação de protagonismo na Igreja e na sociedade?

Elaine Neuenfeldt – As tradições e confessionalidades luteranas são diversas e plurais, de acordo aos contextos geográficos e culturais nos quais as igrejas estão inseridas. Vou me restringir à realidade da Comunhão de igrejas que se filiam à Federação Luterana Mundial – são 145 igrejas membro, com aproximadamente 74 milhões de pessoas cristãs, em 98 países[10].

Na Comunhão Luterana (FLM) há uma maioria de igrejas que integra mulheres no ministério ordenado pastoral, da palavra e sacramentos: mais de 80%. Há igrejas que consagram mulheres nas funções de bispas e ou presidentes, muitas ocupam funções de liderança como secretarias gerais, presidentes de sínodos ou assembleias gerais. Mulheres estudam teologia e são professoras de cursos de teologia, fazem estudos de pós-graduação e são ativas na produção de recursos e reflexões teológicos. Mas, apesar de todas estas manifestações de presença e participação de mulheres em cargos e funções de liderança, ainda há desafios a serem superados. Há uma minoria de igrejas que não ordena mulheres, e o desafio constante é trabalhar na superação de barreiras culturais e teológicas que impedem mulheres de ocupar espaços de liderança.

Outras vezes, quando mulheres são ordenadas pastoras e ocupam cargos de direção, como bispas e presidentas, há resistência e questionamentos da sua capacidade de liderar. Muitos destes questionamentos são baseados em argumentos culturais, que tardam em serem transformados. Mas aos poucos os câmbios podem ser percebidos. Outras vezes, os argumentos são bíblico-teológicos, e aqui reside um esforço que a teologia da reforma, a confessionalidade luterana tem de riqueza: o acesso à leitura e estudo da bíblia é para todas as pessoas crentes – todas pessoas são capacitadas em sacerdócio universal de fomentar a sua fé através do estudo das sagradas escrituras. A capacidade de interpretação usando métodos histórico-críticos e a inserção comunitária ajudam na superação de leituras fundamentalistas e fomentadoras de discriminação.

> "Os reformadores estavam preocupados com a liberdade dada pela fé cristã"

IHU On-Line – No que diz respeito às questões de gênero, quais são as grandes pautas atualmente na tradição ou doutrina, ou nas igrejas luteranas que precisam ser aprofundadas?

Elaine Neuenfeldt – O aspecto da graça que é a oferta e dom de Deus para todas as pessoas é uma das riquezas tão grandes e profundas da teologia luterana, que ainda foi pouco discutida desde uma perspectiva teológica feminista. A pergunta que precisa ser mais discutida é: se a salvação é graça e dom, quais são as implicações desta teologia para as mulheres, que estamos acostumadas a vencer na vida por méritos e provas de nossa capacidade nas mais diferentes áreas de conhecimento? Nos foi ensinado e sentimos no dia a dia, como mulheres, teólogas, pastoras, profissionais em todas e mais diferentes áreas, de que precisamos sempre dar o passo a mais, não só ser boas no que fazemos, temos que ser melhores, mais qualificadas, com mais formação, e ainda assim recebemos menor salário, somos menos promovidas, somos mais questionadas sobre o status de nossa vida familiar quando somos avaliadas em nossa performance de trabalho. Ora, onde está a graça nisso tudo? Onde e como mulheres vivem a graça de ser e do saber? Me parece que para aquelas que estamos inseridas nas igrejas que se fundamentam na teologia da reforma, com a propagação da graça e da liberdade como fundamento básico da fé, esta formulação teológica oferece argumentos para contrapor todo um arcabouço teórico e prático que se usa de méritos, da meritocracia para medir a fé, para qualificar o ser cristão.

Outra possibilidade que experimento como pastora e parte de uma igreja que se junta em comunhão luterana é a capacidade de ler e interpretar criticamente os textos sagrados. A leitura da bíblia e mais, uma interpretação contextualizada, pode muito bem ser exercício que se desdobra no contexto da Reforma Luterana. Lutero já dizia que há que se traduzir e interpretar textos sagrados olhando para boca das pessoas que andam nos mercados, e buscar palavras que fazem sentido, que são conhecidas das pessoas. Interpretações literalistas, fundamentalistas, podem ser desafiadas a partir do instrumental crítico que a teologia luterana nos fornece. O mesmo foco na importância e acesso a educação, tanto de meninos quanto de meninas, que Lutero insistia ser tarefa

10 Saiba mais em https://www.lutheranworld.org/content/about-lwf. (Nota da entrevistada)

das igrejas, pode ser relido como elemento fundamental que a teologia luterana pode dar para o pensamento teológico e para a articulação do papel das igrejas como interlocutoras do poder público e político no contexto atual.

Teologia e teorias de gênero

Não vejo nenhuma incompatibilidade entre ser pastora e teóloga luterana e usar o instrumental crítico das teorias de gênero. Pelo contrário, vejo problemas em usar esta ideia tão pouco crítica, tão cheia de intenções ideológicas não ditas, encobertas de posições que se utilizam da fé e religião para propagar a sua verdade única, tão cheia de si, que hoje se insere no que tem se chamado de "ideologia de gênero". Eu sempre deixo claro que o que me orienta na minha articulação teórica, teológica é a *Justiça* de gênero. Quem chama isso de ideologia tem que rever o que define e usa como justiça.

A FLM adotou em 2013, após amplo estudo e discussão, num processo participativo de todas as igrejas membros, em contextualizações regionalizadas, uma política de justiça de gênero. Nesta política se define justiça de gênero como:

> *Justiça de gênero implica na proteção e promoção da dignidade das mulheres e dos homens que, sendo criados na imagem de Deus, são corresponsáveis cuidadores da criação. A justiça de gênero se expressa através da igualdade e através do equilíbrio nas relações de poder entre homens e mulheres e na eliminação de sistemas institucionais, culturais e interpessoais de privilégio e opressão que sustentam discriminação.*

A teologia feminista e a perspectiva de justiça de gênero contribuem para as necessárias rupturas teológicas – afirmando uma igreja e teologia sempre em reforma ou em contínuo processo de reforma. A teologia feminista como base teórica e prática para trabalhar as injustiças de gênero vai necessariamente quebrar as hierarquias e ordens sagradas onde uma maioria de homens têm poder sobre todas as coisas, assim como Deus tem poder sobre, determinando limites e impondo o a *sua* vontade, lei e ordem, punindo e salvando.

O que estou reivindicando nesta celebração de 500 anos de Reforma protestante, resgatando as histórias e experiências das mulheres é uma teologia, uma igreja, uma prática de religião que dá sentido às nossas vidas fragmentadas, quebradas, doloridas, sofridas... Que contribua a transformar estruturas e relações injustas que produzem exclusão e marginalização. Que nossa concepção de graça, de seres agraciados em Deus, justificados pela fé nos faça livres para abraçar e ir ao encontro do outro, da outra.

IHU On-Line – Em relação ao ecumenismo, quais são os principais enfrentamentos e conquistas das mulheres luteranas? E quais as perspectivas que se abrem a partir de uma teologia feminista?

Elaine Neuenfeldt – Vejo uma bela e frutífera colaboração e parcerias ecumênicas das igrejas e impulsionada pelas organizações de mulheres nas igrejas, no enfrentamento à violência contra as mulheres, violência baseada no gênero, violência doméstica. Há iniciativas ecumênicas, e há um esforço específico que gera uma ação conjunta das igrejas que denuncia a violência contra mulheres e de gênero como pecado, usando uma linguagem da fé, teológica. A Federação Luterana Mundial, junto com Conselho Mundial de Igrejas e outras famílias ecumênicas têm coordenado iniciativas globais nesta área, e tem produzido materiais e recursos relevantes, especialmente para a campanha dos 16 dias de superação da violência de gênero (de 25 novembro a 10 dezembro).

Iniciativas ecumênicas aqui no Brasil são inúmeras e que trazem a riqueza do que é a teologia feminista que, em articulação com os espaços e políticas públicas, traz para as mulheres e o movimento de mulheres não só na igreja, mas em toda a sociedade. Iniciativas de mulheres que trazem uma contribuição relevante no movimento de fortalecimento da democracia tão fragilizada hoje em dia no Brasil, ou da conversa sobre as implicações da liderança de mulheres, ou dos desafios que mulheres enfrentam quando ocupam cargos e espaços de poder, são alguns temas que têm sido levantados. O Conselho Nacional de Igrejas no Brasil tem se destacado neste campo.

> "Para Lutero, não havia liberdade isolada da fé"

IHU On-Line – Como feminista e militante da igualdade e justiça de gênero, como percebe a realidade das mulheres brasileiras em suas lutas cotidianas? Quais são as lutas comuns às mulheres de todo o mundo em nossos dias?

Elaine Neuenfeldt – Vejo com profunda preocupação que há um crescimento mundial de discursos fundamentalistas e de extremismos violentos que, em nome de uma suposta preocupação de preservação da família e da tradição, relegam as mulheres para lugares e posições bem tradicionais, de submissão. O enfrentamento de fundamentalismos religiosos em suas diferentes expressões faz parte da vida cotidiana das mulheres no Brasil e no mundo. Há uma expressão fundamentalista que condena toda iniciativa que coloca mulheres em papéis protagonistas de liderança, tanto religioso como político. Esta expressão usa de subterfúgios e evasivas como a sobrevalorização da maternidade, do papel na família, do medo da diversidade da identidade de gênero como ameaças a uma suposta ordem social e cultural.

O que preocupa é que homens e mulheres têm repetido este discurso, de

forma bem acrítica, especialmente no mundo das igrejas, sem no mínimo uma leitura ou conversa básica que amplie um pouco os horizontes. O medo e o rechaço às teorias de gênero, usando de forma superficial uma área de conhecimento como estas, são de fato, intencionalmente pejorativas como "ideologia de gênero". Ora, vamos conversar sobre isso com quem pesquisa na área, vamos escutar vozes críticas, vamos escutar mulheres e homens que estão pesquisando sobre as teorias e as perspectivas de gênero por anos, como nas áreas da educação, da sociologia, da antropologia e mesmo da teologia. Estas pesquisas acadêmicas são sérias, com base de dados extensa, e estão sendo relegadas a um lugar de discriminação assustadora; pior que feito por quem leu artigo de revista, ou escutou algum político ou religioso que vocifera seu desconhecimento em forma de discriminação.

O que me parece comum no Brasil, como em muitos outros contextos com os quais trabalho, na África e na Ásia ou mesmo na Europa, é que parece que as mulheres e homens, além da luta diária de sobrevivência, de enfrentar situações de violência, de pobreza, de conflitos cotidianos de acesso à terra, alimentos, que desde muito seguem na agenda de movimentos e organizações, ainda há, hoje em dia, um movimento necessário de garantir conquistas e direitos que já pareciam estabelecidos. Há uma onda de questionamentos a leis de defesa de mulheres, de políticas positivas, como quotas, e de qualificação de violência sexual e ou física (femicídio), que vêm sofrendo tentativas sistematizadas de anulação, de revogação. Me parece que há um trabalho exaustivo no dia a dia de quem trabalha e milita em movimentos de mulheres, de justiça de gênero, feministas, de repetir o que parece óbvio, ou que tínhamos como agenda dada. Mas não. Há que renovar forças, juntar e cooperar a cada dia, para manter e para avançar passos mínimos neste mundo em que a intolerância e a falta de ética têm conquistado um lugar assustador de senso comum.■

Leia mais

- **"O aborto é um assunto de ordem plural, de saúde pública, um problema social e familiar".** Entrevista com Elaine Neuenfeldt, publicada na revista IHU On-Line número 219, de 14-5-2007, disponível em http://bit.ly/2gxluTC .

O teólogo da liberdade que pensa o papel da mulher

Kirsi Stjerna analisa a participação feminina na Reforma e as concepções de Lutero acerca da vocação e missão das mulheres

Márcia Junges | Tradução: Isaque Gomes Correa | Edição: João Vitor Santos

As mulheres cristãs passam a ter um protagonismo na vivência da fé a partir da Reforma Luterana. Segundo a teóloga Kirsi Stjerna, isso se dá a partir das concepções acerca da liberdade presente no monge reformista. "As sementes da inclusividade e igualdade são evidentes em sua teologia – mesmo se os luteranos não desenvolveram realmente estes temas até agora e com alguns inclusive nem empregando estes termos", destaca. Ela explica que é através dos sermões de Lutero que se pode perceber como ele compreende a mulher e a vocação a elas desejada por Deus. "O matrimônio e a maternidade são as vocações mais importantes. São vocações que Deus abençoou e que são tão importantes quanto o ofício de um bispo, entre outras coisas", pontua.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Kirsi destaca que Lutero não era panfletário do direito da oratória feminina pública, mas também não criticava as senhoras que discursavam. "Achava que haveria momentos especiais em que as mulheres seriam chamadas a profetizar e a proclamar", explica. "Ele não incentivou as meninas a irem para a escola estudar para a vocação. Mas, isto sim, considerava que o lar era o lugar delas – onde podiam 'governar' e serem encarregadas de um monte de coisas", completa. Aliás, para a teóloga, é através da maternidade que muitas participam da Reforma. "Para alguns, a maternidade significava, realmente, um amplo leque de opções, incluindo a escrita de textos para os filhos (manuais). Nos lares, elas contribuíam ensinando a nova fé para os filhos. Algumas, mulheres nobres, usaram ambientes jurídicos para implementar a religião protestante", destaca, entre outras ações femininas no movimento.

Kirsi Stjerna é professora de história luterana e teologia, integra o corpo docente da Graduate Theological Union, em Berkeley, na Califórnia. É secretária executiva e editora de "The Annotated Luther", volumes 1 a 6 (Fortress Press, 2015-2017); também escreveu *Women and the Reformation* (Wiley Blackwell, 2009) e é uma das autoras de *Martin Luther, the Bible and the Jewish People* (Fortress Press, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais os desafios para se compreender a figura de Martinho Lutero de forma crítica, com todos os seus avanços, mas também seus limites?

Kirsi Stjerna – O principal é: Lutero era uma figura medieval tardia, devemos vê-lo dentro deste contexto. Ele foi igualmente diferente, antecipando a modernidade – podemos analisá-lo sob esta luz também, mas com o cuidado de não lermos, em suas ideias, algo que, na verdade, não está – ou "ainda" não está – aí. Ao deixar isto claro, é preciso lermos Lutero estritamente no contexto do século XVI ou como alguém que pode também falar à modernidade/pós-modernidade. Mas, também, podemos ser criativos e encontrar ainda novas perspectivas nele, Lutero, e na relevância de seu pensamento hoje.

"É preciso lermos Lutero estritamente no contexto do século XVI ou como alguém que pode também falar à modernidade/pós-modernidade"

IHU On-Line – Ao longo da Idade Média, houve a tentativa de promover diversas reformas da Igreja inspiradas no "despertar evangélico", mas que acabaram não se efetivando. De que forma Lutero se apropria desses movimentos, muitos ocorridos até 200 anos antes da Reforma Luterana?

Kirsi Stjerna – Lutero reúne as vozes daqueles representantes reformistas que exigiam, por exemplo, que todo mundo deveria ter acesso às Escrituras em seu próprio idioma e que o sacramento da Mesa deveria ser inclusivo e tanto o pão quanto o vinho precisariam ser ofertados aos leigos também. Ele também não inventou a crítica à corrupção na Igreja, à opulência com o dinheiro, aos problemas com o poder papal e a indivíduos particulares na sede papal (por vezes pessoas realmente interessantes!). Ele não foi o primeiro a criticar a Igreja em sua imoralidade sexual clerical.

Em diversos sentidos, Lutero reúne o coro das críticas e dos que exigem reformas, incluindo os humanistas. Além disso, ele também falou, com veemência, em nome do matrimônio, mais do que os seus antecessores. O seu questionamento da Tradição na Igreja teve predecessores, mas Lutero definitivamente expressou isto mais do que todos que vieram antes dele na Idade Média.

Os seus chamados à reforma tiveram sucesso, muitos o seguiram em busca de um viver autêntico novo com a fé cristã. Aqui, a dinâmica se assemelha à de movimentos reformistas anteriores, como os hussistas[1] e os lollards[2], com a exceção de que o movimento de Lutero era mais inclusivo em termos de quem se envolvia. Como outras iniciativas reformistas anteriores, Lutero igualmente focalizou a espiritualidade e a espiritualidade reformada, com novas orientações sobre como a "velha" fé é melhor vivida, e para isso ele apresentou diretrizes teológicas que, a seu ver, não estavam propondo exatamente aquilo, e sim uma reorientação para os elementos essenciais e para o cerne do magistério e da identidade cristã: o seguimento de Cristo.

IHU On-Line – Podemos afirmar que a reforma de Lutero inaugura o pensamento moderno? Por quê?

Kirsi Stjerna – Sim e não. A crítica à Igreja medieval e a adesão ao nominalismo de Lutero se fundamentam na sua experiência transformadora como pessoa, estudioso, teólogo, pregador, e nasce um certo individualismo. O fato de ele dar a si o "direito" de "nomear a realidade" está em sintonia com a escola nominalista[3] de pensamento que está por trás de sua crítica ousada à "pesquisa de ponta" de sua época.

A sua exigência de que todas as pessoas tenham acesso à Palavra e o seu ensinamento da igualdade fundamental perante Deus, como santo e como pecador, representam uma semente para pensamentos modernos sobre a igualdade. Considerar a mulher como igual na Criação – ainda que diferente –, igual em sua vocação sagrada e igual na ressureição é um desdobramento moderno. Também a sua leitura crítica das Escrituras e suas decisões tradutórias são passos em direção à pesquisa moderna.

E digo sim e não porque, depois, há as áreas onde Lutero encontra-se bastante preso ao seu ambiente medieval tardio. É o caso de seu pensamento sobre os judeus e sua religião – basicamente condenando o judaísmo. Ele não valoriza nem imagina algum tipo de "pluralismo" ou "diversidade".

1 **Hussita** ou Igreja hussita e (ou talvez ussiti): define um movimento reformador e revolucionário que surgiu na Boêmia, no século XV. O nome vem do teólogo boêmio Jan Hus (1372-1452). O movimento mais tarde se juntou à Reforma Protestante. No Concílio de Constança, em 1415, as ideias de Jan Hus foram condenadas. Hus manteve uma posição muito crítica perante o poder eclesiástico, posições muito próximas às de John Wyclif e os valdenses, opiniões que influenciaram Martinho Lutero. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Lollardismo**: foi um movimento político e religioso dos finais do século XIV e inícios do século XV na Inglaterra. As suas exigências eram primeiramente a reforma da Igreja Católica. Entre as suas principais doutrinas estavam que a devoção era um requerimento para que um padre fosse um "verdadeiro" padre ou que levasse a cabo os sacramentos, e que o leigo devoto tinha o poder de executar os mesmos ritos, acreditando que o poder religioso e a autoridade resultam da devoção e não da hierarquia da Igreja. Ensinava o conceito da "Igreja dos salvados", significando que entre a verdadeira Igreja de Cristo era a comunidade dos fiéis, que tinha muito em comum, mas não era o mesmo que a Igreja oficial de Roma. Ensinou uma determinada forma de predestinação. Advogava a pobreza apostólica e a taxação das propriedades da Igreja Católica. Negava a transubstanciação em favor da consubstanciação. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Nominalismo:** teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. A questão dos universais, inicialmente lógico-gramatical, estendeu-se para os problemas teológicos e metafísicos, atingindo o conjunto de dogmas da igreja cristã. Por exemplo, João Roscelino, mestre de Abelardo, com seu nominalismo coloca em dúvida o dogma trinitário de Deus: a única substância divina não passa de um nome, as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) são três substâncias diversas, indicadas por um nome comum. Assim surgiu a heresia do triteísmo, condenada em 1092 pelo Concílio de Reims. (Nota da **IHU On-Line**)

> “Lutero igualmente focalizou a espiritualidade e a espiritualidade reformada”

IHU On-Line – Como compreender as concepções de Lutero acerca do papel da mulher cristã? De onde vem a inspiração para essas suas concepções?

Kirsi Stjerna – Podemos ver, por exemplo, a partir das palestras de Lutero sobre o Gênesis como ele compreende as mulheres como seres humanos e em suas vocações. A partir dos seus sermões em particular, podemos saber como ele compreende a vocação das mulheres desejada por Deus: o matrimônio e a maternidade são as vocações mais importantes. São vocações que Deus abençoou e que são tão importantes quanto o ofício de um bispo, entre outras coisas.

Lutero não se pronunciou ativamente pelo direito da mulher de falar, ensinar e proclamar na Igreja, bem pelo contrário. Ao mesmo tempo, não criticou as que faziam isso (por exemplo, Argula von Grumbach[4]). Achava que haveria momentos especiais em que as mulheres seriam chamadas a profetizar e a proclamar. Ele não incentivou as meninas a irem para a escola estudar para a vocação. Mas, isto sim, considerava que o lar era o lugar delas – onde podiam “governar” e serem encarregadas de um monte de coisas. A maternidade era algo que atraía Lutero, e ele muito a respeitou como a vocação especial feminina.

IHU On-Line – Quais são os aspectos fundamentais da contribuição feminina à Reforma Luterana?

Kirsi Stjerna – As mulheres contribuíram dizendo sim, juntando-se aos movimentos de reforma. Por meio da maternidade, elas tiveram diversas maneiras de participar na Reforma. Para alguns, a maternidade significava, realmente, um amplo leque de opções, incluindo a escrita de textos para os filhos (manuais). Nos lares, elas contribuíam ensinando a nova fé para os filhos. Algumas, mulheres nobres, usaram ambientes jurídicos para implementar a religião protestante. Muitas senhoras da nobreza apoiaram os movimentos reformistas com as suas riquezas e com uma insistência pessoal. Portanto, contribuíram com as suas próprias confissões/união ao movimento, ensinando a fé aos filhos.

IHU On-Line – Sob o ponto de vista de historiadora e teóloga, como percebe o papel da teologia feminina no diálogo inter-religioso?

Kirsi Stjerna – Penso que a teologia da mulher, a teologia feminista etc. são bastante significativas como um passo inicial e como um convite à reflexão crítica para além das fronteiras metodológicas e denominacionais.

IHU On-Line – Em que medida o contexto da eclosão da Reforma pode inspirar as mulheres de hoje a buscarem seus espaços dentro e fora da Igreja?

Kirsi Stjerna – Primeiro de tudo, ter as mulheres do século XVI nos “álbuns de família”, por assim dizer, é fundamental para construirmos conexões e para que as mulheres reivindiquem as origens de sua tradição e se vejam na continuidade. Penso que elas podem se relacionar com as mulheres do século XVI e com a animação delas com a nova pregação e com o magistério positivo de seus papéis como mulheres. As mulheres podem se inspirar na coragem que as mulheres da Reforma exibiam, e podem assumir um novo olhar sobre o significado do matrimônio e da maternidade, além de expandir as oportunidades vocacionais.

Algumas podem se inspirar a escrever e entrar no diálogo teológico. Podem definir para si mesmas o que suas vocações são e o significado delas. A visão que Lutero tinha de reforma era uma visão radical, e elas podem se encontrar em lugares de reformas importantes. Seguindo os passos do líder alemão, podem reivindicar a sua própria voz e lugar, e apresentar uma interpretação nova, “delas”, a respeito de fontes cristãs e, assim, ter um impacto tanto na ação cristã como no conteúdo da teologia cristã.

IHU On-Line – É possível afirmar que, a partir da experiência das mulheres luteranas, está se constituindo uma outra história da fé cristã? Quais são os desafios que surgem desse agir?

Kirsi Stjerna – Sim, é possível. Vivemos numa época em que, quando reescrevemos as histórias, estamos não apenas incluindo as mulheres no relato (nos relatos, nas histórias) cristã(s), mas também buscando avaliar os eventos da Reforma e o seu “sucesso” a partir de uma perspectiva da mulher. Além disso, o conteúdo da teologia cristã está sendo reformado como uma consequência da contribuição da perspectiva delas e de suas experiências, bem como com a liderança feminina na interpretação das fontes cristãs.

IHU On-Line – Como pode-

4 **Argula von Grumbach** (1492-1554): era uma nobre bávara que, a partir do início da década de 1520, se envolveu nos debates da Reforma Protestante na Alemanha. Ela se tornou a primeira escritora protestante, publicando cartas e poemas promovendo e defendendo Martinho Lutero, bem como seu colega de trabalho Philipp Melanchthon e outros grupos protestantes. Ela é mais conhecida por desafiar diretamente a faculdade da Universidade de Ingolstadt quando escreveu uma carta a eles falando contra a prisão de um aluno luterano. Como uma das poucas mulheres na época abertamente falando em seus pontos de vista, seus escritos provocaram controvérsia e muitas vezes se tornaram best-sellers, com dezenas de milhares de cópias de suas letras e poemas circulando dentro de alguns anos de sua publicação. (Nota da **IHU On-Line**)

mos compreender a provocação "sempre reformada e empoderada", que inspira sua trajetória de teóloga e professora?

Kirsi Stjerna – Lutero é um teólogo da liberdade. As sementes da inclusividade e igualdade são evidentes em sua teologia – mesmo se os luteranos não desenvolveram realmente estes temas até agora e com alguns inclusive nem empregando estes termos –, e eu espero que o aniversário deste ano convide as pessoas a olharem para os modos como a teologia da liberdade reformista luterana pode promover mudanças reais em nosso mundo e assegurar a liberdade a todos, um modelo de inclusividade, em todos os sentidos, incluindo as metodologias empregadas.

Lutero vivenciou a liberdade com as Escrituras. A sua vida se transformou, e isso mudou a sua carreira. O Evangelho o empoderou para erguer a sua voz em temas que precisavam de reformas. Ele insistia em mudanças muito práticas, tais como a criação de um "cofre" para apoiar os necessitados financeiramente e convidou para que todos os menores fossem à escola, inclusive as meninas. Isso é empoderamento! No centro destas ações está a sua convicção teológica de que somos livres, pelo modo de fazer e pela vontade de Deus, e isto nos torna servos dos outros como Cristo. "Empoderar os filhos a ler, empoderar as mulheres em suas vocações, empoderar todos os cristãos a ler as Escrituras (...) lutar para acabar com a pobreza, desafiando as autoridades da época (...)". Aqui Lutero oferece um modelo inspirador e desafiador de como ser luterano: no centro desta identidade estão a liberdade, a inclusividade e o empoderamento.

Hoje, necessita-se desesperadamente de muitas reformas. O trabalho da igreja não está feito, o nosso trabalho não está feito; o status quo não deve ser desejado, isto é estranho à natureza própria de uma tradição reformista.

IHU On-Line – Sob quais aspectos há diferenças entre a realidade das mulheres luteranas na Finlândia, de onde a senhora vem, e nos EUA, onde atualmente leciona e vive?

Kirsi Stjerna – Nos Estados Unidos, há muito mais mulheres professoras. Na Finlândia, poucas mulheres são contratadas para lecionar, o que também se mostra nas preferências metodológicas e nas escolhas dos cursos. Nos dois países, o número de mulheres interessadas em estudos teológicos está aumentando. No entanto, há lacunas salariais, na academia e na igreja: elas geralmente recebem menos. Eu diria que, na Finlândia, as luteranas são bastante ativas e têm uma forte presença – mesmo que todos os bispos sejam (de novo) todos homens. Nos EUA, a meu ver, a presença da mulher luterana em postos de liderança na igreja está em falta ainda.

"As mulheres podem se inspirar na coragem que as mulheres da Reforma exibiam"

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Kirsi Stjerna – Continuo dizendo a meus alunos que eles não devem pensar, ingenuamente, que a misoginia e o sexismo acabaram. Longe disso. Parece haver uma reação negativa contra as mulheres e o feminismo, até mesmo em nível global, o que se mostra nas estatísticas de violência contra a mulher.■

O místico que traz o monastério para o cotidiano popular

Vítor Westhelle propõe uma leitura de Lutero além da perspectiva cismática. Convida a olhar o monge como "uma voz de uma consciência alerta a seu tempo e lugar que busca o crucificado nas pessoas marginalizadas"

João Vitor Santos

Que Martinho Lutero inaugura um outro tipo de pensamento à sua época, não há dúvidas. Entretanto, há pesquisadores que se questionam se seria ele a primeira cabeça moderna ou a última medieval. O professor de Teologia Sistemática e pastor Luterano Vítor Westhelle propõe deixar esse debate de lado e olhar para algo que há em comum tanto numa perspectiva quanto noutra. "Lutero supostamente havia rompido, definitivamente, com a/uma tradição mística. O fato de sair no monastério e o uso burlesco da linguagem que usava, sugeria esta conclusão", aponta. Ou seja, para ele, é mais interessante observar como o monge propõe uma perspectiva de ruptura através de uma mística própria. "A questão central é que o misticismo não cabe como característica de nenhuma era da história", indica. "Lutero não era um místico em nenhum sentido tradicional do termo, mas secularizou elementos do misticismo que o colocam precisamente na transição entre o medievo e o moderno", conclui.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Westhelle sintetiza: "o que Lutero fez foi realmente trazer o monastério para o cotidiano popular". E essa sua ação acaba realinhando as perspectivas do cristianismo, dentro e fora do catolicismo. "Lutero vive já não como um cismático, mas como uma voz de uma consciência alerta a seu tempo e lugar que busca o crucificado nas pessoas marginalizadas e oprimidas, e na criação que sofre e geme sob o peso do capital que tem a si mesmo como fim", analisa, ao pontuar as transformações nas igrejas desde a Reforma. "A igreja que Lutero buscou reformar não é a Igreja Católica Apostólica Romana de hoje. E é importante reconhecer que um Lutero nunca surgiria na Igreja de Roma especialmente depois do Concílio Vaticano II", destaca.

Vítor Westhelle é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana – IECLB. Concluiu sua formação teológica no Brasil e fez doutorado nos Estados Unidos. Depois foi pastor e coordenador da Comissão Pastoral da Terra no Paraná. Atuou como professor de Teologia no Brasil, nos Estados Unidos, na África do Sul e na Dinamarca. Atualmente é professor de Teologia Sistemática na Escola Luterana de Teologia em Chicago, nos Estados Unidos. Entre seus livros em português, destacamos *O Deus Escandaloso* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 2008) e *O Evento Igreja* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 2017).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual a importância de Martinho Lutero para a América Latina? E, inscrito no seu tempo, como o pensamento luterano contribui para a compreensão dos desafios do novo mundo?

Vítor Westhelle – Dois eventos há que lembrar, pois marcaram a saída do mundo feudal, a chegada de Colombo[1] às Américas (1492) e a cir-

1 **Cristóvão de Colombo** (1451-1506): foi um navegador e explorador, responsável por liderar a frota que alcançou o continente americano em 12 de outubro de 1492, sob as ordens dos Reis Católicos de Espanha, no chamado descobri-

> "O que Lutero defendia e pleiteava era o direito de cada pessoa a interpretar as escrituras em sua situação"

cum-navegação do globo por Fernão de Magalhães[2] (1519-1521). Estes foram por Lutero sistematizados e tornaram-se pedras de toque na transição para a modernidade. O primeiro evento foi o encontro com o outro desconhecido e a determinação de seu status. Para o medievo este se definia pela capacidade de optar pelo Deus cristão. Lutero rompeu com este pressuposto em seu famoso tratado contra Erasmo de Roterdã[3] sobre o "servo arbítrio", separando radicalmente a questão da relação com o divino, por um lado, e a dignidade da pessoa como tal, por outro. Em relação à eleição por Deus, nisto nada podemos fazer, apenas crer, enquanto as relações inter-humanas definem-se tendo em base a razão e não a fé.

O segundo evento, representado por Magalhães, foi o movimento constante à frente sem necessidade de prestar contas e dever obediência a quem de direito. Ora, este direito era tido como avalizado por Deus através da Igreja. No caso de Magalhães, quem lhe comissionou foi o Imperador Carlos V[4], mas a este o navegador nunca prestou contas como deveria e era esperado. Ele era o capitão de sua esquadra e de seu destino. Curioso foi que, ante este mesmo imperador, Lutero, na dieta de Worms em 1521, negou-se a retratar-se, como exigido, em base a sua consciência e à Bíblia.

Lutero concatenou em suas obras estes dois elementos, enunciando assim as características de uma modernidade que alvorecia, a saber, a completa liberdade de Deus na eleição de quem vem a crer e a autonomia em questões seculares negando a qualquer pessoa direito divino no exercício de sua autoridade, seja esta pessoa papa ou imperador. Para a América Latina, onde ainda vale o "sabes-com-quem-estás-falando?", Lutero significa o fim de todo privilégio assumido como de direito.

IHU On-Line – Como compreender a relação entre a Reforma Luterana e o movimento da Teologia da Libertação[5]?

Vítor Westhelle – Quando Lutero apelou à Bíblia como fonte exclusiva, foi para pleitear o direito de cada pessoa a interpretá-la. Vale dizer que não se trata de fundamentalismo que hoje graça em alguns

mento da América. Empreendeu a sua viagem através do Oceano Atlântico com o objetivo de atingir a Índia, tendo na realidade descoberto as ilhas das Caraíbas (Antilhas) e, mais tarde, a costa do Golfo do México na América Central. Seu nome em jamaico é Cristoforo Colombo, em latim Christophorus Columbus e em espanhol, Cristóbal Colón. Este antropônimo inspirou o nome de, pelo menos, um país, Colômbia e duas regiões da América do Norte: a Colúmbia Britânica no Canadá e o Distrito de Colúmbia nos Estados Unidos. Entretanto o Papa Alexandre VI, escrevendo em latim, sempre chamou ao navegador pelo nome de Christophorum Colon com significado de Membro e nunca pelo latim Columbus com significado de Pombo. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Fernão de Magalhães** (1480-1521): foi um navegador português que se notabilizou por ter organizado a primeira viagem de circum-navegação ao globo de 1519 até 1522. Nascido numa família nobre, em 1506 viajou para as Índias Ocidentais, participando de várias expedições militares nas Molucas, também conhecidas como as Ilhas das Especiarias. O Pinguim-de-magalhães recebeu o seu nome como homenagem, já que Magalhães foi o primeiro Europeu a ter visto um exemplar da ave. As aptidões de navegação de Magalhães também foram reconhecidas na nomeação de objetos associados à astronomia, incluindo as Nuvens de Magalhães, as crateras lunares de Magalhães, e as crateras marcianas de Magalhães. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmo cursou o seminário com os monges agostinianos e realizou os votos monásticos aos 25 anos, vivendo como tal, sendo um grande crítico da vida monástica e das características que julgava negativas na Igreja Católica. Optou por uma vida de acadêmico independente - independente de país, independente de laços acadêmicos, de lealdade religiosa - e de tudo que pudesse interferir com a sua liberdade intelectual e a sua expressão literária. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Carlos V e I** (1500-1558): foi o Sacro Imperador Romano-Germânico como Carlos V a partir de 1519 e Rei da Espanha como Carlos I de 1516 até sua abdicação em favor de seu irmão mais novo Fernando I no império e seu filho Filipe II na Espanha. Carlos era o herdeiro de três das principais dinastias europeias: a Casa de Habsburgo da Monarquia de Habsburgo, a Casa de Valois-Borgonha dos Países Baixos Borgonheses e a Casa de Trastâmara das coroas de Aragão e Castela. Ele governou vastos domínios na Europa central, oriental e do sul, além das colônias espanholas nas Américas. Como o primeiro monarca a governar Castela, Leão e Aragão simultaneamente, ele se tornou o primeiro Rei da Espanha. Carlos tornou-se imperador em 1519. A partir de então seu império cobria mais de quatro milhões de quilômetros quadrados pela Europa, Oriente e Américas. Grande parte de seu reinado foi dedicado às guerras italianas contra a França, sendo militarmente bem-sucedidas apesar dos enormes gastos, levando à criação do primeiro exército profissional europeu: o Terço. Além de suas realizações militares, Carlos é mais conhecido por seu papel contra a Reforma Protestante. Vários príncipes germânicos abandonaram a Igreja Católica e formaram a Liga de Esmalcalda para poder desafiarem a autoridade de Carlos com força militar. Não desejando que guerras religiosas chegassem em seus domínios, ele forçou a convocação do Concílio de Trento que iniciou a Contrarreforma. A Companhia de Jesus foi estabelecida por Inácio de Loyola durante seu reinado para combater o protestantismo de forma pacífica e intelectual. No Novo Mundo a Espanha conquistou os astecas do México e os incas do Peru, estendendo seu controle por grande parte da América Central e do Sul. Carlos abdicou em 1556 de todos os seus títulos. A Monarquia de Habsburgo passou para seu irmão Fernando, enquanto o Império Espanhol ficou com seu filho Filipe. Os dois impérios permaneceriam aliados até o século XVIII. Carlos tinha apenas 54 anos na época de sua abdicação, porém estava fisicamente exausto depois de governar energicamente por 34 anos e procurou paz em um monastério, onde morreu dois anos depois. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Teologia da Libertação**: escola teológica desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 2-4-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em http://bit.ly/bsMG96.Leia, também, a edição 404 da revista **IHU On-Line**, de 5-10-2012, intitulada *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em http://bit.ly/SSYVTO. (Nota da **IHU On-Line**)

círculos evangélicos. Isto seria um crasso anacronismo. O fundamentalismo surgiu apenas depois do Iluminismo do século XVIII. O que Lutero defendia e pleiteava era o direito de cada pessoa a interpretar as escrituras em sua situação. Isto hoje se chama de leitura contextual da Bíblia. Com isso o reformador negou que houvesse apenas o sentido outorgado pelo magistério romano.

A Teologia da Libertação nos seus primórdios, mesmo antes de sua sistematização nas obras dos grandes teólogos e teólogas da América Latina, surgiu de comunidades de base que faziam a leitura da Bíblia em seus próprios contextos. Isto foi libertador, pois interpretar contextualmente a Bíblia passa a ser um ato de tomar consciência da realidade. Paulo Freire[6] chamou isto de conscientização. A leitura e interpretação da Bíblia foi tanto em Lutero como na Teologia da Libertação veículo de conscientização. Embora separados por meio milênio, nisto a teologia de Lutero e a Teologia da Libertação se irmanam. Há muitos outros pontos de aproximação ou distanciamento. Mas estes são decorrentes deste dado primeiro, tendo-se sempre em conta os tempos e contextos distintos.

IHU On-Line – As escrituras têm uma centralidade na constituição do pensamento e da teologia de Lutero. Que associações e dissociações podemos fazer dessa volta aos textos bíblicos de Lutero com o "despertar evangélico"[7], ocorrido ainda cerca de 200 anos antes da Reforma Luterana?

Vítor Westhelle – O celebrado princípio escritural da Reforma (*sola scriptura*[8]) não era original de Lutero. Isso ele herdou de vários precursores que já usaram o *sola scriptura* em sentido similar a Lutero. Este uso era primeiramente negativo, quer dizer, negava-se que houvesse outra fonte de autoridade com direito divino, como o magistério ou os concílios. Daí a importância da tradução da Bíblia ao vernáculo. O sentido positivo, o que as escrituras estão a nos dizer, decorre da interpretação da Bíblia para contextos específicos.

Como disse Lutero em um texto de 1525, há de se discernir a quem as escrituras estão se endereçando. Nisto o princípio escritural opõe-se também a qualquer forma de fundamentalismo. Para o Reformador há partes da Bíblia que podem ser muito importantes, mas não, necessariamente, para este tempo e lugar.

> "A ética protestante de Weber não é de forma alguma luterana"

IHU On-Line – Quais as particularidades da reforma protestante nos países hoje conhecidos como Alemanha, Suíça e França e, mais tarde, Reino Unido, Escandinávia e outros locais da Europa?

Vítor Westhelle – A Reforma nasce quando já se anuncia a formação de um modo de produção que superaria o feudal. Este é o capitalismo. Dele Lutero foi arauto e já o seu primeiro crítico. Aliás, esta foi uma observação que já fez Karl Marx[9] ao chamá-lo de "o primeiro economista da nação alemã" e utiliza em profusão seus escritos contra a usura no do primeiro volume do Capital.

A diferença que se encontra entre os países Europeus está, por um lado, determinada pelo desenvolvimento desigual das forças produtivas e, por outro, pelas diferentes maneiras em que se organizam legal e politicamente as relações de produção. É na organização destas relações de produção que a Reforma teve um impacto significativo, assim como também determinou a formação social em países europeus onde o catolicismo prevalece. Mas, quanto aos países onde prevalece o protestantismo, há marcantes diferenças entre várias formas que a Reforma tomou. Mesmo tomando-se os grandes blocos, como luteranos, calvinistas e anglicanos, há, dentro de cada um destes, matizes diferentes. Mas qualquer generalização é muito arriscada fazer, sobretudo considerando-se o alto nível de multiculturalidade na Europa de hoje.

IHU On-Line – Como compreender as divisões da Reforma protestante pós-Lutero e o papel que assumem outros líderes?

Vítor Westhelle – O que Lutero

6 **Paulo Freire** (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). É autor de *A Pedagogia do Oprimido*, entre outras obras. A edição 223 da revista **IHU On-Line**, de 11-6-2007, teve como título *Paulo Freire: pedagogo da esperança* e está disponível em http://bit.ly/ihuon223. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Alguns historiadores denominam como "despertar evangélico" uma série de movimentos reformistas que ocorreram durante a Idade Média, entre eles o Franciscanismo. Em comum, além de reformar a Igreja Católica, pregavam uma volta às escrituras, em especial aos Evangelhos, pois acreditavam que ali estavam os preceitos e lições básicos do Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Sola Scriptura**: segundo a Reforma Protestante, é o princípio segundo o qual a Bíblia tem absoluta primazia ante a Tradição legada pelo magistério da Igreja Cristã, quando os princípios doutrinários entre esta e aquela forem conflitantes. A Reforma não rejeita a Tradição, e ela continua a ser usada como legitimadora para qualquer assunto não declarado pela Bíblia. Se houver divergências entre Bíblia e tradição, a Bíblia terá primazia. Nos movimentos de inspiração reformada considerados historicamente como radicais (anabatistas e puritanos), e outros surgidos durante o século XIX, esse princípio foi ressignificado como nuda scriptura, passando a ser entendido ao pé da letra, adotando-se a ideia de que a A Escritura interpreta a própria Escritura, bem como a que a mesma era suficiente como única fonte de doutrina e prática cristãs em todos os aspectos. Devido a essa ressignificação, passou-se a chamar o entendimento anterior reformado pelo novo nome Prima Scriptura. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx,* disponível em http://bit.ly/173lFhO. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista **IHU On-Line**, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em https://goo.gl/7aYkWZ. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da **IHU On-Line**, de 3-5-2010, disponível em http://bit.ly/2p4vpGS. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449. (Nota da **IHU On-Line**)

introduziu ao definir os dois fundamentos que balizaram a Reforma, a livre eleição divina e a liberdade da consciência, não permite, em princípio, que o próprio Lutero seja fonte de verdade como que divinamente instituída. Isto quer dizer que com a Reforma não há mais heresias, pois já não existe uma verdade que possa ser institucionalmente controlada para defini-las. Este controle da verdade é de direito humano, não divino. Sendo assim é mutável e falível. Disto resultou a grande diversidade confessional.

IHU On-Line – De que forma podemos compreender os conceitos de fé, ética e liberdade no pensamento de Lutero?

Vítor Westhelle – Meu último livro, Transfigurando Lutero (*Transfiguring Luther*[10], infelizmente está apenas em inglês), trata desta questão em mais de 300 páginas. É difícil resumir isto em algumas linhas. Mas talvez uma citação de Lutero que se acha no seu tratado Da liberdade cristã de 1520 ajude: "O cristão vive em Cristo pela fé e no próximo pelo amor". Para Lutero, a fé é o meio pelo qual eu recebo a promessa divina pela qual a benção salvífica me é imputada. Esta não depende de nada que eu possa fazer. Aliás, qualquer coisa que faça para merecê-la já a põe a perder.

O amor, no entanto, é racional! Não se trata de sentimentalidade. Fernando Pessoa[11], o poeta português, tinha algo de luterano quando disse que "amor é razão". Este depende de minha ponderação e decisão. E é neste exercício de racionalidade que tenho total liberdade, bem como total responsabilidade no cuidado da outra pessoa, para parafrasear uma outra citação do mesmo tratado de Lutero que citei. Esta total responsabilidade é oriunda de minha total liberdade de fazer escolhas. O amor que expresso pelas pessoas e pela criação é uma decisão racional pela outra pessoa e pela criação, e de forma alguma serve para marcar pontos no caderninho de Deus. Esta, então, é a base ética de Lutero.

IHU On-Line – No que consiste a ética protestante, que Weber vai apreender como o espírito do capitalismo?

Vítor Westhelle – A ética protestante de Weber não é de forma alguma luterana. De fato, Weber diz explicitamente no seu celebrado livro que, apesar de o conceito de vocação de Lutero ser de serventia para esta ética, Lutero de forma alguma contribuiu para o seu desenvolvimento. A ética protestante que Weber descreve é resultado de um calvinismo puritano que se desenvolveu mormente nos Estados Unidos. Este se caracterizou por fazer algo que Lutero precisamente lutou contra. Esta forma de calvinismo desenvolveu uma relação de causa e efeito entre a eleição divina e a prosperidade temporal. O que Lutero claramente separou, o evangelicalismo americano voltou a unir.

Mas a ética que Weber descreve é diferente de teologias medievais que enfatizavam a importância de obras de caridade para influenciar a eleição divina. As 95 teses, cujos 500 anos rememoramos, foi exatamente para cortar este laço. A ética protestante de que fala Weber não faz o que fazia a teologia medieval, mas vê na prosperidade uma evidência da bênção divina. O resultado é a busca por prosperidade para que alguém se saiba eleito. Ao contrário da teologia medieval, não a caridade mostrada a outrem, mas a prosperidade pessoal, o enriquecimento, acabam sendo a maneira de decidir a eleição divina. Isto não tem nada de luterano, até pelo contrário.

A celebrada teologia da cruz de Lutero[12] assim como sua Mariologia[13], como desenvolvida em sua obra Magnificat[14], afirmam a presença de Deus não na prosperidade, mas no seu revés, na cruz, no sofrimento, na marginalidade, indignidade e opressão. Mais sobre isso tenho elaborado em meu livro, este em português, *O Deus Escandaloso*.

"Um dos problemas ao lidar com a cruz é o que se tem chamado de dolorismo"

IHU On-Line – Como compreender o sentido da cruz sem o Cristo crucificado? E que relações podemos estabelecer com as reflexões de Lutero acerca da vida, da dor, do sofrimento e do amor?

10 Eugene, OR, EUA: Cascade Books, 2016. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Fernando Pessoa** (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. Atuou no jornalismo, na publicidade, no comércio e, principalmente, na literatura, onde desdobrou-se em várias outras personalidades conhecidas como heterônimos. A figura enigmática em que se tornou movimenta grande parte dos estudos sobre sua vida e obra, além do fato de ser o maior autor da heteronímia. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Teologia da Cruz**: também denominada estaurologia, é um termo cunhado pelo teólogo Martinho Lutero para fazer referência à teologia que propõe que a cruz é a única fonte de conhecimento sobre quem é Deus e como Ele salva em contraste com a teologia da glória (theologia gloriae), que enfatiza as habilidades e a razão humanas. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Mariologia:** é o conjunto de estudos teológicos acerca de Maria, mãe de Jesus Cristo na Igreja Católica, que compreende uma vasta produção bibliográfica que visa a salientar a importância da figura feminina de Maria e a profunda e piedosa crença dos fiéis a ela, com o objetivo de enriquecer o âmbito teológico cristão. O jovem Lutero é considerado devoto de Maria, mas, depois como reformista, Lutero condenou os excessos da devoção medieval e ensino sobre Maria. Ele viu que ela tinha sido decorada com atributos que apenas pertenciam a Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Magnificat**: também conhecida como Canção de Maria ou Canto de Maria, é um cântico entoado frequentemente na liturgia dos serviços eclesiásticos cristãos. O texto do cântico vem diretamente do Evangelho segundo Lucas (Lucas 1:46-55) onde é recitado pela Virgem Maria na ocasião da Visitação de sua prima Isabel. Na narrativa, após Maria saudar Isabel, que está grávida com aquele que será conhecido como João Batista, a criança se mexe dentro do útero de Isabel. Quando esta louva Maria por sua fé, Maria entoa o Magnificat como resposta. O cântico ecoa diversas passagens do Antigo Testamento, porém a alusão mais notável são as feitas à Canção de Ana, dos Livros de Samuel. Juntamente com o Benedictus e o Nunc dimittis, e diversos outros cânticos do Antigo Testamento, o Magnificat foi incluído no Livro de Odes, uma antiga coletânea litúrgica encontrada em alguns manuscritos da Septuaginta. (Nota da **IHU On-Line**)

Vítor Westhelle – Um dos problemas ao lidar com a cruz é o que se tem chamado de dolorismo, a celebração masoquista do sofrimento. Quando Lutero fala sobre a cruz e o sofrimento, está falando da encarnação de Deus na história e nos lugares que Deus elege e nos convida a estar lá junto e cooperar (uma expressão que ele gostava de usar) na libertação das pessoas oprimidas, na emancipação das marginalizadas, na dignificação das discriminadas e na preservação da natureza. Mas este é nosso trabalho de amor, deste amor racional de que falava. Não se trata de agradar a Deus, trata-se de amor a outrem e este inclui necessariamente a natureza.

IHU On-Line – Podemos afirmar que Lutero supera o pensamento do homem medieval e inaugura um pensamento moderno? E que cristianismo emerge daí?

Vítor Westhelle – Esta é uma discussão que dominou a teologia alemã há um século, na assim chamada "renascença luterana" dos primórdios do século XX. Era Lutero medieval ou já moderno? Os pesquisadores (e eram só homens) se dividiram. Mas ambos os lados trabalhavam com um pressuposto comum. Lutero supostamente havia rompido, definitivamente, com a/uma tradição mística. O fato de sair no monastério e o uso burlesco da linguagem que usava, ademais de expressões de baixo calão em se tratando de adversários, sugeria esta conclusão.

Mas o que Lutero fez foi realmente trazer o monastério para o cotidiano popular. Além de Agostinho[15], a quem ele admirava sobremaneira, Bernardo de Claraval[16] era um dos mais celebrados místicos medievais. Esta dimensão de Lutero tem sido mantida na teologia escandinava e enfatizada mais recentemente na escola finlandesa de interpretação de Lutero. A questão central é o que misticismo não cabe como característica de nenhuma era da história. Há místicos medievais, como há da antiguidade e também da modernidade. Lutero não era um místico em nenhum sentido tradicional do termo, mas secularizou elementos do misticismo que o colocam precisamente na transição entre o medievo e o moderno.

Lutero vivia em uma época em que devia ao passado toda sua formação. Mas vislumbrava uma aurora que nem tinha conhecimento do que implicava. Em outras palavras, Lutero não era nem medieval nem moderno; era transição.

IHU On-Line – Quais foram os limites de Lutero e da Reforma? E de que forma essa experiência pode nos inspirar nos tempos atuais?

Vítor Westhelle – Lutero disse que só a experiência faz um teólogo ou teóloga. Isto foi inusitado em uma época, ao contrário da nossa, em que teologia se fazia a partir dos conhecimentos contidos nos cânones da igreja e nos tratados e sumas teológicas de seus teólogos. Então, falar em limites é bastante óbvio. Ele compartilhava com seu tempo vários dos preconceitos vigentes. Entre estes destaca-se seu antissemitismo, mais ao final de sua vida, depois de haver defendido os judeus anteriormente.

Também não teve muita sensibilidade em tratar de alguns efeitos da Reforma. O movimento entusiasta que cativou a muitos foi por ele duramente condenado, quiçá por acelerarem demais o processo reformatório. Ele, ao contrário de alguns de seus mais achegados colaboradores, como Melanchthon[17], não manteve a posição inicial que tinha de reformar a Igreja de Roma. A partir de 1522 já não guardava esperanças de reconciliação com Roma. Mas foi sua experiência de ser perseguido pelo Império e por Roma que determinou muitas de suas posturas e, estando no centro dos eventos, nunca teve a distância necessária para avaliar suas opções com neutralidade.

Portanto, Lutero não é, como pessoa, uma fonte de inspiração, não é um santo nem buscou sê-lo. Viveu sua vida de uma maneira que foi de um lado rígida, mas por outro ele era também um bonachão. Gostava de compartilhar a mesa com amigos e beber a cerveja que sua companheira e esposa, a ex-freira Catarina de Bora, fazia.

IHU On-Line – Como analisa a relação entre as igrejas evangélicas hoje?

Vítor Westhelle – É preocupante. De um lado há um isolacionismo de grupos que evitam qualquer diálogo para manter intactas as fronteiras de seus territórios. De outro lado, há um ecumenismo um pouco desmesurado em que a unidade eclesial vai às custas de sua integridade confessional. Esta me parece importante, pois sejamos presbiterianas, católica-romanas, luteranas, metodistas, ou pentecostais, ou até mesmo de outras crenças não-cristãs, temos algo particular a aportar, na busca por definir nossa sina de pessoas humanas em busca do bem comum.

No movimento ecumênico há um conceito que vale resgatar. Este é o "processo conciliar" que visa não a unidade visível das igrejas, mas estabelecer as condições de possibilidade de uma conversação entre pares em busca de uma meta comum que nos

15 **Agostinho de Hipona** (354-430)**:** conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Escrevendo na era patrística, ele é amplamente considerado como sendo o mais importante dos padres da Igreja no Ocidente. Suas obras-primas são *A cidade de Deus* e *Confissões*. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Bernardo de Claraval** (1090-1153): conhecido também como São Bernardo, era oriundo de uma família nobre de *Fontaine-les-Dijon*, perto de Dijon, na Borgonha, França. Aos 22 anos foi estudar teologia no mosteiro de Cister. Em 1115 fundou a abadia de Claraval, sendo o seu primeiro abade. Fundou 163 mosteiros em vários países da Europa. Durante sua vida monástica demonstrava grande fé em Deus serviu à igreja católica apoiando as autoridades eclesiásticas acima das pretensões dos monarcas. Em função disto favoreceu a criação de ordens militares e religiosas. Uma das mais famosas foi a ordem dos cavaleiros templários. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Philipp Melanchthon** (1497-1560): foi um reformador, astrólogo e astrônomo alemão. Colaborador de Lutero, redigiu a "Confissão de Augsburgo" (1530) e converteu-se no principal líder do luteranismo após a morte de Lutero. (Nota da **IHU On-Line**)

une como evento, mesmo que não institucionalmente. Para citar uma parábola de Jesus, temos em nossos tesouros coisas novas e coisas velhas que podemos oferecer. Elas são nosso dote na busca de comunhão.

IHU On-Line – 500 anos depois da cisão, como observa a relação entre católicos e luteranos? E como imagina que as igrejas cristãs devam caminhar nos próximos anos?

Vítor Westhelle – A igreja que Lutero buscou reformar não é a Igreja Católica Apostólica Romana de hoje. Esta passou por transformações que a Lutero mesmo surpreenderia. A chamada Contrarreforma foi uma busca singela e decidida de reformar a igreja. Inácio de Loyola[18] foi o mais eficaz, mas de nenhuma maneira o único a seguir os passos de Lutero e dos pré-reformadores, mas sem romper com os vínculos eclesiais que tinha. O Concílio de Trento[19], na segunda metade do século XVI, foi uma tentativa oficial de responder à Reforma. E é importante reconhecer que um Lutero nunca surgiria na Igreja de Roma especialmente depois do Concílio Vaticano II[20].

As diferenças persistem, por suposto, mas a gravidade das mesmas tende muito mais ao diálogo que à confrontação. Neste sentido, Lutero vive já não como um cismático, mas como uma voz de uma consciência alerta a seu tempo e lugar que busca o crucificado nas pessoas marginalizadas e oprimidas, e na criação que sofre e geme sob o peso do capital que tem a si mesmo como fim.■

18 **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em http://bit.ly/1IBwk2U. Foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Concílio de Trento:** realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista **IHU On-Line** publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em https://goo.gl/GVTuEO, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em https://goo.gl/5IsnsM, e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em https://goo.gl/8MDxOM. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line** 466, de 1-6-2015, disponível em https://goo.gl/LiJPrZ. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

- **Católicos e protestantes, significados de um processo de (re)aproximação.** Entrevista com Vítor Westhelle, publicada na Revista IHU On-Line 496, de 31-10-2016, disponível em http://bit.ly/2kMCDh3.

- **Os desafios do luteranismo, hoje.** Entrevista com Vítor Westhelle, publicada na Revista IHU On-Line 280, de 3-11-2011, disponível em http://bit.ly/2yj57lx.

- **Frida nos deixa sem jeito**. Entrevista com Vítor Westhelle, publicada na Revista IHU On-Line 227, de 9-7-2007, disponível em http://bit.ly/2hG4ue6.

- **A Reforma. Um ato de liberdade**. Entrevista especial com Vítor Westhelle, publicada em Notícias do Dia de 31-10-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2xDKMFU.

- **500 anos da Reforma. Luteranismo e Cultura nas Américas**. Artigo de Vítor Westhelle, publicado em Cadernos de Teologia Pública, número 97, disponível em http://bit.ly/2eTCOjL.

O luteranismo e a moderna religiosidade secular

Teófanes Egido López analisa as mudanças que a Reforma imprime ao cristianismo

João Vitor Santos | Tradução: Henrique Denis Lucas

O professor espanhol Teófanes Egido López é direto ao definir Martinho Lutero: "como pensador, não há dúvida: foi um reformador da teologia comprometida com o que poderíamos chamar de modernidade". Ou seja, para ele, o monge agostiniano trazia uma visão de mundo arraigada no medievalismo, mas vai questionando certas perspectivas e se afasta do pensamento típico do medievo. Entretanto, ressalta López, é preciso compreender que Lutero é um homem no seu tempo, o que o faz ora medieval, ora moderno. "Não se pode esquecer que, social e politicamente, Lutero tinha mentalidade e convicções feudais, 'de ordem'", exemplifica, ao explicar a relação com os conflitos camponeses.

López analisa, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, que esses flertes que Lutero tem com a Modernidade imprimem mudanças na forma de ser cristão. Valorizando a tradução da Bíblia para o alemão falado nas ruas, que o professor considera como grande feito que quebra o monopólio trentino sobre as escrituras, compreende que é preciso ir além para refletir sobre essa forma de religiosidade que emerge. "O luteranismo oferecia uma religiosidade secular, não-clerical, mais simples, sem hierarquias", completa. Ou seja, ele não se volta apenas para os textos canônicos, mas os aproxima das pessoas, retira o poder da igreja monacal, com menos clérigos e mais pastores. "Também mudavam os sistemas sacramentais, as formas de piedade, as devoções, o olhar aos santos que já não podiam mais ser intercessores, mediadores, nem vistos e venerados. A Virgem Maria tampouco poderia ser uma concorrente de seu Filho", completa.

Teófanes Egido López é licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de Valladolid, na Espanha, onde ocupa a cátedra de História Moderna. Especialista no século XVIII, também trabalha com temas como a opinião pública e oposição ao poder, Lutero e Reformas Protestantes, Santa Teresa e São João da Cruz e Igreja – Estado. Entre suas publicações, destacamos *Las reformas protestantes* (Madri, Espanha: Editorial Síntesis, 1992), *Martín Lutero: Una mirada desde la historia, un paseo por sus escritos* (Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 2017) e *Tolerancia en la Historia* (Valladolid, Espanha: Universidad de Valladolid, 2004).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como podemos compreender a mística de Martinho Lutero? E que aproximações podemos fazer entre sua experiência com a de outros místicos, como João da

> "Não se pode esquecer que, social e politicamente, Lutero tinha mentalidade e convicções feudais, 'de ordem'"

Cruz[1], Teresa de Ávila[2] e o próprio Inácio de Loyola[3]?

Teófanes Egido López – Já foi dito, escrito, e ainda se diz e se escreve, que Lutero não foi um místico. A afirmação se deve, certamente, ao que que se entende por mística que é, antes de tudo, a experiência pessoal, íntima, de Deus; algo que, à primeira vista, pode destoar do caminho de Lutero para chegar à fé, para vivê-la, que é a "Sola Scriptura".

Os quatro, Lutero, Inácio de Loyola, Teresa de Jesus, João da Cruz, foram místicos através da experiência, com a vivência de Deus. Mas, cada um com a sua personalidade, com seu estilo, com sua linguagem na hora de manifestar e de comunicar esta experiência. Porque não convém esquecer que a mística não é somente a experiência de Deus. É também beleza na linguagem que a comunica com alegria. E beleza é o que há nas canções de São João da Cruz, nas Moradas[4] de Santa Teresa, em tantos escritos e sermões de Lutero, e, à sua maneira, também, na peculiar expressão inaciana do caminho até Deus.

Fico com a tese de Pannenberg[5], que gosto de repetir: sua fé (a de Lutero) em Cristo torna-se experiência mística; a sua é uma realidade de fé "como ato estático de união com Cristo", e a contemplação e riqueza do dom da justificação inspiram-lhe as palavras para expressar o feliz intercâmbio, o intercâmbio desigual, entre o esposo e a alma, da mística nupcial, a de Teresa de Jesus e de João da Cruz.

A respeito disso, não posso reprimir meu desejo de recordar uma passagem do livro certamente mais lindo que escreveu, *A Liberdade de um Cristão*[6], no qual canta este matrimônio: "veja que troca e que duelo tão maravilhosos: Cristo é Deus e homem; por conta do anel nupcial, isto é, pela fé, aceita como seus os pecados da alma crente e atua como se ele mesmo fosse quem os houvesse cometido. Pelos sinais, ou seja, pela fé, libera-se a alma de todos os seus pecados e recebe o dote da justiça eterna de seu esposo, Cristo. Não é estupendo este enxoval pelo qual o rico, nobre e tão bom esposo Cristo aceita no matrimônio a esta pobre, depreciável, ímpia prostituta, despojando-a de toda sua malícia e enfeitando-a com toda a classe de bens? Não é possível que os pecados a condenem, posto que Cristo os carregou e os devorou". Conta, portanto, com a justiça, tão rica, de seu esposo, que muito bem pode enfrentar todos os pecados. Desta realidade, São Paulo fala: "Graças sejam dadas a Deus que nos concedeu a vitória por Jesus Cristo; nela a morte e o pecado foram devorados".

1 **João de Yepes ou São João da Cruz** (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567, encontrou-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe falou sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, iniciou a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675, foi beatificado por Clemente X. Canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952, foi proclamado Patrono dos Poetas Espanhóis. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Teresa de Ávila** (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa – A Santa Apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus – "Livro da vida"* (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983). A edição 460 da revista **IHU On-Line**, sob o título *A mística nupcial. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários,* analisa a legado de Merton. Confira em https://goo.gl/jOlXOi. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica do século XVI. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em http://bit.ly/1IBwk2U. Foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)

4 *As Moradas do Castelo Interior*. São Paulo: É Realizações, 2014. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Wolfhart Pannenberg** (1928): teólogo e filósofo que recupera ferramentas e conceitos filosóficos essenciais em um contexto confessional luterano, alemão. Durante o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, realizado em maio de 2004, foi ministrada uma oficina que tratou do pensamento de Pannenberg. Sobre ele foram publicados em 2005 os **Cadernos Teologia Pública** números 19 e 20, disponíveis para download em ihu.unisinos.br/publicacoes/mais-publicacoes. (Nota da **IHU On-Line**)

6 ***Da Liberdade de um Cristão*** (em latim: De Libertate Christiana; em alemão: Von der Freiheit eines Christenmenschen): também chamado de Tratado sobre a Liberdade Cristã, de novembro de 1520, é o terceiro dos três grandes tratados escritos por Martinho Lutero em 1520 publicado depois de "À Nobreza Cristã da Nação Alemã" (agosto) e "Do Cativeiro Babilônico da Igreja" (outubro). A obra foi publicada em uma versão mais elaborada em latim e em outra mais curta em alemã. Não há consenso acadêmico sobre qual das duas foi escrita primeiro. O tratado desenvolve o conceito de que os cristãos, como filhos de Deus completamente perdoados, não estão mais obrigados a observar a lei de Deus (do Antigo Testamento); eles servem a Deus e a seus vizinhos livremente e de vontade própria. Lutero também desenvolveu um pouco mais o conceito da justificação pela fé. Entre as edições em português mais recentes está *Da Liberdade de um Cristão* (São Paulo: Unesp, 2015). (Nota da **IHU On-Line**)

Oração

Tampouco me privo de apontar coincidências na maneira de orar. Lutero escreve, por volta de 1530, um pequeno tratado para seu amigo barbeiro (e também cirurgião), Pedro. Baseia-se no Pai Nosso. Pois bem, Santa Teresa, também comentadora da oração dominical, comenta o Pai Nosso com ternura. E como defende a oração vocal do Senhor, tem momentos de entusiasmo, exatamente por esta se tornar a oração vocal na contemplação. O que diz Lutero ao amigo ao comunicar-lhe sua experiência de oração: "o que me acontece com frequência é que uma frase ou petição me suscitam tantas meditações, que prescindo de todas as demais. E quando fluem estes pensamentos abundantes e bons, é preciso deixar de lado as petições restantes, deter-se naqueles, escutá-los em silêncio, não lhes pôr obstáculos por nada do mundo, porque então, quando se prega o Espírito Santo, uma palavra de sua pregação é muito mais valiosa que mil de nossas orações".

Não sigo, porque quase nunca acabariam estas aproximações (o que não quer dizer influências, nem dependências) entre os místicos autênticos.

IHU On-Line – Costuma-se inscrever a experiência de Inácio de Loyola como um dos movimentos da contrarreforma e combate ao luteranismo. Mas como podemos avançar na reflexão e analisar a experiência do fundador da Companhia de Jesus em perspectiva ao luteranismo?

Teófanes Egido López – Dá a sensação de que, ao contemplar aqueles tempos e ao pensar naquelas pessoas que incentivaram a vida da Igreja (que se identificavam com a sociedade) desde suas respectivas ilusões, há de se partir do confronto. Houve, certamente, um confronto, mas a explicação de tantos entusiasmos e propostas é preciso buscá-la precisamente naquele ambiente sacralizado (pois não havia outro) e naquelas sensibilidades. Por isso, quando se enxerga a Lutero e a sua chamada Reforma (que foi mais do que isso), e se pensa em Inácio de Loyola e sua Companhia, primeiro como Contrarreformas, ao menos às vezes, está sendo incorrida em simplificações que são explicáveis, mas que não se correspondem com a realidade histórica. Ambas as experiências, ambos os projetos, submetidos às circunstâncias em sua evolução, germinaram e frutificaram, precisamente porque encontraram um solo bem preparado. Lucien Febvre[7], o historiador pioneiro das mentalidades, autor do precioso livro (além de rigorosamente histórico) lá pelos anos 30 do século XX, *Martín Lutero, un destino*[8], insistia em que para compreender aquelas iniciativas, e aqueles protagonistas, havia que compreender, antes de tudo, que o imenso apetite do divino viveria por todos.

Uma coisa foram os fundadores, os reformadores, e outra seus seguidores de depois, os dos tempos que começaram a ser chamados "confessionais" e contrarreformistas. Gosto de reproduzir o que Lutero dizia e podia ser colhido: "é preciso distinguir muito bem entre a doutrina e a vida. Nós vivemos mal, como mal vivem os papistas. Não lutamos contra os papistas por conta da vida, mas pela doutrina. Huss[9] e Wycliffe[10] não se deram conta disto, e apenas atacaram a conduta dos papistas. Pessoalmente não digo nada particular sobre sua forma de viver, mas sobre a doutrina. Meu modo de ação, meu combate, centra-se em saber se os oponentes transmitem a doutrina verdadeira. Os demais criticaram apenas a conduta, mas quando se ataca a doutrina é quando se agarra o ganso pelo pescoço... Tudo está radicado na palavra; nessa palavra que o papa nos roubou, falsificou e manchou para transmiti-la desfigurada para a Igreja".

> "Mediava um abismo entre Lutero e os protestos hussista e wiclefita"

IHU On-Line – De que forma as tentativas de reforma da Igreja ao longo de toda a Baixa Idade Média[11] influenciam Lutero? E por que somente a luterana leva à cisão e também a outras perspectivas acerca do cristianismo?

Teófanes Egido López – Pode haver dependências, similitudes e influências entre os projetos medievais de reforma e o de Lutero. As atitudes reformadoras ("as heresias" que diriam os combatentes em nome das "ortodoxias") da Idade Média es-

7 **Lucien Febvre** (1878-1956): historiador francês, cofundador da chamada "Escola dos Annales". (Nota da **IHU On-Line**)

8 San Diego, EUA: Fondo De Cultura Economica USA, 2004. [edição em espanhol]. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **John Huss** (1369-1415) foi um pensador e reformador religioso. Ele iniciou um movimento religioso baseado nas ideias de John Wycliffe. Os seus seguidores ficaram conhecidos como os Hussitas. A Igreja Católica não perdoou tais rebeliões e ele foi excomungado em 1410. Condenado pelo Concílio de Constança, foi queimado vivo e morreu cantando um cântico [cântico de Davi" Jesus filho de Davi tem misericórdia de mim]. Um precursor do movimento protestante, a sua extensa obra escrita concedeu-lhe um importante papel na história literária checa. Também é responsável pela introdução do uso de acentos na língua checa por modo a fazer corresponder cada som a um símbolo único. Hoje em dia a sua estátua pode ser encontrada na praça central de Praga, a Praça da Cidade Velha, em checo Staroměstské náměstí. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **John Wycliffe** (1328-1384): foi professor da Universidade de Oxford, teólogo e reformador religioso inglês, considerado precursor das reformas religiosas que sacudiram a Europa nos séculos XV e XVI. Trabalhou na primeira tradução da Bíblia para o idioma inglês, que ficou conhecida como a Bíblia de Wycliffe. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Baixa Idade Média**: período que abarca desde o século XI até o Renascimento, já no século XV. É uma época de expansão e feudalismo na Europa, sendo o feudalismo um sistema governado por uma minoria de aristocratas guerreiros que, com os membros da Igreja, retêm a propriedade eminente da terra. A Baixa Idade Média é o auge do poder Católico, que domina toda a Europa e incita expansões como as Cruzadas. Este domínio é visível no número de catedrais e igrejas góticas por toda a Europa. Nesse período, o centro é Deus e todos os fenômenos são explicados por Deus. Com o Renascimento, surge uma ligação direta entre a Religião e a Arte, algo que provém deste centralismo divino. (Nota da **IHU On-Line**)

tavam presentes na mente de Lutero, não cabe dúvida. Conhecia e recordava Wicliffe. Na disputa sonora de Leipzig teve de reconhecer, encurralado pelo formidável dialético João Maier[12], que, ao menos em certo sentido, sua postura era parecida com a de Huss (com tudo o que a menção de Huss agitava naquela universidade de Leipzig, alentada pelos fluidos da perseguição bohema, hussista). Ali, e então, em 1519, já ficou muito clara a ruptura com Roma, com as normas conciliares, com a cúria e com o quanto representava.

Mas mediava um abismo entre Lutero e os protestos hussita e wiclefita por circunstâncias geográficas, pela história pessoal, e inclusive do inglês e do bohemo e, em maior medida, por motivos políticos. Ao contrário do que acontecia com Lutero, não contaram com o respaldo incondicional dos poderes seculares. Inclusive, sucedeu o contrário. Na verdade, e ainda que sempre tenha havido retornos, Wycliffe tornou-se nada mais do que recordação na Inglaterra, e Huss reviveria, mas por motivos minoritários nacionalistas.

IHU On-Line – Como podemos compreender a mística da cruz vazia dos luteranos? Qual é a razão de ser dessa ruptura com a tradição católica?

Teófanes Egido López – Já desde o começo de seu protesto, todavia "ortodoxo", isto é, nas simbólicas e centenárias teses "contra" as indulgências que celebramos nos últimos dias, o frei Martinho Lutero formulava o princípio, ou, melhor dito, o motivo de sua teologia, de sua espiritualidade, de sua piedade: não são as indulgências, aquelas cartas que são pregadas por aí com tanto aparato e com tantos abusos, mas o arrependimento, a cruz, os que conferem perdão, a salvação. Dizia: "todo cristão verdadeiramente arrependido tem a devida remissão plenária da pena e da culpa, ainda sem a aquisição das cartas de indulgência " (tese 36). Por isto, "bem-vindos todos os profetas que pregam ao povo de Cristo "cruz, cruz" posto que já não é tal cruz!" (tese 93).

Pouco depois, no capítulo provincial dos agostinhos, em Heidelberg, formulava de novo, e de forma mais sistemática, sua convicção: "o teólogo da glória chama ao mal, bem, e ao bem, mal; o teólogo da cruz chama as coisas como são em realidade". De fato, sua teologia da cruz é a alegria de sua teologia, de sua espiritualidade, de sua fé, e um dos capítulos clássicos, dos mais clássicos, entre seus tratadistas.

> "Sua teologia da cruz é a alegria de sua teologia, de sua espiritualidade, de sua fé"

IHU On-Line – Lutero foi um reformador medieval ou um alguém que inaugura o pensamento moderno?

Teófanes Egido López – Como pensador, não há dúvida: foi um reformador da teologia comprometida com o que poderíamos chamar de modernidade. Porque, isso sim: o frei Martinho Lutero (ou Ludher, já que usou vários nomes até que assumiu o nome de humanista da luz, Lutero) foi, antes de ser da Igreja, reformador da teologia. E como reformador da teologia ele enfrentou com vigor a escolástica, que bebia em Aristóteles[13] e era expressa com Escoto[14], com Ockham[15], com o nominalismo (que em partes prestoulhe bons serviços), com o silogismo.

E se não o inaugurou, não se pode negar que se apoiou no pensamento moderno que ele contribuiu para fortalecer a partir de sua influência. Tudo na dimensão religiosa é claro. E o modernismo era o retorno às fontes da fé e da espiritualidade, ou seja, a Escritura. Lutero, além disso, estava bebendo em São Paulo[16], in-

12 **João Maier** [ou João Eck] (1486-1543): foi um teólogo católico, vice-chanceler da Universidade de Ingolstadt. Defensor do catolicismo e adversário de Martinho Lutero. Refutou as suas teses na obra Obelisci e com ele debateu por três semanas na célebre disputa de Leipzig. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **John Duns Scot** [ou Escoto Eriúgena] (1265-1308): frade franciscano escocês, foi um filósofo e teólogo da tradição escolástica, chamado de "Doutor Sutil", em razão de ser um autor de acesso difícil, que lhe valeu essa reputação de sutileza. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Foi mentor de outro grande nome da filosofia medieval, William de Ockham. Foi beatificado em 20 de março de 1993, durante o pontificado de João Paulo II. Formado no ambiente acadêmico da Universidade de Oxford, posicionou-se contrário a São Tomás de Aquino no enfoque da relação entre a razão e a fé. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* ("Obra de Paris") e a *Opus oxoniensis* ("Obra de Oxford"), também conhecida como Ordinatio, ambas provavelmente compilações, por seus discípulos, de seus cursos. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Guilherme de Ockham** (1285-1347): foi um frade franciscano, filósofo, lógico e teólogo escolástico inglês, considerado como o representante mais eminente da escola nominalista, principal corrente oriunda do pensamento de Roscelino de Compiègne (1050-1120). (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em http://bit.ly/ihuon175, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em https://goo.gl/bKZcM0. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em http://bit.ly/ihuem32, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em http://bit.ly/ihuteo55. (Nota da **IHU On-Line**)

terpretado e vivido com a mentalidade agostiniana, pois ele sempre foi muito agostiniano, com certo maniqueísmo antipelagiano no fundo. Coincidia com o humanismo em alguns aspectos, como na crítica a tantas formas de religiosidade não isentas de superstição de acordo com o que diziam seus críticos, ou em sua reivindicação da Bíblia não apenas para as elites culturais, mas também para o povo crente e fiel.

Por seu agostinismo cordial, por seu conceito de Deus, ele não foi capaz, no entanto, de conectar-se com a liberdade moderna, personificada por Erasmo[17]. E esta liberdade impossível esteve na raiz da ruptura clamorosa (e de certa forma, trágica) de 1525, na batalha por arbítrio entre as pessoas livres e os escravos. O que, na verdade, era o cerne de tudo, como Lutero confessava em sua resposta ao reconhecer que havia sido o único a atacar a essência do luteranismo: "nisto eu te elogio e te propago com veemência, pois eras o único que, entre tantos, atacaram a essência desta causa, e não me importunaste com questões alheias ao debate acerca do papado, o purgatório, as indulgências e outras bobagens nas quais quase todos queriam caçar até agora em vão. Fostes o único que chegou ao cerne do problema, que pegou o touro pelos chifres, e por isso estou sinceramente te agradecendo".

Pode haver muita retórica nessas concessões. Tudo isto manifesta o abismo entre Erasmo, salvador da liberdade humana e a presença da graça, com a postura, radical como em tudo, de Lutero, que sintetizada no parágrafo ardente de seu livro *De servo arbítrio*: "a vontade humana, colocada entre Deus e Satanás, assemelha-se a um jumento. Quando é Deus quem está montando, Deus vai lá onde quiser ir, conforme o Salmo 73, 22, *Ante ti sou como uma besta, mas sempre estarei contigo*. Quando é Satanás quem cavalga, vai onde quiser ir. Não depende de seu arbítrio escolher um ou outro dos dois cavaleiros; são os cavaleiros os que disputam para obtê-lo e possuí-lo".

"O modernismo era o retorno às fontes da fé e da espiritualidade"

IHU On-Line – Que cristianismo emerge a partir de Lutero?

Teófanes Egido López – Não é fácil responder em poucas palavras a uma pergunta tão sensata por referir-se ao que às vezes não se acentua ao pensar em Lutero e que, no entanto, foi o mais transcendente, e inclusive visível, de seu empenho. Propriamente, foi a grande diferença entre o cristianismo medieval e o moderno, a passagem da Cristandade para as Igrejas, para as confissões. Da unidade à variedade (ou divisão?).

O cristianismo "luterano" seria, antes de tudo, bíblico, profundamente bíblico, evangélico. Seria caricaturesca a mera tentativa de esclarecer o que a Bíblia significou para Lutero e o que ele significou para leitura da Bíblia. Não é que não se recorresse a ela antes dele (como deixava transparecer às vezes) posto que até mesmo as "Bíblias para os pobres" (em imagens) estavam em todos os lugares. Existiam várias traduções, incluindo aquelas feitas por judeus na Espanha. Mas eram traduções da vulgata e, portanto, refere-se a espaços de Lutero, eram traduções para o alemão dialetal, regional. Por isto, é preciso valorizar, e nunca será o suficiente de maneira justa, o presente da Bíblia de Lutero em alemão, mas em alemão moderno, não apenas o que era escrito em chancelarias, mas também o falado. Não se pode esquecer o que dizia, orgulhoso daquela obra feita em equipe (o que lhe convinha para, de passada, atacar os papistas): "não se pode demandar dessas letras latinas de que forma se fala o alemão, que é o que esses idiotas (papistas) fazem; quem precisa fazê-lo é a mãe que está em casa, as crianças nas ruas, o homem comum no mercado, que deduzem sua forma de falar observando sua boca. Depois disso feito é quando se pode traduzir: será a única maneira de que eles percebam que estão falando com eles em alemão".

Realmente, o panorama do cristianismo estabeleceu-se em Trento[18], com o monopólio da Bíblia em sua versão vulgata ou com o imposto sobre a monarquia espanhola com as proibições inquisitoriais e os medos com a Sagrada Escritura, contrastando com o espetáculo do luteranismo com a sua Bíblia, com sua liturgia, seus salmos, com suas canções. O luteranismo, além disso, oferecia uma religiosidade secular, não-clerical, mais simples, sem hierarquias (para a primeira Reforma, a de Lutero, porque na segunda, a confessional, as hierarquias e a escolástica reapareceriam em certo modo). Mas é preciso valorizar a mudança radical, inclusive no aspecto urbano das cidades sem clero especial (todos eram sacerdotes graças a Cristo), com pastores, sem frades nem freiras posto que os monastérios a partir da época inicial eram esvaziados nos espaços germânicos, e fora da Alemanha, onde o Evangelho se impunha.

Outras mudanças no ser cristão

Também mudavam os sistemas sacramentais, as formas de piedade, as devoções, o olhar aos santos que já

17 **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmo cursou o seminário com os monges agostinianos e realizou os votos monásticos aos 25 anos, vivendo como tal, sendo um grande crítico da vida monástica e das características que julgava negativas na Igreja Católica. Optou por uma vida de acadêmico independente - independente de país, independente de laços acadêmicos, de lealdade religiosa - e de tudo que pudesse interferir com a sua liberdade intelectual e a sua expressão literária. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Concílio de Trento:** realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

não podiam mais ser intercessores, mediadores, nem vistos e venerados, em procissões. A Virgem Maria, cantada por Lutero no comentário sobre o Magnificat e em sermões até praticamente à véspera de sua morte, tampouco poderia ser uma concorrente de seu Filho, nem proposta como "Rainha do Céu", nem mediadora, mas como um modelo de humildade diante do olhar amoroso do Senhor. E, no entanto, na vida espiritual de Lutero abundam anjos e os demônios (há trabalhos que traçam simetrias e diferenças, é claro, entre os demônios de Lutero e, por exemplo, os de Santa Teresa).

Poderia seguir, talvez devesse seguir, com as alterações na religiosidade que afetaram, obviamente, as próprias mentalidades coletivas. Mas seria uma coisa que nunca acabaria. E em qualquer caso, não deve ser visto como motivo de divisão, mas como um sinal de variedade, de riqueza religiosa.

"Cristianismo 'luterano' seria, antes de tudo, bíblico, profundamente bíblico, evangélico"

IHU On-Line – Quais as principais diferenças entre o cristianismo medieval e o moderno? E como essas diferenças impactam na relação com o poder?

Teófanes Egido López – Existe uma relação direta entre Reforma e poder político. Não posso fazer mais do que enunciá-la, posto que se trata de algo, como quase tudo, muito complexo e muito simples ao mesmo tempo. A modernidade, os tempos de Lutero, especificam-se por aquilo que tem sido chamado de o nascimento do Estado moderno. O oposto ao fragmentado medieval, feudal, e muito mais nos espaços do Império, na Alemanha que não existia como entidade política. Pois bem, as monarquias modernas eram assim porque, ao mesmo tempo que tinham o poder político, tinham o poder religioso, ou seja, o controle de suas igrejas "nacionais". Era o que estava acontecendo na França com o galicanismo[19], a monarquia espanhola com o regalismo[20], em Portugal, em Cleves[21] (de forma que diziam que o rei, o príncipe, o duque, era o papa em seus domínios).

Mas o papa tinha suas atribuições, ainda que só tenham sido (por mais que não tenham sido só elas) as espirituais. Neste caso, onde a Reforma se implantava, como o papa não existia, nem a hierarquia eclesiástica era operativa, todo o poder das primeiras Igrejas (o regulador e o inquisidor) era transferido para os príncipes ou para as cidades. E não há dúvida: isso foi um incentivo para que os poderes civis e políticos estimulassem a implementação da reforma em seus domínios.

IHU On-Line – Como compreender a gênese da ética protestante a partir da figura de Lutero? Por que é considerada como uma das inspirações para o liberalismo?

Teófanes Egido López – Procuro responder a sua pergunta com simplificações forçadas. Penso, e não sou o único a fazê-lo, que a relação de Lutero, por causa de sua ética, com o liberalismo, com o capitalismo inclusive, não acaba de responder ao rigor histórico. Lutero estava cheio de contradições, e quem não estaria. O liberalismo é a liberdade, mas em relação ao pensamento, especialmente em relação aos absolutismos anteriores. Já vimos como que, para ele, era necessário libertar-se das imposições romanas, papistas, mas, no entanto, não havia liberdade ante a palavra de Deus, da qual havíamos de ser escravos.

Quanto ao outro elemento do liberalismo, o econômico, baseado no capitalismo, Max Weber[22] é criticado por associar o nascimento das novas formas econômicas que levam ao capitalismo com o espírito protestante, bastante calvinista, com seu senso de poupança e outros. Mas é mais do que provado que nem Calvino[23], nem mesmo Teodoro de Beza[24], eram amigos de certas operações, do banco daquele tempo, isto é, do empréstimo com interesse. Bem pelo contrário. E quanto a Lutero, basta rever seus escritos sobre usura, comércio, para deduzir facilmente seu espírito anticapitalista.

E socialmente, não é preciso nem recordar as convicções feudais de Lutero, a defesa da ordem estabelecida, dos poderes (aqui não havia diferença confessional) quando se tratava de reprimir desordens como as dos cavaleiros (alguns que eram muito amigos seus) ou, menos ainda, dos camponeses liderados no final por Thomas Müntzer[25].

19 **Galicanismo**: referente a tendência separatista da igreja católica da França em relação a Roma e ao Papa. A origem do nome provém de Gália, nome antigo da França. (Nota da **IHU On-Line**)
20 Regalismo: doutrina que defende direito de interferência do chefe de estado em assuntos internos da Igreja Católica (Nota da **IHU On-Line**)
21 **Cleves**: ou Kleve em alemão, é uma cidade da Alemanha, capital do distrito de Cleves, região administrativa de Düsseldorf, estado da Renânia do Norte-Vestfália. Está situada no noroeste da Renânia do Norte-Vestfália, próxima aos Países Baixos e ao Rio Reno. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-5-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois,* disponível em http://bit.ly/ihuon101. Sobre Max Weber, o IHU publicou o **Cadernos IHU em formação** nº 3, de 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo* disponível em http://bit.ly/ihuem03. (Nota da **IHU On-Line**)
23 **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africânderes), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da **IHU On-Line** intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista*, disponível em http://bit.ly/1oBIrpn. (Nota da **IHU On-Line**)
24 **Teodoro de Beza** (1519-1605): foi um teólogo protestante francês que desempenhou um papel importante no início da Reforma Protestante. Foi discípulo de João Calvino e o sucedeu na liderança da Igreja em Genebra. (Nota da **IHU On-Line**)
25 **Thomas Müntzer** (1490-1525): foi um dos primeiros teólogos alemães da era da Reforma,

IHU On-Line – Qual o papel da escrita, e depois da imprensa, na elaboração, fixação e, mais tarde, na circulação do pensamento luterano?

Teófanes Egido López – A imprensa, ou seja, os livros, foi o instrumento mais eficaz e predileto da mensagem, das mensagens, de Lutero, de sua Reforma e de seu Evangelho. Ele teve a sorte de contar com um veículo tão poderoso de expansão e penetração, como foi o da imprensa, "arte divina", como chamavam os humanistas. Possivelmente na imprensa, no livro, seja importante descobrir a diferença substancial entre as "heresias" anteriores, como as medievais de Wicliffe e Huss, comunicadas pela palavra, pelo manuscrito, sempre limitados. A Reforma de Lutero, com suas características modernas e com as possibilidades da nova tecnologia a seu serviço, supera isso.

Não é estranho que o reformador relacionasse ladainhas de elogios à imprensa, o poderoso meio de comunicação de massa que ele conhecia tão bem e soube aproveitar em quase todas as suas possibilidades e em suas formas, a partir do livro volumoso até o panfleto e as folhas volantes. E isso a partir das 95 teses centenárias de 1517 até os últimos panfletos contra o papado, pouco antes de sua morte.

IHU On-Line – O que os escritos de Lutero revelam sobre o monge agostiniano?

Teófanes Egido López – O melhor lugar para descobrir algo sobre Lutero, os Luteros, está em seus escritos, desde os primeiros sobre a mística alemã até o passado, com suas fobias e tudo. Sua personalidade rica, atraente e mutável fica visível em diversas fases de sua produção. A escrita e os seus sermões falados. E no outro, as das cartas, tantas cartas quanto foram possíveis publicar a partir da clássica edição de Weimar e as que vão sendo descobertas. E não se esqueça: *Conversas à mesa* revela muito, muitíssimo, sobre sua personalidade, recolhidas por convidados, nas quais a cada momento se sobressai um Lutero mais espontâneo, e também mais próximo.

IHU On-Line – Como compreender a relação que teve com burgueses, príncipes e camponeses?

Teófanes Egido López – Realmente, a relação era muito diferente no que tange aos setores sociais dos quais se tratava. Algo que eu insinuei anteriormente. Não se pode esquecer que, social e politicamente, Lutero tinha mentalidade e convicções feudais, "de ordem", diríamos hoje, e de uma ordem que deveria ser mantida. Por isso é possível entender melhor suas reações diante daqueles que "atentavam" contra a autoridade legítima, isto é, contra os senhores, contra os príncipes ou contra o outro senhorio, os burgueses das cidades. Suas primeiras atitudes contra as desordens de Wittenberg que lhe fizeram abandonar seu "exílio" em Wartburg, ou suas posições adversas que atentavam contra os senhores, os escritos duríssimos contra os camponeses, as convocações contra qualquer germe da anabatismo ou de antitrinitarismo, que tudo estava misturado, respondem a suas convicções arraigadas, a sua mentalidade.■

ele se tornou um líder rebelde durante a Guerra dos Camponeses. Müntzer virou-se contra Lutero com vários escritos contra Lutero, e apoiou os anabatistas. Na Batalha de Frankenhausen, Müntzer e seus seguidores foram derrotados. Ele foi capturado, torturado e decapitado. (Nota da **IHU On-Line**)

Lutero e Inácio de Loyola. A espiritualidade que vali além da polarização entre reforma e contrarreforma

Philip Endean analisa os pontos de encontro entre as perspectivas de Martinho Lutero e Inácio de Loyola

João Vitor Santos | Tradução: Luís Marcos Sander

Numa rápida e apressada análise, é comum ouvirmos que a Companhia de Jesus, capitaneada por Inácio de Loyola, se constitui como um dos movimentos da Igreja Católica para frear a reforma tensionada por Martinho Lutero. "Lutero e seu movimento foram para o cisma; Inácio e os primeiros jesuítas, junto com muitas outras figuras reformadoras do catolicismo da modernidade incipiente, tentaram assumir os desafios de manter a tensão unida", analisa o teólogo jesuíta Philip Endean. Entretanto, ele destaca que é reducionismo pensar na ideia de uma reforma e de um movimento que tenta sufocá-la, a contrarreforma. "É claro que há diferenças – eles são pessoas diferentes. Mas também há semelhanças marcantes", destaca.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Endean explica que "para ambos, uma crise de culpa intensa, quase patológica, é aliviada subitamente por uma percepção de que é Deus que faz a obra real de nossa redenção, e que nosso desempenho moral não tem muito a ver com ela. Em ambos os casos, isso leva a uma transformação total da compreensão". Assim, compreende que tanto Lutero quanto Inácio inauguram outras formas de ser cristão. "Há algo semelhante – uma qualidade da experiência de Deus que é inteiramente transformadora, e, de algum modo, definitiva de uma nova guinada na consciência religiosa entre os ocidentais no início da modernidade", pontua. E completa: "se pudermos ver Lutero e Inácio como filhos de seu tempo, poderemos ficar livres para pensar de maneira nova e criativa sobre a nova missão para a qual podemos esperar que Deus já nos tenha consagrado".

Philip Endean é britânico, jesuíta, formado em Filosofia e Teologia. Lecionou nas universidades de Londres e Oxford, e no Boston College, nos Estados Unidos. Atualmente é professor de espiritualidade nas Faculdades Jesuítas de Paris, Centre Sèvres. Ainda atuou como editor de *The Way*, um periódico inaciano de espiritualidade publicado pelos jesuítas britânicos. É autor do livro *Karl Rahner and Ignatian Spirituality* (Oxford, 2001), escrito a partir de sua tese de doutorado defendida em Campion Hall, Oxford.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – No que as comemorações dos 500 anos da Reforma podem inspirar tanto católicos como luteranos?

Philip Endean – Até mesmo os luteranos, conscientes do caráter divisor do legado de Lutero, parecem bastante contentes em falar de comemoração e não de celebração. Mas é verdade que esse é o primeiro grande jubileu luterano desde que o ecumenismo criou raízes. Em 1917, o jubileu da Reforma ocorreu durante a 1ª Guerra Mundial. A memória de Lutero foi usada para incentivar o heroísmo militarista alemão de uma maneira que os historiadores hoje em dia acham bizarramente chocante.

Em 2017, é o caráter puramente divisor da herança que parece constrangedor, e até não cristão. Um sinal dos tempos é que a Federação Luterana Mundial, ao preparar a comemoração de 2017, trabalhou junto com o Vaticano, produzindo um importante documento intitulado *Do conflito à*

comunhão[1]. A maioria das pessoas cristãs atualmente vive fora da Europa, e muitas na África e na Ásia, em igrejas com menos de 100 anos de idade. Se essa é sua experiência, você não – para usar as palavras do documento conjunto – vê com facilidade os conflitos confessionais do século XVI como seus próprios conflitos. As questões que incomodam você tem a ver com a justiça, a necessidade aguda e o fato de viver em situações de pluralismo religioso. E essas questões as pessoas cristãs das igrejas históricas tentam enfrentar juntas – nós não fazemos as coisas separadamente a menos que tenhamos de fazê-las.

IHU On-Line – A partir dessa perspectiva, que relação podemos estabelecer entre Martinho Lutero e o fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola[2]?

Philip Endean – Para início de conversa, temos de ir além do que a segunda geração de jesuítas, no centro da resistência ao que eles viam como a heresia luterana, tinham condições de dizer. A experiência-chave de conversão de Inácio ocorreu em 1521, e seus seguidores não tardaram a estabelecer a conexão. Encontramos um deles escrevendo o seguinte: "Deus chamou nosso Padre Inácio mais ou menos no mesmo ano em que Lutero deixou seu convento e contraiu seu casamento escandaloso. [...] A partir desse fato entendemos de maneira especial como a Companhia foi criada para ajudar a igreja na Alemanha, na Índia ou onde quer que seja. E então: no mesmo ano em que Lutero foi chamado pelo diabo, Inácio foi chamado por Deus." O documento que mencionei acima – *Do conflito à comunhão* – fala de um desafio com que todos e todas nós nos deparamos se quisermos avançar de modo sincero e seguro. Nós não podemos mudar o que aconteceu no passado. Mas podemos aprender a nos lembrar disso de maneira diferente.

IHU On-Line – Como podemos avançar nesse sentido?

Philip Endean – Podemos começar com a coincidência das datas: o início do século XVI, quando a imprensa estava começando realmente a moldar a cultura ocidental. Nós conhecemos a história de Inácio em seu leito de enfermo em Loyola, lendo livros e sonhando acordado, e dando-se gradativamente conta de como suas reflexões surgiam de um conflito – bastante sutil – entre Deus e sua própria resistência a Deus. O que não reconhecemos com tanta facilidade é que Inácio faz parte da primeira geração de pessoas fora de um monastério que está em uma posição de se queixar do fato de que os livros na estante não são muito interessantes. A situação é um pouco semelhante à nossa atualmente em relação ao wifi – embora essa tecnologia simplesmente não existisse há 20 anos, podemos facilmente nos pegar classificando e avaliando mentalmente os lugares aonde vamos para ficar em termos da qualidade da conexão que eles têm.

No início do século XVI, os livros estavam começando a ficar importantes. As pessoas instruídas e privilegiadas começavam a praticar seu cristianismo por livros e a reimaginar a religião de todas as demais pessoas como transmitindo o conteúdo desses livros por lições catequéticas. Isso é uma mudança enorme – que foi tão maciçamente influente que não a percebemos imediatamente –, mas em vez disso nos concentramos nos pontos da diferença. Tanto a história de Lutero quanto a de Inácio têm a ver com a leitura e com as mudanças produzidas pela leitura. Quando se começa a pensar nesses termos, elas parecem mais variações sobre um tema do que estar em desacordo.

IHU On-Line – Podemos falar em afinidade espiritual entre os dois?

Philip Endean – Isso é ir um pouco longe demais. Eles são de classes sociais diferentes e de culturas diferentes, e são figuras fundadoras de movimentos bastante diferentes. Mas há, não obstante, ao menos uma característica notável em suas histórias pessoais que eles parecem ter em comum. Olhando retrospectivamente no final de sua vida, Lutero se lembra de como, apesar de sua boa observância monástica, tinha uma "consciência extremamente perturbada" e não conseguia acreditar que Deus fosse aplacado por suas tentativas de viver corretamente. Mas então veio o alívio:

> *[...] pela misericórdia de Deus, meditando dia e noite [...] comecei a entender que a justiça de Deus é aquela pela qual a pessoa justa vive por um dom de Deus, a saber, pela fé [...] Aí senti que eu tinha renascido inteiramente e entrado no paraíso passando por portões abertos. Aí um rosto inteiramente diferente da Escritura toda se revelou a mim.*

Isso não está muito distante do que Inácio nos conta sobre seu período formativo em Manresa. Ele confessava seus pecados, mas nunca saía satisfeito. Os escrúpulos ficavam voltando, cada vez mais fortes. De repente, entretanto, "o Senhor quis que ele despertasse como que do sono". Ele reconhece que os escrúpulos provêm de um espírito maligno, não de Deus, e que o Deus o libertou por pura misericórdia. E isso leva a um relato de algumas experiências místicas vigorosas sobre como tudo se encaixa:

> *[...] os olhos de sua compreensão começaram a se abrir: não que ele tivesse visto alguma visão, mas compreendendo e sabendo muitas coisas, coisas espirituais e questões de fé e igualmente de erudição – e isso com um esclarecimento tão forte que todas as coisas pareciam novas para ele.*

1 O Instituto Humanitas Unisinos – IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, publicou inúmeros textos relacionados ao documento. Entre eles *Luteranos e católicos programam comemoração comum para 2016: 'Do conflito à comunhão'*, em 21-1-2015, disponível em http://bit.ly/2xlp9uu; *2017: Do Conflito à Comunhão?*, em 1-2-2016, disponível em http://bit.ly/2gBgnlx; e *Diálogo católico-luterano a 500 anos da Reforma: o documento "Do conflito à comunhão"*, em 19-10-2016, disponível em http://bit.ly/2y2cwcn. Leia mais em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica do século XVI. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em http://bit.ly/1I-Bwk2U. Foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)

É claro que há diferenças – eles são pessoas diferentes. Mas também há semelhanças marcantes. Para ambos, uma crise de culpa intensa, quase patológica, é aliviada subitamente por uma percepção de que é Deus que faz a obra real de nossa redenção, e que nosso desempenho moral não tem muito a ver com ela. Em ambos os casos, isso leva a uma transformação total da compreensão. Para Inácio, todas as coisas parecem novas; para Lutero, um rosto totalmente diferente da Escritura toda se revela.

IHU On-Line – Como, então, podemos entender a mística de Lutero e de Inácio?

Philip Endean – Há uma geração, Karl Rahner[3] escreveu um texto longo e apaixonado em que imaginava Inácio falando com um jesuíta contemporâneo. A uma certa altura, o Inácio de Rahner sugere de modo implicante que a experiência fundamental de Inácio estava muito mais próxima da de Lutero, e com efeito da de Descartes[4], do que os católicos eclesiais modernos geralmente imaginam. Isso seguramente está certo. Há algo semelhante – uma qualidade da experiência de Deus que é inteiramente transformadora, e, de algum modo, definitiva de uma nova guinada na consciência religiosa entre os ocidentais no início da modernidade. Não é coincidência que mesmo atualmente consideremos os acontecimentos do século XVI na história da igreja como particularmente significativos.

Mas há também uma diferença importante. A oração que Inácio nos incentiva a fazer no início de cada "exercício espiritual" pede "para que todas as minhas intenções, ações e operações sejam puramente ordenadas para serviço e louvor de sua divina majestade". A intenção aqui está no mesmo nível de duas palavras diferentes que significam ação. Não estamos distantes da teoria aristotélica da virtude – nós criamos nossa identidade através do que fazemos. A fé e as obras estão estreitamente ligadas.

Em contraposição a isso, Lutero imagina a liberdade espiritual como uma união entre a alma e Deus que "nenhuma coisa externa" pode influenciar. Em si, essa diferença não é – como o trabalho ecumênico contemporâneo revelou – suficiente para justificar o fato de permanecermos divididos, e do ponto de vista histórico ela provavelmente não é suficiente para explicar por que, afinal, ocorreu a cisão. Mas Inácio e Lutero estão operando a partir de quadros bastante divergentes de como nossa identidade religiosa sob Deus e nosso comportamento no cotidiano afetam um ao outro.

Encontro entre Inácio e Lutero?

Inácio não nos deixou qualquer registro de um encontro com um luterano (embora houvesse muitos simpatizantes em Paris quando ele estava lá, e na verdade João Calvino[5]). Sua preocupação principal era simplesmente a ajuda das almas – ajudar as pessoas a se tornar cristãos melhores, e satisfazer necessidades da igreja que não se encaixavam dentro das estruturas-padrão. É só quando jesuítas começam a ir para a Alemanha – primeiro Pierre Favre[6] por conta própria no início dos anos 1540 e depois grupos mais tarde – que há qualquer espécie de acentuação de contramedidas defensivas.

À sua própria maneira, de fato, ele foi um reformador (mas com "r" minúsculo) – há uma nota manuscrita de um dos principais cardeais da época em que os jesuítas chegaram pela primeira vez a Roma que os chama de os "preti reformati del Gesù". Os primeiros jesuítas, naquela época tanto quanto atualmente, pareciam bastante suspeitos para algumas pessoas. A preocupação de Inácio de desprender os clérigos de um apego indevido ao dinheiro é bastante evidente a partir do texto dos *Exercícios espirituais*. A ideia de que os clérigos deveriam se entender em termos de seu relacionamento com Deus e com o povo de Deus, e não como possuidores de um benefício – de cujos frutos viveriam enquanto pagavam algum subordinado para rezar a missa no lugar respectivo – não está muito distante da polêmica de Lutero contra a venda manipulativa de indulgências.

IHU On-Line – Tanto Lutero quanto Inácio rompem com uma certa lógica hegemônica de seu tempo?

Philip Endean – Eu sou britânico, e como tal acho o termo "lógica hegemônica" um pouco abstrato e teórico demais. Mas suspeito – transpondo o hiato cultural – que basicamente

3 **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principias são: *Geist in Welt* (*O Espírito no mundo*), 1939, *Hörer des Wortes* (*Ouvinte da Palavra*), 1941, *Schrifften zur Theologie* (*Escritos de Teologia*). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento e a Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*. Veja *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, edição 446 da **IHU On-Line**, de 16-6-2014, nossa edição mais recente sobre o assunto. Dez anos atrás, a edição número 102 da **IHU On-Line**, de 24-5-2004, dedicou a matéria de capa à memória de seu centenário, em http://bit.ly/maOB5H. Neste meio tempo, a edição 297, de 15-6-2009, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, também retomou o tema e está disponível para download em http://bit.ly/o2e8cX. Além de diversos artigos sobre o pensamento do teólogo ao longo do tempo, destacamos também o **Cadernos Teologia Pública** n° 5, *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, do Prof. Erico Hammes, disponível em http://bit.ly/18XbPcU. Em 2014 a **IHU On-Line** publicou a edição 446, intitulada *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, disponível em http://bit.ly/112CjfG. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos 17 e 18 na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africânderes), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da **IHU On-Line** intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista*, disponível em http://bit.ly/1oBIrpn. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Pierre Favre** (1506-46): jesuíta nascido na Saboia, amigo do fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola. É considerado pelo papa Francisco como seu jesuíta preferido. Foi canonizado pela Papa em 17/12/2013, dia em que o pontífice completou 77anos. Antes, em 1872, foi beatificado pelo papa Pio IX (1846-1878). Francisco declarou o jesuíta santo antes mesmo de a Congregação para as Causas dos Santos validar um milagre obtido por sua intercessão. (Nota da **IHU On-Line**)

eu responderia à pergunta afirmativamente. Eu voltaria ao efeito da leitura, à maneira como a imaginação das pessoas deve ter ficado – de formas que são difíceis de imaginar retrospectivamente – mais rica e mais complexa à medida que livros impressos se tornaram comparativamente disponíveis de maneira ampla. O resultado é que a autoridade externa da igreja tinha de coexistir de algum modo com o que se podia encontrar no texto do Evangelho e na mente e no coração de seus leitores e leitoras quando deixavam o texto operar dentro deles e delas. Lutero e seu movimento foram para o cisma; Inácio e os primeiros jesuítas, junto com muitas outras figuras reformadoras do catolicismo da modernidade incipiente, tentaram assumir os desafios de manter a tensão unida.

As respostas diferentes que eles deram às perguntas moldaram nossa mitologia, particularmente na medida em que reforçaram outros tipos de conflito entre grupos étnicos (penso, por exemplo, na história recente da Irlanda). Mas, falando em termos teológicos, o aspecto significativo talvez seja que eles estavam respondendo ao mesmo tipo de pergunta. Como se lida com os conflitos em potencial entre as diferentes formas pelas quais a palavra de Deus vem até nós? Esse tipo de pergunta adquiriu proeminência de uma forma inteiramente nova no início do século XVI. E ela ganhou novas formas à medida que a alfabetização e as comunicações continuaram a se desenvolver.

IHU On-Line – Como o senhor analisa a atual aproximação entre luteranos e católicos? E no que esses movimentos podem contribuir para ampliar o diálogo inter-religioso para além do cristianismo?

Philip Endean – O ecumenismo moderno – como destaca *Do conflito à comunhão* – vive em um mundo que de algumas formas é muito diferente do século XVI. Para mim, uma figura profética é o jesuíta Alfred Delp (1907-1945)[7], enforcado pelos nazistas por sua participação em um trabalho de resistência de pouca gravidade. Ele ficou na prisão pouco mais de seis meses, e durante parte do tempo teve condições de escrever. Uma das cartas que temos foi dirigida a um luterano comprometido, Eugen Gerstenmaier (1906-1986)[8], e começa com um agradecimento por um presente de Natal, qualquer que pudesse ele ter sido em 1944 sob condições de prisão:

> *E quando sairmos de novo, vamos mostrar que esse presente representava e representa mais do que um relacionamento pessoal. Teremos de continuar carregando o fardo das igrejas divididas como fardo e como herança. Mas isso nunca mais deveria desacreditar a Cristo. Eu tenho tão pouca crença como você em mixórdias idealistas. Mas o Cristo uno é indiviso, e onde o amor indiviso nos leva a ele, muita coisa ficará melhor para nós do que para nossos predecessores e contemporâneos querelantes. Assim como a missa, tenho o bendito sacramento permanentemente na cela, e muitas vezes falo com o Senhor sobre você. Ele está nos consagrando aqui para uma nova missão.*

O nazismo e o que ele traz consigo marcam a passagem de um mundo em que as confissões cristãs podem operar separadamente. Agora nos deparamos com novos desafios – e em particular provavelmente precisamos reconhecer as limitações bem como os pontos fortes da modernidade ocidental para a qual Lutero e Inácio servem como símbolos religiosos complementares.

O que isso significa é algo que temos de descobrir juntos. Hesito em dizer demais aos latino-americanos sobre o colapso contemporâneo do consenso político na Europa e nos EUA – suspeita-se que o Brasil já tenha estado há várias gerações na extremidade errada dos excessos do capitalismo liberal. Mas a globalização e o estado de nossa ecologia certamente colocam desafios com os quais nossos paradigmas modernos não conseguem mais lidar. A necessidade de diálogo inter-religioso – o diálogo que honra nossas convicções de fé ao mesmo tempo que dá, de algum modo, espaço apropriado para as pessoas que creem de maneira diferente ou nem creem – também faz parte disso. Ao menos, se pudermos ver Lutero e Inácio como filhos de seu tempo, poderemos ficar livres para pensar de maneira nova e criativa sobre a nova missão para a qual podemos esperar que Deus já nos tenha consagrado. E para fazer isso juntos, para além das polaridades que serviram a qualquer propósito que alguma vez tiveram.■

7 **Alfred Delp** (1907-1945): padre jesuíta alemão executado por sua resistência ao regime nazista. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Eugen Karl Albrecht Gerstenmaier** (1906-1986): foi um teólogo evangélico alemão, combatente da resistência no Terceiro Reich e um político da CDU (União Democrata Democrata da Alemanha). De 1954 a 1969, ele foi o 3º presidente do Bundestag, o parlamento alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

- **Inácio de Loyola em perspectiva luterana**. Artigo de Philip Endean, reproduzido nas Notícias do Dia de 19-7-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2gFVskW.

- **Lutero e Inácio de Loyola mudaram o cristianismo do século XVI**. Reportagem publicada em Notícias do Dia de 29-10-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2h4nWS3.

A inversão da mística medieval

Para Marco Vannini, a mística luterana está centrada num "saber" absoluto a partir da leitura da Bíblia

João Vitor Santos | Tradução: Moisés Sbardelotto

O cristianismo tradicional chega ao fim com a cisão que se dá a partir da insurgência de Martinho Lutero. Mas quais as consequências? Para Marco Vannini, reconhecido estudioso de mística, a divisão "abre caminho ao individualismo religioso, cujo último resultado é aquele tipo de religião 'faça-você-mesmo' que estamos assistindo nos nossos tempos". Crítico de perspectivas protestantes, destaca que Lutero inverte a mística que vigorava ao longo de toda a Idade Média. "Enquanto a mística medieval chegava à humildade do 'nada saber, nada querer', Lutero, ao contrário, apoia sobre a sua interpretação da Bíblia um 'saber' absoluto, enquanto, paralelamente, a 'salvação' expressa a permanência absoluta da vontade pessoal", dispara, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Vannini ainda lembra que o rompimento não se dá só a partir da experiência luterana, é algo que vem sendo tensionado. Para ele, a história do monge agostiniano não pode ser tomada como caso isolado. "Trata-se da história típica da heresia do Livre Espírito, que interpretava o ensinamento da mística medieval sobre o fim da egoidade precisamente como Lutero fez, ou seja, como ato extremo de apropriação", explica. Assim, partindo dessa inversão da mística do seu tempo, inaugura o que o professor compreende como "o advento do eu". "Daí a passagem ao sentimentalismo religioso, com o qual o valor de verdade da própria religião perde-se completamente: desaparecem conceitos e experiências essenciais como conversão, renascimento, graça", analisa.

Marco Vannini é filósofo italiano, dedica-se há 50 anos ao estudo da mística. Editou toda a obra de Meister Eckhart, ao lado de muitos outros autores germânicos (Suso, Tauler, Franck, Denck, Weigel, Czepko, Silesius) e de outras nacionalidades (Porete, Gerson, Fénelon, Guyon). Do seu percurso intelectual, são particularmente significativos os estudos: Dialettica della fede (Le Lettere, 2011); Mistica e filosofia (Le Lettere, 2007); Prego Dio che mi liberi da Dio. La religione come verità e come menzogna (Bompiani, 2010); Oltre il cristianesimo. Da Eckhart a Le Saux; All'ultimo papa. Lettere sull'amore, la grazia, la libertà (Bompiani, 2013) e o recentíssimo *Contro Lutero e il falso evangelo* (Lorenzo de Medici Press, 2017). A sua *Introduzione alla mistica* foi traduzida para português: *Introdução à Mística* (São Paulo: Edições Loyola, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – No que consiste a mística evangélica presente em Lutero? Como concebe uma ideia de reforma a partir do Evangelho?

Marco Vannini – A mística está fortemente presente no jovem Lutero, mas depois o Reformador resolutamente se distanciou dela, condenando-a de forma decisiva, pois, na opinião dele, ela abria mão da Escritura e estabelecia uma relação homem-Deus sem mediação bíblica e, portanto, também sem Jesus Cristo. A sua ideia de Reforma baseia-se não tanto no Evangelho, mas sim nas epístolas paulinas e, particularmente, na epístola aos Romanos, considerada por ele como "o evangelho mais puro". Dos Evangelhos e da Bíblia em geral, Lutero faz um uso absolutamente instrumental, tomando aquilo que lhe serve e deixando de lado ou até mesmo condenando aquilo que não lhe serve ou que até é contra a sua teologia.

IHU On-Line – Em que medida Lutero de fato rompe com a mística medieval?

Marco Vannini – Lutero rompe com a mística medieval simplesmente invertendo-a. Através do seu superior e mestre, Johann von Staupitz[1], ele conhecera Tauler[2] e o Anônimo de Frankfurt (aquele que ele imprimiria como *Teologia Alemã*), em relação ao qual se expressa com o apreço mais alto, comparando-o até com Santo Agostinho[3]. De fato, tinha bem recebido o ensino fundamental dele, que é o do desapego e do fim da egoidade apropriativa (a *Eigenschaft*), só que, nele, essa descoberta se torna elemento supremo de autoafirmação. *Optimi corruptio pessima*, como diz Gregório Magno[4]: paradoxalmente, de fato, aquilo que era o aprofundamento na humildade torna-se orgulho desmedido, por força do qual Lutero apresenta o "seu" evangelho como a verdade, acima e contra todos.

Enquanto a mística medieval chegava à humildade do "nada saber, nada querer", Lutero, ao contrário, apoia sobre a sua interpretação da Bíblia um "saber" absoluto, enquanto, paralelamente, a "salvação" expressa a permanência absoluta da vontade pessoal. Deve-se notar que o que aconteceu com ele absolutamente não é um caso isolado. De fato, trata-se da história típica da heresia do Livre Espírito[5], que interpretava o ensinamento da mística medieval sobre o fim da egoidade precisamente como Lutero fez, ou seja, como ato extremo de apropriação.

IHU On-Line – De que forma podemos compreender a mística alemã? E que mística é essa antes e depois da Reforma Luterana?

Marco Vannini –Aquela que é chamada convencionalmente de "mística alemã" (os franceses preferem dizer *"mystique rhénane"*) distingue-se pela sua característica eminentemente racional, ao contrário de místicas mais inclinadas ao sentimento e à sensibilidade. Nesse sentido, Pierre Hadot[6] tem razão quando escreve que a mística especulativa de Eckhart[7] e arredores é a verdadeira continuação da filosofia clássica, e esse é também o motivo pelo qual Lutero a rejeita.

A mística alemã é alemã apenas pela sua história medieval. Na verdade, ela é universal, parte da antiguidade cristã, dos alexandrinos como Clemente[8] e Orígenes[9], e assim por diante: podemos citar Máximo[10], o Confessor, que fala de "seguir a filosofia de Cristo, exercitando-se em morrer". Recordemos que a definição da filosofia como "exercício de morte" é de Platão[11].

No entanto, na Idade Média germânica, o principal expoente é Meister Eckhart, com os seus discípulos dominicanos diretos, Suso[12] e Tau-

1 **Johann von Staupitz** (1460-1524): foi um teólogo católico romano, pregador da universidade e vigário geral dos frades agostinianos na Alemanha, que supervisionou Martinho Lutero durante um período crítico em sua vida espiritual. O próprio Lutero teria comentado: "Se não tivesse sido o Dr. Staupitz, eu deveria ter sumido no inferno". Embora Staupitz tenha morrido como um monge beneditino e tenha repudiado a Reforma, ele é comemorado no dia 8 de novembro como sacerdote no calendário dos santos da Igreja Luterana. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Johannes Tauler** (1300-1361): místico alemão, pregador e teólogo católico. Foi discípulo de Meister Eckhart, pertencia à ordem dominicana. Tauler desenvolveu certa dimensão neoplatonista na espiritualidade dominicana de seu tempo. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Agostinho de Hipona** (354-430)**:** conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Escrevendo na era patrística, ele é considerado o mais importante dos padres da Igreja no Ocidente. Suas obras-primas são *A cidade de Deus* e *Confissões*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Papa Gregório I:** conhecido como Gregório Magno ou Gregório, o Grande foi papa entre 3 de setembro de 590 e sua morte, em 12 de março de 604. É conhecido principalmente por suas obras, mais numerosas que as de seus predecessores. Gregório é também conhecido como Gregório, o Dialogador na Ortodoxia por causa de seus "Diálogos" e é por isso que seu nome aparece em algumas obras listado como "Gregório Dialogus". Foi o primeiro papa a ter sido monge antes do pontificado. Gregório é reconhecido como um Doutor da Igreja e um dos Padres latinos. É também venerado como santo por católicos, ortodoxos, anglicanos e alguns luteranos. Foi canonizado assim que morreu, por aclamação popular, como era o costume. O reformador protestante João Calvino admirava Gregório e declarou em seus "Institutos" que ele teria sido o "último bom papa". (Nota da **IHU On-Line**)

5 O entrevistado associa com os ideiais dos **Irmãos do Livre Espírito.** Foi um movimento leigo cristão que floresceu no norte da Europa nos séculos XIII e XIV. Antinomianos e individualistas na vigilância, entraram em conflito com a Igreja Católica e foram declarados heréticos pelo papa Clemente V no Concílio de Vienne (1311-1312). Eles são frequentemente considerados semelhantes aos amalricanos. Floresceram em um momento de grande trauma na Europa Ocidental durante o conflito entre o decadente Papado de Avinhão e o Sacro Império Romano-Germânico, a Guerra dos Cem Anos, a Peste Negra, o aumento das heresias dos cátaros e a subsequente Cruzada albigense, o início da Inquisição, a queda dos Templários e o Cisma do Ocidente - que ajudaram a alimentar o apelo de sua abordagem individualista e milenar para o cristianismo e as Escrituras. Naquele momento de crise dentro da Igreja e da sociedade como um todo, houve uma forte sensação de que o Fim do Mundo estava próximo e por isso a questão da espiritualidade do homem e da salvação tornaram-se cada vez mais importante. Onde as pessoas deixaram de encontrar as respostas espirituais que procuraram a partir de Roma, os movimentos dissidentes, como os Irmãos surgiram em toda a Europa pregando uma visão alternativa do cristianismo. Como a maioria das heresias, entraram em choque com a Igreja e sofreram perseguição considerável nas mãos das autoridades temporais e espirituais da época por meio da Inquisição. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Pierre Hadot** (1922-2010)**:** filósofo francês, é um dos coautores do livro *Dicionário de ética e Filosofia Moral* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). Suas pesquisas concentraram-se primeiramente nas relações entre helenismo e cristianismo, em seguida, na mística neoplatônica e na filosofia da época helenística. Elas se orientam atualmente para uma descrição geral do fenômeno espiritual que a filosofia representa. Em português, pode ser lido o livro de sua autoria *O que é a filosofia antiga?* (São Paulo: Loyola, 1999). Para uma resenha da obra, confira a revista Síntese 75 (1996), p. 547-551. A resenha do original francês é de Henrique C. de Lima Vaz. Em português, foi publicado, em novembro de 2014, o seu livro *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* (É Realizações Editora). (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Eckhart de Hochheim**, O.P. (1260-1328): mais conhecido como Mestre Eckhart, em reconhecimento aos títulos acadêmicos obtidos durante sua estadia na Universidade de Paris, foi um frade dominicano, reconhecido por sua obra como teólogo e filósofo e por seu misticismo. Ele é considerado como um dos grandes símbolos do espírito intelectual da idade média. Para saber mais, acesse o link http://bit.ly/2zht3sS .(Nota da **IHU On-Line**)

8 **Clemente de Alexandria** (ou Tito Flávio Clemente): escritor, teólogo, apologista cristão grego nascido em Atenas. Pesquisou as lendas menos compatíveis com os valores cristãos. Sua abertura a fontes familiares aos não cristãos ajudou a tornar o cristianismo mais aceitável para muitos deles. Clemente foi um erudito numa época em que os cristãos eram geralmente pouco letrados e abertamente hostis a intelectuais. Não obstante, foi capaz de construir argumentos lógicos convincentes, baseados nas escrituras e na filosofia, a favor do cristianismo e contra os gnósticos de Valentim, que, baseados em Alexandria - o mais importante centro de atividade intelectual da época - estavam em plena expansão. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Orígenes de Alexandria ou Orígenes, o Cristão** (185-253): foi um teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e é um dos Padres gregos. Um dos mais distintos pupilos de Amônio de Alexandria, Orígenes foi um prolífico escritor cristão, de grande erudição, ligado à Escola Catequética de Alexandria. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Máximo, o Confessor** (580-662): também conhecido como Máximo, o Teólogo e Máximo de Constantinopla, foi um monge e teólogo cristão. No início de sua vida foi servidor civil e ajudante do imperador bizantino Heráclio, porém desistiu da vida política para se dedicar ao monasticismo. É considerado um dos Pais da Igreja, grega (Oriental) e cristã. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em http://bit.ly/pteX8f. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento,* disponível em http://bit.ly/2j0YCw8. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Heinrich Seuse**: também chamado Amandus, que adotou nos seus escritos, e Heinrich (de) Suso em alemão, Henrique (de) Suso em português, foi um místico e teólogo germânico, declarado beato em 1831 pelo Papa Gregório XVI. Suso e o seu amigo dominicano Johann Tauler eram discípulos de Mestre Eckhart, também dominicano que formaram Os amigos de Deus, núcleo da que veio a

ler[13]. Já recordamos a chamada *Teologia Alemã*, cujo verdadeiro título, porém, é *Livreto da Vida Perfeita*, escrito precisamente para defender a reta doutrina de Eckhart da interpretação licenciosa que dela faziam os irmãos e irmãs do Livre Espírito.

Depois de Lutero, podemos lembrar os seus contemporâneos Hans Denck[14] e Sebastian Franck[15], ambos primeiro católicos, tendo depois passado ao luteranismo, mas que, em seguida, saíram dele com horror. Depois, devemos citar Valentin Weigel[16], que foi pastor protestante exteriormente, mas interiormente distante de Lutero, razão pela qual não publicou os seus escritos. Por fim, no século XVII, Daniel Czepko[17] e Angelus Silesius[18], cujo *Peregrino Querubínico* é realmente uma síntese da mística cristã, com Hans Urs von Balthasar[19] o definiu. Enfim, podem-se destacar como alguns elementos essenciais da mística medieval alemã passaram para a filosofia do Romantismo e, acima de tudo, daqueles filósofos idealistas como Fichte[20], Schelling[21], Hegel[22], aos quais também se deve a redescoberta dessa mística.

IHU On-Line – Pode-se falar em uma mística luterana? Quais seriam suas características centrais? Como compreender a recusa a imagens e à própria representação do crucificado?

Marco Vannini – Pode-se falar de mística luterana assim como se pode falar de mística judaica, ou seja, invertendo o sentido próprio e essencial de mística, que é a *ablatio omnis alteritatis et diversitatis*, como dizia Nicolau de Cusa[23]. Ou seja, a superação da alteridade homem-Deus, para sustentar outra completamente diferente, de ordem sentimental. Por isso, é óbvia a rejeição das imagens, como é próprio da tradição judaica, e do próprio crucifixo, que expressam visualmente a união humano-divina.

IHU On-Line – Qual a questão de fundo que há na recusa, feita por Lutero, da fonte grega das escrituras?

Marco Vannini – Lutero odeia a razão, odeia o universal da filosofia, porque, obviamente, ela destrói a pretensão exclusivista do "seu evangelho". Por isso, ele nega a "fonte grega" (como dizia Simone Weil[24]) da Escritura, tratando-a ao seu arbítrio. É o que também lhe criticam muitos que, nas origens, o seguiram, como, por exemplo, Hans Denck e Sebastian Franck, que define a Escritura como "nariz muito dúctil, que pode ser puxado de qualquer modo e fazer com que diga sim e não à vontade".

IHU On-Line – Como se dá a relação entre a teologia de Lutero e a filosofia antiga? Como compreender as diferenças que tem de Aristóteles[25] a Tomás de

ser conhecida como escola de misticismo renano. Como poeta lírico e trovador da sabedoria divina, Suso explorou com intensidade psicológica as verdades espirituais da filosofia mística de Eckart. As suas obras devotas foram imensamente populares nos finais da Idade Média. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Johannes Tauler** (1300-1361): místico alemão, pregador e teólogo católico. Foi discípulo de Meister Eckhart, pertencia à ordem dominicana. Tauler desenvolveu certa dimensão neoplatonista na espiritualidade dominicana de seu tempo. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Hans Denck** (1495-1527): foi teólogo, líder anabatista e reformador alemão. Líder dos anabatistas da Alemanha, embora de caráter espiritualista, Hans Denck estabeleceu sua confissão de fé no dia 14 de janeiro 1525, quando afirmou que a sua fé havia sido implantada desde a infância pelos seus pais. Em 1517, matriculou-se na Universidade de Ingolstadt, onde se formou Bacharel em Artes dois anos depois. Mais tarde estudou na Universidade de Basileia. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Sebastian Franck** (1499-1543): foi um escritor e pensador alemão renascentista. Foi um humanista e reformista radical. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Valentin Weigel** (1533-1588): era um teólogo alemão, filósofo e escritor místico da Saxônia e um importante precursor da teosofia posterior. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Daniel Czepko von Reigersfeld**: foi um poeta e dramaturgo alemão. As obras mais importantes de Czepko são os versos Cicondon e Phyllis, 9222, que ele considerou seu principal, bem como a coleção do poema Sexcenta Monodisticha Sapientium, que é o antecessor do vagabundo querubiano de Angelus Silesius. Nesta coleção de epigramas, composta entre 1640 e 1647, Czepko reproduz seus pontos de vista filosóficos religiosos e naturais sob a influência de Paracelsus e os misticistas de Eckhart e Jakob Boehm. Por esta razão, a maioria dos escritos de Czepko caiu em censura e permaneceu inédito durante a vida. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Angelus Silesius** (1624-1667): pseudônimo de Johannes Scheffler, poeta germânico, nascido em 1624 em Breslau, Polônia, e falecido na mesma cidade em 1667. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Hans Urs Von Balthasar** (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patrístico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da **IHU On-Line**, de 28-08-2006, *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério* publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada *Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica*, disponível no link http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158343116.57pdf.pdf. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Johann Gottlieb Fichte** (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu devotar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor que publicasse o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus Discursos à nação alemã são sua obra mais conhecida. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Friedrich Schelling** (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como "filosofia negativa". Schelling tentou desenvolver uma "filosofia positiva", que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-4-2007, disponível em https://goo.gl/m0FJnp, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em https://goo.gl/D94swr; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em https://goo.gl/62UATd e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em https://goo.gl/lldAkv. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Nicolau de Cusa** (1401-1464): teólogo alemão. Secundou a ação dos papas na Alemanha. Estudou na Universidade de Heidelberg, foco do nominalismo, e na de Pádua, onde aprendeu Matemática, Direito e Astronomia. Ordenado padre, teve parte notável no concílio de Basileia (1432). A seguir, foi legado pontifício, cardeal, bispo. Viveu seus últimos anos na Itália. As obras fundamentais de Nicolau de Cusa são três: *De docta ignorantia*, *De conjecturis*, *Apologia doctae ignorantiae*. (Nota da **IHU On-Line**)

24 **Simone Weil (1909-1943)**: filósofa cristã francesa. Centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições 84, de 17-11-2003, *Simone Weil Palavra Viva*, disponível em http://bit.ly/tZSCDr; 168, de 12-12-2005, *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível em http://bit.ly/v0aMxT; 313, de 3-11-2009, *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos*, disponível em http://bit.ly/w374lt. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos

Aquino[26], de Erasmo de Rotterdam[27] a Thomas Müntzer[28]?

Marco Vannini – Infelizmente, Lutero teve uma formação filosófica de tipo escolástico em um tempo em que a Escolástica[29] já tinha dado os seus melhores frutos e estava, então, esgotada em sutilezas e formalismos lógicos que pouco ou nada tinham a ver com a filosofia em sentido forte, clássico. De fato, desta última, Lutero só tinha notícias de segunda mão. Isso explica, pelo menos em parte, o seu ódio contra Aristóteles e Tomás de Aquino, vistos como pilares da Escolástica católica, mas, na realidade, Lutero odeia a filosofia, definida como "puta do diabo", porque, como se disse acima, ele odeia razão como tal, já que ela varre a sua teologia.

Pelo mesmo motivo, ele odeia Erasmo de Roterdã: Erasmo é a filologia, ou seja, a razão aplicada aos textos e, neste caso, às Escrituras. De acordo com Lutero, a filologia destrói a fé, e isso dá a medida exata do que ele entende por "fé".

Em Müntzer ainda vive algo da mística medieval, sobretudo a ideia de que a luz divina se comunica ao homem *ohne mittel*, sem mediação, e critica Lutero pelo uso inescrupuloso da Bíblia, sem contar aqueles resultados revolucionários que levaram Müntzer a apoiar a revolta dos pobres camponeses alemães contra os príncipes, tanto eclesiásticos quanto leigos. Lutero, como se sabe, apoiou a repressão senhoril: ele se felicitou com a morte atroz de Müntzer, de um modo certamente muito pouco evangélico.

IHU On-Line – Como o senhor compreende o verdadeiro Evangelho e no que consiste a ideia do "falso Evangelho"?

Marco Vannini – Evangelho é uma palavra grega, não hebraica, e significa "boa notícia". A boa notícia é a da realidade e da presença de Deus, luz eterna, que, sobre tudo e sobre todos, se efunde, e que todos podem acolher, sem distinção de povo, raça, língua, religião etc. Assim o entendem os místicos medievais, como Eckhart, para quem "os mestres pagãos conheceram a verdade antes da fé cristã".

Falso evangelho é a ideologia para a qual existe um Deus ciumento, que só se mostra a alguns povos ou pessoas, "salva" apenas alguns, de acordo com a sua adesão ou não a uma fé, a uma doutrina e/ou a uma comunidade religiosa. Esse é exatamente o caso de Lutero, enquanto homens como Sebastian Franck pensam que há um "Cristo implícito" em todos os homens que amam o Bem, sejam eles pagãos, turcos, judeus ou qualquer outra coisa, mesmo que nunca tenham ouvido falar de Cristo. Eles receberam a "boa notícia" não a partir de uma escuta exterior, mas sim da voz interior do Espírito, que habita em cada ser humano.

IHU On-Line – Que conceitos de fé e ética emergem da teologia luterana e como compreendê-los?

Marco Vannini – A fé é para Lutero uma crença: em extrema síntese, a crença de que Cristo morreu pelos nossos pecados e pode, por isso, "salvar-nos". Contra esse conceito de fé, obviamente oposto à razão e à ciência, há na história do cristianismo outro conceito de fé, que é precisamente o da mística e que também se encontra em grandes filósofos, como Hegel. É a fé não como crença, substitutiva das certezas racionais, mas sim, ao contrário, como desapego. Desapego como o voltar-se da inteligência ao Absoluto e, por isso mesmo, afastamento de todo relativo, de toda crença.

Por isso, São João da Cruz[30] afirma que a fé não dá nenhuma noção ou ciência, mas, ao contrário, retira toda noção e ciência e conduz à noite, ao nada, que nada mais é do que o "nada saber" (*Nichtwissen*) da mística medieval alemã. O saber – que, no fim, é um pretenso saber – é o que estabelece a alteridade de Deus, ou seja, a distância do Ser e do Bem, já que há um sujeito que "sabe" e um objeto sabido, que neste caso, seria Deus (sic!). A fé como desapego, desapego infinito, retira toda pretensão idolátrica, faz o vazio na nossa alma, tornando-a finalmente acessível à luz divina. Esse é um conceito de fé eminentemente racional, tanto que, na literatura sagrada da Índia, paradoxalmente, pode-se dizer que: "Quem não tem fé não pensa: só pensa quem tem fé".

A ética luterana é próxima à da mística medieval germânica (e isso explica como tantos estudiosos puderam chamar esta última de "pré

campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summae*: *Summa Theologiae* e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmo cursou o seminário com os monges agostinianos e realizou os votos monásticos aos 25 anos, vivendo como tal, sendo um grande crítico da vida monástica e das características que julgava negativas na Igreja Católica. Optou por uma vida de acadêmico independente - independente de país, independente de laços académicos, de lealdade religiosa - e de tudo que pudesse interferir com a sua liberdade intelectual e a sua expressão literária. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Thomas Müntzer** (1490-1525): foi um dos primeiros teólogos alemães da era da Reforma, ele se tornou um líder rebelde durante a Guerra dos Camponeses. Müntzer virou-se contra Lutero, com vários escritos contra ele, e apoiou os anabatistas. Na Batalha de Frankenhausen, Müntzer e seus seguidores foram derrotados. Ele foi capturado, torturado e decapitado. (Nota da **IHU On-Line**)

29 **Escolástica**: linha dentro da filosofia medieval, de acentos notadamente cristãos, surgida da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade, por assim dizer, responsável pela unidade de toda a Europa, que comungava da mesma fé. Esta linha vai do começo do século IX até ao fim do século XVI, ou seja, até ao fim da Idade Média. Este pensamento cristão deve o seu nome às artes ensinadas na altura pelos escolásticos nas escolas medievais. Estas artes podiam ser divididas em Trivium (gramática, retórica e dialéctica) e Quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música). A escolástica resulta essencialmente do aprofundar da dialética. Confira a edição 342 da revista **IHU On-Line**, de 06-09-2010, intitulada *Escolastica. Uma filosofia em diálogo com a modernidade*, disponível em http://bit.ly/11mcjbi. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **João de Yepes ou São João da Cruz** (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567, encontrou-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe falou sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, iniciou a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675, foi beatificado por Clemente X. Canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952, foi proclamado Patrono dos Poetas Espanhóis. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da **IHU On-Line**)

-protestante"), pois ensina a cumprir o próprio dever, permanecendo na condição e na profissão em que nos encontramos no momento em que acolhemos o chamado de Deus. O Meister Eckhart, de fato, escrevia que não são as obras que nos fazem santos, mas somos nós que fazemos santas as obras, e que ordenhar a vaca no estábulo é uma obra não menos nobre do que cantar Salmos na igreja. Porém, ao remeter ao sacrifício de Cristo a função salvífica, independentemente das próprias obras, a ética protestante foi até onde os contemporâneos (Erasmo, Denck, Franck) também viram imediatamente que não podia ir, ou seja, à licenciosidade. O primado da consciência tornou-se o primado da arbitrariedade, daí o completo subjetivismo, que não conhece outra regra senão a da felicidade individual (a *individual happiness* dos Estados Unidos), e isso significa o fim da moral. Isso é inequivocamente demonstrado por um grande filósofo protestante: Immanuel Kant.

IHU On-Line – Quais os impactos da Reforma Luterana na mística cristã?

Marco Vannini – Em geral, pode-se dizer que a Reforma luterana foi um desastre para a mística, que Lutero, tendo-se tornado o Reformador, rotulou como *Schwarmerei*, ou seja, fantasiosismo, ou pior. Ainda no século XX, os teólogos protestantes continuam opondo mística e profecia, ou, em última análise, filosofia e Escritura, reiterando a origem helênica, neoplatônica da mística e, por isso, o seu caráter essencialmente racional, não bíblico. Porém, é preciso dizer que, mesmo dentro da Igreja evangélica, houve figuras importantes que não a pensaram assim (recordávamos acima Weigel ou Czepko, por exemplo) e que mantiveram vivo o espírito da mística medieval alemã.

IHU On-Line – É possível afirmar que, em alguma medida, a cisão protestante inaugura o fim de um tipo de cristianismo? Por quê?

Marco Vannini – É possível ou, melhor, necessário reconhecer que a cisão protestante inaugura o fim do cristianismo tradicional, sobretudo no sentido de que abre caminho ao individualismo religioso, cujo último resultado é aquele tipo de religião "faça-você-mesmo" que estamos assistindo nos nossos tempos. Partindo justamente da inversão da mística medieval, Lutero inaugurou aquilo que o filósofo católico Jacques Maritain[31], com razão, chamava de "o advento do eu", e daí a passagem ao sentimentalismo religioso, com o qual o valor de verdade da própria religião perde-se completamente: desaparecem conceitos e experiências essenciais como conversão, renascimento, graça. Do cristianismo, então, só resta um vago filantropismo (em italiano, temos o novo termo *"buonismo"* [bondade excessiva, exagerada, moralista, ndt.]), que desaparece em um instante diante do interesse pessoal.■

31 **Jacques Maritain** (1882-1973): filósofo francês. O pensamento tomista de Maritain serviu-lhe de parâmetro para a abordagem e julgamento de situações concretas como a política, a educação, a arte e a religião vigentes. Mas tratou também da base da gnosiologia, decidindo-se pelo realismo imediato e intuição do ser, tal como no aristotelismo e na escolástica originária. Diferenciou a filosofia e a ciência experimental, bem como as diversas ciências filosóficas. Advertiu para a diferença entre o tema da lógica e o da gnosiologia. Foi um dos principais expoentes do tomismo no século XX. Uma de suas obras principais é *Por um humanismo cristão* (São Paulo: Paulus, 1999). Sobre Maritain, confira o recém-lançado *Maritain à contre-temps: Pour une démocratie vivante* (Paris: Desclée de Brouwer, 2007), do filósofo jesuíta Paul Valadier. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

- **Lutero, a mística e o núcleo do Evangelho.** Artigo de Marco Vannini, publicada em Notícias do Dia de 16-3-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2x9EqyA.

- **Se o Lutero de Vannini torna-se um pretexto para criticar o Cristianismo**. Artigo de Giuseppe Lorizio, publicada em Notícias do Dia de 10-6-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2gRMYny.

- **Uma reflexão livre sobre a mística cristã**. Artigo de Marco Vannini, publicado em Notícias do Dia de 10-6-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2x9FO3W.

- **"A experiência do espírito vai muito além das distinções espaço-temporais e de gênero"**. Entrevista com Marco Vannini, publicada na revista IHU On-Line número 385, de 19-12-2011, disponível em http://bit.ly/2gTWk29.

- **"Ninguém nunca viu a Deus". Para a mística a verdade é sempre interior**. Entrevista com Marco Vannini, publicada na revista IHU On-Line número 435, de 16-12-2013, disponível em http://bit.ly/2yAJYW1.

- **A conexão mística de Teresa de Ávila e Thomas Merton**. Entrevista com Marco Vannini, publicada na revista IHU On-Line número 460, de 16-12-2014, disponível em http://bit.ly/2yzTy9O.

- **"A experiência do espírito vai muito além das distinções espaço-temporais e de gênero"**. Entrevista com Marco Vannini, publicada na revista IHU On-Line número 385, de 19-12-2011, disponível em http://bit.ly/2gTWk29.

Lutero como discípulo de Paulo e o cristianismo como religião do ressentimento

Andreas Urs Sommer assinala a oposição sistemática das obras tardias de Nietzsche entre Reforma e Renascença. Ensinamentos de Jesus teriam sido mal interpretados por Paulo e Lutero

Márcia Junges | Tradução: Walter O. Schlupp

"Em suas primeiras obras, Nietzsche, cujo pai era pastor luterano, apresentava uma relação bastante positiva com Lutero; em *O Nascimento da Tragédia* ele o coloca como pioneiro da cosmovisão dionisíaca. A par do seu distanciamento com seu mentor de outrora, Richard Wagner, Nietzsche vai se distanciando de Lutero. Agora o Reformador se apresenta como representante de uma cosmovisão retrógrada, como valentão da colônia e provinciano chauvinista alemão, até mesmo como restaurador de um cristianismo que, na verdade, já está fadado ao ocaso, como inimigo das ciências e da autoemancipação da pessoa humana." A afirmação é de Andreas Urs Sommer, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

E acrescenta: "Também Paulo só recebe um papel central na obra tardia de Nietzsche. Ali ele é o inventor propriamente dito do cristianismo, "gênio do ódio", que teria conseguido transformar a mensagem de Jesus numa religião do ressentimento de primeira categoria. Nisso, Nietzsche considera Lutero discípulo de Paulo, porém sem lhe atribuir a mesma importância: sua influência histórica teria sido de séculos, enquanto a de Paulo, de milênios." Paulo seria o protagonista e Lutero, o "continuador dessa total inversão de intuições originariamente jesuínas."

Andreas Urs Sommer é filósofo, professor catedrático de Filosofia, área de Filosofia da Cultura e especificamente Friedrich Nietzsche, na Universidade Albert Ludwig em Freiburg, Alemanha. Estudou nas Universidades de Basel, Göttingen e Freiburg. Publicou inúmeras obras, mais recentemente *Nietzsche und die Folgen* [Nietzsche e as Consequências] (Stuttgart: J. B. Metzler, 2017).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – A partir da crítica formulada por Nietzsche, quem é Lutero e o que é o Luteranismo?

Andreas Urs Sommer – Em primeiro lugar surpreende quão multifacetadas são as imagens que Nietzsche[1] tem de Lutero[2]. De forma alguma é possível aplicar a elas um denominador comum. Em suas primeiras obras, Nietzsche, cujo pai era pastor luterano, apresentava uma relação bastante positiva com Lutero; em *O Nascimento da Tragédia* ele o coloca como pioneiro da cosmovisão dionisíaca. A par do seu distanciamento com seu mentor de outrora, Richard Wagner[3], Nietzsche vai se

1 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em http://bit.ly/Hl7xwP. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche,* e pode ser acessada em http://bit.ly/HdcqOB. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em http://bit.ly/162F4rH, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado,* na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana.* Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência,* concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em https://goo.gl/zuXC4n. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido,* com Danilo Bilate, disponível em http://bit.ly/HzaJpJ. Na edição 513, de 16-10-2017, leia a entrevista *Uma política de vida ao invés de uma política sobre a vida. A biopolítica afirmativa de Nietzsche,* disponível em http://bit.ly/2y73xGC. **(Nota da IHU On-Line)**

2 **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Richard Wagner** (1813-1883): compositor alemão, considerado amplamente como um dos expoentes do romantismo na música. Como compo-

"A teologia de Lutero resolutamente quer ser uma teologia da cruz."

distanciando de Lutero. Agora o Reformador se apresenta como representante de uma cosmovisão retrógrada, como valentão da colônia e provinciano chauvinista alemão, até mesmo como restaurador de um cristianismo que, na verdade, já está fadado ao ocaso, como inimigo das ciências e da autoemancipação da pessoa humana. Por outro lado, Nietzsche continua tendo em alta estima a tradução da Bíblia por Lutero; ele chega a imitar o jeitão do alemão bíblico de Lutero em sua obra *Assim falou Zaratustra*. Em suas obras tardias, Nietzsche acaba elaborando uma oposição sistemática entre Reforma[4] e Renascença.

IHU On-Line – Por que Nietzsche compreende a Renascença como uma transvaloração dos valores cristãos?

Andreas Urs Sommer – Para o Nietzsche tardio, a Renascença se constitui na tentativa de romper a moral escravista judaico-cristã que já prevalece há dois mil anos. As virtudes cristãs da negação do mundo, do ficar voltado para o além, da submissão e da compaixão teriam sido substituídas, com a Renascença, pela afirmação do mundo, orientação para o aquém, pela altivez e grandiosidade. Para Nietzsche, a Renascença, em seus grandes feitos culturais bem como em sua crueldade por vezes exorbitante, teria colocado no centro o grande indivíduo, para assim emancipá-lo da consciência suja cristã.

IHU On-Line – E qual é a razão pela qual Nietzsche diz que Lutero perdeu a grande chance de evitar a decadência alemã quando impediu a Renascença?

Andreas Urs Sommer – Em *O Anticristo* Nietzsche expõe o conflito histórico-universal entre a Renascença e a Reforma; Lutero aparece como o verdadeiro destruidor da emancipação dos vínculos cristãos que a Renascença conseguira. Renascença e Reforma, portanto, não são vistas como geralmente ocorre na historiografia iluminista, como movimentos paralelos de uma libertação dos grilhões medievais, e sim como estando em contradição irreconciliável. Para Nietzsche, Lutero agora é representante resoluto do retrocesso para o embaraço escravista moral cristão. Lutero – e com ele os alemães – levariam a culpa de ainda não nos termos livrado há muito do jugo do cristianismo.

IHU On-Line – Que paralelos podem ser traçados entre a crítica nietzschiana a Paulo de Tarso[5] e Lutero? Quais são seus contextos e diferenças fundamentais?

Andreas Urs Sommer – Também Paulo só recebe um papel central na obra tardia de Nietzsche. Ali ele é o inventor propriamente dito do cristianismo, "gênio do ódio", que teria conseguido transformar a mensagem de Jesus numa religião do ressentimento de primeira categoria. Nisso, Nietzsche considera Lutero discípulo de Paulo, porém sem lhe atribuir a mesma importância: sua influência histórica teria sido de séculos, enquanto a de Paulo, de milênios.

IHU On-Line – De acordo com

sitor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Reforma Protestante:** movimento reformista cristão liderado por Martinho Lutero, autor das 95 teses pregadas na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha, em 31 de outubro de 1517, propondo uma reforma na doutrina do catolicismo romano. Lutero foi apoiado por vários religiosos e governantes europeus. Em resposta, a Igreja Católica Romana implementou a Contrarreforma ou Reforma Católica, iniciada no Concílio de Trento. Em decorrência destes fatos, ocorreu a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os protestantes. Confira a edição 280 da IHU On-Line, de 3-11-2008, intitulada *Lutero. Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã,* disponível em http://bit.ly/2hQ1FFc. (Nota da IHU On-Line)

5 **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o Cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em http://bit.ly/ihuon175, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em https://goo.gl/bKZcM0. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em http://bit.ly/ihuem32, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em http://bit.ly/ihuteo55. (Nota da **IHU On-Line**)

Nietzsche, o único cristão morreu na cruz. A partir dessa afirmação, como se pode entender o tipo de cristianismo sistematizado por Paulo e a sua Reforma, proposta por Lutero?

Andreas Urs Sommer – Com efeito, Nietzsche, em sua obra tardia, retira Jesus de Nazaré do contexto geral de decadência da história universal com a qual ele descreve a história judaico-cristã. Jesus teria sido o único cristão autêntico, que teria ensinado não uma nova fé, mas uma nova "prática", qual seja, de abandonar todas as distâncias no sentimento. Os conceitos de Jesus teriam sido pura linguagem simbólica, que nada teria a ver com doutrinas de fé. Os próprios discípulos diretos já não teriam entendido seu mestre, o "grande simbolista"; com a eclesialização do cristianismo teria ocorrido a total perversão do modelo jesuíno. Paulo é o protagonista, e Lutero, o continuador dessa total inversão de intuições originariamente jesuínas.

IHU On-Line – Se pensarmos que Nietzsche contrapõe Dionísio ao Crucificado, como entender o empreendimento de Lutero ao retirar Jesus da cruz e assim o representar nessa religião?

Andreas Urs Sommer – A oposição entre Dionísio e o crucificado com que Nietzsche opera em suas manifestações tardias não é a oposição entre o helênico deus do vinho e o Jesus de Nazaré com quem Nietzsche simpatiza nessa contraposição. O "crucificado" é o Cristo da doutrina paulina eclesiástica, aquilo em que a dogmática o transformou: o filho de Deus que morreu pelos pecados do mundo. A teologia de Lutero resolutamente quer ser uma teologia da cruz. Para Nietzsche, esta é uma expressão da perversa divinização do sofrimento, a qual ele combate de todas as formas possíveis, porque ela ao mesmo tempo acompanha uma autodegradação, autodiminuição da pessoa humana. Também Dionísio é o deus do sofrimento, porém o qual, na construção de Nietzsche (trata-se de um deus fictício), diferentemente do deus cristão luterano, afirma positivamente o mundo e não degrada as pessoas a miseráveis pecadores.

IHU On-Line – Em que medida a formação luterana de Nietzsche é um aspecto importante a ser analisado em sua crítica a essa religião?

Andreas Urs Sommer – Com certeza a socialização luterana de Nietzsche desempenha certo papel ao se tentar reconstruir a imagem que ele faz de Lutero. Além de se ter criado numa casa pastoral luterana, se fosse pelo desejo da família, ele próprio também deveria ter-se tornado pastor luterano, tendo inclusive iniciado o estudo de teologia. Lutero, de certo modo, fazia parte do DNA social e mental de Nietzsche. Mas o que chama a atenção é que ele nunca estudou Lutero a fundo, com exceção da tradução da Bíblia, mas obteve suas informações exclusivamente de segunda mão. Ele sempre adaptava seu Lutero às demandas filosóficas e polêmicas do momento.

IHU On-Line – Qual foi a recepção e repercussão da crítica nietzschiana em seu tempo?

Andreas Urs Sommer – Inicialmente a repercussão da crítica fundamental de Nietzsche a Lutero foi bastante reservada. Posteriormente foram principalmente teólogos protestantes que se esforçaram em processá-la, na tentativa de demonstrar o quanto Nietzsche teria mal-entendido Lutero, ou que Lutero e Nietzsche em suas críticas na verdade estariam muito mais de acordo entre si do que o próprio Nietzsche pensava. Depois, quem simpatizou com a crítica de Nietzsche a Lutero foram principalmente autores católicos, que pretendiam destacar quão prejudicial Lutero teria sido; para tanto inesperadamente encontraram em Nietzsche uma testemunha a calhar.

IHU On-Line – Qual é o sentido da Reforma no contexto da filosofia da cultura, empreendida pelo filósofo?

Andreas Urs Sommer – Na filosofia mais abrangente da cultura de Nietzsche, Lutero e a Reforma são peças de um jogo que, dependendo da necessidade do momento, podem ser utilizadas de diversas maneiras. A crítica de Nietzsche à Reforma tem um elemento eminentemente provocador, uma vez que boa parte dos leitores de Nietzsche prezava muito a Reforma, de modo que acabaram se sentindo contrariados por ele. O desprezo pela Reforma também mostra o quanto Nietzsche rejeita uma historiografia do progresso: a história não é algo que simplesmente vai evoluindo para melhor, uma evolução na qual a Reforma até pudesse ser um marco.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Andreas Urs Sommer – Sem dúvida a crítica de Nietzsche a Lutero e à Reforma é de considerável interesse para a historiografia do espírito humano. Porém é legítimo perguntar também até que ponto ela ainda se justifica na atualidade. Na Alemanha reina uma euforia luterana instaurada pela igreja e pelo estado, que encontra pouco respaldo na realidade histórica. Dizem que Lutero preparou o caminho para o Iluminismo esclarecedor, em vez de enxergar nele justamente o inimigo declarado da autodeterminação humana individual. Neste ponto Nietzsche pode nos ajudar a obter uma visão bem mais sóbria, mesmo que ele próprio também não tenha argumentado como historiador bem informado e sereno, e sim como polemista das ideias políticas. ■

A Reforma como farsa depois da tragédia da fundação da igreja por Paulo, segundo Nietzsche

Helmut Heit analisa o "poder explosivo das teses de Lutero" e assinala que a maldição contra o cristianismo proferida por Nietzsche se contrapõe aos Dez Mandamentos ou ao Sermão da Montanha

Márcia Junges | Tradução: Walter O. Schlupp

Lutero ainda estava preso ao pensamento medieval, e por isso não poderia "acolher bem a grandeza da cultura do Renascimento. A Reforma aparece, assim, como a obra de um fundamentalista que restaura o cristianismo com base em Paulo e Agostinho", pontua o filósofo alemão Helmut Heit na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. "A Reforma de Lutero é, antes, a farsa que se segue à tragédia da fundação da igreja por Paulo. Ainda assim, Nietzsche fica naturalmente fascinado pelo caráter vigoroso de Lutero. Ele louva, como se sabe, a linguagem de Lutero e caracteriza a tradução da Bíblia como a melhor obra de prosa alemã surgida até então." Outros temas abordados por Heit são o marco dos processos políticos, culturais e eclesiásticos que gestam a Reforma, bem como a Contrarreforma jesuíta, tida por Nietzsche como um movimento retardador na história ocidental.

Helmut Heit é professor associado de filosofia europeia e alemã e vice-diretor da Academia de Cultura Europeia na Universidade Tongji, em Shanghai, China. Estudou filosofia e ciência política em Hannover, Melbourne e Berlim. Em 2003 concluiu PhD em Hannover com um estudo sobre a emergência da filosofia ocidental na Grécia Antiga. Antes de lecionar em Shanghai, foi professor na Universidade Técnica de Berlim, na Universidade de Humboldt, em Berlim, na Universidade da Califórnia em San Diego, EUA, e na Universidade Leibniz, em Hannover. Em 2014 e 2015 foi professor convidado no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. É coeditor dos Nietzsche-Studien e da série de livros *Monographien und Texte der Nietzscheforschung* (de Gruyter), membro do comitê executive da Sociedade Nietzsche, na Alemanha, e diretor fundador do Berliner Nietzsche-Colloquium, entre outras atividades.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são os pressupostos fundamentais da crítica de Nietzsche[1] ao cristianismo, mas, sobretudo, ao luteranismo?

Helmut Heit – A crítica de Nietzsche ao cristianismo se baseia no pressuposto fundamental de que a hipótese cristã de Deus perdeu a credibilidade. A religião cristã não pode mais apresentar ao ser humano moderno uma pretensão de verdade no sentido clássico da palavra. É isso que significa inicialmente o discurso a respeito da morte de Deus. Neste sentido, nos textos de Nietzsche essa ideia não é

1 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em http://bit.ly/Hl7xwP. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche,* e pode ser acessada em http://bit.ly/HdcqOB. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em http://bit.ly/162F4rH, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado,* na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica,* parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana.* Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência,* concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em https://goo.gl/zuXC4n. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido,* com Danilo Bilate, disponível em http://bit.ly/HzaJpJ. Na edição 513, de 16-10-2017, leia a entrevista *Uma política de vida ao invés de uma política sobre a vida. A biopolítica afirmativa de Nietzsche,* disponível em http://bit.ly/2y73xGC. **(Nota da IHU On-Line)**

desenvolvida como uma teoria própria e original, mas é, antes, apenas constatada e averiguada quanto a suas consequências. Nietzsche pode pressupor que os argumentos a favor dela são conhecidos e não os expõe sistematicamente, mesmo que todas as objeções contemporâneas contra o cristianismo se encontrem em diversas passagens de seus textos.

Os iluministas franceses, assim como os jovens hegelianos, neokantianos e positivistas, estavam em sua maioria convictos de que o Deus tradicional como função ou mesmo fundamento da filosofia e da ciência já dera o que tinha para dar. Para a consciência contemporânea, as mais importantes objeções contra a pretensão de validade clássica da hipótese de Deus são de natureza filosófica, científico-natural, histórica e psicológico-social. Immanuel Kant[2], com sua crítica de todas as provas da existência de Deus e tentativas filosóficas na teodiceia, transforma o Deus cristão de uma existência indiscutível em um postulado moral e um objeto da religiosidade privada. Nas teorias mecânicas, cosmológicas e evolucionárias do século XIX, Deus, diferentemente do que ainda era o caso no pensamento de Newton[3] ou Leibniz[4], está essencialmente obsoleto. Os fenômenos são explicados de uma maneira diferente e melhor sem ele. Também a análise histórico-crítica dos textos bíblicos, de que Nietzsche toma conhecimento já em Schulpforta, contribui para a profanização da anteriormente "Sagrada Escritura". Na Bíblia não temos comunicações inspiradas de Deus, e sim as narrativas de um povo de pastores do Oriente Médio. Autores como Feuerbach[5], Heine[6] e Marx[7] explicam, finalmente, a ideia de Deus, persistente do ponto de vista da história da cultura, como uma projeção humana, que diz muita coisa sobre nós seres humanos, mas não diz nada sobre a eventual existência de tal ser.

Deus, uma ficção útil

Em seu conjunto, essas objeções tornam Deus uma noção que não pode ser provada filosoficamente, é cientificamente supérflua e historicamente modificável, cuja existência pode ser bem explicada do ponto de vista da psicologia social. Em séculos anteriores, menos esclarecidos, Deus estava vivo como ficção coletiva, sendo um fato social culturalmente atuante. Na época de Nietzsche, a crença geral antigamente real e eficaz em um ser supremo tinha perdido maciçamente validade; não se precisa mais dele e não se crê mais nele. Neste sentido Deus está morto, tendo mostrado ser uma ficção que deixou de ter credibilidade.

A crítica do cristianismo de Nietzsche, contudo, não se limita a perguntar se os relatos a respeito de Deus, sua situação familiar e suas ações, suas exigências e promessas, capacidades e atividades são verdadeiras. Ao que tudo indica, o que lhe interessa é, antes, principalmente perguntar se Deus é uma ficção útil. Neste caso se mostra que Nietzsche não move uma crítica ideológica unilateral contra o cristianismo, embora, em última análise, ele também responda a essa pergunta negativamente para o presente e o futuro: embora a hipótese da moral cristã tenha dado um sentido à existência humana, e a interiorização ascética da culpa e da má consciência tenha tornado o ser humano mais profundo e interessante, isso sempre se deu ao preço de uma degradação, ofensa e humilhação do ser humano e da vida.

A crítica a Lutero[8] consiste, sobre

2 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em http://bit.ly/ihuon93. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuem02. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em https://goo.gl/SIII5H. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Isaac Newton** (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16-11-2005 o *Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein*. Sobre Newton, em específico, o Prof. Dr. Ney Lemke proferiu palestra em 21-09-2005, intitulada *A cosmologia de Newton*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Gottfried Wilhelm Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. O uso de "função" como um termo matemático foi iniciado por Leibniz, numa carta de 1694, para designar uma quantidade relacionada a uma curva, tal como a sua inclinação em um ponto específico. É creditado a Leibniz e a Newton o desenvolvimento do cálculo moderno, em particular o desenvolvimento da integral e da regra do produto. Descreveu o primeiro sistema de numeração binário moderno (1705), tal como o sistema numérico binário utilizado nos dias de hoje. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Ludwig Feuerbach** (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandona os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de *A essência do cristianismo* (2ª ed. São Paulo: Papirus, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Heinrich Heine** (1797-1856): poeta romântico alemão, conhecido como "o último dos românticos". Boa parte de sua poesia lírica, especialmente a sua obra de juventude, foi musicada por vários compositores notáveis como Robert Schumann, Franz Schubert, Felix Mendelssohn, Brahms, Hugo Wolf, Richard Wagner e, já no século XX, por Hans Werner Henze e Lord Berners. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em http://bit.ly/173lFhO. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista **IHU On-Line**, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em https://goo.gl/7aYkWZ. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da **IHU On-Line**, de 3-5-2010, disponível em http://bit.ly/2p4vpGS. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protes-

esse pano de fundo, principalmente na afirmação de que ele salvou o cristianismo. Estando ele próprio ainda inteiramente preso no pensamento da Idade Média, Lutero não podia entender nem acolher bem a grandeza da cultura do Renascimento. A Reforma aparece, assim, como a obra de um fundamentalista que restaura o cristianismo com base em Paulo[9] e Agostinho[10].

IHU On-Line - Se pensarmos na crítica nietzschiana à genealogia da Modernidade, qual é a importância de suas ressalvas a Lutero?

Helmut Heit - Esta pergunta é particularmente difícil de responder, pois a confrontação de Nietzsche com a Modernidade é extremamente multifacetada. A Modernidade e também o cristianismo são poderes culturais de significado dialético. Elas encerram tensões e dinâmicas que não são condenadas unilateralmente por Nietzsche, mas com as quais também se associam potenciais para o desenvolvimento da humanidade. Neste sentido, a Reforma de Lutero certamente contribuiu para a individualização e privatização do pensamento e do sentimento.

IHU On-Line - Como essa crítica repercutiu na época em que foi formulada e qual a sua importância atualmente?

Helmut Heit - Como se sabe, entre seus contemporâneos diretos Nietzsche teve pouca repercussão. Hoje em dia, seu tratamento da religião é muitas vezes reduzido, na opinião pública, ao discurso a respeito da morte de Deus. Isso é lamentável, já que sua crítica do cristianismo vai muito além dessa afirmação negativa e pergunta a respeito das fontes e perspectivas da necessidade religiosa.

IHU On-Line - Em que medida a formação religiosa de Nietzsche fornece algumas pistas para explicar seu posicionamento em relação ao Luteranismo?

Helmut Heit - Certamente o fato de Nietzsche provir de uma família inteiramente protestante desempenha um papel importante. Ainda durante o tempo que passou em Basileia ele se sente unido ao espírito de Lutero, e reage com perplexidade à intenção de seu amigo Heinrich Romundt de se tornar justamente sacerdote católico. Sua própria caminhada rumo à descrença é, biograficamente, sem dúvida interessante. Em última análise, porém, o cristianismo lhe interessa não como objeto de religiosidade pessoal, e sim como fenômeno cultural.

IHU On-Line - Em que aspectos a figura de Lutero como "monge ressentido", mas também como um tipo psicológico interessante, mobiliza o interesse de Nietzsche?

Helmut Heit - Em comparação com Jesus, Paulo, Sócrates[11] e Platão[12], Lutero é de grande interesse para Nietzsche, mas não de interesse extraordinário. A Reforma de Lutero é, antes, a farsa que se segue à tragédia da fundação da igreja por Paulo. Ainda assim, Nietzsche fica naturalmente fascinado pelo caráter vigoroso de Lutero. Ele louva, como se sabe, a linguagem de Lutero e caracteriza a tradução da Bíblia como a melhor obra de prosa alemã surgida até então. Isso também se refere à enorme atividade transformadora da cultura que Lutero conseguiu desenvolver. Na medida em que Nietzsche também visa a uma transformação, essa figura atrai naturalmente sua atenção.

IHU On-Line - Até que ponto podemos compreender a crítica nietzschiana aos alemães e sua filosofia e teologia tendo Lutero como figura central?

Helmut Heit - Como disse acima, eu não veria Lutero como figura central da crítica de Nietzsche aos alemães, à sua filosofia e à sua teologia. Certamente a filosofia alemã de Kant, Hegel[13] e Schleierma-

tante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o Cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em http://bit.ly/ihuon175, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em https://goo.gl/bKZcM0. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em http://bit.ly/ihuem32, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em http://bit.ly/ihuteo55. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Agostinho de Hipona** (354-430)**:** conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Escrevendo na era patrística, ele é amplamente considerado como sendo o mais importante dos padres da Igreja no Ocidente. Suas obras-primas são *A cidade de Deus* e *Confissões*. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Sócrates** (470 a. C.- 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apologia* e *Críton*). (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 4-9-2006, disponível em http://bit.ly/pteX8f. Leia, também, a edição 294 da revista **IHU On-Line**, de 25-5-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento,* disponível em http://bit.ly/2j0YCw8. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-4-2007, disponível em https://goo.gl/m0FJnp, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em https://goo.gl/D94swr; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em https://goo.gl/62UATd e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em https://goo.gl/lldAkv. (Nota da

cher[14] é protestante de cabo a rabo. Não sem razão, Nietzsche faz troça do idealismo dos teólogos do Seminário de Tübingen [residência e instituição de ensino de estudantes protestantes no estado de Baden-Württemberg]. Mas ele atribui a arrogância presunçosa com que os alemães se entendem como nação superior após 1870/71 a diversas fontes. O horizonte de sua crítica à filosofia moderna não se restringe à Idade Moderna, mas também compreende sempre a Antiguidade grega e cristã.

IHU On-Line - É possível dizer que a maldição contra o Cristianismo, lançada ao final de O Anticristo, opera como uma contraposição às teses de Lutero? Por quê?

Helmut Heit - Eu não colocaria isso necessariamente assim. As teses de Lutero tratam de maneira bastante acadêmica e detalhada de questões da certeza da salvação e da prática cristã. Elas são, inicialmente, sobretudo uma contribuição para um problema teológico. O poder explosivo das teses de Lutero não é fácil de ser apreendido e também só se mostra no marco dos processos políticos, culturais e eclesiásticos que então acabam constituindo a Reforma. Poder-se-ia, antes, entender a maldição contra o cristianismo como uma contraposição aos Dez Mandamentos ou ao Sermão da Montanha.

IHU On-Line - Qual é a posição de Nietzsche em relação à Contrarreforma[15] representada pelos jesuítas?

Helmut Heit - A Contrarreforma é objeto de crítica de diversas formas no pensamento de Nietzsche. No prefácio de *Além do bem e do mal*, ele inclui o jesuitismo entre os grandes movimentos retardadores na história do Ocidente. Nietzsche parece ter visto na Contrarreforma a implementação católica, isto é, generalizada do protestantismo. Por meio da Contrarreforma, o cristianismo foi salvo para a Modernidade.

IHU On-Line - Sob que aspectos existe uma crítica de Nietzsche a um conceito de Deus niilista no protestantismo?

Helmut Heit - Eu não diria que há uma crítica dessas no pensamento de Nietzsche: ele não critica um conceito de Deus niilista no protestantismo; isso é feito, antes, por teólogos (católicos) atuais que veem na teologia da morte de Deus uma consequência problemática e deplorável da obra de destruição protestante. Nietzsche pensa de modo diferente neste caso. Como todas as coisas grandes, o conceito cristão de Deus se arruína por causa de si mesmo. Na pretensão de que Deus é a verdade já está contido o germe de sua autossuspensão.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Helmut Heit - O que me parece particularmente interessante e importante hoje em dia, justamente também à luz de um fundamentalismo que está se fortalecendo nas mais diversas confissões, é o fato de Nietzsche problematizar a pretensão implícita ou explícita de verdade da religião. Quando ele critica a Reforma como "indignação da simplicidade", isso se refere menos à simplicidade na acepção de burrice e falta de perspicácia, e sim a uma falta de vontade ou capacidade de tolerar a diversidade. A crença de que nós mesmos possuímos a verdade religiosa é uma ficção perigosa.■

IHU On-Line)

14 **Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher** (1768-1834): teólogo, filósofo e pedagogo alemão. Foi corresponsável pela aparição da teologia liberal, negando a historicidade dos milagres e a autoridade literal das Escrituras. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Contrarreforma ou Reforma Católica:** iniciado no Concílio de Trento, é um movimento regido pela Igreja Católica Romana em resposta à Reforma Protestante, movimento reformista cristão liderado por Martinho Lutero, autor das 95 teses pregadas na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha, em 31 de outubro de 1517. No documento, Lutero propôs uma reforma na doutrina do catolicismo romano, tendo sido apoiado por vários religiosos e governantes europeus. Em decorrência destes fatos, ocorreu a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os protestantes. (Nota da **IHU On-Line**)

Moderna é a pluralidade de confissões que surgiram do protesto de Lutero

Para Massimo Firpo, o monge agostiniano esteve imerso no contexto medieval, querendo a volta de valores do cristianismo apostólico, mas que culminou numa fragmentação moderna da cristandade

João Vitor Santos | Tradução: Ramiro Mincato

O historiador Massimo Firpo não acredita que Lutero seja alguém que inaugura um novo tempo. "Lutero não foi um homem da modernidade: foi um homem de Idade Média, imerso nas práticas devocionais e no saber teológico. Lutero queria trazer a Igreja de Roma de volta à pureza original da era apostólica", argumenta. Assim, para o professor, o tempo moderno chega quase como uma consequência inesperada. "A teologia de Lutero não era moderna, mas o foi a pluralidade de confissões cristãs surgidas de seu protesto", pontua. Ou seja, Lutero leva a cabo uma divisão que mais tarde promove uma fragmentação, libertando e criando outras tantas formas de ser cristão. "No final, este mundo plural de Igrejas decorrentes da Reforma se tornaria um mundo pluralista garantido pela lei", completa.

Firpo ainda destaca, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, que é o Estado que consegue impor uma aceitação da pluralidade religiosa e é dele o movimento de secularização. "Não foi a mensagem de fraternidade, de amor mútuo, de recusa da violência registrada em tantas páginas do Evangelho a sancionar os princípios de tolerância e depois de liberdade de consciência, mas foram os Estados a impor às relutantes Igrejas cristãs, todas elas dispostas a praticar a violência contra dissidentes religiosos", explica. Para o professor, inclusive, é das igrejas que vem uma tensão no sentido contrário. "Não vejo diferença substancial entre o apoio do poder secular, sempre procurado pela Igreja, tanto nos tempos medievais como na era moderna, sob o esforço constante para subordinar o poder secular ao poder religioso", pontua.

Massimo Firpo é historiador italiano, diretor de Rivista Storica Italiana, membro da Academia de Ciências de Turim e da Academia Nacional dos Liceus de Roma. Foi professor de História Moderna na Universidade de Cagliari, de Turim e na Scuola Normale Superiore di Pisa. Pesquisou a crise religiosa do século XVI, o que lhe rendeu diversas obras: *Pietro Bizzarri, esule italiano do Cinquecento* (Turim: Giappichelli, 1971), *Il problema dela tolleranza religiosa nell'età moderna*: *Dalla Riforma Protestante a Locke* (Torino: Loescher, 1978), entre outras. Depois, dedicou-se à investigação da matriz do radicalismo religioso do século XVI. Sobre estes estudos, entre suas publicações, destacamos *Tra alumbrados e «spirituali»:* Studi su Juan de Valdés e il valdesianesimo nella crisi religiosa del '500 italiano (Firenze: Olschki, 1990) e *Riforma protestante ed eresie nell'Italia del Cinquecento:* Un profilo storico (Roma-Bari: Laterza, 1993).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual foi o papel de Erasmo de Roterdã[1] no contexto da Reforma Luterana?

Massimo Firpo – Não existe propriamente um papel de Erasmo na Reforma Luterana, porque Erasmo sempre foi estranho a ela. Certamente, dizia-se que Lutero apenas tinha chocado os ovos colocados por Erasmo, ou que, se não era Erasmo

1 **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmo cursou o seminário com os monges agostinianos e realizou os votos monásticos aos 25 anos, vivendo como tal, sendo um grande crítico da vida monástica e das características que julgava negativas na Igreja Católica. Optou por uma vida de acadêmico independente - independente de país, independente de laços acadêmicos, de lealdade religiosa - e de tudo que pudesse interferir com a sua liberdade intelectual e a sua expressão literária. (Nota da **IHU On-Line**)

a "luteranizar", era Lutero a "erasmizar" (*aut Erasmus lutherizat aut Lutherus erasmizat*). Neste sentido, não há dúvida de que Erasmo deu um contributo decisivo para preparar a reforma e abrir o caminho para o seu sucesso, insistindo ora com ironia mordaz como no *Elogio da Loucura*, ora com dureza severa como em *Iulius exclusus* ou em *Ciceronianus*, sobre os males infinitos da Igreja, as superstições populares exploradas para fim de lucros por um clero ganancioso e insensato, sobre a ignorância dos frades e preguiça dos monges, sobre os absurdos dos teólogos escolásticos, sobre a corrupção e simonia da cúria romana, sobre os abusos infinitos que se concretizavam *in capite et in membris*.

Quando Lutero emergiu na derrocada da história alemã e europeia, Erasmo percebeu que sua força, energia e indignação poderiam forçar Roma àquela reforma que seus escritos não tinham conseguido aviar. Por isso ele ficou em silêncio mesmo quando Lutero se rebelou contra o papa, quando rasgou a bula *Exsurge Domine*[2] e queimou em praça pública os livros de Direito Canônico, quando publicou seus amargos libelos de 1520, *A Liberdade do Cristão, O Cativeiro Babilônico da Igreja de Roma*, *À nobreza cristã da nação alemã*. Nem Erasmo intervém após a condenação de Lutero contra a proibição do Imperador, nem quando proclamou que o papa era o Anticristo ou anunciou a doutrina da justificação unicamente pela fé ou o sacerdócio universal dos fiéis. Só fez ouvir sua voz até em 1524, e o fez em uma questão até então à margem do controverso confronto com os teólogos católicos, o livre arbítrio, e Lutero admitiu que ele foi o único capaz de tocá-lo no ponto nevrálgico, sem desperdiçar tempo com questões secundárias como votos, peregrinações, indulgências, relíquias de santos, purgatório etc.

E Erasmo escolheu esse argumento porque sobre o livre arbítrio se fundava o humanismo cristão, o chamado à responsabilidade moral de cada um, a rejeição da doutrina da predestinação, consequência de um arbítrio servil, com todos os problemas irresolúveis na teodiceia que essa implicava. Nesse sentido, o cristianismo de Erasmo não só se revelou diferente, mas incompatível com aquele de Lutero, cujo escrituralismo bíblico era estranho ao humanista holandês (que também publicou a primeira edição crítica do Novo Testamento em grego). A um cristianismo todo teológico de Lutero, ele contrapunha um cristianismo ético derivado do Evangelho, não um abstrato código de verdades doutrinais, mas uma mensagem moral de amor fraterno que impunha escolhas difíceis e, exatamente por isso, tinha sentido e valor.

Por esta razão, em uma de suas últimas obras, *De amabili Ecclesiae concordia*, procurou dirigir um apelo às contrapostas ortodoxias doutrinárias para propor uma *modica theologia*, consciente das limitações da mente humana e da sua incapacidade de acessar as verdades divinas, mas tal para sugerir práticas de justiça, caridade, amor do próximo. Isso ajuda a explicar por que os teólogos de todas as confissões que surgiram da grande crise religiosa do século (com exceção dos antitrinitários) apresentassem Erasmo como um herege, ou nada mais do que um oportunista vira-casaca.

IHU On-Line – Como entender a distância entre Erasmo e Lutero?

Massimo Firpo – A distância entre Erasmo e Lutero decorre da crescente consciência de ambos em dar um significado diferente à palavra 'cristão', em reconhecer-se não apenas em modelos diferentes, mas alternativos de cristianismo. Não há dúvida de que, no final, Erasmo indicou um modelo de cristianismo muito mais compatível com a modernidade, com a liberdade de consciência, com a sensibilidade ética dos crentes de hoje, que parece pouco verossímil ter, no passado, imolado e mandado ao fogo por questões como o purgatório ou a confissão sacramental, que muitos crentes e praticantes agora dão tão pouco valor. E, estranhamente, o cristianismo praticado hoje por muitos reformados ou evangélicos é muito mais erasmiano do que luterano e calvinista. Por sorte, tem-se vontade de dizer! Mas as Igrejas oficiais e as diferentes ortodoxias doutrinárias com que se identificam deveriam estar muito mais conscientes da violência, constrições e crueldades a que foram responsáveis no passado.

Devemos todos nos alegrar com o abraço do papa Francisco à pastora luterana de Lund[3], na Suécia, mas isso não deve fazer esquecer as condenações, os anátemas, as perseguições, o sangue derramado em nome daquelas ortodoxias doutrinárias. Talvez devêssemos começar a refletir – erasmianamente – que todo abraço ecumênico (ou mesmo apenas interconfessional) testemunha o fracasso da teologia, de seu contínuo esforço em perseguir a história, muitas vezes com atrasos inaceitáveis, para explicar como o que foi errado ontem torna-se correto hoje, como o herege dado às chamas ontem tornou-se o irmão separado de hoje. Mas nada, acredito, nem mesmo Deus em pessoa, seria capaz de convencer os teólogos da inutilidade perigosa de sua presunção de ensinar uma verdade perpétua e imutável a um mundo continuamente em mudança.

2 **Exsurge Domine:** é a bula pontifícia emitida pelo papa Leão X em 15 de junho de 1520 em resposta às 95 teses de Martinho Lutero e aos seus escritos sucessivos. Dessas 95, o papa reconhecia como válidas 54 teses, mas pedia que Lutero se retratasse por 41 delas, assim como por outros erros especificados, oferecendo um prazo de 70 dias a partir da sua publicação. (Nota da **IHU On-Line**)

3 O entrevistado se refere a Antje Jackélen, arcebispa luterana de Uppsala e primaz da Igreja da Suécia. O IHU, na seção Notícias do Dia em seu sítio, publicou diversos textos acerca do encontro dela com o papa Francisco. Entre eles *Um cinquentenário vivido com responsabilidade ecumênica e consciência global*, disponível em http://bit.ly/2yQCInv, e *Bispa luterana Jackelén é a nova presidente do Conselho das Igrejas da Suécia*, disponível em http://bit.ly/2i6YH1v. Leia mais em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

"Sobre o livre arbítrio se fundava o humanismo cristão"

IHU On-Line – Podemos conceber a Reforma Luterana como uma divisão entre o pensamento medieval e o moderno? Por quê?

Massimo Firpo – Não, absolutamente não. Lutero não foi um homem da modernidade: foi um homem de Idade Média, imerso nas práticas devocionais e no saber teológico. Lutero queria trazer a Igreja de Roma de volta à pureza original da era apostólica, lutar contra as degenerações modernas, contra sua contaminação enfática com o humanismo renascentista.

Lutero contribuiu para a modernidade, mas contra suas intenções (outra confirmação da heterogeneidade dos fins como força dominante da história). Conseguiu fundar uma nova Igreja, não derrubar o papa. E, do seu protesto, outras Igrejas surgiram, outros credos, outras identidades religiosas, todos invocando os mesmos fundamentos do cristianismo, o Novo e o Antigo Testamento, mas cada um em oposição aos outros: calvinistas, anabatistas[4] de várias denominações, antitrinitários[5], socinianos[6], não-adorantes, depois quakers[7], presbiterianos[8], independentes, puritanos, quinto monarquistas, metodistas[9], pentecostais, adventistas do sétimo dia[10], testemunhas de Jeová[11], e assim por diante.

Mais e mais, o mundo protestante quebrou-se e dividiu-se, e mesmo no século XVI o luteranismo viu-se dentro de um conflito feroz entre diferentes orientações, entre os chamados filipistas, herdeiros da moderação de Filipe Melâncton[12], o braço direito de Lutero, e os intransigentes Gnesio Luteranos[13], luteranos puros, indissoluvelmente ligados à palavra do mestre.

Pluralidade protestante

Dentro de poucos anos, em suma, o mundo protestante se tornaria um mundo plural, dividido entre confissões e seitas diferentes, e percorrido por conflitos ásperos, ódios teológicos, condenações recíprocas. Como em 1550 escreveu um exilado italiano em Basileia, "não só na Itália há Satanás, não só na Itália há o Anticristo, não só na Itália há a causa de todos os delitos, de toda a impiedade, de todos os males: o papado". Não teriam sido as Igrejas, mas as autoridades civis que puseram fim às guerras religiosas, à tirania, ao faccionalismo, à intolerância de ortodoxias doutrinais, até estabelecerem o princípio – mestres Spinoza[14] e Locke[15] – que todos são livres para

4 **Anabaptistas**: são cristãos sectários do anabatismo, a chamada "ala radical" da Reforma Protestante. Os anabatistas não formavam um único grupo ou igreja, pois havia diversos grupos chamados genericamente de "anabatistas" com crenças e práticas diferentes e divergentes. Eles foram assim chamados porque os convertidos eram baptizados apenas na idade adulta, por isso, eles re-baptizavam todos os seus prosélitos que já tivessem sido baptizados quando crianças, pois creem que o verdadeiro baptismo só tem valor quando as pessoas se convertem conscientemente a Cristo. Desta forma os anabatistas desconsideravam tanto o batismo católico quanto o batismo dos protestantes luteranos, reformados e anglicanos. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Antitrinitarismo** (ou não trinitarianismo): refere-se a um sistema de crenças monoteístas, principalmente dentro do cristianismo, que rejeita a doutrina de Trindade, nomeadamente, o ensinamento de que Deus é constituído por três hipóstases. No Primeiro Concílio de Constantinopla, a doutrina da trindade foi formulada como "três hipóstases em uma ousia (substância)". (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Socianismo** ou socinianismo: sumaria as crenças dos socinianos, seguidores de Fausto Socino (falecido na Polônia, em 1604), que desenvolveu sua teologia inspirada em seu tio Lélio Socino (morto em 1562, em Zurique). A doutrina sociniana é antitrinitária e considera que em Deus há uma única pessoa e que Jesus de Nazaré é um homem. Os socinianos se estabeleceram principalmente na Transilvânia, Polônia e Países Baixos. Suas crenças, resumida no Catecismo Racoviano. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Quaker** (também denominado quacre em português): é o nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum num movimento protestante britânico do século XVII. A denominação quaker é chamada de quakerismo, Sociedade Religiosa dos Amigos (em inglês: Religious Society of Friends), ou simplesmente Sociedade dos Amigos ou Amigos. Eles são conhecidos pela defesa do pacifismo e da simplicidade. Estima-se que haja 360.000 quakers no mundo, sendo o Quênia na África o local que possui a maior comunidade quaker. Criado em 1652, pelo inglês George Fox, o Movimento Quaker pretendeu ser a restauração da fé cristã original, após séculos de apostasia. A Sociedade dos Amigos, como também são conhecidos, reagiu contra o que considerava abusos da Igreja Anglicana, colocando-se como "sob a inspiração directa do Espírito Santo". Os membros desta sociedade, ridicularizados no século XVII com o nome de quakers (inglês para "tremedores"), que a maioria adota até hoje, rejeitam qualquer organização clerical, para viver no recolhimento, na pureza moral e na prática ativa do pacifismo, da solidariedade e da filantropia. (Nota da IHU On-Line)

8 **Presbiterianismo:** refere-se às igrejas cristãs protestantes que aderem à tradição teológica reformada (calvinismo) e cuja forma de organização eclesiástica se caracteriza pelo governo de uma assembleia de presbíteros, ou anciãos. Há muitas entidades autônomas em países por todo o mundo que subscrevem igualmente o presbiterianismo. Para além de distinções traçadas entre fronteiras nacionais, os presbiterianos também se dividiram em alguns países por razões doutrinais, como o Liberalismo Teológico, Evangelicalismo, Ordenação Feminina, práticas litúrgicas, entre outras razões, fazendo assim com que existam várias denominações presbiterianas diferentes em alguns países, mas todas com o mesmo sistema de governo eclesiástico. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Metodismo:** movimento de avivamento espiritual cristão ocorrido na Inglaterra do século XVIII que enfatizou a relação íntima do indivíduo com Deus, iniciando-se com uma conversão pessoal e seguindo uma vida de ética e moral cristã. O metodismo foi liderado por John Wesley, eclesiástico da Igreja Anglicana, e seu irmão Charles Wesley, considerado um dos maiores expoentes da música sacra protestante. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Igreja Adventista do Sétimo Dia**: é uma denominação cristã protestante restauracionista, trinitariana, sabatista, não-cessacionista, mortalista e aniquilacionista, que se distingue pela observância do sábado[7], o sétimo dia da semana judaico-cristã (sabbath) e por sua ênfase na iminente segunda vinda de Jesus Cristo. A igreja surgiu após o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844, desencadeado pelo Movimento Milerita nos Estados Unidos, durante a primeira metade do século XIX, sendo formalmente criada em 1863. Entre seus vários pioneiros está Ellen White, cujos escritos são tidos pelos adventistas como inspirados por Deus. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Testemunhas de Jeová** são uma denominação cristã não-trinitária, milenarista e restauracionista que possuem adeptos em 240 países e territórios autônomos, com cerca de 8,3 milhões de praticantes,[6] apesar de reunirem um número superior de simpatizantes. São conhecidas pelo seu trabalho regular e persistente de pregação de seus princípios e dogmas de casa em casa, nas ruas e em locais públicos. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Philipp Melanchthon** (1497-1560): em português, Filipe Melâncton. Foi um reformador, astrólogo e astrônomo alemão. Colaborador de Lutero, redigiu a "Confissão de Augsburgo" (1530) e converteu-se no principal líder do luteranismo após a morte de Lutero. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Gnesio-Luteranos**: nome moderno para um partido teológico na Igreja Luterana , em oposição aos filipenses após a morte de Martinho Lutero e antes da Fórmula da Concórdia . Em seus próprios dias eles eram chamados de Flacios por seus oponentes e simplesmente por Luteranos por conta própria. Mais tarde Flacian tornou-se um adepto da visão de Matthias Flacius sobre o pecado original, rejeitado pela Fórmula da Concórdia . Em um sentido mais amplo, o termo Gnesio-Lutero é associado principalmente à defesa da doutrina da Presença Real . (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632-1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século 17 dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da IHU On-Line, de 6-8-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em https://goo.gl/GEGuI5. (Nota da IHU On-Line)

15 **John Locke** (1632-1704): filósofo inglês e ideólogo do liberalismo, sendo considerado o principal representante do empirismo britânico e um dos principais teóricos do contrato social. Locke rejeitava a doutrina das ideias inatas e afirmava que todas as nossas ideias tinham origem no que era percebido pelos sentidos. A filosofia da mente de Locke é frequentemente citada como a origem das concepções modernas de identidade e do "Eu". O conceito de identidade pessoal, seus conceitos e questionamentos figuraram com destaque na obra de filósofos posteriores, como David Hume, Jean-Jacques Rousseau e Kant. Locke foi

acreditar no que quiserem, contanto que não infrinjam a lei, já que o Estado não se ocupa com Deus, mas com os homens, tutelando a paz e não a salvação eterna.

No final, este mundo plural de Igrejas decorrentes da Reforma se tornaria um mundo pluralista garantido pela lei. E, graças a isso, católicos e protestantes, anabatistas e quakers, calvinistas e às vezes judeus iriam aprender, um pouco de cada vez, que se pode comerciar proficuamente, que se pode e se deve honrar um contrato, que se pode também fazer ótimos negócios com pessoas de diferentes credos, que se pode falar de política, beber uma boa cerveja e talvez até concordar em casar os próprios filhos, mesmo com aqueles que pensam de forma diferente sobre a eucaristia ou, talvez, honrem seu Deus em um dia diferente do domingo. A teologia de Lutero não era moderna, mas o foi a pluralidade de confissões cristãs surgidas de seu protesto.

IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer entre o cisma, gestado em Erasmo, mas eclodido em Lutero, com a secularização e divisão moderna entre os poderes temporal e espiritual?

Massimo Firpo – Erasmo não queria qualquer cisma, ao contrário, até escreveu *De amabili Ecclesiae concordia* exortando a todos para encontrarem as razões da unidade sem insistir demais em sutilezas teológicas, que configurariam somente motivos de divisão, na maioria sobre questões não essenciais à fé e à vida cristã. No Tratado *Sull'autorità secolare,* de 1523, Lutero exortou os príncipes seculares a não intervir em questões religiosas, a deixar agir a Palavra de Deus, a evitar a coerção religiosa; mas, em seguida, o surgimento do anabatismo e as tensões milenaristas da guerra dos camponeses levaram-no a mudar de rumo, solicitando a intervenção das autoridades políticas em tutela da "verdadeira" fé: um princípio que será enfim teorizado nos anos trinta como *ius reformandi*, como direito de impedir, nas terras confiadas ao seu governo, o ímpio culto papista.

Uma Reforma incoativa, ainda fraca e incerta, deixava já espaço para uma Reforma institucional, para uma nova Igreja, pronta a reivindicar o monopólio da verdade, como fazia o Papa em Roma e Calvino em Genebra. Foi a propagação do pluralismo religioso dentro da mesma comunidade política, como a Inglaterra revolucionária ou as Províncias Unidas da Holanda a obrigar as autoridades civis a evitarem confrontos religiosos que ameaçavam tornar-se lutas civis (presbiterianos contra independentes, na Inglaterra, gomaristas[16] contra arminianos[17] e remonstrantes[18], na Holanda). Foi na Inglaterra, depois da gloriosa revolução, que foi lançada, em 1689, a primeira lei que permitiu e, ao mesmo tempo, impôs, a tolerância religiosa. Em outras palavras, gostando ou não gostando, não foram as Igrejas e confissões cristãs que pediram leis que garantissem a paz religiosa, não foi a mensagem de fraternidade, de amor mútuo, de recusa da violência registrada em tantas páginas do Evangelho a sancionar os princípios de tolerância e depois de liberdade de consciência, mas foram os Estados a impor às relutantes Igrejas cristãs, todas elas dispostas a praticar a violência contra dissidentes religiosos.

> "Dizia-se que Lutero apenas tinha chocado os ovos colocados por Erasmo"

IHU On-Line – Os movimentos da Igreja Católica de reação ao desafio luterano inauguram outras perspectivas, vide a Contrarreforma. A partir daí, como compreender as outras associações que a Igreja faz com o poder temporal em nome da expansão da fé cristã, já no período moderno das conquistas territoriais? E no que se distinguem das alianças do tempo medieval?

Massimo Firpo – Através de práticas repressivas e de censura, a Igreja Católica lutou duramente contra a heresia, mas isso ocorreu apenas na Itália: somente na Itália, de fato, a Inquisição romana teve jurisdição. Mas o que me parece mais relevante é que as escolhas feitas nos vértices da Igreja não foram o resul-

o primeiro a definir o "si mesmo" através de uma continuidade de consciência. Ele postulou que a mente era uma lousa em branco (tabula rasa). Em oposição ao Cartesianismo, ele sustentou que nascemos sem ideias inatas, e que o conhecimento é determinado apenas pela experiência derivada da percepção sensorial. O pensador escreveu o Ensaio acerca do Entendimento Humano, onde desenvolve sua teoria sobre a origem e a natureza do conhecimento. Suas ideias ajudaram a derrubar o absolutismo na Inglaterra. Dizia que todos os homens, ao nascer, tinham direitos naturais - direito à vida, à liberdade e à propriedade. Para garantir esses direitos naturais, os homens haviam criado governos. Se esses governos, contudo, não respeitassem a vida, a liberdade e a propriedade, o povo tinha o direito de se revoltar contra eles. As pessoas podiam contestar um governo injusto e não eram obrigadas a aceitar suas decisões. Dedicou-se também à filosofia política. No Primeiro Tratado sobre o Governo Civil, critica a tradição que afirmava o direito divino dos reis, declarando que a vida política é uma invenção humana, completamente independente das questões divinas. No Segundo Tratado sobre o Governo Civil, expõe sua teoria do Estado liberal e a propriedade privada. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Gomaristas**: seguidores de Franciscus Gomarus (1563-1641) foi teólogo, calvinista e Professor de Teologia da Universidade de Leiden. Foi um ferrenho opositor da teorias religiosas de Jacobus Arminius, o qual foi formalmente julgado durante o Sínodo de Dort (1618-1619). (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Arminianismo**: é uma escola de pensamento soteriológica (doutrina da salvação), baseada sobre ideias do holandes Jacobus Arminius (1560 - 1609) e seus seguidores históricos, os remonstrantes. A aceitação doutrinária se estende por boa parte do cristianismo desde os primeiros argumentos entre Atanásio e Orígenes, até a defesa de Agostinho de Hipona do "pecado original." (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Irmandade Remonstrante**: também chamada Igreja Remonstrante foi fundada em 1617, após a expulsão no Sínodo Nacional Dordrecht de cerca de 45 ministros e teólogos dos Países Baixos que deram continuidade ao desenvolvimento da teologia de Jacobus Arminius (1560-1609). Nos Países-Baixos havia uma forma nativa da Reforma Protestante antes da adesão do calvinismo em 1568, muitos desses neerlandeses professavam uma forma mais liberal de protestantismo e Jacob Arminius tentou primeiramente trazê-los para a teologia reformanda, mas acabou reavaliando suas próprias crenças. (Nota da **IHU On-Line**)

tado do Concílio de Trento[19], que de fato recebeu referências muito subordinadas às instruções dadas pela Cúria romana, contando sobre uma maioria de bispos italianos, frequentemente muito pobres (pequeníssimas eram as Dioceses no sul da Itália) "assalariados pelo papa", nem de uma estratégia unitária dos vértices curiais. O que aconteceu (nem seria possível pensar que as coisas acontecessem de outra forma) foi um áspero conflito dentro do próprio sagrado colégio sobre os caminhos e melhores estratégias para lidar com os grandes problemas levantados pela Reforma Protestante, nomeadamente, como se relacionar com as posições teológicas dos grandes mestres da Reforma dos transalpinos e como fazer zarpar a reforma da Igreja: que metas propor-se, que estratégias seguir?

Houve várias propostas, ora voltadas à mediação e ao acordo com os protestantes, ora ao confronto frontal contra eles, ora às fórmulas de concórdia, ora às condenações sem apelo. Houve propostas de reforma da Igreja diferentemente incisivas, baseadas ora em uma dilatação da autonomia dos bispos da periferia, ora no fortalecimento da estrutura vertical da Cúria e, em particular, do poder papal. Foi a segunda estratégia que prevaleceu, de acordo com o princípio estabelecido desde 1532, por Gian Pietro Carafa, mais tarde Papa Paulo IV[20], que "os heréticos se querem tratados como hereges", e a serem tratados como hereges foram também os defensores da outra solução, como os cardeais Reginald Pole[21] e Morone[22], acusados de heresia luterana.

Parece, portanto, lícito sustentar que o conceito de Contrarreforma não envolve tanto uma luta contra a distante Reforma Protestante, quanto contra a próxima e concorrente estratégia de reforma da Igreja promovida por outras correntes, outros grupos, outras perspectivas religiosas, que, no entanto, foram severamente derrotadas. Produziu uma Igreja forte, reforçada em sua estrutura institucional, reagrupada em torno de autoridade papal, forte de certezas teológicas inquestionáveis, capaz de encontrar novas formas de vitalidade no extraordinário esforço missionário implantado na época pós-tridentina, mas também com base em modelos autoritários, na falta de cultura teológica dos leigos (que foram proibidos de ler a Bíblia em suas línguas), na pastoral da obediência. Não vejo diferença substancial entre o apoio do poder secular, sempre procurado pela Igreja, tanto nos tempos medievais como na era moderna, sob o esforço constante, – e diversamente modulado nos séculos de acordo com diferentes circunstâncias históricas – para subordinar o poder secular ao poder religioso.■

19 **Concílio de Trento:** realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Papa Paulo IV** (1476-1559): nascido Giovanni Pietro Carafa, foi papa de 23 de maio de 1555 até a data da sua morte. Como papa, dedicou-se à Inquisição romana, fundada por Paulo III, e à reconstrução administrativa e moral de Roma. Tomou medidas que constituíram significativos excessos de severidade e também contribuíram para tornar mais insolúveis os conflitos e para aumentar a antipatia contra ele em alguns setores da Igreja, inclusive entre os seus antigos colaboradores. Exerceu com rigor a censura dos livros e publicou o primeiro índex dos livros proibidos. Sua má condução da política externa pontifícia, que na época estava a cargo do cardeal Carlos Carafa, seu sobrinho, levou a um conflito aberto com Carlos V em 1556. Não reconheceu o título imperial de Fernando I em 1558 e rompeu com Elisabeth I da Inglaterra, aumentando o isolamento político que afetava Roma. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Reginald Pole** (1500-1558): foi um cardeal inglês da Igreja Católica Romana e o último arcebispo católico romano de Canterbury, ocupando o cargo de 1556 a 1558, durante a Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Giovanni Girolamo Morone** (1509-1580): foi um cardeal italiano, bispo-emérito de Módena e decano do Colégio dos Cardeais. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

- **Lutero, revolucionário por acaso**. Artigo de Massimo Firpo, reproduzido nas Notícias do Dia de 13-01-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos, disponível em http://bit.ly/2zFICXE.

- **Erasmo: nem com Roma, nem com Lutero**. Artigo de Massimo Firpo, reproduzido nas Notícias do Dia de 6-12-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos, disponível em http://bit.ly/2fWFXRG .

Lutero, o metamoderno

Para Franco Ferrarotti, o monge não pode ser inscrito no medievo e tampouco na modernidade

João Vitor Santos | Tradução: Moisés Sbardelotto

Martinho Lutero é forjado na Idade Média, mas rompe com todas as perspectivas da época e inaugura o pensamento moderno, sendo assim um dos primeiros pensadores da Modernidade. Correto? Não, errado. Para o sociólogo Franco Ferrarotti, o agostiniano vai além e, pode-se assim dizer, inaugura uma outra categoria, para além de uma temporalidade. "Lutero não é totalmente medieval nem completamente moderno", aponta. E explica: "ele é metamoderno, no sentido de que a sua 'liberdade do cristão' levanta a hipótese de uma pessoa 'senhora e responsável' pelo próprio destino". Ou seja, para o professor, Lutero dá um passo além da própria modernidade e avança na ideia de liberdade cristã para uma quase autonomia secular do ser. "Lutero está além dos interesses político-econômicos contingentes".

Ferrarotti também destaca, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, que Lutero encontrou no próprio cristianismo a chave para sua amplificação, potencializando o caráter universal e deixando de lado o aprisionamento em nome do pecado, purgatório etc. "É nas 'Cartas aos Romanos' que Lutero compreende que o cristianismo ultrapassa a tradição judaica e adquire uma dimensão universal em sentido cosmopolita", analisa. "Lutero premia a paixão e a coragem, que vêm antes do puro conhecimento. Risco de um irracionalismo vaporoso", completa.

Franco Ferrarotti, sociólogo italiano, é considerado um dos grandes nomes da sociologia na Itália na década de 1960. Também foi deputado da República Italiana e seguiu a carreira acadêmica. Hoje é professor emérito de Sociologia na Sapienza - Universidade de Roma. Entre suas publicações em português, destacamos *Uma Sociologia Alternativa* (Rio de Janeiro: Afrontamento, 1972). Recentemente lançou *Attualità di Lutero* (Roma: EDB, 2017); também destacamos *Dialogare o perire* (Edizioni di Comunità, 2017), *Roma Caput Mundi* (Roma: Gangemi, 2015) e *Scienza e coscienza. Verità personali e pratiche pubbliche* (Roma: EDB, 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que medida a experiência de Martinho Lutero contribui para compreendermos a Modernidade?

Franco Ferrarotti – Lutero não é totalmente medieval nem completamente moderno. Ele é metamoderno, no sentido de que a sua "liberdade do cristão" levanta a hipótese de uma pessoa "senhora e responsável" pelo próprio destino.

IHU On-Line – De que forma a releitura da Reforma Luterana hoje pode nos auxiliar a compreender os desafios de nosso tempo, a transição entre o que podemos chamar de Modernidade e Pós-Modernidade?

Franco Ferrarotti – Não é possível falar de pós-modernidade no momento em que a modernidade ainda está incompleta. O desafio do nosso tempo é dado pela confusão mortal entre valores instrumentais e valores finais. A Reforma entrega a *certitudo salutis*[1] ao indivíduo em toda a sua dramaticidade: a todo instante, o indivíduo faz um gesto que pode salvá-lo ou perdê-lo.

1 No sentido de certeza ou segurança de salvação. (Nota da **IHU On-Line**)

“Não é possível falar de pós-modernidade no momento em que a modernidade ainda está incompleta”

IHU On-Line – Como compreender a contraditória relação de Lutero com burgueses e príncipes e com camponeses?

Franco Ferrarotti – Lutero está além dos interesses político-econômicos contingentes. Não ter compreendido isso é o limite de Thomas Müntzer[2] e do seu historiador Ernst Bloch[3].

IHU On-Line – Quais as distinções entre o pensamento de Erasmo[4] e o de Lutero?

Franco Ferrarotti – Erasmo peca, aos olhos de Lutero, de nicodenismo[5]. Ele duvida, pensa, escreve, mas não age, não decide. Peca por avidez.

IHU On-Line – Qual a centralidade e como se articulam os conceitos de perdição e salvação, morte e vida, liberdade e servidão no pensamento de Lutero?

Franco Ferrarotti – Na “experiência da torre”, Lutero entrevê, de repente, o nexo entre fé e salvação. Daí a sua (talvez excessiva) desvalorização da conduta, e, portanto: *“pecca fortiter; crede fortius”*.

IHU On-Line – Como compreender o antiaristotelismo e a reação ao racionalismo grego presentes em Lutero?

Franco Ferrarotti – Lutero premia a paixão e a coragem, que vêm antes do puro conhecimento. Risco de um irracionalismo vaporoso.

IHU On-Line – Que relação podemos estabelecer entre o pensamento de Lutero e as perspectivas e a filosofia paulina?

Franco Ferrarotti – É na “Carta aos Romanos” que Lutero compreende que o cristianismo ultrapassa a tradição judaica e adquire uma dimensão universal em sentido cosmopolita.

IHU On-Line – Em que sentido pode-se dizer que a tradição paulina, mas também luterana, ganham corpo na filosofia alemã?

Franco Ferrarotti – No sentido da verdade conservada na vida interior (“o céu estrelado sobre mim, o imperativo moral dentro de mim”).

IHU On-Line – Podemos afirmar que Lutero força uma reinvenção do cristianismo? Por quê?

Franco Ferrarotti – Não. Ele redescobriu o que jazia sob a incrustação de comportamentos acristãos. O espírito contra a letra.

IHU On-Line – No que consiste a distinção entre Filosofia e Teologia feita por Lutero? É nessa distinção que se revela uma espécie de inauguração do pensamento moderno?

Franco Ferrarotti – Não. Para Lutero, é a palavra de Deus, a sua pura força primigênia que “mata” os desvarios teológicos vãos e desvaloriza as elucubrações filosóficas.■

2 **Thomas Müntzer** (1490-1525): foi um dos primeiros teólogos alemães da era da Reforma; ele se tornou um líder rebelde durante a Guerra dos Camponeses. Müntzer virou-se contra Lutero, com vários escritos contra ele, e apoiou os anabatistas. Na Batalha de Frankenhausen, Müntzer e seus seguidores foram derrotados. Ele foi capturado, torturado e decapitado. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Ernst Bloch** (1885-1977): filósofo alemão marxista heterodoxo, que construiu vasta obra que ressalta o papel da utopia na história do homem. Seu livro *O Princípio Esperança* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2005), foi destacado na editoria Livro da Semana da 151ª edição da revista **IHU On-Line**, de 15-8-2005, com a realização de duas entrevistas sobre a obra: uma com o tradutor do livro, Nélio Schneider, e outra com o professor da UFRGS, Edson Sousa. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmo cursou o seminário com os monges agostinianos e realizou os votos monásticos aos 25 anos, vivendo como tal, sendo um grande crítico da vida monástica e das características que julgava negativas na Igreja Católica. Optou por uma vida de acadêmico independente - independente de país, independente de laços acadêmicos, de lealdade religiosa - e de tudo que pudesse interferir com a sua liberdade intelectual e a sua expressão literária. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Nicodenismo**: termo criado por Giovanni Calvino para designar a atitude dos protestantes que, para evitar a perseguição da Igreja Católica, criticaram publicamente os católicos, participando também de funções religiosas. Ele condenou esta prática, já que o cristão, em sua opinião, declarou publicamente sua fé à custa do martírio. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

- Lutero, reformador trágico. Artigo de Franco Ferrarotti, publicado nas Notícias do Dia de 19-1-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2yox1iD.

O encontro entre Reforma e o surgimento da Modernidade

Franco Cardini analisa que a diferença na ação de Lutero e na de Francisco de Assis está na insurgência ao papa e na associação ao poder temporal, que contribui para o absolutismo moderno

João Vitor Santos | Tradução: Moisés Sbardelotto

O historiador Franco Cardini compreende a figura de Martinho Lutero como um agostiniano atormentado com a ideia de salvação e, particularmente, escandalizado com a corrupção do alto clero. Para o professor, são esses elementos que o fazem questionar o poder papal. Movimento semelhante ao que fez Francisco de Assis, em plena Idade Média. A diferença, segundo Cardini, está na associação que Lutero faz com o poder temporal. "O seu sonho de retorno ao Evangelho faz parte de um programa e de um projeto", reitera. "A diferença está no fato de que Lutero, rebelando-se contra o papa, apelou ao mais alto poder temporal da época", destaca na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Cardini ainda lembra que Lutero nunca quis um cisma, e, embora tivesse a intenção de romper com o pensamento medieval, gostaria realmente de voltar ao cristianismo apostólico. Ou seja, a sua contribuição para a eclosão da modernidade foi quase uma consequência não planejada. "O seu gesto encontrou-se com um dos elementos do nascimento da Modernidade: a desagregação do universalismo cristão, o nascimento do absolutismo moderno. Sem o apoio político da alta nobreza alemã e uma notável 'simpatia' do imperador Carlos V, a 'revolta' de Lutero não teria sucesso", pontua. O professor ainda lembra que, a partir de Lutero, todos os reformadores são levados a uma associação com o poder político da época para se dissociarem da igreja de Roma. "Mas o resultado disso foi a constituição de Igrejas nacionais subordinadas ao poder temporal", completa.

Franco Cardini é italiano de Florença. Historiador, professor do Istituto Italiano di Scienze Umane - Sum. Ocupa-se, há meio século, com estudos sobre as relações entre Europa medieval e Oriente, essencialmente como os temas cruzadas, peregrinações, relações culturais, relações político-diplomáticas, laços econômicos e comerciais. Ao longo das últimas três décadas, tem ampliado sua investigação aos tempos modernos e contemporâneos. Entre as publicações, destacamos o título em português *Atlas Histórico do Cristianismo Para Jovens* (São Paulo: Cidade Nova, 2010), e os livros *Samarcanda: Un sogno color turchese* (Società editrice il Mulino, 2016) e *Andare per le Gerusalemme d'Italia* (Società editrice il Mulino, 2015).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como compreender a figura de Martinho Lutero no contexto do tempo medieval?

Franco Cardini – Idade Média, Idade Moderna e assim por diante são abstrações. Lutero é um religioso agostiniano atormentado pelo problema da relação entre salvação da alma e predestinação, e sinceramente escandalizado pela corrupção do alto clero do seu tempo. O seu sonho de retorno ao Evangelho faz parte de um programa e de um projeto não muito diferentes dos de Francisco de Assis[1]: a diferença está no fato de que

1 **São Francisco de Assis** (1181-1226): frade católico, fundador da "Ordem dos Frades Menores", mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da **IHU On-Line**, de 1-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível para download em http://bit.

> “Sem o apoio político da alta nobreza alemã e uma notável ‘simpatia’ do imperador Carlos V, a ‘revolta’ de Lutero não teria sucesso”

Lutero, rebelando-se contra o papa, apelou ao mais alto poder temporal da época.

O seu gesto encontrou-se com um dos elementos do nascimento da Modernidade: a desagregação do universalismo cristão, o nascimento do absolutismo moderno. Sem o apoio político da alta nobreza alemã e uma notável “simpatia” do imperador Carlos V[2], a “revolta” de Lutero não teria sucesso. E ele nunca pensou em provocar um cisma.

IHU On-Line – De que forma podemos entender as mudanças do pensamento medieval ao moderno e por que a Reforma Luterana pode ser tida como um marco dessa mudança?

Franco Cardini – Na Reforma, há duas características tipicamente modernas: a relação primária com o Estado laico e a atitude individualista no exame da Sagrada Escritura.

IHU On-Line – A experiência do protestante Lutero provoca transformações nas relações entre poder temporal e espiritual? De que forma?

Franco Cardini – Com Lutero e depois de Lutero, todos os reformados (com exceção de algumas seitas radicais) se apoiariam nos poderes temporais ou, melhor, lhes solicitariam a se substituírem à Igreja na gestão de poderes e de riquezas. Mas o resultado disso foi a constituição de Igrejas nacionais subordinadas ao poder temporal.

IHU On-Line – A Igreja Medieval passou por reformas que antecederam a Luterana. Como esses movimentos vão impactar no pensamento do monge Lutero?

Franco Cardini – Sem dúvida, Lutero é influenciado pelas reformas anteriores. O tema *reformare deformata* é típico e usual na vida da Igreja.

IHU On-Line – E como a cisão promovida pelo monge vai gerar outras reformas, tanto dentro do catolicismo como do protestantismo, com divisões duras entre os próprios evangélicos?

Franco Cardini – Uma vez iniciado o processo de cisma, ele se reproduziu, por natureza própria.

IHU On-Line – No que consiste a paradoxal coexistência das ideias de liberdade e servidão presentes em Lutero? Como esses conceitos se articulam no mundo medieval e de que forma são ressignificados na Modernidade?

Franco Cardini – A coexistência da liberdade do cristão e a servidão do súdito é um elemento constante na Idade Média. O tema central da Idade Média, a partir desse ponto de vista, é a relação entre onipotência divina e respeito, por parte de Deus, pela vontade humana. Como essa vontade pode verdadeiramente ser livre sem prejudicar o princípio da onipotência divina continua sendo o principal problema que permanece mesmo depois da Reforma.

IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer entre o processo de secularização e mesmo a ideia de globalização, dos tempos modernos até os dias atuais, com a descoberta de Lutero acerca das contradições entre fé, liberdade individual e Onipotência divina presentes na alma cristã?

ly/1NLAtl7 e a entrevista com a medievalista italiana Chiara Frugoni, intitulada *Uma outra face de São Francisco de Assis*, na revista **IHU On-Line** número 469, de 3-8-2015, disponível em http://bit.ly/2erAzUq. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Carlos V e I** (1500-1558): foi o Sacro Imperador Romano-Germânico como Carlos V a partir de 1519 e Rei da Espanha como Carlos I de 1516 até sua abdicação em favor de seu irmão mais novo Fernando I no império e seu filho Filipe II na Espanha. Carlos era o herdeiro de três das principais dinastias europeias: a Casa de Habsburgo da Monarquia de Habsburgo, a Casa de Valois-Borgonha dos Países Baixos Borgonheses e a Casa de Trastâmara das coroas de Aragão e Castela. Ele governou vastos domínios na Europa central, oriental e do sul, além das colônias espanholas nas Américas. Como o primeiro monarca a governar Castela, Leão e Aragão simultaneamente, ele se tornou o primeiro Rei da Espanha. Carlos tornou-se imperador em 1519. A partir de então seu império cobria mais de quatro milhões de quilômetros quadrados pela Europa, Oriente e Américas. Grande parte de seu reinado foi dedicado às guerras italianas contra a França, sendo militarmente bem sucedidas apesar dos enormes gastos, levando a criação do primeiro exército profissional europeu: o Terço. Além de suas realizações militares, Carlos é mais conhecido por seu papel contra a Reforma Protestante. Vários príncipes germânicos abandonaram a Igreja Católica e formaram a Liga de Esmalcalda para poder desafiarem a autoridade de Carlos com força militar. Não desejando que guerras religiosas chegassem em seus domínios, ele forçou a convocação do Concílio de Trento que iniciou a Contrarreforma. A Companhia de Jesus foi estabelecida por Inácio de Loyola durante seu reinado para combater o protestantismo de forma pacífica e intelectual. No Novo Mundo a Espanha conquistou os astecas do México e os incas do Peru, estendendo seu controle por grande parte da América Central e do Sul. Carlos abdicou em 1556 de todos os seus títulos. A Monaquia de Habsburgo passou para seu irmão Fernando, enquanto o Império Espanhol ficou com seu filho Filipe. Os dois impérios permaneceriam aliados até o século XVIII. Carlos tinha apenas 54 anos na época de sua abdicação, porém estava fisicamente exausto depois de governar energicamente por 34 anos e procurou paz de um monastério, onde morreu dois anos depois. (Nota da **IHU On-Line**)

Franco Cardini – A Modernidade, na sua essência, é duas coisas: individualismo e primado da economia. Lutero estabelece um ponto firme do primeiro através do "livre exame da Sagrada Escritura". Calvino[3], do segundo, através do conceito de sucesso na vida mortal como sinal da predileção divina e, portanto, da predestinação à salvação. Os poderosos e os ricos tornam-se os candidatos à salvação espiritual, os prediletos de Deus. A sintaxe do "Discurso das bem-aventuranças" é invertida, e afirma-se a ideia de que poder e riqueza estão do lado da vontade de Deus.

IHU On-Line – Lutero propõe um outro tipo de humanismo cristão?

Franco Cardini – O humanismo cristão de Lutero se baseia no de Lorenzo Valla[4]: exegese filosófica da Escritura como possibilidade e capacidade de entender o seu autêntico valor, portanto, estudo filológico como início da salvação espiritual.

IHU On-Line – Quais foram os limites do protestantismo luterano?

Franco Cardini – Essencialmente, o apoio por parte das aristocracias alemãs, depois a subordinação da Igreja reformada a um poder temporal que encontrava na rebelião contra a Igreja e na apropriação dos seus poderes e das suas riquezas a fonte das suas novas prerrogativas.

IHU On-Line – De que forma o movimento de Lutero pode inspirar outros movimentos no nosso tempo?

Franco Cardini – A rejeição do princípio de autoridade eclesiástica e da relativa disciplina, portanto, a "democratização" da vida das comunidades cristãs é fonte contínua de nascimento de movimentos autorreferenciais.

IHU On-Line – Que avaliação o senhor faz da aproximação entre católicos e luteranos? Quais desafios ainda precisam ser superados?

Franco Cardini – Problemas como o celibato do clero não obstaculizam a reaproximação; são mais pesados os problemas relacionados à exclusividade do exercício ministerial por parte das pessoas de sexo masculino. A questão do primado de Pedro e da sua aceitação poderia ser superada através do reconhecimento de um primado no plano da *auctoritas* e de uma condução por parte do corpo episcopal da Igreja ("conciliarismo") sobre o da *potestas*. O culto à Virgem e aos santos poderia ser aceito com base nos costumes eclesiais.

IHU On-Line – O senhor é um estudioso das cruzadas medievais. Que relações podemos estabelecer entre essas guerras e os conflitos entre muçulmanos e cristãos no nosso tempo?

Franco Cardini – Nenhuma, exceto o uso distorcido que foi feito por parte de historiadores improvisados e de publicistas ignorantes e desonestos para se servir do passado para estabelecer uma analogia com os do presente que têm uma origem totalmente diferente. O mundo muçulmano não tem nenhuma verdadeira memória das cruzadas (no árabe clássico, não havia sequer uma palavra para designá-las). O ressentimento, no máximo, diz respeito ao período colonial e, sobretudo, às décadas da hegemonia e da exploração desde o fim da Primeira Guerra Mundial até hoje.

IHU On-Line – O que a aproximação entre católicos e luteranos pode significar ao diálogo inter-religioso? E como pensar em estabelecer esse diálogo para além do cristianismo?

Franco Cardini – Tendo claro que as religiões correspondem ao Absoluto, e, sobre o Absoluto, não se pode dialogar. Mas os seres humanos de diferentes religiões dialogam: e dialogam com base em problemas éticos, econômicos e sociais comuns. A partir desse ponto de vista, a colaboração entre religiões diferentes é fácil e desejável.■

3 **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africânderes), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da IHU On-Line intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista*, disponível em http://bit.ly/1oBIrpn. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Lorenzo Valla** (1407-1457): foi um escritor, humanista, retórico e educador italiano. Célebre por sua aplicação dos novos padrões humanistas de crítica a documentos usados pelo Papado em apoio de seu poder temporal. Em 1440 publicou o seu panfleto contra a Doação de Constantino, que provou efetivamente que o famoso documento, pelo qual a autoridade imperial romana teria sido transmitida ao Papado, era espúrio. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

- **Lutero, o "desbravador" da Modernidade**. Comentário de Franco Cardini, reproduzido nas Notícias do Dia de 20-8-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2ySMs08.

- **"Não é uma cruzada. É uma guerra moderna e totalmente ideológica."** Entrevista com Franco Cardini, reproduzida nas Notícias do Dia de 28-7-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2lnheLx.

A grande virada na relação entre os vivos e os mortos

Adriano Prosperi analisa o que considera como o ponto mais importante na perspectiva antropológica da Reforma Luterana

João Vitor Santos | Tradução: Moisés Sbardelotto

Ter clareza sobre o conceito de liberdade e a relação entre vivos e mortos é fundamental para compreender os efeitos da Reforma capitaneada por Martinho Lutero. Afinal, ele vem de uma perspectiva feudal, em que o espírito da vassalagem mantém o ser humano medieval atrelado a um senhor, seja no poder temporal ou espiritual. "Lutero acolheu e sofreu a influência do Agostinho antipelagiano tardio, com a sua doutrina da radical pecaminosidade humana e da impossibilidade de o homem se salvar pelos seus méritos", completa o historiador e jornalista Adriano Prosperi. Mas, segundo ele, é o próprio Lutero que rompe e anuncia que "o cristão é livre de toda obrigação e de todo senhor, sujeito somente a Deus e à própria consciência".

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Prosperi ainda ressalta que a palavra liberdade aparece pela primeira vez num texto impresso nos escritos luteranos. "Na experiência de Lutero, ela [liberdade] se manifesta com a recusa de obedecer às máximas autoridades do mundo cristão, o papa e o imperador", explica. O historiador ainda aponta como grande virada antropológica a libertação dos vivos com relação à morte. "Com a morte, as almas entram em um mundo de que não sabemos nada. Não podemos fazer nada por elas. Portanto, abandona-se a crença no Purgatório e a prática de financiar eclesiásticos para que rezem missas pelas almas dos mortos", pontua. É essa a chave que vira, marcando a passagem de um pensamento "vassálico" medieval para o moderno livre. "Sem conhecer Lutero, não se pode entender grande parte dos aspectos da cultura religiosa e da vida civil e política moderna".

Adriano Prosperi é historiador e jornalista italiano. Atuou nos jornais italianos Corriere della Sera, Il Sole 24 Ore e La Repubblica. Entre suas publicações, destacamos *Tribunais da Consciência. Inquisidores, confessores, missionários* (São Paulo: EDUSP, 2013), *Lutero. Gli anni della fede e della libertà, Collezione Le Scie* (Milano: Mondadori, 2017)[1], *Identità. L'altra faccia della storia, Collana I Robison. Letture* (Roma-Bari: Laterza, 2016) e *La vocazione. Storie di gesuiti tra Cinquecento e Seicento, Collana Storia* (Torino: Einaudi, 2016).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Podemos compreender a Reforma Luterana como algo que foi lentamente gestado ao longo da Baixa Idade Média[2]? Por quê?

Adriano Prosperi – As premissas medievais da Reforma de Lutero foram, por um lado, a concepção

1 O IHU publicou no seu sítio, na seção Notícias do Dia, uma resenha do livro assinada por Franco Carini. Acesse em http://bit.ly/2gq39vg. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Baixa Idade Média**: período que abarca desde o século XI até o Renascimento, já no século XV. É uma época de expansão e feudalismo na Europa, sendo o feudalismo um sistema governado por uma minoria de aristocratas guerreiros que, com os membros da Igreja, retêm a propriedade eminente da terra. A Baixa Idade Média é o auge do poder Católico, que domina toda a Europa e incita expansões como as Cruzadas. Este domínio é visível no número de catedrais e igrejas góticas por toda a Europa. Nesse período, o centro é Deus e todos os fenômenos são explicados por Deus. Com o Renascimento, surge uma ligação direta entre a Religião e a Arte, algo que provém deste centralismo divino. (Nota da **IHU On-Line**)

da Igreja de Huss[3] e Wyclef[4] e, por outro, o misticismo de Tauler[5], que chegou a Lutero com o tratado *Theologia Deutsch*[6], impresso por ele em 1516. A descoberta das ideias de Huss ocorreu por volta de 1518 (disputa de Heidelberg).

IHU On-Line – A Igreja Medieval foi submetida a inúmeras reformas. Como compreender essas reformas e de que forma impactam, ou inspiram, a Reforma Luterana?

Adriano Prosperi – Lutero, como membro da Ordem Agostiniana, acolheu e sofreu a influência do Agostinho[7] antipelagiano tardio, com a sua doutrina da radical pecaminosidade humana e da impossibilidade de o homem se salvar pelos seus méritos.

IHU On-Line – De que forma Lutero é impactado pelo "despertar evangélico", que tem suas primeiras ocorrências ainda cerca de 200 anos antes da Reforma Luterana?

Adriano Prosperi – A redescoberta do Evangelho e do dever do cristão de imitar Cristo sofredor e pobre ocorreu com os movimentos pauperistas. Os seguidores do comerciante de Lyon Valdo[8] se reconheceram nas ideias de Calvino e aderiram à Reforma em 1536.

IHU On-Line – Como podemos compreender a mudança de mentalidades entre a Idade Média e a Moderna a partir da Reforma Luterana e da experiência de vida de Lutero?

Adriano Prosperi – O ponto mais importante no plano antropológico é a virada na relação entre os vivos e os mortos: com a morte, as almas entram em um mundo de que não sabemos nada. Não podemos fazer nada por elas. Portanto, abandona-se a crença no Purgatório e a prática de financiar eclesiásticos para que rezem missas pelas almas dos mortos.

IHU On-Line – Em seu livro[9], o senhor destaca a grande descoberta de Lutero acerca da liberdade. No que consiste essa liberdade e como se manifesta na experiência luterana?

Adriano Prosperi – A palavra "liberdade" em um texto impresso apareceu pela primeira vez na história europeia com o escrito de Lutero. É o anúncio de que o cristão é livre de toda obrigação e de todo senhor, sujeito somente a Deus e à própria consciência. Na experiência de Lutero, ela se manifesta com a recusa de obedecer às máximas autoridades do mundo cristão, o papa e o imperador. Mas, como membro da sociedade terrena, o cristão, de acordo com Lutero, deve obedecer à autoridade, porque toda autoridade vem de Deus (Paulo, Carta aos Romanos 13, 1ss).

IHU On-Line – O que mais as perspectivas teológicas de Lutero revelam?

Adriano Prosperi – Lutero não recebe "revelações" de Deus. Ele é hostil a profetas e pregadores visionários que anunciam revelações especiais. A sua proposta é: *"sola Scriptura"* e *"sola fides"*.

IHU On-Line – Como é possível perceber as perspectivas de Agostinho em Lutero?

Adriano Prosperi – O agostinianismo de Lutero lança uma luz sombria sobre a capacidade humana de fazer o bem. A partir desse ponto de vista, Lutero é anti-humanista. Não por acaso, o seu desacordo com Erasmo[10] abriu uma grave crise na cultura do seu tempo. Coube a Melâncton[11] separar-se de Lutero e dar uma impressão humanista à reforma da escola na Alemanha.

3 **Jan Huss** ou John Huss (1369-1415): foi um pensador e reformador religioso. Ele iniciou um movimento religioso baseado nas ideias de John Wycliffe. Os seus seguidores ficaram conhecidos como os Hussitas. A Igreja Católica não perdoou tais rebeliões e ele foi excomungado em 1410. Condenado pelo Concílio de Constança, foi queimado vivo e morreu cantando um cântico ["cântico de Davi" Jesus filho de Davi tem misericórdia de mim]. Um precursor do movimento protestante, a sua extensa obra escrita concedeu-lhe um importante papel na história literária checa. Também é responsável pela introdução do uso de acentos na língua checa por modo a fazer corresponder cada som a um símbolo único. Hoje em dia a sua estátua pode ser encontrada na praça central de Praga, a Praça da Cidade Velha, em checo Staroměstské náměstí. (Nota da da **IHU On-Line**)

4 **John Wycliffe** (1328-1384): foi professor da Universidade de Oxford, teólogo e reformador religioso inglês, considerado precursor das reformas religiosas que sacudiram a Europa nos séculos XV e XVI. Trabalhou na primeira tradução da Bíblia para o idioma inglês, que ficou conhecida como a Bíblia de Wycliffe. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Johannes Tauler** (1300-1361): místico alemão, pregador e teólogo católico. Foi discípulo de Meister Eckhart, pertencia à ordem dominicana. Tauler desenvolveu certa dimensão neoplatonista na espiritualidade dominicana de seu tempo. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Theologia Deutsch:** também conhecida como Teologia Germanica, é um tratado místico que se acredita ter sido escrito no século 14 do século passado por um autor anônimo. De acordo com a introdução da Theologia, o autor era um sacerdote e um membro da Ordem Teutônica que morava em Frankfurt , Alemanha. A Theologia foi escrita durante o reinado disruptivo do Papado de Avinhão (1309-78), quando muitos clérigos foram proibidos de realizar ritos católicos , por causa da luta de poder entre o Papa e o imperador romano santo . Grupos leigos de indivíduos piedosos, como os Amigos de Deus, se tornaram proeminentes durante esse período, e o autor geralmente está associado aos Amigos de Deus. A Theologia sobrevive hoje em apenas oito manuscritos, todos da segunda metade do século XV. Claramente, portanto, não foi amplamente divulgado antes de chamar a atenção de Martinho Lutero**.** (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Agostinho de Hipona** (354-430)**:** conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Escrevendo na era patrística, ele é amplamente considerado como sendo o mais importante dos padres da Igreja no Ocidente. Suas obras-primas são *A cidade de Deus* e *Confissões*. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Pedro Valdo**(1140 – 1220)**:** em francês Pierre Vaudès ou de Vaux, foi um rico comerciante de Lyon. Em 1176, teve contato com uma tradução do Novo Testamento e decidiu abandonar todos os seus bens, com exceção daquilo que fosse necessário para o sustento de sua família. Um grupo de discípulos logo se formou, tornando-se conhecidos como os Pobres de Espírito. Valdo e seus seguidores passaram, então, a pregar suas ideias pela região. Em virtude de sua recusa em interromper suas pregações, eles foram excomungados em 1184. Valdo também foi um tradutor, que traduziu a Bíblia para o francoprovençal. Mesmo após a morte de Pedro Valdo, em 1220, seus discípulos continuaram o movimento, sendo nomeados, então, os valdenses. (Nota da **IHU On-Line**)

9 *Lutero. Gli anni della fede e della libertà, Collezione Le Scie* (Milano: Mondadori, 2017). Leia a resenha reproduzida pelo IHU em http://bit.ly/2gq39vg. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmo cursou o seminário com os monges agostinianos e realizou os votos monásticos aos 25 anos, vivendo como tal, sendo um grande crítico da vida monástica e das características que julgava negativas na Igreja Católica. Optou por uma vida de acadêmica independente - independente de país, independente de laços acadêmicos, de lealdade religiosa - e de tudo que pudesse interferir com a sua liberdade intelectual e a sua expressão literária. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Philipp Melanchthon** (1497-1560): foi um reformador, astrólogo e astrônomo alemão. Colaborador de Lutero, redigiu a "Confissão de Augsburgo" (1530) e converteu-se no principal líder do luteranismo após a morte de Lutero. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Que chaves de leitura a experiência da Reforma Luterana fornece para compreendermos a Modernidade?

Adriano Prosperi – Creio que, sem conhecer Lutero, não se pode entender grande parte dos aspectos da cultura religiosa e da vida civil e política moderna, não só em relação à Alemanha. E é importante levar em conta as profundas diferenças que caracterizam hoje as culturas europeias para superar as dificuldades que se apresentam na construção de uma Europa unida. Muitos preconceitos hostis dos protestantes contra as culturas católicas mediterrâneas, e dos países mediterrâneos contra a Europa atlântica e norte-oriental surgiram continuamente: pense-se nas acusações de corrupção, por um lado, de fetichismo estatalista e de obediência acrítica, por outro.

IHU On-Line – É possível conceber uma ideia de reforma hoje, na transição entre Modernidade e Pós-Modernidade? Como?

Adriano Prosperi – Existem muitos e grandes problemas que se apresentam ao mundo euro-atlântico e que requerem soluções adequadas: fundamental entre todos é a diferença de níveis de liberdade e de segurança social. Mas, por enquanto, a Europa e as suas culturas difundidas na América do Norte parecem incapazes de enfrentá-los e fechadas na defesa da própria riqueza. Seria preciso outra Reforma ou outra Revolução: mas, se ela ocorresse, certamente não se trataria de um jantar de gala.■

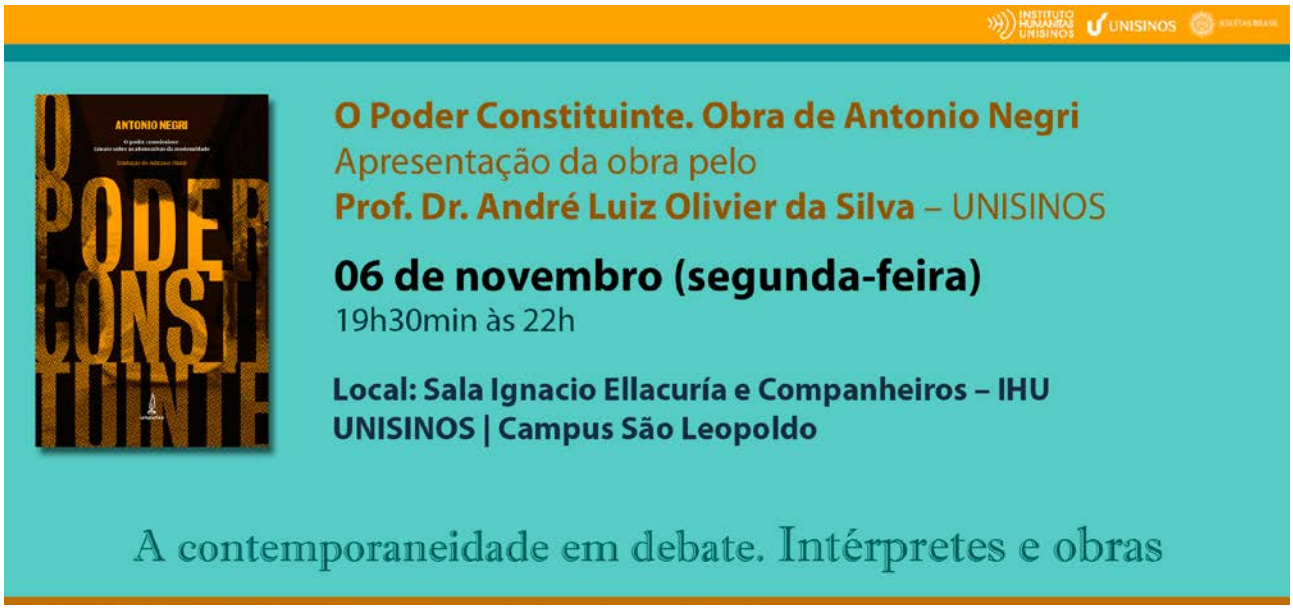
Leia mais

- **Deus, o horror e a eterna pergunta**. Artigo de Adriano Prosperi, publicado em Notícias do Dia de 24-11-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2gnhngs.

- **A nossa vergonha**. Artigo de Adriano Prosperi, publicado em Notícias do Dia de 20-12-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2yvhTzB.

- **Os tormentos do perdão**. Artigo de Adriano Prosperi, publicado em Notícias do Dia de 11-12-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2hM67XJ.

- **O método de Francisco**. Artigo de Adriano Prosperi, publicado em Notícias do Dia de 18-9-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2zgqAec.



A Reforma inaugura novas formas de ser cristão e viver a igreja

O valdense Fulvio Ferrario analisa os efeitos da cisão para além das perspectivas evangélicas luteranas

João Vitor Santos | Tradução: Moisés Sbardelotto

Ao longo de toda a Idade Média houve tentativas de reformar a Igreja Católica. Muitas até tiveram algum êxito, como as que ocorreram a partir de Cluny[1], mas só em Lutero, de fato, se efetiva uma cisão e a constituição de uma nova Igreja. Outros reformistas, essencialmente os que defendiam a retomada radical aos escritos evangélicos, que não tiveram grande sucesso com suas reivindicações, encontraram em Martinho Lutero a oportunidade de levar adiante seus ideais. "É preciso notar o fato de que Lutero tem o tempo para amadurecer uma evolução do próprio pensamento. Os elementos originais (por exemplo, a crítica ao sistema das indulgências) se desenvolvem e se unem a temas que, antes, não estavam sobre a mesa, desembocando em um novo tipo de cristianismo", destaca o teólogo valdense Fulvio Ferrario, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Assim, os valdenses, que nascem na Idade Média, ainda antes de Lutero, a partir da exigência de um discípulo radical que tem na pobreza e no compromisso missionário seu ideal, também se associam às perspectivas luteranas. "No século XVI, os valdenses aderiram à Reforma: indubitavelmente, isso constitui uma grande mudança na sua teologia e na sua práxis. A partir daquele momento, no entanto, a valdense se torna uma Igreja presbiteriana clássica", explica o teólogo. "A Reforma deu origem a um modo novo de ser Igreja. A nossa tarefa hoje me parece ser dupla: a) verificar em que medida o tipo de cristianismo nascido da Reforma é ainda atual e promissor hoje; b) realizar, também junto com nossos irmãos e irmãs de outras Igrejas, se considerarem oportuno, a nossa reforma, no nosso tempo", completa.

Fulvio Ferrario é italiano, teólogo evangélico. Atualmente é professor de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia de Valdezia, em Roma. Estudou filosofia na Universidade Católica de Milão. Em 1983, tornou-se membro da Igreja valdense e pouco depois realizou estudos na Faculdade de Teologia de Roma em vista do ministério pastoral. É, ainda, doutor em Teologia. Entre as publicações mais recentes, destacamos *Bonhoeffer* (Roma: Carocci, 2014), *Il futuro della Riforma* (Torino: Claudiana, 2016) e *Dio era in Cristo* (Torino: Claudiana, 2016).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – No que a Reforma Luterana, 500 anos depois, pode nos inspirar a pensar sobre o nosso tempo?

Fulvio Ferrario – A Reforma deu origem a um modo novo (embora diretamente enraizado na fé dos apóstolos) de ser Igreja. A nossa tarefa hoje me parece ser dupla: a) verificar em que medida o tipo de cristianismo nascido da Reforma é ainda atual e promissor hoje; b) realizar, também junto com nossos irmãos e irmãs de outras Igrejas, se conside-

1 **Reformas cluníacas**: foram uma série de mudanças realizadas no monasticismo da Igreja ocidental cujo objetivo era restaurar os princípios tradicionais da vida monástica, encorajando a arte e o cuidado pastoral com os pobres. O movimento começou na Abadia de Cluny em 910 com o duque Guilherme I (875–918), no seio da Ordem dos Beneditinos. As reformas em si foram realizadas principalmente por Santo Odo (c. 878–942) e se espalharam pelo Reino da França (Borgonha, Provença, Auvergne e Poitou), pelo Reino da Inglaterra e através dos territórios modernos da Itália e da Espanha. (Nota da **IHU On-Line**)

"Até agora, porém, o pentecostalismo não parece muito interessado no diálogo com o protestantismo clássico"

rarem oportuno, a nossa reforma, no nosso tempo.

IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer entre o surgimento da Igreja Valdense[2] e a Reforma Luterana?

Fulvio Ferrario – O movimento valdense nasce na Idade Média, em nome da exigência de um discípulo radical, que viveu na pobreza e no compromisso missionário. No século XVI, os valdenses aderiram à Reforma: indubitavelmente, isso constitui uma grande mudança na sua teologia e na sua práxis. A partir daquele momento, no entanto, a valdense se torna uma Igreja presbiteriana clássica (ou, como também se diz, reformada).

IHU On-Line – No que a Reforma Luterana se distingue e no que se associa às reformas da Baixa Idade Média[3]?

Fulvio Ferrario – Depende de quais reformas se entende. Se a referência é às de Huss[4] e Wyclif[5], encontram-se, de um lado, elementos de continuidade; de outro, é preciso notar o fato de que Lutero tem o tempo para amadurecer uma evolução do próprio pensamento. Os elementos originais (por exemplo, a crítica ao sistema das indulgências) se desenvolvem e se unem a temas que, antes, não estavam sobre a mesa, desembocando em um novo tipo de cristianismo.

IHU On-Line – Por que a Reforma Luterana é vista como divisor de águas entre os tempos medievais e modernos? Como essa transição epocal incide sobre o pensamento cristão?

Fulvio Ferrario – As regiões europeias e norte-americanas que acolheram a Reforma determinaram os grandes modelos culturais, políticos e econômicos da modernidade. Portanto, desenvolveram-se diversas teorias sobre a relação entre protestantismo e modernidade.

IHU On-Line – Podemos afirmar que o luteranismo apresenta "um novo Cristo"?

Fulvio Ferrario – O Cristo da Reforma é o do Novo Testamento. Pode-se acrescentar que, entre os autores neotestamentários, Paulo[6] é particularmente importante para Lutero.

IHU On-Line – De que forma Hans Küng[7] pode nos auxiliar

2 **Igreja Vandense**: valdenses são uma denominação cristã que teve sua origem entre os seguidores de Pedro Valdo na Idade Média e subsiste hoje como um grupo etnorreligioso na Itália e Uruguai nas igrejas Valdense e Evangélica Valdense do Rio da Prata, além de descendentes na Alemanha, Estados Unidos e França. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Baixa Idade Média**: período que abarca desde o século XI até ao Renascimento, já no século XV. É uma época de expansão e feudalismo na Europa, sendo o feudalismo um sistema governado por uma minoria de aristocratas guerreiros que, com os membros da Igreja, retêm a propriedade eminente da terra. A Baixa Idade Média é o auge do poder Católico, que domina toda a Europa e incita expansões como as Cruzadas. Este domínio é visível no número de catedrais e igrejas góticas por toda a Europa. Nesse período, o centro é Deus e todos os fenômenos são explicados por Deus. Com o Renascimento, surge uma ligação direta entre a Religião e a Arte, algo que provém deste centralismo divino. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Jan Hus** ou John Huss (1369-1415) foi um pensador e reformador religioso. Ele iniciou um movimento religioso baseado nas ideias de John Wycliffe. Os seus seguidores ficaram conhecidos como os Hussitas. A Igreja Católica não perdoou tais rebeliões e ele foi excomungado em 1410. Condenado pelo Concílio de Constança, foi queimado vivo e morreu cantando um cântico ["cântico de Davi" Jesus filho de Davi tem misericórdia de mim]. Um precursor do movimento protestante, a sua extensa obra escrita concedeu-lhe um importante papel na história literária checa. Também é responsável pela introdução do uso de acentos na língua checa por modo a fazer corresponder cada som a um símbolo único. Hoje em dia a sua estátua pode ser encontrada na praça central de Praga, a Praça da Cidade Velha, em checo Staroměstské náměstí. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **John Wycliffe** (1328-1384): foi professor da Universidade de Oxford, teólogo e reformador religioso inglês, considerado precursor das reformas religiosas que sacudiram a Europa nos séculos XV e XVI. Trabalhou na primeira tradução da Bíblia para o idioma inglês, que ficou conhecida como a Bíblia de Wycliffe. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em http://bit.ly/ihuon175, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em https://goo.gl/bKZcM0. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em http://bit.ly/ihuem32, e a edição 55 dos **Cadernos Teología Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em http://bit.ly/ihuteo55. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Hans Küng** (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para

a compreender mais profundamente as críticas dos reformistas à Igreja?

Fulvio Ferrario – Küng é fundamentalmente católico: um católico progressista. A sua ideia é a de um catolicismo que procura integrar alguns elementos importantes sublinhados pela Reforma. Até agora, a sua Igreja não o escutou.

IHU On-Line – Como o senhor analisa a aproximação entre católicos e protestantes hoje? Qual sua avaliação sobre a visita apostólica do Papa Francisco à Suécia, no início das comemorações dos 500 anos da Reforma Luterana?

Fulvio Ferrario – Francisco é seguramente um homem de diálogo. Do ponto de vista doutrinal e pastoral (por exemplo, a questão da partilha da Eucaristia entre católicos e protestantes), até agora, não mudou nada. É verdade, porém, que o clima do debate é mais distendido e amigável.

IHU On-Line – O despertar evangélico, ainda na Idade Média, deu origem a várias perspectivas sob as escrituras que hoje podemos apreender na diversidade de religiões evangélicas no mundo. Como podemos compreender essa diversidade e sua relação com a Igreja Evangélica Luterana? É possível conceber um ecumenismo evangélico?

Fulvio Ferrario – Se nos referimos ao movimento pentecostal, ele certamente é o fenômeno mais significativo das últimas décadas. Até agora, porém, o pentecostalismo não parece muito interessado no diálogo com o protestantismo clássico, considerado "liberal" e pouco confiável.■

a cadeira de Teologia Ecumênica. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé – por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos. Confira no sítio do IHU, em http://migre.me/R0s7, a edição 240 da revista **IHU On-Line**, de 22-10-2007, intitulada "Projeto de Ética Mundial. Um debate". (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

- "É preciso repensar a Reforma." Entrevista com Fulvio Ferrario, publicada em Notícias do Dia de 13-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2zq79zF.

- Nem todos os católicos 'perdoaram' Lutero. Artigo de Fulvio Ferrario, reproduzido nas Notícias do Dia de 4-4-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/2xVxI3G.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS
Oficina:
Dados Educacionais- educação e políticas públicas
16 de novembro
(quinta-feira)
14h às 16h30min
Ministrante: Profa. Dra. Flávia Obino Correa Werle – UNISINOS
Local: Sala Ignácio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus São Leopoldo
ihu.unisinos.br
ObservaSinos
OBSERVATÓRIO DA REALIDADE E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO VALE DO RIO DOS SINOS

Brasil tem a obrigação de pôr em prática o conceito de indústria 4.0

Vinicius Fornari afirma que, para muitos setores, a única forma de se manter competitivo no longo prazo é com adequação a essa nova revolução industrial

Vitor Necchi

Muito se fala na Revolução 4.0, no entanto, o impacto na indústria ainda é incipiente não apenas no Brasil, mas em outros países, incluindo Alemanha e Estados Unidos. Conforme o economista Vinicius Fornari, "para muitos setores, a única forma de se manter competitivo no longo prazo é com adequação a essa nova revolução industrial". O cenário não é desfavorável, pois, o Brasil tem "uma base industrial diversificada, com empresas com competência em áreas-chave para a indústria 4.0, como máquinas e equipamentos, integração de sistemas e software, onde há muitas oportunidades de desenvolvimento".

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Fornari é enfático: "O Brasil não só tem condições de pôr em prática o conceito de indústria 4.0, como tem a obrigação de fazê-lo". Neste sentido, um estudo realizado pela CNI identificou alguns eixos de atuação: disseminação de sua importância para a competitividade das empresas; uma política que promova a difusão de tecnologias digitais ao longo das cadeias produtivas; o estímulo ao desenvolvimento tecnológico local; e o desenvolvimento da infraestrutura digital.

Outro aspecto que não pode ser esquecido é a "capacitação de recursos humanos adequados à nova realidade da indústria", algo que tem despertado a atenção de especialistas em todo o mundo. Na esfera regulatória, há outros desafios que precisam ser enfrentados para que o país não perca a Revolução 4.0: proteção de dados, cybersegurança, modernização das relações trabalhistas e a definição de padrões que assegurem a interoperabilidade e a integração das empresas brasileiras às cadeias globais de valor.

Vinicius Cardoso de Barros Fornari é graduado em Ciências Econômicas e mestre em Economia pela Universidade Estadual Paulista – Unesp, doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. É Especialista em Políticas e Indústria na Confederação Nacional da Indústria – CNI.

Fornari esteve no IHU no último dia 4/10, proferindo a palestra **Impacto da quarta Revolução Industrial na economia e na indústria**. Leia mais em http://bit.ly/2yWT2CU.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como caracterizar a quarta Revolução Industrial?

Vinicius Fornari – A quarta Revolução Industrial, também conhecida como Indústria 4.0 e manufatura avançada, é a integração de diferentes tecnologias que combinam componentes físicos e digitais. Entre as mais relevantes para este processo estão a Internet das Coisas (IoT), sensores, robótica avançada, impressão 3D, novos materiais, big data, computação em nuvem, sistemas de conexão máquina-máquina (M2M), infraestrutura de comunicação, inteligência artificial, sistemas de simulação.

IHU On-Line – O senhor trabalha na Confederação Nacional da Indústria (CNI), cuja pers-

"A quarta Revolução Industrial, também conhecida como Indústria 4.0 e manufatura avançada, é a integração de diferentes tecnologias que combinam componentes físicos e digitais."

pectiva de atuação é defender os interesses do setor industrial. Quais os principais temas de interesse da entidade no que se refere à Revolução 4.0?

Vinicius Fornari – Interesse de ter a indústria brasileira competitiva. Para muitos setores, a única forma de se manter competitivo no longo prazo é com adequação a essa nova revolução industrial. Temos uma base industrial diversificada, com empresas com competência em áreas-chave para a indústria 4.0, como máquinas e equipamentos, integração de sistemas e software, onde há muitas oportunidades de desenvolvimento.

IHU On-Line – Qual o impacto da quarta Revolução Industrial na economia e na indústria?

Vinicius Fornari – Na economia podemos citar: i) a redução das vantagens comparativas, que tenderão a ser solapadas pelos ganhos de produtividade decorrentes da adoção das novas tecnologias, com a possibilidade de redefinir fatores determinantes de localização de investimentos produtivos; ii) a ampliação da cooperação entre agentes econômicos, cujas operações serão cada vez mais integradas; iii) o reforço da competitividade que se estabelece entre sistemas produtivos, que incluem empresas, fornecedores, clientes e ambiente; iv) o estabelecimento de novos modelos de negócios e de inserção nos mercados, com a possível redefinição de setores de atividade econômica; v) a ampliação da escala dos negócios; e vi) o surgimento de novas atividades e novas profissões, que demandarão adaptações no padrão de formação de recursos humanos.

Na indústria, são inúmeros os impactos. Podemos citar: maior integração vertical e horizontal, eficiências nos usos dos recursos, tempo de desenvolvimento de produtos, flexibilidade da produção (customização em massa), ganhos de produtividade, novos modelos de negócios etc.

IHU On-Line – Em que países a indústria 4.0 está mais avançada e por quê? E no Brasil, em que estágio se encontra?

Vinicius Fornari – Em primeiro lugar, é importante ter em mente que a indústria 4.0 se manifesta de forma distinta em diferentes contextos. Ela está associada a um amplo conjunto de tecnologias digitais que podem se agrupar de muitas formas dependendo do setor, do tipo de atividade e do próprio país.

Cada um desses países tem desenhado estratégias de desenvolvimento da Indústria 4.0/Manufatura Avançada a partir das características dos seus setores produtivos e dos desafios que estes terão que enfrentar para ganhar ou preservar sua competitividade no longo prazo.

A evolução da indústria 4.0 no Brasil ainda é incipiente, mas esse quadro não é muito diferente do que observamos em outros países, pois trata-se de um fenômeno relativamente novo até em países como Alemanha e Estados Unidos. A adoção em larga escala das tecnologias digitais associadas à indústria 4.0 ainda não é um fenômeno amplamente disseminado pelo tecido industrial desses países. O Brasil não só tem condições de pôr em prática o conceito de indústria 4.0, como tem a obrigação de fazê-lo.

IHU On-Line – Qual o papel do governo e do empresariado na implementação da indústria 4.0?

Vinicius Fornari – O apoio do Estado será decisivo para o nosso sucesso, bem como a capacidade de promover essa transformação rapidamente. Nossos principais concorrentes colocaram a indústria 4.0 no centro de suas estratégias de política industrial (Alemanha, Estados Unidos e China).

No governo brasileiro, há duas frentes de trabalho. Em 2014, o Ministério das Comunicações (atual Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC) criou a Câmara de Internet das Coisas, com objetivo de desenvolver o Plano Nacional de Internet das Coisas. A câmara é composta por uma gama de associações e ministérios, dividida em diversos subgrupos, sendo um deles o de Indústria 4.0/Manufatura Avançada.

Em 2017, o MCTIC e o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) assinaram um acordo de cooperação técnica para a coordenação de um grande estudo, que tem como objetivo realizar um diagnóstico e propor políticas públicas no tema Internet das Coisas. O

estudo será utilizado como subsídio para elaboração do Plano Nacional de Internet das Coisas. A previsão é que o estudo saia em outubro.

Em 2016, o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) e o MCTIC lançaram o estudo *Perspectivas de especialistas brasileiros sobre oportunidades e desafios para a manufatura avançada no Brasil*, resultado de workshops realizados em sete estados brasileiros, dos quais participaram 300 especialistas em inovação. Em 2017, foi criado pelo MDIC o grupo de trabalho Indústria 4.0, que reúne um conjunto de associações e especialistas para desenvolver um plano nacional para Indústria 4.0 no Brasil.

IHU On-Line – De que maneira a CNI lida com os desafios e as contradições suscitados pela indústria 4.0?

Vinicius Fornari – Em um estudo que fizemos na CNI, *Desafios para indústria 4.0 no Brasil*, identificamos alguns eixos de atuação. O primeiro passo é a disseminação de sua importância para a competitividade das empresas em um prazo que, para alguns setores, pode ser relativamente curto. É preciso uma política que promova a difusão de tecnologias digitais ao longo das cadeias produtivas, o estímulo ao desenvolvimento tecnológico local e o desenvolvimento da infraestrutura digital. A capacitação de recursos humanos adequados à nova realidade da indústria é outro aspecto que tem demandado a atenção de especialistas em todo o mundo. Finalmente, na esfera regulatória, os desafios envolvem temas como proteção de dados, cybersegurança, modernização das relações trabalhistas (por exemplo, para viabilizar as tecnologias de cooperação homem-máquina) e a definição de padrões que assegurem a interoperabilidade e a integração das empresas brasileiras às cadeias globais de valor.

IHU On-Line – Conforme dados da CNI publicados em maio de 2016, 42% das empresas do país desconhecem a importância das tecnologias digitais para a competitividade da indústria e 52% não utilizam nenhuma tecnologia digital. Qual sua análise sobre estes dados?

Vinicius Fornari – A Sondagem Especial 66 sobre Indústria 4.0, pesquisa realizada pela CNI, mostrou que o conhecimento da indústria brasileira sobre tecnologias digitais e a sua incorporação à produção, pré-condições para o avanço da Indústria 4.0, ainda é pouco difundido: 42% das empresas desconhecem a importância das tecnologias digitais para a competitividade da indústria e mais da metade delas (52%) não utilizam nenhuma tecnologia digital de uma lista com 10 opções. Para isso, uma ampla disseminação das tecnologias relacionadas é fundamental, pois antes do investimento é preciso ter o conhecimento.

IHU On-Line – Em relação aos empregos, há projeções de que ocorrerão drásticas diminuições em postos de trabalho. Se isso ocorrer, afetará o consumo e, em consequência, as empresas. Como haverá manutenção do consumo sem consumidores? De que forma a CNI e o mundo empresarial estão lidando com esse cenário?

Vinicius Fornari – Há muita incerteza sobre o impacto da indústria 4.0 nos empregos. É uma preocupação natural e, se olharmos para trás, veremos que as três revoluções industriais que a precederam também geraram muita especulação em relação ao trabalho. Em todas elas, contudo, o que vimos foi o desaparecimento gradual de empregos de pior qualidade, muitos dos quais exigiam muito esforço físico do trabalhador, e sua substituição por empregos de maior qualidade e mais bem remunerados. Se acreditarmos que essa tendência se repetirá, deve servir como um estímulo adicional para que o Estado invista na educação da população e a prepare para assumir os novos empregos que virão. De qualquer forma, acredito que ainda é cedo para fazer previsões a esse respeito. ■

Leia mais

É importante pensar política industrial e competitividade para o Brasil não perder a revolução 4.0. Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 6-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em https://goo.gl/tK1D3t.

É fundamental que governos e grandes corporações construam cenários para a Revolução 4.0

O economista João Roncati afirma que é preciso ter cuidado e projeta que as mudanças poderão ser rápidas, senão bruscas

Vitor Necchi

A Revolução 4.0 afetará o mundo do trabalho "pelo deslocamento de funções, pela exigência de novas competências 'técnicas ou relacionais' e por uma possível extinção de empregos com alto índice de repetitividade", afirma o economista João Roncati. Em relação às projeções de desemprego em decorrência das transformações decorrentes da indústria 4.0, Roncati acredita que "é difícil dizer se há exagero, mas é fundamental que tenhamos cuidado e que governos e grandes corporações construam cenários e troquem informações, pois tudo indica que a mudança poderá ser rápida, senão, brusca".

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Roncati disse que o debate acerca da renda básica universal é necessário e urgente. "O deslocamento de empregos ou sua extinção exigirão que parte da população mundial tenha sua renda proveniente de formas diferentes das que conhecemos historicamente como emprego formal", projeta.

Para as empresas não se tornarem obsoletas, em razão das rápidas transformações em curso, Roncati propõe que elas explorarem a enorme quantidade de informações disponíveis. "As empresas precisam estar atentas, refletirem, debaterem, repensarem suas estruturas básicas, e rápido", recomenda.

João Roncati é diretor da People+Strategy Consultoria Empresarial, mestre em Planejamento Estratégico pela Universidade de São Paulo – USP e economista com Especialização em Finanças e Controladoria. Também cursou o MBA Executivo Internacional na USP.

Roncati esteve no IHU no último dia 13/10, proferindo a palestra *A quarta Revolução Industrial e o futuro dos empregos*. Saiba mais em http://bit.ly/2gVsihC.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que define a quarta Revolução Industrial?

João Roncati – Como preconiza o Klaus Schwab[1], autor de referência no tema, é a revolução basicamente baseada na rápida digitalização, que promove uma convergência entre o digital, o biológico e o "mecânico".

IHU On-Line – De que maneira a quarta Revolução Industrial afeta o mundo do trabalho e, em particular, os empregos?

João Roncati – Afetará pelo deslocamento de funções, pela exigência de novas competências "técnicas ou relacionais" e por uma possível extinção de empregos com alto índice de repetitividade.

IHU On-Line – As projeções, muitas delas alarmantes, em

1 **Klaus Schwab** (1938): engenheiro e economista nascido na Alemanha, é fundador e presidente executivo do Fórum Econômico Mundial. Escreveu o livro *A Quarta Revolução Industrial*, lançado no Brasil pela editora Edipro. Em 1971, Schwab lecionava Universidade de Genebra, Suíça, quando convidou 444 executivos de empresas da Europa Ocidental para o primeiro Simpósio Europeu de Gestão. O evento foi realizado no Centro de Convenções de Davos, então recentemente construído. O encontro teve patrocínio da Comissão Europeia e das associações industriais do continente. O objetivo de Schwab era introduzir as empresas europeias nas práticas de gestão dos Estados Unidos. Para tanto, fundou o Fórum de Gestão Europeu, organização sem fins lucrativos localizada em Genebra, convocando todos os meses de janeiro anualmente, líderes empresariais europeus para Davos. O nome do fórum mudou para World Economic Forum em 1987. (Nota da **IHU On-Line**)

relação ao desemprego provocado pela indústria 4.0 são exageradas? Por quê?

João Roncati – É bastante difícil afirmar, pois ainda são projeções e perspectivas. Existem estudiosos mais otimistas, que preconizam o deslocamento de mão de obra e a geração de valor de forma mais equitativa, e mais "pessimistas", que falam da extinção maciça de postos de trabalho. É difícil dizer se há exagero, mas é fundamental que tenhamos cuidado e que governos e grandes corporações construam cenários e troquem informações, pois tudo indica que a mudança poderá ser rápida, senão brusca.

IHU On-Line – Se houver um expressivo desemprego, isso afetará o consumo e, em consequência, as empresas. De que forma o mundo empresarial está lidando com esse cenário?

João Roncati – O desemprego afetará o consumo no caso da pura extinção dos postos de trabalho. Mas se a quarta Revolução promover a geração de valor e estiver baseada em fontes muito baratas de energia limpa (como a solar), é possível que não ocorra a redução do consumo pela incapacidade individual (econômica), mas até porque alguns bens estariam disponíveis e não precisariam ser comprados. Poderá haver uma reconfiguração das bases da economia.

IHU On-Line – Quando se fala nos benefícios da tecnologia, destaca-se muito o ganho e a produtividade das empresas. A situação dos trabalhadores não deveria ser mais discutida?

João Roncati – A situação dos trabalhadores é tão importante e requer tanta atenção que o Fórum Econômico de Davos 2017 criou um comitê permanente para discutir os impactos sobre os empregos. Então a resposta é sim!

IHU On-Line – A renda básica universal costuma ser rechaçada, mas o debate acerca desse instrumento tem ganhado mais espaço, e empresários de projeção global passaram a defendê-la. Qual a sua opinião?

João Roncati – A minha opinião é que é um debate necessário e urgente. O deslocamento de empregos ou sua extinção exigirão que parte da população mundial tenha sua renda proveniente de formas diferentes das que conhecemos historicamente como emprego formal.

IHU On-Line – E a taxação de robôs, funcionaria como compensação ao desemprego?

João Roncati – Eu não acredito, embora seja uma das teses defendidas. Seria como fechar o círculo de geração de custos/renda, e poderia desestimular em grande medida os ganhos com a revolução. Acho que seria melhor repensar a economia de consumo que ainda é relativamente rudimentar e que é a base de grande parte dos países que se autodenominam capitalistas.

IHU On-Line – O que as empresas precisam fazer para não se tornarem obsoletas, em razão das rápidas transformações em curso?

João Roncati – Explorarem o que nos beneficiou de forma quase totalmente democrática na era da mídia: a enorme quantidade de informações disponíveis. As empresas precisam estar atentas, refletirem, debaterem, repensarem suas estruturas básicas, e rápido.

IHU On-Line – E os trabalhadores?

João Roncati – Os trabalhadores do conhecimento, como Peter Drucker definia todos os que têm com grande valor sua força intelectual e/ou de compilação, análise de conhecimento e tomada de decisão, necessitam refletir, fugindo do encantamente fácil ou do alarmismo pessimista. Estarem atentos aos novos modelos de trabalho, geração de renda e, competição.

Os demais trabalhadores devem também ficar atentos, pois para eles também a informação está disponível, mas pode não ser "sensível". Assim, as organizações de classe e as próprias corporações deveriam compartilhar seu conhecimento e informações.

IHU On-Line – Nem todas as pessoas detêm conhecimento e destreza para repensarem suas carreiras ou projetar seu papel em um cenário de profunda transformação tecnológica. A quem cabe fazer algo para incrementar a mentalidade do trabalhador? Governos? Entidades empresariais? Entidades de classe?

João Roncati – A resposta está na pergunta: todas as organizações que trabalham para o suporte e desenvolvimento dos trabalhadores, ou como é o caso do Governo, na regulação dos interesses dos diferentes agentes econômicos. Tambem as organizações privadas com sensibilidade para a Responsabilidade Social de sua própria existência. As universidades pela capacidade de "livre pensar", enfim, todos que são sensíveis de alguma maneira para as relações na sociedade moderna e preocupados com o seu futuro.

IHU On-Line – Trabalhadores menos qualificados ou que desenvolvem atividades rudimentares são os mais vulneráveis, se levarmos em conta os impactos previstos para a revolução 4.0?

João Roncati – Sem dúvida.

IHU On-Line – Qual o papel da educação na preparação dos cidadãos e dos profissionais do futuro? As escolas não deveriam exercer também uma espécie de alfabetização para o mundo do trabalho?

João Roncati – As escolas deveriam exercer uma preparação para o mundo do trabalho, mas não pode ser o seu foco principal, pois é enorme o risco de ensinarem algo que será obsoleto no momento que seus alunos chegarem ao "mundo do trabalho". O seu papel vital é mobilizar as pessoas para uma formação sólida de valores, estimular sua capacidade reflexiva, pensamento sistêmico e criativo, estimular o apetite por ciência pura (sem o quê não existe conhecimento aplicado de alto nível) e ampliar o interesse por temas de caráter público e não apenas privado.

IHU On-Line – Conselho não se dá, mas, em tempos de previsões sombrias, que conselho o senhor daria para quem precisa pensar em sobrevivência e renda?

João Roncati – O conselho seria o de procurar compreender à sua maneira o que é esta Revolução, buscar desenvolver mais atividades/conhecimentos em campos que realmente lhe atraem e pensar que o trabalho é fundamental para a sobrevivência para a sociedade como foi concebida até agora. Não sabemos se será assim no futuro, então, cultivo de uma vida equilibrada, de respeito à diversidade das diversas expressões da própria vida e um profundo senso de coletivo (ecossistemas sustentáveis) será definidor da longevidade da raça humana e dos critérios que nortearão a profunda transformação que está por vir. ■

Leia mais

"Estamos voando às cegas". Ritmo dos acontecimentos da Revolução 4.0 é vertiginoso. Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 25-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em https://goo.gl/HjqHAq.

É preciso pragmatismo para o Brasil não ser um celeiro de mão-de-obra barata

Para Maurício Casotti, não é possível fechar os olhos para os avanços da automação, mas é preciso identificar áreas onde se pode atuar

Vitor Necchi

O momento atual é similar ao início de massificação da internet nos anos 1980. "Naquela época, eram feitos muitos prognósticos de como a nossa vida mudaria com a rede mundial de computadores, como era chamada, mas não se podia prever as redes sociais e seus impactos em nosso dia-a-dia", recorda Maurício Casotti. "Quem poderia imaginar que o waze estaria disponível para nos ajudar a ir de um lugar a outro? Quem ousaria dizer que o maior operador de transportes no mundo seria uma empresa de tecnologia e não possuiria nenhum veículo e nenhum motorista? E quanto ao Airbnb, com mais 180 milhões de hospedes sem possuir um único hotel?"

Em entrevista concedida com e-mail à **IHU On-Line**, Casotti considera que os principais impactos do emprego de tecnologia estão relacionados ao consumo mais eficiente dos recursos existentes. "A internet das coisas e a inteligência artificial não são exceção, mas talvez a principal mudança é a transformação da cadeia produtiva, que poderá atender a necessidades hoje não atendidas", analisa.

Todos os segmentos são suscetíveis aos impactos da internet das coisas e da inteligência artificial. A tecnologia sempre impacta com a automatização das tarefas repetitivas. "A questão é que com a velocidade do avanço das tecnologias habilitadoras, a nossa visão do que é uma tarefa repetitiva está mudando rapidamente", observa.

Não é possível fechar os olhos para os avanços da automação, mas, conforme Casotti, é preciso "identificar ações em áreas onde podemos atuar". Ele cita um estudo segundo o qual "menos de 5% das ocupações podem ser totalmente automatizadas pelo uso de tecnologia, mas 60% dessas ocupações têm pelo menos 30% de suas atividades automatizáveis". Não se trata de uma equação simples de se resolver, "mas precisamos atacá-las com pragmatismo para o Brasil não ser um celeiro de mão-de-obra barata".

Maurício Casotti é graduado em matemática pela Unicamp e tem MBA Executivo com concentração em Gestão de Empresas e Complementação em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM. Trabalha atualmente na área de marketing com foco na internet das coisas e na transformação digital. É gerente de Negócios e Soluções no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações – CPqD

Casotti fará a conferência *A evolução da internet das coisas e da inteligência artificial e seus impactos na sociedade* no dia 31 de outubro, às 19h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que é internet das coisas (IoT, do inglês *internet of things*)?

Maurício Casotti – A definição de IoT tem a meu ver dois aspectos que devem ser considerados. Um deles é a definição mais tecnológica, e para isso podemos utilizar a definição propagada pelo Gartner [www.gartner.com], ou seja, "a Internet das Coisas (IoT) é a rede de objetos físicos que contêm tecnologia incorporada para se comunicar e detectar ou interagir com seus estados internos ou o ambiente externo".

O outro aspecto leva em conta os fatores sociais e econômicos de IoT. Trata-se de uma onda de transfor-

> “Apesar de IoT e AI seguirem seus caminhos próprios de desenvolvimento no campo da pesquisa, não há como separá-las no campo da aplicação.”

mação impulsionada pela tecnologia que afeta as interações que temos com o mundo que nos cerca.

IHU On-Line – E inteligência artificial (AI)?

Maurício Casotti – A inteligência artificial pode ser definida como a capacidade de sistemas de computação que executam funções atribuídas à mente humana. Tais capacidades podem ser divididas em:

- Percepção: coletar e interpretar o mundo envolvendo processamento de linguagem natural, visão computacional e processamento de áudio. Esse é o principal elo entre IoT e AI.
- Predição: envolve o uso de “raciocínio” para antecipar comportamentos e resultados.
- Prescrição: diz respeito a tomar decisões com o objetivo de atingir determinados resultados.

IHU On-Line – O que internet das coisas e inteligência artificial têm em comum?

Maurício Casotti – A combinação de IoT com AI é o que podemos chamar de 4ª Revolução Industrial, rompendo barreiras entre o mundo físico e o mundo virtual. As tecnologias envolvidas tanto em IoT como em AI já estão sendo pesquisadas, desenvolvidas e aplicadas há algumas décadas e têm trazido impactos na sociedade e na economia, porém, nos últimos anos, os avanços em tecnologias habilitadoras têm sido muito mais rápidos, impulsionados por alguns fatores:

- Miniaturização da eletrônica e a redução de custo pelo ganho de escala tem viabilizado embarcar sensoriamento e inteligência em objetos do nosso dia-a-dia com baixo consumo de energia.
- Conectividade pervasiva – a combinação de tecnologias diferentes de conectividade tem possibilitado novos modelos de ofertas que atendem técnica e economicamente diferentes cenários de aplicação.
- Cloud Computing, que trazem escalabilidade e resiliência no processamento e armazenando de dados a custos cada vez mais acessíveis.
- Poder computacional – os smartphones que temos em nossas mãos têm mais poder de processamento do que tínhamos em grandes mainframes de pouco tempo atrás.

Apesar de IoT e AI seguirem seus caminhos próprios de desenvolvimento no campo da pesquisa, não há como separá-las no campo da aplicação.

IHU On-Line – Que impactos a internet das coisas e a inteligência artificial têm provocado na sociedade?

Maurício Casotti – Os principais impactos do emprego de tecnologia estão relacionados ao consumo mais eficiente dos recursos existentes. A internet das coisas e a inteligência artificial não são exceção, mas talvez a principal mudança é a transformação da cadeia produtiva, que poderá atender a necessidades hoje não atendidas.

IHU On-Line – E em relação ao futuro, o que se pode esperar? É seguro fazer prognósticos?

Maurício Casotti – Estamos vivenciando um momento similar ao início de massificação da internet nos anos 80. Naquela época, eram feitos muitos prognósticos de como a nossa vida mudaria com a rede mundial de computadores, como era chamada, mas não se podia prever as redes sociais e seus impactos em nosso dia-a-dia. Quem poderia imaginar que o waze estaria disponível para nos ajudar a ir de um lugar a outro? Quem ousaria dizer que o maior operador de transportes no mundo seria uma empresa de tecnologia e não possuiria nenhum veículo e nenhum motorista? E quanto ao Airbnb, com mais 180 milhões de hospedes sem possuir um único hotel?

IHU On-Line – Quais segmentos são mais suscetíveis aos impactos da internet das coisas? E da inteligência artificial?

Maurício Casotti – Todos os segmentos, desde a academia, os meios de produção e o consumo de produtos e serviços. Desde sempre a tecnologia vem trazendo impacto com a automatização das tarefas repetitivas. A questão é que com a ve-

locidade do avanço das tecnologias habilitadoras, a nossa visão do que é uma tarefa repetitiva está mudando rapidamente.

> "Quem ousaria dizer que o maior operador de transportes no mundo seria uma empresa de tecnologia e não possuiria nenhum veículo e nenhum motorista?"

IHU On-Line – Especificamente no mundo do trabalho, o que muda?

Maurício Casotti – É fato que o trabalho está mudando, a demanda por profissionais mais qualificados é cada vez maior, e. mais uma vez, isso não é de hoje.

IHU On-Line – Quando se fala em digitalização dos processos e o impacto disso nas empresas, fala-se muito em ganho de produtividade e competitividade – ou seja, a perspectiva da empresa, do negócio. Não é importante que se discuta mais a realidade dos trabalhadores?

Maurício Casotti – Sem dúvida alguma a preparação de profissionais para esse novo cenário é de suma importância, tanto que o estudo *Internet das Coisas: um plano de ação para o Brasil*, liderado pelo BNDES [Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social] e MCTIC [Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações] trata essa questão de maneira horizontal, pois afeta consideravelmente todos os segmentos.

IHU On-Line – Há projeções de que a Revolução 4.0 provocará drásticas diminuições no número de postos de trabalho. Se isso ocorrer, afetará o consumo e, em consequência, as empresas. Como haverá consumo sem consumidores?

Maurício Casotti – A questão aqui é não fechar os olhos para os avanços da automação, mas identificar ações em áreas onde podemos atuar. Não são todas as funções que podem ser automatizadas, o estudo *Internet das Coisas: um plano de ação para o Brasil* apontou que menos de 5% das ocupações podem ser totalmente automatizadas pelo uso de tecnologia, mas 60% dessas ocupações têm pelo menos 30% de suas atividades automatizáveis. A equação não é de longe simples de se resolver, mas precisamos atacá-las com pragmatismo para o Brasil não ser um celeiro de mão-de-obra barata.

IHU On-Line – Neste contexto, uma pessoa que esteja planejando sua carreira, deve levar em conta que aspectos?

Maurício Casotti – Se houver uma recomendação fundamental e perene em qualquer área de conhecimento, ela pode ser resumida a "aprenda a aprender", pois o conhecimento adquirido é cada vez mais perecível e logo precisa ser renovado.

IHU On-Line – Um relatório divulgado em abril do ano passado pelo CPqD revelou que o uso da internet das coisas (IoT) estava aumentando dentro das empresas, mas menos da metade das organizações cujos profissionais foram ouvidos desenvolvia algum processo baseado nesse conceito. Quais fatores entravam a modernização das empresas?

Maurício Casotti – A inovação pressupõe correr riscos e um macroambiente favorável, por isso, as questões relacionadas a modelos de negócios sustentáveis são o principal fator para impulsionar os investimentos na modernização das empresas. Os principais fatores que impactam na construção de modelos de negócios sustentáveis são: segurança e privacidade, regulamentação, disponibilidade de mão-de-obra e acesso às fontes de fomento à inovação.

IHU On-Line – Como a internet das coisas pode beneficiar as cidades e a população?

Maurício Casotti – Com um ecossistema de IoT que envolve a administração pública, a população e a inciativa privada com empresas consolidadas e startups, a cidade alcança a capacidade de realizar a coleta, a integração e a análise de dados de diferentes origens e formatos para subsidiar as estratégias do município pautadas no bem-estar dos cidadãos, na sustentabilidade e no desenvolvimento local.

As cidades precisam se posicionar como uma plataforma digital, consolidando o ecossistema que melhor atenda à crescente demanda por serviços públicos de qualidade com eficiência e custos adequados à realidade brasileira.

IHU On-Line – A realidade projetada por obras de ficção científica está mais perto de ser alcançada?

Maurício Casotti – Sim, mas é difícil dizer quando. A questão mais importe para mim é a de como o Brasil irá participar dessa evolução inevitável.

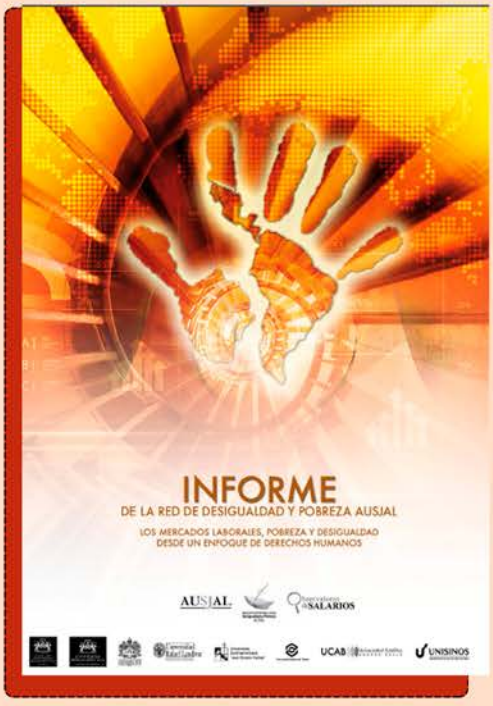
IHU On-Line – O desenvolvimento tecnológico deve agravar ou diminuir as desigualdades sociais?

Maurício Casotti – Não é o desenvolvimento tecnológico, mas o acesso a ele é que pode diminuir as desigualdades sociais. A falta de desenvolvimento tecnológico local e a sua disseminação tendem a agravar as desigualdades. ■

Sala de Leitura

Lançamento do Livro

Los Mercados Laborales: Pobreza y Desigualdad desde un enfoque de Derechos Humanos



13 de novembro

(segunda-feira)

19h30min às 22h

Conferencistas:

Prof. Dr. Aloisio Ruscheinsky – Unisinos,

MS Rômulo José Escouto – Unisinos e

Alberto Altamirano – UFRGS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros

ihu.unisinos.br

Inovação dirigida aos formatos contemporâneos de leitura

A engenheira de produção Luciana Curra busca empreender na forma como gerencia a Biblioteca para fisgar o público e mantê-lo fiel

Lara Ely

Uma das guardiãs das obras raras da universidade é também a principal cabeça pensante por trás das inovações desenvolvidas na Biblioteca. Aos 43 anos, a engenheira Luciana Curra dedicou mais da metade de sua vida a organizar estantes, comprar novas edições e pensar formas para gerenciar os espaços que abrigam o conhecimento.

Natural de Caxias do Sul, ela veio para São Leopoldo estudar e aqui ficou. Iniciou sua formação na Arquitetura e depois mudou para a Engenharia de Produção, onde se formou e fez Mestrado. Tem 25 anos de casa, tempo este dedicado a tarefas diversas, mas sempre entre os livros. Ela, que tem na corrida um de seus hobbies, é fã de literatura histórica, principalmente da história brasileira, e diz que os livros ajudam a entender a realidade ao seu redor. Com base nessa paixão, sonha em fazer seu Doutorado em Letras, para depois dar aulas.

A engenheira se empenha para adaptar a biblioteca às demandas do público | Foto: Lara Ely/IHU

Mesmo sendo habilidosa para lidar com números, desenvolve suas atividades com foco nas pessoas. Multitarefas, ela começou no atendimento ao público antes de passar para o ambiente interno, onde cuidou do processamento de dados, entradas e saídas de material, aquisições e compras. Enfim, quando houve a necessidade de um subgestor, passou a apoiar a coordenação como gerente, posição que ocupa há 10 anos. Foi no Mestrado que estudou a questão de inovação, e a partir disso, passou a desenvolver acervos diferenciados, como o de obras raras, gibis, jogos e discos – em breve, será inaugurada a discoteca. Esse foi um movimento que Luciana entendeu necessário ao olhar para novas formas de leitura e ouvir a opinião dos usuários.

– Devido à entrada de Google e outras ferramentas que nos atacavam como centro de conhecimento, veio a necessidade de se reinventar. Perguntava aos usuários se eles imaginavam que a biblioteca ia morrer. Eles diziam que não, que buscam aqui a calma necessária para ler.

Segundo ela, a biblioteca segue sendo referência para os alunos mesmo em tempos de leitura digital, atuando na mediação do que é bom, uma espécie de filtro de qualidade em relação a escolha dos alunos.

Exemplo disso é o apoio técnico dado aos usuários do portal da Capes, permitindo uma experiência mais completa aos pesquisadores. Para acompanhar, então, as tendências dos leitores – mais baseado nos pdfs e menos no papel – uma série de ações foram desenvolvidas para ressignificar o local: serviço de delivery, sala com pufs, novos acervos e eventos como o Sarau e o Biblioweek – para tornar a biblioteca um agente cultural.

O Book Express, por exemplo, desenvolvido há cerca de três anos, ajudou a melhorar o acesso dos alunos às obras a partir da reserva pela internet e retirada no local escolhido. A ideia começou como serviço de entrega para as engenharias, mas deu tão certo que foi adaptada.

Já o acervo de obras raras, organizado dentro do Memorial Jesuíta da Unisinos, surgiu no final dos anos 90, quando vieram para cá 200 mil exemplares do Colégio Cristo Rei, antigo seminário de São Leopoldo. Lá estão relíquias como uma obra conterrânea da Bíblia de Gutemberg, o Repertorium totius summe domini Antonini archiepiscopi florentini ordinis predi, de 1496, de autoria de Santo Antoninos (1389-1459). Ou a Enciclopédia Francesa, editada por Diderot e D'Alembert, em 17 volumes publicados entre 1751 e 1772.

A biblioteca passou a ser guardiã desse importante acervo, localizado em uma sala do terceiro andar, e que só pode ser acessado mediante comprovação de pesquisa. No sexto andar, está uma parte complementar, as coleções especiais, que têm material dos padres Milton Valente, Rambo e Arthur Rabuske, além de Vianna Moog, Ovídio Batista e José Lutzenberger.

E como seria a biblioteca particular daquela que administra a leitura de toda uma universidade? Ela conta que seu acervo possui quase mil exemplares e é quase todo analógico, já que prefere os livros de papel aos digitais (a esses só recorre para leituras acadêmicas). Eles ficam em uma sala especial na sala e dividem espaço com os livros do marido. Um dos preferidos na atualidade é Homo Sapiens, onde Yuval Noah Harari conta uma breve história da humanidade. Já o acervo dos filhos Valentina, 10, e Theodoro, 5, estão nas estantes de seus próprios quartos. Quando eles vêm visitar a mãe na universidade, gostam de ir na Livraria Cultural, e nas sessões de gibis, e nos pufs. Aliás, esse foi um desejo dos usuários atendido pelas medidas de inovação, que hoje, é disputado na hora dos intervalos. "Tem até luz apagada para o pessoal poder relaxar", diz.

Sobre a nova geração de leitores, ela diz não temer os efeitos da tecnologia na memória, e observa a facilidade com que conseguem sintetizar o pensamento. "Nosso organismo é tão adaptável que ajusta automaticamente o foco para o que é mais necessário e importante. Difícil é para nós, os mais velhos, aprender a lidar com essas novas formas de cognição", explica, ao acrescentar que se esforça para entender como a filha mais velha fala com as palavras cortadas, fazendo menção ao estilo como os jovens escrevem nas redes sociais e aplicativos de comunicação.

Otimista, ela tem certeza de que a biblioteca não irá morrer; pelo contrário, ganhará cada vez mais relevância como espaço de curadoria da informação. Relembra que uma das mais célebres bibliotecas da história, em Alexandria, no Egito, já tinha esse propósito: de ser um lugar onde os pensadores da época se encontravam para refletir sobre os valores de seu tempo. Então, seguindo a mesma ideia, a engenheira que administra a biblioteca cuida para que o espaço se torne local de encontro e difusão da cultura, seja por meio dos livros, filmes, periódicos. "Nos reinventamos com esse propósito, de buscar a arte diária de conectar as pessoas com o conhecimento, e fazer essa entrega em formatos inovadores e em novos espaços".■

As análises de "risco" e a falsa aleatoriedade

Bruno Lima Rocha

O que legitima as agências de risco? As chamadas agências de "análise" de risco produziriam indicadores críveis para investidores interessados em adquirir ações ou dívidas na forma de títulos ou produtos financeiros exóticos gerados por agentes econômicos privados. Isto nas origens, porque a relevância destas empresas de bens simbólicos cresceu. Afirmo que estas agências, a partir das três maiores, Standard & Poor's (S&P), Moody's e Fitch Rating, hoje são peça fundamental da engrenagem capitalista em sua etapa financeira, reforçando um mecanismo de legitimação que reforça e blinda o papel nefasto que a especulação financeira tem.

Bruno Lima Rocha é doutor em ciência política pela UFRGS e professor do curso de relações internacionais da Unisinos.

Eis o artigo.

A S&P aponta suas baterias contra a Europa. Trata-se da mesma agência que até dias antes da falência do Lehman Brothers – em setembro de 2008 – classificava-o como AAA. É um papel semelhante ao aval que a empresa de auditoria contábil Arthur Andersen dera para a empresa de energia Enron, sendo que esta pediu concordata em dezembro de 2001 após o exercício de contabilidade "criativa". A diferença é que a Arthur Andersen acompanhara a diretoria da Enron direto para uma investigação de fraude corroborada pela auditoria. Na sexta-feira (13/1/2012), a S&P rebaixou a classificação da dívida (e dos títulos desta) de nove países europeus, incluindo a França, potência latina da Zona Euro e rival da Alemanha no projeto da Europa unificada. Já na segunda-feira (16/1), veio a consequência, com o também rebaixamento do Fundo Europeu de Estabilidade Finaneira (Feef), composto por todos os Estados já depreciados pela mesma agência. Imediatamente, o ex-vice-presidente do Goldman Sachs e atual presidente do Banco Central Europeu, Mario Draghi, pediu celeridade dos países membros na busca por ajustes de austeridade.

Tanto a S&P como o próprio Draghi são agente e ator diretamente responsáveis pela fraude com nome de "crise" que hoje assola a Europa. Desaparecera por mágica a relação causal direta do aumento da dívida pública dos países membros, fruto da maior transferência de renda da história da humanidade, quando os Estados passaram recursos públicos para bancos privados insolventes após haverem negociados derivativos podres.

Quando o movimento por outra globalização se expandiu, nos anos 1990, uma das bandeiras consensuais era a instauração da Taxa Tobin, onerando a especulação internacional. É pouco. É preciso desmontar o poder de legitimação das instituições financeiras que impõem suas vontades sobre Estados soberanos e governos eleitos, incluindo as agências de "análise".

Observação final após a publicação original do artigo: como era de se esperar, a contra-pauta desse lide avança mesmo por dentro das estruturas de poder do ocidente. O procurador do município de Trani, Michele Ruggiero, na região de Milão, abriu investigação junto ao aparato da Guarda de Finanças (ligada ao Tesouro Italiano, mas com outras funções de polícia) e adentrou em diligência dentro do escritório da referida agência na cidade que consagrara Silvio Berlusconi como presidente de clube de futebol com projeções populistas. A S&P e a Moody's estão na alça

“Se a economia do Império decadente é o motor engasgado da locomotiva mundial, romper com esta interdependência em escala planetária é tarefa de todo e qualquer governo minimamente balizado no respeito da soberania de seu país.”

de mira da Justiça da Itália, justamente por fazerem – ou supostamente haverem feito – aquilo que são acusadas: manipulação de dados e julgamentos imprudentes e infundados. A S&P, em julho de 2011, e a Moody's, em maio do mesmo ano, geraram fatos políticos a partir de relatórios supostamente “técnicos” ainda com o jogo político oficial em andamento (a primeira no Parlamento, e a segunda com o mercado em aberto). Além do tradicional comportamento de manada, os informes puseram contra a parede a capacidade de mando do próprio governo italiano.

É o momento para uma nova ordem mundial?

A ameaça de calote da dívida pública dos Estados Unidos vem suscitando uma série de debates a respeito do possível fim de uma era ou ciclo de dominação dentro do capitalismo. Para quem viveu o período da Guerra Fria, o cenário hoje vislumbrado não era sequer imaginável. Hoje, pela primeira vez na história contemporânea, os efeitos da política interna e externa dos EUA pós-11 de setembro de 2001 se veem como uma possível crise de legitimidade e perda da hegemonia mundial – no médio prazo – do único Estado do planeta que é uma superpotência militar.

Isto se dá por uma série de fatores, mas uma relação causal de fácil compreensão é que a conta simplesmente não fecha. A equação é simples. Os EUA sozinhos gastam mais com o complexo industrial-militar do que todos os demais Estados existentes no planeta. Isto ajuda a gerar a maior dívida interna do mundo acompanhada de um progressivo corte de gastos públicos e aumento de isenções e repasses de verbas para grandes transnacionais. O efeito é o abismo social, fortalecendo os 1% mais ricos e seus poderosos lobbies. Um Império decadente com supremacia militar e sistemas produtivos dependentes da China não tem condições prolongadas de exercer sua vontade soberana acima de organismos multilaterais, desde que os Estados emergentes assim o desejem.

A gangorra poderia começar a pender para outros lados se blocos regionais ou de países, como a Unasur e o G-20, estabelecessem medidas de proteção mútua, tais como fundos de emergência e índices de risco, por fora das estruturas estabelecidas pela atual hegemonia em franca decadência. Por mais surreal que pareça, o balizador das dívidas dos países são índices de empresas privadas de análise de risco (da possível ausência de pagamento), a saber, Standard & Poors, Moody's e Fitch. Para os organismos financiadores do capitalismo, a informação produzida através destas empresas é considerada superior a coproduzida pelas autoridades de países como Brasil, Rússia, Índia, Indonésia, China e Coreia do Sul.

Retirar a absurda legitimidade das empresas de “análise” de risco e, ao mesmo tempo, iniciar acordos multilaterais em busca de novos lastros para além do fator dólar-dólar, tal como uma possível moeda cambial dos emergentes, seria um belo primeiro passo. Se a economia do Império decadente é o motor engasgado da locomotiva mundial, romper com esta interdependência em escala planetária é tarefa de todo e qualquer governo minimamente balizado no respeito da soberania de seu país.

Expediente

Coordenador do curso de Relações Internacionais da Unisinos: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

Ecofeira
Todas as quartas-feiras, em frente ao IHU.
Das 10h às 18h

Teologalidade das resistências e lutas populares

A edição 126 do **Cadernos Teologia Pública**, publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, traz o texto *Teologalidade das resistências e lutas populares*, de Francisco de Aquino Júnior, doutor em teologia pela Wetfälischen Wilhelms Universität, de Münster – Alemanha; professor de teologia da Faculdade Católica de Fortaleza – FCF e da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap; presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte, no Ceará.

O artigo se confronta com um dos aspectos mais fundamentais e determinantes das teologias da libertação, enquanto teologias feitas a partir e em vista dos processos históricos de libertação: a problemática da teologalidade ou do caráter salvífico-espiritual das resistências, lutas e organizações populares. Partindo da experiência bíblica de Deus (revelação-fé), explicita o caráter estritamente teologal ou espiritual das resistências e lutas populares (salvação), bem como sua densidade e relevância epistemológicas (teologia). E conclui indicando, em forma de teses, alguns desafios para um fazer teológico que se queira consequente com o processo histórico de realização da salvação ou do reinado de Deus e que tem nos pobres e marginalizados e em seus processos de libertação sua medida e seu critério permanentes.

A versão completa do artigo está disponível em https://goo.gl/xoiPFP.

Esta e outras edições do **Cadernos Teologia Pública** também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590–8213.

A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão

A edição 127 do **Cadernos Teologia Pública**, publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, apresenta o texto *A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão*, de Colby Dickinson, doutor em Teologia pela Katholieke Universiteit Leuven e mestre em Estudos Religiosos e Teologia pela Duke Divinity School, pela Saint Louis University e pela Katholieke Universiteit Leuven.

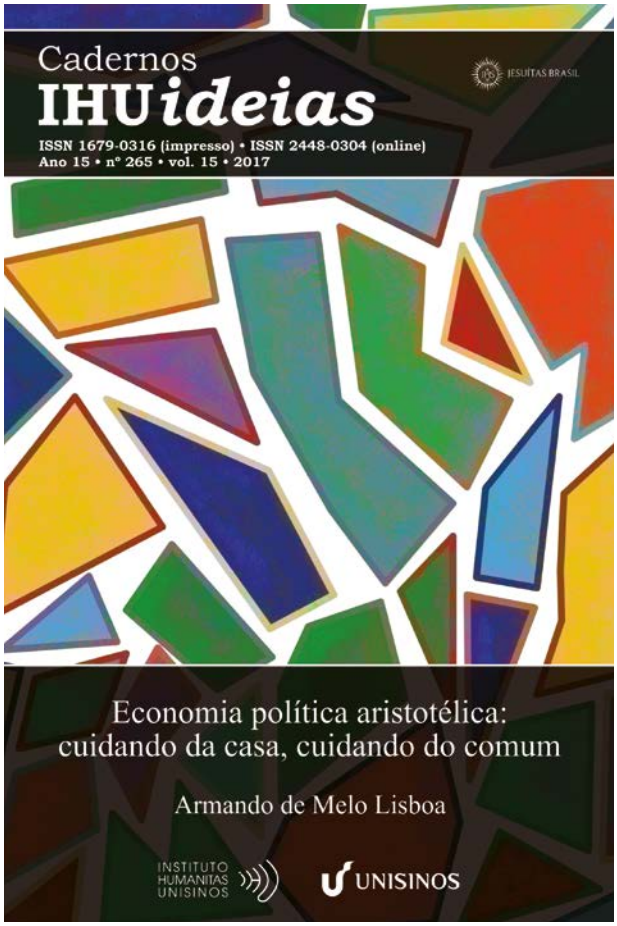
O artigo analisa a glória como arcano central do poder, nos seus múltiplos vínculos estabelecidos, tendo como referência a contribuição de Giorgio Agamben. Tal contribuição está na proposição de uma interpretação teológica particular que não foi manifestada explicitamente dentro da maioria das explicações histórico-teológicas da relação do cristianismo com formas econômicas. Isso significa uma reflexão crítica para que estabelecendo uma suspensão messiânica não perpetue, mesmo que revestido esteticamente, a articulação e a justificação do poder soberano, por parte de Deus, da humanidade e da Igreja em termos muito reais e mundanos.

A versão completa do artigo está disponível em https://goo.gl/hGFqCf.

Esta e outras edições do **Cadernos Teologia Pública** também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590–8213.

Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum

A edição 265 do **Cadernos IHU Ideias**, publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, apresenta o texto *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum*, de Armando de Melo Lisboa, doutor em Sociologia Econômica pela Universidade Técnica de Lisboa, mestre em Sociologia Política e graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, onde atualmente leciona.



Clássica e protocolarmente, as discussões genealógicas sobre "Economia" mencionam a origem etimológica grega de "Economia", destacando de maneira ligeira Aristóteles e sua célebre distinção entre "oikonomia" e "crematística". Comumente então se informa sobre o caráter embrionário e ralo das suas considerações, indicando a inexistência nele de uma análise econômica propriamente dita.

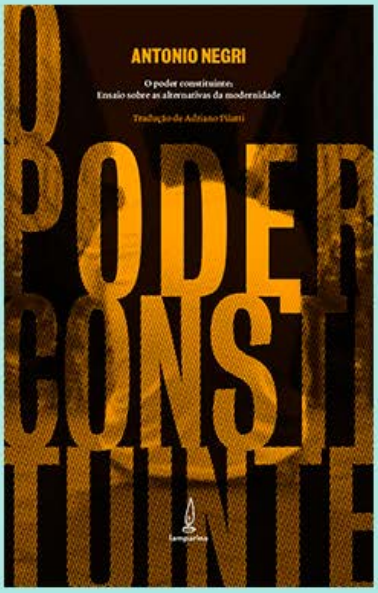
Este texto examina criticamente a abordagem econômica feita por Aristóteles, sugerindo haver ricos elementos na mesma que a configuram com um padrão próprio e consistente, muito diferenciado dos estreitos limites modernos em que tanto a análise econômica quanto a análise política foram enquadradas.

A versão completa do artigo está disponível em https://goo.gl/DM3xxz.

Esta e outras edições do **Cadernos IHU Ideias** também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590–8213.

JESUÍTAS BRASIL

A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras



23 de novembro (quinta-feira)

19h30min às 22h

O Poder Constituinte. Obra de Antonio Negri

Apresentação da obra pelo

Prof. Dr. Adriano Pilatti – PUC–Rio

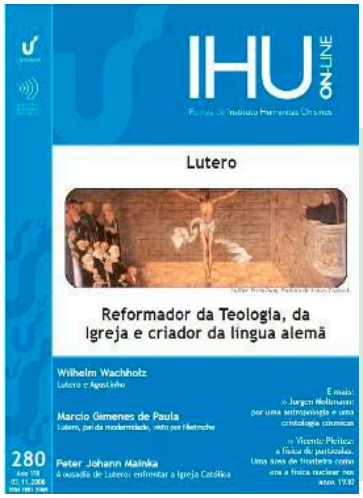
Local: Unisinos | Campus Porto Alegre

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

ihu.unisinos.br

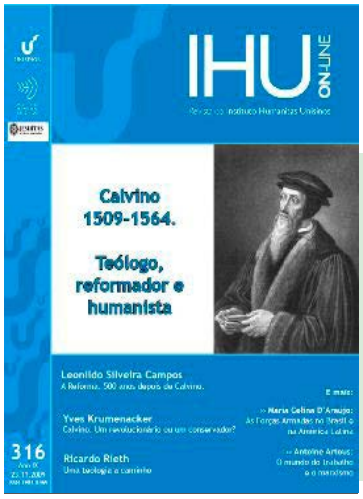
Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores



Lutero. Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã

Edição 280 – Ano VIII – 3-11-2008

"Ainda em 2008, quando se inicia a "Década de Lutero", preparando a celebração dos 500 anos da Reforma, tendo como lema "Lutero 2017 – 500 anos de Reforma", a IHU On-Line abordou o tema na sua primeira edição de novembro. A ideia foi reconstituir vida e obra de Lutero através de entrevistas com pesquisadores e pesquisadoras."



Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista

Edição 316 – Ano IX – 23-11-2009

"No ano em que foram celebrados os 500 anos de nascimento do reformador francês João Calvino (1509-1564), O Instituto Humanitas Unisinos – IHU dedicou um amplo espaço nas Notícias do Dia, em seu sítio para reflexões acerca deste importante evento. Nesse número da IHU On-Line, o objetivo foi aprofundar a análise e o debate sobre o legado deste grande teólogo, reformador e humanista."

O cristianismo e a ultramodernidade - Limites e possibilidades do seu futuro

Edição 128 – Ano IV – 20-12-2004

"Na última IHU On-Line de 2004, já em tempo para preparação para o Natal, uma época em que não se pode passar com indiferença, a revista trouxe ao debate sobre o cristianismo em tempos ultramodernos. O objetivo foi amplificar a discussão do livro Le religieux après la religion de Luc Ferry e Marcel Gauchet, recém lançado à época. A obra foi traduzida em português como Depois Da Religião (Algés, Português: Difel, 2008)."

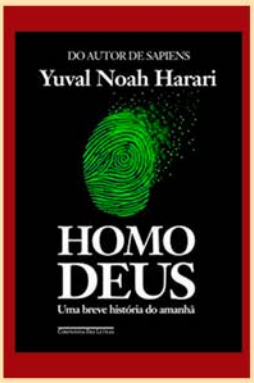
O Poder Constituinte: ensaio sobre as alternativas da modernidade. Obra de Antonio Negri

23 de novembro de 2017 (quinta-feira)

Apresentação da obra pelo
Prof. Dr. Adriano Pilatti – PUC–Rio

19h30min às 22h
Unisinos Campus Porto Alegre

Esta atividade integra o ciclo "A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras". Saiba mais em ihu.unisinos.br



Homo Deus. Uma breve história do amanhã. Obra de Yuval Noah

Apresentação da obra pelos **Prof. MS Gilberto Faggion** e **Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz** – UNISINOS

09 de novembro de 2017 (quinta-feira)

19h30min às 22h
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Unisinos Campus São Leopoldo

Esta atividade integra o ciclo "A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras". Saiba mais em ihu.unisinos.br

O Poder Constituinte: ensaio sobre as alternativas da modernidade. Obra de Antonio Negri

06 de novembro de 2017 (segunda-feira)

Apresentação da obra pelo
Prof. Dr. André Luiz Olivier da Silva – UNISINOS

19h30min às 22h
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Unisinos Campus São Leopoldo

Esta atividade integra o ciclo "A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras". Saiba mais em ihu.unisinos.br